

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Entre práticas e narrativas

Um olhar sobre o tempo nos diários dos escritores do Alto Juruá

ANA CAROLINA BAZZO DA SILVA

Campinas
Agosto de 2009

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP
Por Sandra Ferreira Moreira CRB nº 08/5124**

Silva, Ana Carolina Bazzo da

Si38e

Entre práticas e narrativas: um olhar sobre o tempo nos diários dos escritores do Alto Juruá / Ana Carolina Bazzo da Silva. - - Campinas, SP : [s. n.], 2009.

**Orientador: Mauro William Barbosa de Almeida.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1.Análise do discurso. 2.Diários. 3.Recursos naturais -
Conservação . 4. Recursos naturais - Amazônia. I. Almeida,
Mauro William Barbosa de . II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.**

**TÍTULO EM INGLÊS: BETWEEN PRACTICES AND NARRATIVES: REGARDING TIME IN
THE DIARIES OF THE ALTO JURUÁ WRITERS**

PALAVRAS CHAVE EM INGLÊS (KEYWORDS)

**Discourse analysis
Diaries
Conservation of natural resources
Natural resources - Amazonia**

Área de Concentração: Territorialidades e processos sociais

Titulação: Mestrado em Antropologia Social

**Banca examinadora: Maria Suely Kofes; Clarice Cohn; Márcia Azevedo de
Abreu; Emília Pietrafesa de Godoi.**

Data da defesa: 24-08-09

Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social

R-1

ANA CAROLINA BAZZO DA SILVA

Entre práticas e narrativas

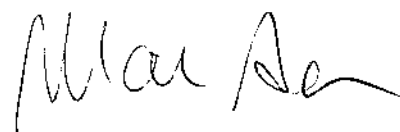
Um olhar sobre o tempo nos diários dos escritores do Alto Juruá

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof^o Dr^o Mauro William Barbosa de Almeida

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Mauro William Barbosa de Almeida (Presidente)



Profa. Dra. Maria Suely Kofes (IFCH – Unicamp)

Profa. Dra. Clarice Cohn (CECH – Ufscar)

Profa. Dra. Emília Pietrafesa de Godoi (IFCH – Unicamp)

Profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu (IEL-Unicamp)

Campinas

Agosto de 2009

Resumo: Essa dissertação faz uma leitura etnograficamente orientada de diários escritos por moradores da Reserva Extrativista do Alto Juruá, no Estado do Acre. Partindo de um projeto formulado no início da década de 90, e orientado para a documentação de temas ambientais e sociais, a escrita dos diários levou a novas questões que se evidenciam quando percorremos as respostas particulares dos escritores e a construção desses textos no tempo. Permeados por um discurso sobre conservação do ambiente, sobre aspectos da vida social e sobre o trabalho extrativo e agrícola, os diários também carregam uma linguagem que é a da experiência de seus escritores e seu olhar diferenciado sobre esses temas. Neste texto, percorremos esse diálogo entre temas propostos e olhares personalizados tomando o tempo enquanto fio condutor que orienta a discussão das questões colocadas por esse fragmento de história de escrita.

Palavras chave: Diários, discurso, tempo, Amazônia, Reservas Extrativistas, seringueiros.

Abstract: This dissertation provides an ethnographically oriented reading of diaries written by forest dwellers at the Reserva Extrativista do Alto Jurua, Acre. Starting early in the 1990s, with the goal of documenting aspects of the daily life related to the environment and work, the writing of diaries led to new questions as the writers responded to the proposed task and as their texts were constructed along the time. Permeated by the environmental discourse, as well as by the discourse of social life and work in extractive and agricultural activities, the diaries also carry the language of their author's personal experience and express their ways of looking to these themes. In the present text, we traverse the dialogue between the proposed themes and the personalized outlook of diaries, taking time as a conducting thread which orients our discussion of some of the issues suggested by this fragment of a history of writing.

Keywords: Diaries, discourse, time, Amazonia, Extractive Reserves, rubber tappers.

AGRADECIMENTOS

Ao corpo docente do departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, pelas discussões, críticas, ensinamentos. Agradeço especialmente a Mauro William Barbosa de Almeida, orientador paciente e empolgado durante esses últimos cinco anos. À professora Suely Kofes, pela insistente dedicação ao ensino e aos alunos, à professora Emília Pietrafesa de Godoi, pelo longo acompanhamento da construção dessa pesquisa desde a graduação, à professora Bela Feldman Bianco, pelas indicações de leitura e pelo apontamento de debates possíveis e interessantes.

Aos funcionários e ao apoio institucional do IFCH.

À Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo, pelo financiamento que tornou possível a realização dessa pesquisa.

Aos colegas alunos de graduação, mestrado e doutorado que também compartilharam questionamentos e acompanharam a construção desse texto. Especialmente, a Talita Pereira Castro, pelas críticas sempre contundentes e decisivas, a Thais Tartalha do Nascimento Lombardi, pela amizade, companheirismo, por estar sempre pronta a trabalhar em projetos, seminários, apresentações e a ler com atenção e gentileza nossos textos, a José Carlos Pereira, amigo, elegante leitor de Guimarães Rosa e pesquisador competente, Marisa Araújo Luna, experiente pesquisadora do Alto Juruá e que tanto compartilhou minhas dúvidas e descobertas, a Verena Seva Nogueira, pelas leituras, pelas discussões, pela dedicação, A Nashieli Loera, pelo apoio e pelos trabalhos compartilhados, a Felipe D. Ferreira, por compartilhar sua bem humorada erudição e sempre apontar “falsos problemas”, a Roberto Sanchez Rezende, pela longa amizade, pela disposição em construir discussões engajadas e

conjuntas e pela dedicação aos diários do Alto Juruá. A Michelle, Aldo, Raquel, Bárbara, Delcides, Gleice, Rafael, pela atenção aos temas e problemas dessa pesquisa.

À Juliana, Mariana, Ana Paula, Fernanda, Carmen, Cristiano, Senilde, Fernando Lourenço, Neusa Gusmão e todos os amigos e pesquisadores do CERES e editores da RURIS, pelo trabalho conjunto.

Aos amigos Tatiana, Clarissa, Paola, Joyce, Mara, Fabiana, Adriana, Pedro, Jader, Daniel, Francisco, Edson, Henrique, Bárbara, Gláucia, Carolina, Lê, Tom por compartilharem momentos de indecisão, dúvida, cansaço, felicidade e realização nestes dois anos. Especialmente a Suellen, por me dar abrigo, apoio, sorrisos e por estar comigo desde os primeiros anos de UNICAMP. A Thais, por fazer valer cada dia de leituras e de descobertas dentro dos estudos antropológicos.

Aos meus pais, pelo apoio financeiro e pela paciência.

Ao meu avô, por ter partido, mas ter me deixado com histórias de caçadas, de pescarias e de uma vida dedicada à terra, aos passarinhos, aos mamoeiros, às jabuticabeiras, às roseiras, aos pomares...

E, sobretudo, aos escritores do Alto Juruá, por nos deixarem fazer parte de suas vidas.

SUMÁRIO

<i>Lista de quadros e ilustrações</i>	13
<i>Glossário</i>	15
<i>Introdução</i>	19
<i>Capítulo 1 – Diários em arquivos</i>	31
A classificação dos diários no arquivo	31
Conhecendo os diários, conhecendo um contexto	31
Olhar e estranhamento	37
Leitura e questionamento	41
Tempo de pesquisa	49
Diários de pesquisa	50
Diários sobre atividades e trabalhos	55
<i>Capítulo 2: Etnografando diários</i>	59
Dias de atividades e a temporalidade das práticas cotidianas nos diários	59
Cotidiano como conteúdo	59
Uma leitura sobre as práticas	90
Um olhar sobre os diários	95
Excertos e personagens	106
Elementos sobre pesquisa, elementos sobre mudança	147
Reflexões e reflexos sobre ambiente	150
Pesquisa no cotidiano e novas preocupações	166
<i>Capítulo 3 – Tempo, diários e antropologia</i>	195
Experiência do tempo na sociedade	195
O tempo e o ritmo da vida social	196
Duas sociedades e dois tempos	202
Tempo e transformações dentro da sociedade moderna	218
Tempo de práticas, tempo de narrativas, tempo de etnografia	235
O tempo do <i>Homo economicus</i>	240
A política das interpretações sobre o tempo	254
<i>Conclusões</i>	267
<i>Bibliografia</i>	275

LISTA DE QUADROS E ILUSTRAÇÕES

Excerto de diário I	92
Excerto de diário II	113
Excerto de diário III	120
Excerto de diário IV	122
Excerto de diário V	129
Excerto de diário VI	139
Excerto de diário VII	133
Excerto de diário VIII	138
Excerto de diário IX	142
Excerto de diário X	152
Excerto de diário XI	162
Excerto de diário XII	168
Excerto de diário XIII	175
Excerto de diário XIV	189

GLOSSÁRIO

Arrancar – Ato relacionado à colheita de alguns itens do roçado, como a mandioca.

ASAJURUA – Associação dos Seringueiros e Agricultores do Rio Juruá

ASAREAJ – Associação dos Seringueiros e Agricultores da Reserva Extrativista do Alto Juruá

ASATEJO – Associação dos Seringueiros e Agricultores do Rio Tejo

Batidão - Modo de pescar batendo na água com varas a fim de atrair os peixes para as redes

Brocar – Ato de foçar o mato e derrubar árvores na preparação do terreno para a plantação

CERES – Centro de Estudos Rurais

Debulhar – Ato relacionado à colheita de feijão e preparo dos grãos posteriormente à colheita.

Derribar – Ato de cortar, derrubar galhos e árvores no momento de limpeza da área que será plantada

Diários – Nome dado por pesquisadores e moradores ao material escrito por parte dos moradores da Reserva Extrativista do Alto Juruá que contém dados sobre o decorrer dos dias de atividades e sobre a vida na floresta.

Embiara - Como são chamados os bichos que servem para alimentação e que são de porte menor que aqueles chamados de “caça”

Encoivarar – Ato de tacar fogo nos galhos e plantas brocados ou derribados

Esperar, pastorar – Ato relacionado a um tipo de caçada em que se aguarda a chegada dos animais em locais em que anteriormente foram avistados ou em locais em que geralmente estes podem ser encontrados, como onde costumam se alimentar.

Estrada de seringa - Caminho circular da mata por onde os seringueiros percorrem selecionando e cortando as árvores de seringueira e depois retornam recolhendo o látex

Fachear – Modo de caçar à noite, com auxílio de uma fonte de luz, a pé ou pelas águas, de barco

FINEP – Empresa pública financiadora de estudos e projetos ligada ao MCT – Ministério da Ciência e Tecnologia

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais

Igarapés – Rios mais estreitos.

Inverno – Termo local para estação chuvosa, que vai de outubro a abril

Monitor socioambiental - Maneira como são chamados e como se reconhecem os moradores que participaram das pesquisas que deram origem aos diários

Mariscar – Termo local para pescar

Novenário - Festa religiosa com a duração de nove dias com a presença de padres que realizavam casamentos e batizados, também sendo um momento para comércio e festividades

Panema – Termo local relacionado a um tipo de “azar” na caça, eventualmente na pesca

Paranãs – Rio de calha mais funda, sem praias, usado também como sinônimo de igarapé.

Piracema – Período de reprodução dos peixes

PPG7 – Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil

Quebra-jejum – Primeira refeição do dia.

Quebrar – Ato relacionado à colheita de artigos como milho.

REAJ – Reserva Extrativista do Alto Juruá

Tingui – Veneno utilizado para um tipo de pesca.

Treinamentos – Como eram chamados por pesquisadores e moradores os momentos em que estes se encontravam para discutir e propor o conteúdo e o formato dos diários e também momentos de reuniões para discussão e apresentação dos projetos de pesquisa.

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

Verão – Termo local para estação seca e mais fria, que vai de maio até setembro, outubro

*“Com 100 anos de escória uma lata aprende a rezar.
Com 100 anos de escombros um sapo vira árvore e cresce
por cima das pedras até dar leite.
Insetos levam mais de 100 anos para uma folha sê-los.
Uma pedra de arroio leva mais de 100 anos para ter
murmúrios.
Em seixal de cor seca estrelas pousam despidas.
Mariposas que pousam em osso de porco preferem melhor
as cores tortas.
Com menos de 3 meses mosquitos completam a sua
eternidade.
Um ente enfermo de árvore, com menos de 100 anos, perde
o contorno das folhas.
Aranha com olho de estame no lodo se despedra.
Quando chove nos braços da formiga o horizonte diminui.
Os cardos que vivem nos pedrouços têm a mesma sintaxe
que os escorpiões de areia.
A jia, quando chove, tinge de azul o seu coaxo.
Lagartos empernam as pedras de preferência no inverno.
O vôo do jaburu é mais encorpado do que o vôo das horas.
Besouro só entra em amavios se encontra a fêmea dele
vagando por escórias...
A 15 metros do arco-íris o sol é cheiroso.
Caracóis não aplicam saliva em vidros; mas, nos brejos,
se embutem até o latejo.
Nas brisas vem sempre um silêncio de garças.
Mais alto que o escuro é o rumor dos peixes.
Uma árvore bem gorjeada, com poucos segundos, passa a
fazer parte dos pássaros que a gorjeiam.
Quando a rã de cor palha está para ter - ela espicha os
olhinhos para Deus.
De cada 20 calangos, enlanguescidos por estrelas, 15 perdem
o rumo das grotas.
Todas estas informações têm uma soberba desimportância
científica - como andar de costas.”*

(Manoel de Barros, *O Guardador de Águas*)

INTRODUÇÃO

Sempre fui um tanto quanto relutante à política que me diziam existir na afirmação de que olhar para um contexto com olhos de antropólogo é um exercício de desvendar as sutilezas sob as quais pintamos um quadro da realidade com camadas e camadas de significados. O que me restaria como propósito depois de escavar e escavar intersubjetivas influências de uma camada sobre outra? Melhor: de onde partiriam meus propósitos nesse exercício? Quais meus princípios?

O incômodo que a antropologia gerava, no meu caso, estendia-se para esse âmbito do exercício, não tanto para um conseqüente vazio da também conseqüente crítica antropológica que pode ser extrapolada para quase infinitos seguimentos do conhecimento, delimitada por uma pergunta por si só incômoda também: onde é que encontramos as gêneses daqueles conceitos e termos com os quais construímos nossas verdades e a partir dos quais os significados se colocam em exposição? Mais atordoante que essa pergunta era a ponta implícita de resposta que ela continha inegavelmente: onde quer que as encontremos, lá estará o poder.

Por um tempo, essa política da arqueologia do significado e do conhecimento serviu para dissipar minha relutância. No confronto também inevitável onde habitavam as diferenças, moraria o poder: um poder que era a origem e a conseqüência desse próprio confronto.

Enquanto pressupostos, tais considerações se mostravam bastante aconchegantes e dissolviam o incômodo inicial, assumindo a eficácia simbólica de quase um dogma.

Quando o exercício do olhar se pôs a prova, o incômodo voltou.

A grande viagem pelas ciências humanas, no meu caso particular, não passou por qualquer experiência performática ou existencial da comunicação nos trabalhos de campo. Posso dizer que minha dedicação ao longo desses anos foi para aprender a ler.

A leitura sempre foi para mim um vício e o usei estrategicamente ao longo do meu aprendizado. Aprendi a ler as intenções, a forma como textos se embasam nos conceitos sob os quais argumentações sustentam-se, como discutem, negam-se e reafirmam-se. Aprendi a ler aqueles termos que se repetem retoricamente e que nos ajudam, assim, a construir teorias e consagrar autores. Esse foi o maior exercício de todos. Fazendo bem ou mal essa tarefa, é com ela que sustentei a dedicação a casos e temas como aquele que se embasa esse texto e é ela que me direciona também para meu incômodo político.

Há mais de cinco anos que também me ocupo de uma leitura em especial. Há mais de cinco anos, conheci os diários escritos pelos moradores da Reserva Extativista do Alto Juruá e desde então, venho me intrigado com diferentes pontos dentro deles. Independente do que possa dizer sobre seus conteúdos ou sobre maneira como fui ao longo dos anos encarando esse material como um alvo do olhar antropológico, coisa que farei ao longo dessa dissertação, acho digno lembrar que por grande parte desses anos de contato, minha leitura treinada foi um tanto quanto cega.

Aprender a ler textos antropológicos e a ler diários era algo muito diferente, coisa que fui aos poucos desenvolvendo. O resultado primeiro da relação entre essas leituras foram tentativas desajustadas de encaixe entre teoria e conteúdo e nessas tentativas é que se encerrava a cegueira. As tentativas seguintes se desvencilharam dos conceitos e foi então que me permiti ler de outra maneira a metáfora dos significados sobrepostos, dos significados em camadas coladas pela intersubjetividade.

Livrar-me da ansiedade em dar significado aos significados que encontrava nos diários era algo impossível e o ajuste malfadado entre teoria e dados não seria resolvido

pelo abandono dessa ansiedade, talvez, inclusive, seria alimentado por esse abandono. No caso, foi um deslocamento de sentidos que possibilitou todas as conjecturas aqui expostas: de olhá-las para ouvi-las. Direcionar um olhar distanciado ou aproximado aos diários não me trouxe respostas. Atentar para a polifonia desses textos sim.

A metáfora das camadas e a consequência do escrutínio de suas relações não eram mais a razão do incômodo. Particularmente, tal metáfora é bastante coerente quando nos deparamos com um processo de conhecimento intercultural e intersubjetivo que não se dá no trabalho de campo, mas no trabalho com documentos e arquivos.

Camadas de significados se sobrepõem a camadas de tempos no trabalho com esse tipo de material, o que é também um argumento orientado para o caminho aqui proposto de seguir pela linha do tema do tempo. Temporalidades, processos e significados se somam pintando o quadro complexo do estudo de documentos. As intenções iniciais se sobrepõem ao novo tempo do observador que é e não é concomitante ao do arquivo ao mesmo tempo. O processo de leitura coloca a temporalidade do arquivo e a do observador como concomitantes, afinal, o arquivo toma estatuto de importância justamente no momento em que é lido. Mas, as atenções devem sempre se voltar para uma separação entre o que o material diz e o valor que lhe imprimimos no momento da leitura. Esse cuidado é uma ferramenta contra anacronias, assim como uma ferramenta a favor da intenção de dissolver a artificialidade do exercício de encaixar teoria em fato e fato em teoria. Camadas de significados e camadas de tempo se conjugam de maneira sutil, em casos como esses. Tal particularidade foi o ponto essencial para o propósito previamente selecionado de estudo das camadas de significado sobre o tempo que aqui se desenha.

No entanto, como disse, olhar para esse tipo de relação e de particularidade de um material como esse não foi a chave em si para as respostas e para a construção dos propósitos que orientam todo esse texto. Os contextos, os materiais, os objetos para os quais

se direcionam olhares antropológicos são também relativamente autônomos no falarem sobre si. Se não o fossem, obviamente, nossa atenção não se voltaria para aquilo que estão dizendo. Um questionamento não se faz sem a voz de um problema, nesse sentido, e o problema também fala. Isso não soa tão óbvio, no entanto, quando a tarefa é deixar que falem por si próprios. Quis dar mais que olhares aos diários dos moradores da REAJ, quis lhes dar ouvidos e, foi então, que reconstruí a gênese dos meus próprios incômodos.

Nos diários dos moradores da REAJ, se conjugam vozes. Falas pessoais e vozes de grupos de mulheres, de agricultores, de pesquisadores. Sussurrantes, tímidas, corajosas, líricas, objetivas, intencionais, desinteressadas, dando cada uma a seu modo sua pincelada na imagem diacrônica que constitui o processo construção desses textos sobre o cotidiano e a vida na floresta. Elas se propagam ao mesmo tempo, sendo o exercício mais difícil na sua observação e na sua descrição, ausentá-las das bocas, separá-las das mãos que as imprimem no tempo e depois voltar para tentar achar o lugar de cada uma em seu processo temporal único de reflexão. Foi a esse exercício que me dediquei atualmente quando retomava meu aprendizado sobre a leitura e não o teria desenvolvido se continuasse a usar um único sentido para ler um texto.

Meus propósitos não moravam mais na problemática das camadas ou dos questionamentos da antropologia a todas as possíveis verdades e conceitos. Muito menos encontraria as soluções para uma falta de propósitos na gênese assimétrica inegável dos conceitos e dos significados postos em litígio num infinito simbólico, depois dessa experiência de leitura.

O pulo mais ambíguo dessa reflexão toda, que explica sob quais propósitos construí esse texto, vejam só, está justamente nas possibilidades que esse exercício antropológico de sair por aí a desnaturalizar nos dá. Continuo mergulhando nas camadas significativas que constituem o humano carregando o poder como aconchegante pressuposto

desnorteador, mas com uma visão um pouco menos sólida e acabada de poder. Descobrimo a polifonia, descobri esse conceito de poder polimorfo. “Desnaturalizando” seu caráter essencialmente assimétrico e negativo, o poder se mostra um bom conceito para entender o processo que constrói os diários e me direciona para um caminho argumentativo com propósito.

Vozes, interesses e intenções dos moradores aparecendo e se sobrepondo aos conteúdos e formatos desses diários: essa também é uma forma de poder.

A intersubjetividade inerente ao conhecer e ao descrever o outro não é em si um problema quando ela passa a ser assumida como tal. Aliás, me soa inevitável o trânsito do *self* com toda sua bagagem simbólica de dentro para fora em qualquer processo de conhecimento, não só no exercício antropológico. Talvez o que a antropologia tenha me ensinado de mais valioso, nesse sentido, é que esse movimento quando é impositivo, além de sustentar o conceito autoritário de poder, é cego e surdo. Deixar o outro falar sem ler de maneira antecipada o que ele diz, com olhos e ouvidos tapados por respostas prévias, é algo muito difícil, porque envolve a recíproca de tomar o próprio olhar e a própria voz como problemas. O pensamento antropológico mostrou essa dificuldade, antes de tudo, como uma questão de arrogância. Desconstruir os pilares da arrogância é em si a tarefa mais difícil dos instrumentos do texto antropológico, mas o próprio ato de reconhecê-la já é em si um passo de reconstrução.

Tal ensinamento extrapolo para a maneira como conheço e lido com o outro cotidianamente. Aqui mora meu entusiasmo. Esse é um dos mais belos propósitos que se pode aprender com o conhecimento antropológico. Mas a beleza, como outro conceito, pode e deve ser alvo das críticas sagazes por parte de um pensamento que põe contra naturalizações e é minimamente engajado. Eminentemente emocional, tal posicionamento, no entanto, não se mostra tão bonito assim quando serve somente às exegeses do observador, que só é diferente

do observado, talvez, porque na maior parte das vezes é o responsável pela ignição desse movimento de troca e desse diálogo. Não seria uma troca ou um diálogo se servisse somente às emoções ou à transformação daquele que se propõe a tal exercício.

Posso seguir, portanto, dizendo que de tudo isso que diários, leituras, olhares, vozes e outros me ensinaram como propósito principal da transformação de uma leitura particular em escrita talvez seja considerar como o mais marcante princípio significativamente político o ato de ouvir o outro sem que nele imprimamos o significado de nossas próprias palavras e experiências: é realmente dar voz ao outro. Esse texto, infelizmente confesso, toca de maneira muito rasa esse propósito, mas, posso garantir, foi escrito com o maior respeito a seus princípios.

Não posso justificar-me dizendo que se esse exercício de leitura e de escrita não diz algo sociamente, teoricamente e politicamente relevante sobre os escritores da REAJ, que serviu ao menos para meu aprendizado e minhas reflexões. Eu não era meu objetivo e meu objeto durante esses anos, apesar de sim ter sido afetada inevitavelmente durante o processo. Se não disse algo relevante, que se saiba pelo menos que o propósito era esse. Proponho-me, talvez ingenuamente, a ser uma pessoa de princípios.

Sobre essa tela, dou minhas próprias pinceladas e somo minha própria voz ao contexto de escrita no Alto Juruá de uma maneira que, como não poderia deixar de ser, deve muito aos meus caminhos particulares e a tudo que com eles aprendi, mas que se dedica profundamente a todos os demais agentes e personagens dessa história. Só assim posso assinar uma obra que não é só minha.

O primeiro capítulo dessa dissertação se ocupa com os problemas e os direcionamentos teóricos e interpretativos que compõem o texto, ou seja, delimita o olhar direcionado aos diários dos moradores e escritores da Reserva Extrativista do Alto Juruá.

Na primeira parte dele, intitulada “A classificação dos diários no arquivo”, conto sobre os caminhos de leitura dos diários e dos temas que ancoraram a interpretação dos dados ao longo da pesquisa. Falamos, sobretudo, do contato com os projetos que deram origem aos diários dos moradores da REAJ e sobre as distintas formas de olhar para esses diários ao longo desse contato. Falamos também sobre o diálogo central que compõe a linha argumentativa do texto da dissertação, em que observamos as relações entre moradores e pesquisadores a partir das conversas entre eles que podemos observar ao longo das narrativas e dos elementos que nos expressam múltiplas intenções de pesquisadores e de escritores ao longo dos anos de produção de diários. É um recorte que busca olhar para as diferentes vozes nos diários que nos falam sobre o cotidiano das atividades e da vida na floresta, do tempo das práticas de moradores e de como ele foi representado de maneira plural nesses diários.

Na segunda parte desse primeiro capítulo, “Tempo de pesquisa”, introduzimos a história da produção desses textos falando das primeiras intenções, contextos e conjuntura que se relacionam com a proposição de escrita de dados sobre a vida dos moradores da REAJ por eles próprios. Mostramos como o contexto de luta dos seringueiros pelo uso da floresta e pela criação da Reserva Extrativista do Alto Juruá, assim como a participação de outros agentes nesse processo, relaciona-se com o contexto inicial das pesquisas com participação da população local. Argumentamos como as intenções de pesquisa sobre a possibilidade da gerência da área pela população local, sobre a possibilidade de conservação da mata conjuntamente com a possibilidade de vida sustentável dos moradores estão presentes nesses textos. O intuito de introduzirmos esse processo se refere já ao início das intenções em mostrarmos uma leitura do conteúdo e do formato desse material,

tendo em vista que as intenções iniciais das pesquisas no Alto Juruá se relacionavam com o interesse de estudar a viabilidade social, econômica e ecológica da Reserva e também tendo em vista o processo particular que explica a atuação dos moradores locais enquanto pesquisadores e enquanto escritores de dados sobre sua própria vida e cotidiano na floresta. Esta segunda parte do capítulo nos direciona para o segundo capítulo, retomando a primeira parte, sobre como chegamos a ter essa leitura dos diários enquanto material que nos mostra ambigüidades e diálogos entre o que foi proposto e o que foi descrito pelos moradores.

O segundo capítulo desenvolve o que chamamos de “Etnografando Diários”, e segue a proposta de pensar na vida dos moradores escritores da REAJ a partir do comentário de elementos que encontramos nos diários. Sob a influência de Pierre Bourdieu sobre o texto, dizemos como as experiências distintas apartam modos de ver e modos de falar sobre os mesmos termos e temas. A leitura de como essas formas de falar se inicia com um quadro sobre as atividades recorrentemente informadas que podem compor dias de trabalhos e o cotidiano de atividades diárias de mulheres, homens e crianças. Esse quadro, no entanto, é refletido a partir daquilo que os escritores nos permitem saber sobre a temporalidade dos dias de atividades e termina com um excerto de diário que introduz a sequência do capítulo, falando sobre como os escritores encaram de maneira diferente a informação desses dias ao longo dos seus diários. Em seguida, falamos do arquivo e dos temas que encontramos como orientadores dos textos de cada diário é uma introdução sobre como os conteúdos expostos na primeira parte do capítulo são apresentados no material e uma introdução sobre como os escritores foram encarando a proposta de escrita dos diários, somando temas, criando diários próprios, ou seja, como os conteúdos e formatos foram se modificando ao longo dos anos. É uma leitura interpretativa sobre o arquivo como um todo.

Em “Um olhar sobre os diários”, nesse mesmo capítulo, nos dedicamos a analisar excertos de diários que foram selecionados por algumas peculiaridades. Se as primeiras descrições falam das recorrências, estas falam sobre elementos que diferenciam os diários. Observamos possíveis intenções dos seus escritores e o seu olhar particular sobre aqueles dados orientados pelos proponentes dos diários. Encaramos a particularidade de cada escritor a partir do conhecimento de sua participação ao longo das pesquisas, de sua trajetória enquanto escritor e também a partir de uma leitura de seus diários como um todo. Os excertos interpretados se misturam com seus escritores nessa parte do capítulo e selecionamos elementos que nos permitem falar sobre como seu olhar particular enquanto agentes e observadores de suas próprias práticas toma conta das narrativas.

A última parte desse segundo capítulo, “Elementos sobre pesquisa, elementos sobre mudança”, segue uma intenção semelhante à terceira parte ao se preocupar com particularidades. Se na terceira parte nos ocupamos dos elementos que nos permitem falar sobre o olhar dos escritores, nessa quarta parte elencamos elementos que nos permitem falar sobre as particularidades do olhar dos pesquisadores e de suas diferentes intenções ao longo desses anos de escrita. Os excertos selecionados mostram algumas das intenções dos pesquisadores que embasaram os diários durante esses 14 anos de pesquisas, falando das intenções de monitoramento de condições sócio-ambientais no início e posteriormente demonstrando preocupações mais explícitas com temas como o estudo das relações entre moradores e destes para com a floresta envolvidas na atividade agrícola ou mesmo com a observação de dados sobre as transformações nessas relações. Esse olhar das pesquisas sobre os diários e as representações dos pesquisadores nos introduz o terceiro capítulo da dissertação, que trata da discussão teórica que pode embasar a leitura dos diários e de suas temporalidades e que nos fala também sobre o olhar dos pesquisadores em relação a eles, porque explicita as discussões que são também parte integrante dessas narrativas ao partirem

de suas intenções e questionamentos. Seguimos para o último capítulo, portanto, ainda influenciados sobre o que as narrativas dos diários podem evocar enquanto representações, discussões e olhares sobre o cotidiano e sobre as relações entre moradores e a floresta.

Propomos o último capítulo como texto que fala sobre um recorte possível das discussões teóricas que foram suscitadas pela leitura dos diários enquanto narrativas compostas de múltiplas vozes sobre a vida dos moradores escritores da floresta.

A primeira parte desse terceiro capítulo se intitula “Experiência do tempo na sociedade”. Nela, fazemos uma exposição de uma discussão que embasa a leitura antropológica e sociológica do tempo que nos diz como a experiência do tempo em sociedade direciona diferentes maneiras de concebê-lo, classifica-lo e representá-lo. Quando lemos os diários como narrativas sobre as práticas cotidianas dos moradores, podemos pensar em como o tempo dessas práticas é um recorte essencial, tanto para seus escritores quanto para os pesquisadores que os propuseram. Uma das primeiras leituras que fizemos foi a de observar aspectos temporais que nos recortam dados dessas práticas que falam sobre as relações entre moradores e seus trabalhos cotidianos, entre esses moradores e a floresta, como quando observamos a distribuição anual de atividades a partir do recorte da valorização local de épocas agrícolas, épocas de chuvas e secas se intercalando com outras atividades. Este tipo de observação evidencia uma leitura do cotidiano de atividades que nos evoca discussões teóricas dentro da antropologia e da sociologia que se ocupam basicamente em nos dizer como a experiência do tempo em sociedade direciona a maneira como o pensamos e como o representamos, como observamos em textos de Evans-Pritchard, inspirados por Durkheim e Mauss.

Discutir como o tempo pode ser pluralmente definido e vivenciado é uma maneira de também dizermos que a pluralidade de intenções e discursos presentes dentro dos

diários expressa diversas formas como o tempo da experiência cotidiana dos moradores pode ser pensado, por eles próprios enquanto escritores e por aqueles que recortaram e propuseram temas e conteúdos de diários. Além disso, a bibliografia discutida nesse primeiro capítulo, de uma forma direta ou de uma forma indireta também se relaciona com as discussões que se seguem. Tais discussões nos direcionam para a segunda e para a terceira parte do capítulo.

Na segunda parte, “Duas sociedades e dois tempos”, discutimos uma forma de se pensar o contraste entre maneiras de representar e de vivenciar o tempo que separam sociedades rurais e urbanas, tradicionais e modernas. É uma leitura recorrente na bibliografia sociológica e antropológica a de pensar a vivência do tempo nas cidades e nas sociedades industriais como um recorte que as diferencia de outros grupos marginais do sistema de produção capitalista ou marginais à vida urbana e que as coloca em confronto. Colocamos em discussão essa maneira de distanciar formas de pensar e vivenciar o tempo porque esses contrastes embasam leituras sobre a vivência de moradores de áreas não urbanas em diferentes momentos dos estudos sociológicos e antropológicos. Esse recorte elucidado como visões teóricas sobre a experiência e a representação do tempo nos direcionam o olhar sobre atividades cotidianas de populações como os moradores da REAJ, assim como podem direcionar o olhar de pesquisas, textos, propostas institucionais sobre aspectos da produção e da economia locais. É esse tipo de olhar reflexivo, sobre o nosso próprio olhar sobre o tempo que se relaciona com o intuito de mostrar os elementos do olhar das pesquisas que também compõem o conteúdo dos diários.

A segunda parte do capítulo nos leva para uma terceira, que, por sua vez, já nos orienta para as conclusões: “Tempo das práticas, tempo de narrativas, tempo de etnografia”. Nela, expomos uma discussão que reflete o contraste entre maneiras de vivenciar e representar o tempo que coloca representações diretamente em confronto, mais que confronta sociedades previamente diferenciadas. Essa última parte coloca em confronto

observadores das práticas e os seus sujeitos. Utilizamos as críticas feitas ao modelo etnográfico por alguns autores para pensar como podemos refletir a particularidade dos diários serem escritos por aqueles que são observadores e sujeitos das práticas ao mesmo tempo. A proposta não é a de fazer uma discussão que gire somente em torno dessas críticas e de uma leitura reflexiva sobre antropologia, mas a de usar a flexibilidade dos textos que olham diretamente para os próprios textos científicos e acadêmicos para obtermos argumentos que nos permitam discutir as peculiaridades discursivas dos diários dos moradores da REAJ e que nos permitam ancorar as discussões sobre o processo de sua construção, com o qual estivemos preocupados durante praticamente todo o segundo capítulo.

Buscamos nos pautar em autores como Pierre Bourdieu, Marshall Sahlins e Johannes Fabian, construindo uma argumentação que nos mostra como tais autores nos fornecem elementos em comum para uma leitura de textos acadêmicos que problematizam pré-concepções dentro desses próprios textos. São elas que também se colocam quando lemos o cotidiano dos moradores da REAJ e quando propusemos a partir dessa leitura a delimitação de conteúdos que seriam por eles descritos, ou seja, nos dão elementos para uma discussão sobre os elementos de diferentes discursos que observamos nos diários.

Essa última parte nos direciona para as conclusões, em que retomamos os pontos principais da leitura dos diários e das discussões evocadas por ela.

CAPÍTULO 1 – DIÁRIOS EM ARQUIVOS

A classificação dos diários no arquivo

“Eram quatro meninos: Cleva tinha 9 anos, José 7 anos, Silvaniza tinha 5 anos e Silvane tinha 4. Ai eles viram Dani, Maira, Ó e o Tião fazendo pesquisa, e quando Dani e Maira foram embora então eles imaginaram e disseram:

_Vamos fazer uma pesquisa.

E os outros responderam:

_Vamos.

E foram para a mata fazer pesquisa e pegar as plantas que eles sabem para fazer remédio.

Ele pega e coleta e seca e Cleva disse:

_Eu sou a Dani.

José disse:

_Então eu sou o Tião.

E a Silvaniza respondeu:

_Então eu sou o Ó.

Silvane disse:

_Então sou a Maira.

E assim eles passaram o dia brincando de pesquisa”¹

Ivanilde Gomes Pereira

Conhecendo os diários, conhecendo um contexto

Este texto baseia-se na leitura e interpretação de diários escritos por moradores de uma área de floresta na Amazônia brasileira, estado do Acre, produzidos no período de 1993 até 2003 e no período de 2006 a 2007. Esses diários consistem em cadernos e

¹PEREIRA, I. G. IN: POSTIGO, A. A. et al. (orgs.). 2004. *Antologia de autores da floresta*. Campinas SP: UNICAMP/IFCH/CERES.

agrupamentos de folhas escritas por moradores da Reserva Extrativista do Alto Juruá em que descrevem atividades realizadas ao longo dos dias, meses e anos, mencionam pessoas envolvidas nessas atividades, locais em que são realizadas e também nos fornecem informações pessoais sobre alguns outros aspectos específicos de suas vivências dentro desse espaço de floresta e sobre seu relacionamento com o contexto que propiciou a produção desse material escrito.

Tenho contato com esses dados, com alguns dos pesquisadores relacionados à sua produção e com parte do contexto de pesquisa acadêmica que propiciou a escrita desses diários desde o período em que comecei a cursar minha graduação. O amadurecimento das questões que direcionam as interpretações e a leitura que faço dessas narrativas está relacionado, portanto, com todo o período de leituras e de pesquisa que começa antes mesmo de meu ingresso no mestrado e da proposição dos objetivos e temas com os quais o iniciei e que direcionam as interpretações aqui expostas.

Pensando nisso, começemos introduzindo o texto com uma explanação sobre o percurso que precede as questões aqui discutidas e que precede a exposição da interpretação e das considerações sobre o conteúdo e o formato dessas narrativas, interpretação orientada por uma discussão sobre como também a partir delas podemos discutir o tema do tempo segundo uma perspectiva antropológica.

Conheci os diários escritos pelos moradores da Reserva Extrativista do Alto Juruá no contexto de finalização de um dos projetos que incentivaram sua escrita, participando voluntariamente da transcrição de parte dos dados que os cadernos continham e da organização e seleção de textos que seriam publicados nesse período de finalização e divulgação dos resultados dos mais de dez anos de pesquisa com a participação de moradores locais. O trabalho voluntário se relacionava com os intuitos de produção de dados e de

publicações que seriam apresentados como resultado do projeto "Pesquisa e Monitoramento Participativo em Áreas de Conservação Gerenciadas por populações Tradicionais", executado pela Associação de moradores e trabalhadores locais - ASAREAJ (Associação dos seringueiros e agricultores da Reserva Extrativista do Alto Juruá).²

Foi nesse contexto que também tive contato com alguns dos professores e alunos que participaram da construção dos projetos de pesquisa e do seu desenvolvimento junto com moradores da REAJ³ e que comecei a conhecer a história política e social de institucionalização da Reserva enquanto área de conservação, conjuntura intimamente relacionada com a produção desses diários.

As pesquisas conjuntas realizadas com a participação de pesquisadores acadêmicos (biólogos, geólogos, ecólogos, antropólogos, sociólogos, historiadores), órgãos públicos (como IBAMA) e parte dos moradores locais (sendo que um deles foi proposto e executado pela primeira associação local de moradores, a ASAREAJ⁴) se iniciam como parte de uma proposta específica de produção de dados no momento de formação e institucionalização da localidade enquanto área de conservação gerenciada pela própria população habitante. Esses dados serviriam, em parte, ao interesse de se estudar a possibilidade de manutenção e conservação de uma área de floresta pela população local,

² Projeto coordenado pelo antropólogo Mauro W. B. Almeida e financiado pela CEE através da FINEP, fazendo parte do Plano Piloto para Proteção das Florestas Tropicais Brasileiras (PPG7). Este foi o segundo projeto financiado que se baseava, além da presença e trabalho de pesquisadores acadêmicos na região, em dados coletados e escritos pelos próprios moradores locais. O primeiro projeto que se baseou nesse formato inovador foi o "É possível populações tradicionais gerenciarem áreas de conservação ambiental? Um piloto na reserva extrativista do alto Juruá", coordenado pelos antropólogos Manuela Carneiro da Cunha (Universidade de Chicago) e Mauro Barbosa Almeida (Unicamp) e pelo ecólogo Keith S. Brown (Unicamp), financiado pela fundação MacArthur. (Ver CUNHA & ALMEIDA, 2002), que se relacionava não somente com os intuits de coleta de dados socioeconômicos e ecológicos, mas também com a institucionalização da Reserva Extrativista do Alto Juruá, primeira reserva deste cunho a ser criada no país.

³ Sigla que utilizo como abreviatura de Reserva Extrativista do Alto Juruá.

⁴ Associação dos Seringueiros e Agricultores da Reserva Extrativista do Alto Juruá, que foi a primeira associação de moradores da Reserva. Hoje existem também mais duas associações, que são a ASATEJO e a ASAJURUÁ. A primeira cobre os moradores dos Rios Tejo e Bagé, a segunda o rio Juruá, o Amônia e o Arara (também cobrindo São João, Breu, Caipora e outros igarapés)

visando a obter dados que esclareceriam a possibilidade de conservação da mata na existência de habitantes humanos e de atividades extrativistas e agrícolas, e também a fornecer elementos para pesquisas sobre as condições sociais e econômicas em que se encontrava a população local, já que a proposta oficial de Reservas Extrativistas não somente envolvia a conservação do ambiente, mas o bem estar das pessoas que nele habitam. Ao mesmo tempo também, intentava-se obter informações que serviriam a fins práticos de gerenciamento da área, como por exemplo, desenvolver e por em prática o plano de manejo e de uso dos recursos naturais, que seria definido pelos próprios habitantes, antigos seringueiros e agricultores que se instalaram na região desde os primeiros movimentos migratórios relacionados à exploração comercial da borracha vegetal⁵.

Encontramos nas narrativas desses diários dados sobre as atividades realizadas rotineiramente (caça, pesca, trabalhos com os roçados, viagens para venda de mercadorias, atividades religiosas, mudanças, trabalhos de construção, trabalhos de extração de borracha vegetal e de outros artigos, como açaí), as quantidades de artigos agrícolas e artigos obtidos pela extração ou por atividades como a pesca, os tipos de recursos obtidos com os roçados ou com o uso dos recursos da floresta, os grupos de pessoas responsáveis pelas atividades (parentes, grupos de vizinhos, grupos de trabalhadores pagos), tipos e quantidades de artigos alimentícios consumidos ao longo das refeições. Também, em alguns diários específicos, chamados pelos moradores-escritores e pelos pesquisadores de “diários de monitoramento de sapos, rãs, libélulas e borboletas”, encontramos a descrição de espécies de anfíbios e insetos avistados em diferentes períodos do dia e em diferentes tipos de matas e localidades da Reserva. Todo esse conteúdo se misturava em diferentes tipos de diários

⁵ Cf. ALMEIDA, WOLFF, COSTA & FRANCO, In CUNHA & ALMEIDA, 2002, pp 101-146; WOLFF, 1999

escritos por noventa e cinco moradores que eram reconhecidos ao longo dos projetos de pesquisa e também se reconheciam como “monitores socioambientais” (Cf. POSTIGO, 2003).

Um dos pontos mais importantes a serem salientados quando pensamos na construção desses conteúdos e na proposição da escrita desse material é a como a relação entre moradores e pesquisadores ao longo desses anos de pesquisa e de escrita de diários conduziu esse processo de construção. Atentar para esse ponto foi uma das observações mais importantes e marcantes do contato com esses textos.

Um dos intuitos da pesquisa que embasa esse texto era entender o que os diários representam em seu conteúdo. Para tanto, é importante citar desde início essa participação conjunta de pesquisadores e de moradores e não deixar de citar esse contexto de institucionalização da REAJ enquanto parte dessa história de escrita, já que esses diferentes agentes e que tal contexto aparecem como próprio conteúdo das narrativas, sobretudo nos primeiros diários escritos, mas também porque a seleção dos dados e a forma como são informados nos cadernos também se relaciona com todo esse processo inicial de institucionalização da área e das pesquisas relacionadas a ela.

Esse contexto também é citado de início porque a relação com algumas das pessoas que estiveram ligadas às pesquisas sobre a viabilidade da REAJ enquanto área de conservação e, mais especificamente, a relação direta com a fase de finalização de alguns dos projetos de pesquisa que tiveram a participação dos moradores e que retomavam desde o início essa história foram essenciais para o contato com todo o processo de produção dos dados, para o entendimento de grande parte desse conteúdo e também importante no que concerne a observação das diferentes perspectivas a partir das quais podemos abordar o conteúdo e a produção desse material, perspectivas que de certo modo orientaram os questionamentos que feitos sobre ele ao longo desses anos de leitura de diários e de reflexão

de uma bibliografia antropológica, sociológica e filosófica e de uma bibliografia específica que já havia sido produzida sobre o Alto Juruá, sobre os moradores dessa área de floresta e sobre a REAJ⁶.

Comecei a conhecer os diários e todo esse contexto fazendo uma leitura orientada pelo trabalho voluntário de transcrição e digitalização das informações à maneira como iam sendo descritas pelos moradores para documentos de texto e recolhendo alguns dados específicos dentro do conteúdo dessa escrita que eram transpostos para tabelas pré-construídas por alunos e professores da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP e para documentos de texto. No início, portanto, não tinha muita idéia do que esses diários poderiam significar enquanto fontes de informação ou do que eles poderiam significar enquanto objeto principal de uma pesquisa, mas conforme ia lendo, transcrevendo seu conteúdo e também conhecendo os diferentes tipos de informação que continham, comecei a observar que vários temas de pesquisa e vários questionamentos poderiam surgir a partir das diferentes informações que os diários continham: informações diversificadas que são apresentadas até hoje ao longo de leituras e releituras.

⁶ Como é o caso das teses, livros e dissertações: WOLFF, 1999; POSTIGO, 2003; LUNA, 2003; FRANCO, 2001; COSTA, 1998; FRANCO, 2001; DIAS, 2004; CUNHA & ALMEIDA, 2001; ALMEIDA, 1992.

Olhar e estranhamento

*“Relatório de monitoramento de pesquisa,
Diário sobre tudo o quanto nós comemos e fazemos durante o
dia na minha casa monitor Altemir Firmino, Comunidade
Morro da Glória - Rio São João.*

27/11/2000

Amanheceu o dia, a minha esposa foi fazer o café e eu fui me arrumar para ir para o trabalho. Caiu uma forte chuva e tomamos café mais tarde. Comemos carne e banana - e a chuva caindo - e eu fui estudar. Quando foi umas nove da manhã eu fui desengatar a minha canoa e tomar um banho. Quando cheguei em casa, fui dormir um sono e a minha esposa foi aproveitar a água da chuva para lavar a roupa e as coisas e quando ela terminou, foi tirar um urucum para colocar na comida. Quando foi umas doze horas eu me levantei e comemos banana com paçoca de amendoim e quando foi umas quatro da tarde, fui tirar uma lenha e minha esposa foi arrumar a casa e colocar a comida no fogo. Quando ela terminou, ela foi tomar um banho e eu fui ajeitar as minhas canoas e quando foi umas sete da noite, fomos comer carne de queixada cozida.”⁷

As primeiras leituras que fazemos desses cadernos e folhas são leituras de estranhamento. Deparamo-nos com palavras que se referem às práticas e ao cotidiano dos moradores cujo significado não conhecemos inicialmente, deparamo-nos com diferentes caligrafias, diferentes maneiras como cada escritor descreve os dados, com diferentes temas abordados como principais por cada diário.

Notei, de início, as palavras que não conhecia (“brocar”, “derribar”, “encoivarar”, “fachear”, “ASAREAJ”, “monitor socioambiental”, “terçado”, “panema”, “novenário”, “estrada de seringa”, “quatipuru”, “porquinho”, “paca”, “cotia”, “nhambu”,

⁷ Trecho de diário de Cotidiano (26/11/2000 a 31/12/2000) de Altemir Firmino, na época, morador da Colocação Morro da Glória, Rio São João.

“embiara”⁸...) e outras que supunha conhecer e que, no entanto, possuíam seu próprio significado local (“inverno”, “verão”, “padrinho”, “madrinha”, “quebra-jejum”⁹), palavras que comecei aos poucos a reconhecer como relacionadas a espécies animais e vegetais ou como parte de atividades dos moradores, como instrumentos de trabalho, partes das casas ou da mata, palavras relacionadas a simbologias locais ou atividades religiosas.

No momento seguinte a esse primeiro olhar, referente aos significados daquelas atividades e daqueles termos, perguntei-me sobre o porquê de cada diário conter essas informações e também do interesse em se transcrever os dados à maneira como eram escritos pelos moradores ou em se transportar parte desses dados para tabelas construídas posteriormente.

Um dos primeiros pontos que me foram esclarecidos sobre isso foi que os moradores ficaram responsáveis por descrever de maneira relativamente livre essas

⁸ Brocar (foiçar o mato e derrubar árvores para preparar o terreno para a plantação), derribar (cortar, derrubar galhos e árvores no momento de limpeza da área que será plantada), encoivarar (tacar fogo nos galhos e plantas brocados ou derribados), fachear (caçar à noite, com auxílio de uma fonte de luz, a pé ou pelas águas, de barco), ASAREAJ (Associação dos Seringueiros e Agricultores da Reserva Extrativista do Alto Juruá), monitor socioambiental, (forma como são chamados e como se reconhecem os moradores que participaram das pesquisas que deram origem aos diários), terçado, (facção grande utilizado para brocar roçados), panema, (espécie de “azar” na caça, eventualmente na pesca também), novenário (festa religiosa com a duração de nove dias com a presença de padres que realiam casamentos e batizados, também sendo um momento para comércio e festividades), estrada de seringa (caminho circular da mata por onde os seringueiros percorrem selecionando e cortando as árvores de seringueira e depois retornam recolhendo o látex), quatipuru (esquilo) porquinho (caititu, cateto, catitú, porquinho-do-mato), paca (espécie de mamífero roedor), cotia, cutia (espécie de mamífero roedor) nhambu ou inhambu (espécie de ave de porte galináceo), embiara (como são chamados os bichos que servem para alimentação e que são de porte menor que aqueles chamados de “caça”) (Fontes: RAMOS, 2004; CUNHA & ALMEIDA, 2002; FERREIRA, 1986; ALMEIDA, 1992; POSTIGO, 2003).

⁹ Inverno (estação chuvosa, que vai de outubro a abril), verão (estação seca e mais fria, que vai de maio até setembro, outubro), padrinho, madrinha (o apadrinhamento constitui relações bastante importantes entre os moradores da REAJ, como quando um padraço assume os enteados como afilhados e estes o assume como padrinho, criando laços e relações de reciprocidade especiais, como é o caso da trajetória e da história de vida de família dos Milton que inspiram a tese de doutorado de FRANCO (2001), em que seu Milton assume os enteados do primeiro casamento de dona Mariana como afilhados, criando uma relação mais estreita que a de padraço), quebra-jejum (refeição anterior ao almoço, que se faz no meio das atividades da manhã e em que se come praticamente os mesmos tipos de alimentos que se come no almoço. (Fontes: RAMOS, 2004, CUNHA & ALMEIDA, 2002; FRANCO, 2001)

informações que serviriam para os propósitos de pesquisa e de gerenciamento da área já descritos acima, mas que os diários deveriam conter necessariamente as pessoas envolvidas nas atividades, localidades da REAJ em que habitavam e em que estavam atuando, quantidades e qualidades de artigos obtidos ou consumidos, animais avistados e os períodos em que tais atividades haviam sido realizadas ou que tais animais haviam sido avistados. Um segundo ponto importante foi saber que o interesse de trabalhar junto com os pesquisadores teria partido de alguns dos moradores que participaram do contexto político e social de delimitação e legalização da área enquanto Reserva Extrativista e era também um incentivo para moradores que tinham o interesse de se alfabetizarem, melhorarem sua escrita ou mesmo em atuarem politicamente e praticamente na administração dos recursos e da área (descobri, por exemplo, que alguns dos monitores eram também agentes de saúde, sindicalistas, professores ou atuavam naquele primeiro momento junto a órgãos de fiscalização como o IBAMA).

O interesse de se descrever os dados como iam aparecendo era uma forma de buscar compor uma base de dados fiel, ou o mais fiel possível, aos diários enquanto fontes primárias de informação e também se relacionavam com o interesse de publicação de partes desses dados em livros que divulgariam, na época, esse contexto de pesquisa. O interesse de produção de tabelas com qualidades e quantidades de alimentos consumidos e obtidos se relacionava com o intuito de observação do uso dos recursos naturais e da viabilidade da realização de atividades de pesca, agricultura, extração e caça. Teses, dissertações e artigos foram escritos seguindo esse intuito e utilizando parte desses dados.

Trabalhando conjuntamente com alunos e professores que haviam participado desse contexto de construção e escrita dos diários e que estavam escrevendo ou pesquisando sobre a REAJ e seus moradores, entendi também que a idéia de se produzir diários escritos pelos próprios moradores e de se fazer pesquisas com a participação da

população local foi em si um processo, em que formatos e conteúdos iam sendo definidos desde os primeiros contatos (durante o período de luta pela institucionalização da Reserva, durante as visitas pessoais de alguns dos pesquisadores) e em reuniões posteriores, chamadas de “treinamentos”¹⁰, mas que também formatos e conteúdos iam sendo ajustados e modificados ao longo das visitas que continuaram acontecendo até 2007, isso porque os textos como eram escritos pelos moradores responderam de maneira diversificada aos intuitos que possibilitaram sua produção (lembrando que muitos deles estavam ainda aperfeiçoando sua escrita e aperfeiçoando sua participação nos projetos) e também porque ao longo dos anos alguns contextos se modificaram (com a queda do valor comercial da borracha vegetal, a agricultura teve sua importância aumentada, por exemplo), fato que também direcionou a inserção de novos conteúdos que se referiam a novas preocupações.

Aos poucos, a leitura foi se construindo como um trabalho de interpretação de palavras, expressões, frases e narrativas que compunham um quadro sobre as relações entre moradores locais, relações que essas pessoas mantinham com o ambiente da floresta, com o ambiente doméstico, com a rotina de atividades e que especificavam o próprio contexto de escrita dos diários e de participação de outros agentes nas pesquisas e na vida desses moradores. Aos poucos também a leitura de diários e a participação voluntária nos projetos iam esclarecendo questões sobre sua própria produção.

¹⁰ Palavra que é constantemente referida em vários diários. Os treinamentos eram reuniões coletivas em que monitores, pesquisadores e demais agentes relacionados ao trabalho com os diários se reuniam para discutir sua produção, revisar os conteúdos e também corrigir os textos, já que um dos intuitos primeiros da participação de alguns monitores nesse trabalho se relacionava com o aprendizado e aperfeiçoamento da escrita, então muitos deles próprios requeriam esse tipo de “correção” segundo a norma culta.

Leitura e questionamento

Foi observando inicialmente essa rotina de atividades que poderia ser delimitada ao longo dos dias e dos meses que comecei a perceber como os diários poderiam ser tomados como objeto de uma pesquisa e que poderiam ser observados a partir de diferentes questionamentos e propostas teóricas que tinham inicialmente algo em comum: a preocupação em observar as especificidades das práticas e dos relacionamentos sociais e simbólicos entre moradores e trabalhadores de uma área de floresta.

Observando que os diários nos expunham dados sobre as práticas dos moradores em narrativas que localizavam atividades em períodos do dia, dos meses e do ano, notei, portanto, que poderíamos discutir diferentes aspectos dos estudos sobre áreas como a REAJ a partir da observação dessa distribuição de práticas no tempo. Descrevendo e observando essa rotina encontrávamos, por exemplo, aspectos dos relacionamentos entre os moradores¹¹; da participação de atividades religiosas e de simbologias locais nessa rotina; da relação entre conhecimentos locais, representações e práticas; das transformações possíveis a serem observadas nessas práticas, relacionamentos e usos dos recursos. Todos esses temas poderiam ser elucidados também segundo uma bibliografia antropológica, como textos que se ocupam do estudo de sujeitos e espaços a partir do conceito de organização social, por exemplo, ou também por uma bibliografia sociológica, como os textos que se ocupam do estudo da relação entre sujeitos e espaços a partir do estudo do trabalho. Além disso, poderíamos também pensar parte desses temas segundo uma bibliografia mais específica sobre moradores de áreas de conservação e sobre agentes políticos como os seringueiros e

¹¹ Relacionamentos de trabalho, de parentesco, relacionamentos que definem categorias de diferença como “homens”, “mulheres”, “jovens” e “idosos” que se mostraram importantes para a descrição da rotina de atividades locais, relacionamentos entre pesquisadores, escritores e demais agentes políticos e sociais que participavam dessa rotina e das práticas locais, relacionamentos com o contexto legal que os circundava.

agricultores da Reserva que se organizavam social e culturalmente enquanto grupos e requeriam a delimitação e institucionalização de territórios e de direitos.

Orientei-me, levando em consideração esses aspectos e essa bibliografia, a fazer uma descrição da distribuição das diferentes atividades ao longo da rotina de trabalho que eram informadas nos diários, tentando delimitar ao longo da leitura, aquela que seria uma rotina das práticas cotidianas dos moradores da REAJ informada por essas narrativas, tentando selecionar e descrever elementos que nos permitissem entender especificidades da participação de homens, mulheres, idosos, parentes, vizinhos, na rotina diária de trabalhos e tentando mapear essas atividades ao longo dos meses e do ano, já que havia notado também nesse momento que faziam parte do conteúdo dos diários alguns elementos que nos permitiam entender quais atividades eram realizadas em diferentes períodos do ano (os tipos de roçados, os cultivos e as atividades próprias para épocas com chuvas ou sem chuvas, por exemplo).

A descrição e a interpretação desse contexto da vivência cotidiana se direcionavam, portanto, para elementos dentro dos diários muito ligados ainda ao meu primeiro contato com o contexto da REAJ enquanto área de conservação e com as primeiras preocupações e questionamentos que poderiam ser suscitadas por ele: intentava destacar quais conteúdos presentes nas narrativas nos permitiam entender especificidades não somente das relações de trabalho e demais relações sociais, mas as relações específicas com o ambiente da floresta e com sua temporalidade. Essa espécie de etnografia do uso do tempo e das relações com o tempo através da descrição das atividades e demais marcadores temporais intentava entender especificamente as relações entre práticas e tempo que nos eram fornecidas pelo conteúdo das narrativas. Essa proposta também se ancorava nas leituras que fazia e que continuei fazendo no mestrado sobre etnografias e textos teóricos que se preocupavam de maneiras distintas com a relação entre práticas, representações e tempo: tentava construir um arcabouço teórico pudesse tocar de algum modo os elementos que selecionava durante a

leitura e interpretação dos diários. Um objetivo geral que abarcava essas propostas e questionamentos era buscar entender, com isso, como essa maneira de distribuir no tempo atividades de trabalho, atividades religiosas, atividades domésticas nos indicava relacionamentos entre os moradores e relacionamentos com o ambiente que destacariam especificidades de sua vivência cotidiana na floresta, mas sempre lembrando que esses dados nos eram informados por eles próprios no formato de texto e que se aceitaram nos informar sobre eles, também acabaram aceitando a proposta de nos falar sobre sua vivência.

A aceitação da proposta de escrita dos diários por parte dos moradores nos falava sobre uma característica bastante importante desses diários sobre a qual não havia ainda me atentado até então, quando buscava entender e descrever as práticas dos moradores da REAJ a partir de uma etnografia que tinha o tempo enquanto recorte que direcionava a leitura e as interpretações. Durante a descrição dessas práticas e dos marcadores temporais que as delimitavam numa rotina diária, mensal e anual, comecei a notar as diferenças entre os diários, diferenças que partiam não somente do fato de que alguns monitores deveriam se ocupar de temas em específico e de que os diários continham informações diversificadas, mas também do fato de que os diários se diferenciavam de acordo com seus escritores e, por isso, carregavam consigo aspectos sobre experiências e práticas daqueles antigos seringueiros e agricultores que nos remetiam aos contextos, conteúdos e questionamentos das pesquisas sobre a REAJ ou sobre a relação de moradores com a floresta, mas não somente isso. Essas especificidades nos lembravam que os diários não nos falavam unicamente dos moradores, mas dos moradores-escritores e, impreterivelmente, nos falavam do olhar de cada um deles sobre esses conteúdos e sobre suas próprias práticas. Os diários não nos evocavam somente conteúdos propostos que se referiam ao cotidiano e ao uso da floresta, mas também aquilo que cada escritor selecionava desse conteúdo proposto, daquilo que nos permitiam saber a partir de suas narrativas particulares.

As particularidades de cada escritor enquanto sujeito daquelas práticas, suas diferentes experiências, sua participação diferenciada na rotina de trabalhos e no contexto das pesquisas trazia para cada diário e para produção escrita de cada monitor alguns aspectos que orientaram novos olhares para as narrativas e que trouxeram novos questionamentos responsáveis por uma revisão da problemática sobre a relação entre práticas e representações que estava presente nesse estudo do tempo das práticas. Um dos principais aspectos se refere aos diários em que algumas mulheres descrevem a atuação dos sujeitos dessas vivências e dessas atividades nos descrevendo também algo que não havia sido proposto como informação essencial dessas pesquisas: a participação das atividades relacionadas ao ambiente doméstico nesse quadro sobre a vida na floresta e na REAJ. Sua descrição estava sendo orientada por seu olhar específico sobre essa rotina, já que no caso das mulheres as atividades com a casa tomavam grande parte dos seus dias também.

Comecei a notar, portanto, que outros dos escritores também acabaram imprimindo aspectos de sua vivência e de sua maneira de ver os conteúdos que comporiam essa vivência que nos remetiam a ela em suas narrativas. Alguns começaram a informar em seus diários não somente um tema, como anotar informações sobre pesca ou sobre a coleta de seringa, mas iam construindo textos sobre o dia de atividades em que esses e outros temas apareciam juntos, assim como informavam outras atividades realizadas por moradores da mesma localidade que não eram monitores, mas que se inseriam como parte do cotidiano desse morador também. Os monitores seguiam assim também nos contando sobre viagens, dias em que não haviam realizado as atividades, dias de festas, dias santos, nos informando sobre a movimentação das pessoas na REAJ, sobre a atuação de grupos de parentes ou de vizinhos em atividades coletivas. Ao mesmo tempo, os pesquisadores perceberam o interesse de alguns dos monitores em trazer essas informações (como era o caso também dos que começaram a contar acontecimentos e histórias e dos que faziam reivindicações através dos

diários), incentivando-o e ajudando assim na construção do formato e do conteúdo plurais e diferenciados constituem todo esse acervo de informações.

Observando essas diferenças e essas particularidades, pensei que os próprios diários poderiam ser objeto de uma análise e de uma descrição mais orientada para a relação entre moradores e pesquisa, levando em conta que se tornaram agentes diferenciados quando atuavam como escritores e pesquisadores e também atentando para as narrativas não somente como fontes de dados, mas também como sendo representações sobre eles. O fato de conterem dados sobre vivências e representações dos moradores que nos indicavam as diferenças entre um diário e outro, entre um monitor e outro nos mostrava outros elementos que poderiam ser destacados e estudados como, por exemplo, aqueles que nos permitiam delimitar como cada monitor se relacionava com o trabalho de escrita (que dados novos somavam aos conteúdos inicialmente requeridos pelas pesquisas, como descreviam esses dados, como destacavam essa participação e suas práticas em opiniões e histórias que apareciam misturadas a esse conteúdo). Mais do que novos temas de pesquisa, no entanto, as peculiaridades do olhar que cada escritor direcionou para a descrição dos dados sobre o seu cotidiano nos lembram que as atividades e relacionamentos que selecionamos como constituintes de uma vivência (prática e simbólica) que qualifica e diferencia esses antigos seringueiros e agricultores não indígenas são, antes de qualquer coisa, representações de representações sobre essas vivências.

Os diários são sim fontes sobre as práticas dos moradores de uma área de floresta ligadas aos interesses de se mapear qualitativamente e quantitativamente essas práticas e as relações entre homem e ambiente que elas evocam, estando diretamente relacionados com formas de pensá-las que não partem somente da população local. Notar essas diferenças e lembrar que essas fontes de dados sobre habitantes de uma área de conservação ambiental nos são fornecidas pelos próprios moradores foi importante porque

levou a pensar na escrita e na produção dos diários enquanto dado em si a ser observado¹² e também, sobretudo, porque me ajudou a perceber que também são uma fonte de informações sobre as representações que cada monitor foi construindo sobre o que seria esse seu cotidiano na floresta e o que seria esse próprio conteúdo. Olhamos esses dados a partir daquilo que os olhos dos moradores nos permitem ver também e, mais do que isso ainda, essas narrativas têm a peculiaridade de terem sido construídas por pesquisadores e moradores: passam a somar conteúdos delimitados por um e outro agente e, mais especificamente, contêm dados sobre intenções, experiências e representações dos escritores enquanto sujeitos particulares dessa história de escrita e de pesquisa no Alto Juruá.

O tempo do cotidiano abstraído era uma das maneiras de olhar o conteúdo proposto, mas as particularidades das narrativas falavam sobre uma maneira de ver o tempo dos escritores e dos diários que é imprescindível a qualquer olhar sobre o tempo de suas práticas. Pensando nisso, comecei a rever a própria etnografia do conteúdo desses cadernos e o recorte do estudo das práticas a partir do enfoque do tempo. As preocupações com as atividades e o uso do tempo (cujo estudo evocaria relações de trabalho, relações com o ambiente, relações entre os moradores) foram revistas quando levei em consideração esse aspecto de que as narrativas não eram somente fontes sobre as experiências e as vivências desses escritores na floresta, mas também representações que esses moradores tinham dessa vivência, o que faz com que qualquer proposta de etnografia do conteúdo, dos formatos e do processo de produção dos diários a partir deles próprios seja uma espécie de etnografia de outra etnografia já feita pelos próprios moradores. Sendo assim, os diários dos moradores

¹² O tema do estudo da escrita na REAJ e da produção dos diários foi abordado na dissertação de mestrado *Penduraram as Letras na Parede da Sala: Escrita e Organização Social no Alto Juruá*, defendida em 2003. O autor havia notado, pelo contato com diferentes monitores, como eles se relacionavam de maneira distinta com sua participação nas pesquisas e, particularmente, com a escrita dos diários. Olhando para os diários, notei que também poderíamos obter algumas informações sobre isso, apesar dessa não ser a preocupação principal da pesquisa e da leitura que estava fazendo desses diários.

somam suas representações às representações relacionadas com as propostas de escrita desses dados: carregam em seu conteúdo a temporalidade das práticas que podem ser delimitadas pelo conteúdo proposto pelas pesquisas, mas também a temporalidade da experiência de cada escritor e a temporalidade da própria escrita e da memória, que delimitam aquilo que foi demandado enquanto conteúdo, mas também delimitam aquilo que cada morador-escritor nos permitiu observar sobre ele. Nesse sentido, o “tempo” e as “práticas” não seriam somente elementos a serem destacados e descritos a partir de uma leitura orientada sobre o conteúdo desses diários. Seriam elementos a serem problematizados a partir da observação de que todo esse conteúdo era descrito e observado também enquanto representações sobre as práticas.

Esse tipo de preocupação e de contexto em que uma narrativa é parte de um olhar sobre uma realidade é um tema que também pode ser discutido segundo uma bibliografia e, mais do que isso, nos ajudar a problematizá-la. O fato dos diários serem como uma etnografia feita por moradores e pesquisadores ao mesmo tempo faz deles um objeto que ilumina questões muito discutidas até hoje dentro da antropologia. Muitos dos livros que se ocupam com críticas ao modelo etnográfico ou, com a crítica da maneira como muitos antropólogos conduziram a descrição de contextos, questões, casos e particularidades de sociedades, culturas, povos, grupos, se pautam especialmente na observação de que antes de qualquer coisa, os livros antropológicos são textos e que por isso, apesar de muito tentarem tratar os dados como informações objetivas, ainda são recortes dos seus escritores e carregam consigo representações e preocupações deles e da sociedade de que fazem parte. O caso dos diários e da leitura que faço deles também pode elucidar diferentes pontos desse tipo de problemática que, inclusive, argumentou criticamente sobre etnografias que se preocuparam com as diferentes maneiras como o tempo pode ser usado e pensado em diferentes culturas e sociedades.

Todo esse caminho de leituras e perguntas aqui exposto construiu as questões que embasam a exposição que se segue. Dentro dessa proposta de descrição e interpretação do conteúdo dos diários dos moradores, em que aponto e seleciono elementos que podem ser encontrados nos diários e que nos falam sobre as atividades e sua temporalidade como são descritas pelos escritores, observo também que todo esse conteúdo é, inegavelmente, uma representação orientada sobre o que é a própria prática, o trabalho, a vida na floresta, mas uma representação que não é somente orientada pelas pesquisas que propiciaram a produção desses textos. Estamos tratando de escritos que também são orientados pelas experiências, pelo recorte de cada escritor e pela sua relação específica com aqueles que estão propondo conteúdos e que estão sendo encarados como interlocutores.

Os capítulos que se seguem orientam-se por essa proposta de delimitar elementos de diferença e de semelhança encontrados nesse material que nos permitem olhar para a vivência dos moradores e para o contexto em que se tornam escritores e pesquisadores-moradores.

Tempo de pesquisa

*“Já basta de ameaça
Basta de corrupção
Basta de tantos conflitos
Basta de destruição*

*Não destrua a floresta
Grande homem fazendeiro
Nossa floresta viva serve
Para um mundo inteiro*

*A floresta Amazônica
É a vida para o seringueiro
Para o índio, para o ribeirinho
E para o homem castanheiro*

*Aonde tem floresta
Tem recursos naturais
E a vida para o ser humano
É a vida para os animais*

*Queria nossa floresta
Sem haver devastação
Queria os animais
Sem risco de extinção*

*Com todos no meio das selvas
Com boa reprodução
Como é bela a natureza
Que Deus fez
Com sua perfeição
Viva nossa floresta
Floresta natural
Salve a nossa Amazônia
Nossa Amazônia legal*

*Terra em que meu pai se criou
Terra que meu pai nasceu
Um bravo batalhador
Que aqui mesmo morreu
Até falo aos meus amigos
Para não ser só eu
Que digo o dono daqui
Sou eu (...)*”

(“Uma pequena poesia em homenagem à floresta Amazônica”,
Raimundo Farias Ramos, In: RAMOS, 2004: 29)

Diários de pesquisa

Seguindo a leitura dos diários durante esses anos, partimos de uma observação dos diálogos entre os moradores e os agentes não moradores que as narrativas nos evocam. A história desse tempo de pesquisa e das práticas a ele relacionadas retomada desde o início nos introduz parte desse diálogo.

O contexto de produção dos diários evoca alguns agentes em especial e sua atuação no Alto Juruá desde a década de 80 nos apresenta ao começo da história dos diários. Os projetos de monitoramento das atividades realizadas na REAJ, formalmente iniciados em 1993 se relacionam com as atividades do antropólogo Mauro Almeida na região do Rio Tejo, iniciadas em 1982, do então delegado sindical Chico Ginu, que residia no alto Rio Tejo, e de Luiz Antônio Batista de Macedo, sertanista que se integrou ao Conselho Nacional dos Seringueiros em 1988, como nos introduz Almeida (2004) e como nos lembra José Evandro dos Santos Lima em um dos seus diários:

“Em junho de 1987, nós seringueiros do seringal Restauração tivemos a felicidade de conhecer um homem chamado Macedo aqui no nosso seringal, falando sobre organização de trabalhadores, onde se falou também dos seringueiros de Xapuri e da luta de seu Chico Mendes para libertar os seringueiros daquela região das garras dos patrões e fazendeiros, e que estavam criando uma reserva extrativista naquele lugar para melhoria de vida dos seringueiros e agricultores dali. Falou também que os seringueiros não iam mais pagar renda de estradas de seringa e iam criar um movimento de seringueiros com mercadorias mais baratas e um melhor preço de borracha. Iam também ter barcos próprios para transportar os seus produtos, e nós daqui da Restauração podíamos chegar a possuir as mesmas coisas. Só dependia de nós mesmos nos organizarmos e dizermos que queríamos, e nós todos gritamos que queríamos. E daí para frente, ninguém mais parou.”¹³

¹³ José Evandro dos Santos Lima, In: POSTIGO et al. (orgs.), 2004: p.26

A idéia de "pesquisadores - moradores" (POSTIGO, 2003) surgiu em 1987, quando Chico Ginu passou a atuar como pesquisador – com apoio de um projeto da UNICAMP – ao mesmo tempo em que realizava suas funções de delegado sindical. Na época, Ginu, Almeida, Macedo, além de outros agentes, atuavam a favor da luta dos antigos seringueiros e agricultores locais pelo reconhecimento dos seus direitos sobre uma área de floresta que foi durante mais de cem anos explorada por empresas da borracha e atravessadores, os chamados “patrões”, ou seringalistas, que monopolizavam o acesso às árvores de seringueira e à terra cobrando uma renda pelo seu uso também monopolizavam e o comércio da borracha vegetal gerenciando a compra e venda do látex já processado (Ver ALMEIDA, 1992). Foi nesse momento de desejo de tomada de controle das contas, do comércio e da exploração do látex que Ginu, como delegado sindical, começou a trabalhar conjuntamente com pesquisadores, ambos seguindo os intuitos de delegar aos antigos seringueiros o controle da exploração de uma área de floresta e de proteger essa área contra a ação predatória, como a dos madeireiros (Ver ALMEIDA, 2004; POSTIGO, 2003).

Mais tarde, no contexto de institucionalização de uma parte das terras do Alto Juruá como Reserva Extrativista, o projeto "É possível populações tradicionais gerenciarem áreas de conservação ambiental? Um piloto na Reserva Extrativista do Alto Juruá"¹⁴, realizado de 1993 a 1996, levou uma equipe de pesquisadores e estudantes de graduação à Reserva Extrativista do Alto Juruá. As atividades e visitas de pesquisa começavam aos poucos a fazer parte da vida dos moradores, neste novo tempo de “Reserva”, como nos afirma José Evandro, que se opunha ao denominado por eles “tempo dos patrões”, e

¹⁴ Primeiro projeto financiado que tinha como um dos materiais de pesquisa o trabalho conjunto com os moradores locais. Esse projeto foi coordenado pelos antropólogos Manuela Carneiro da Cunha (Universidade de Chicago) e Mauro Barbosa Almeida (Unicamp) e pelo ecólogo Keith S. Brown (Unicamp) e financiado pela fundação MacArthur. (CUNHA & ALMEIDA, 2002).

nesse novo tempo de “Pesquisa”, como nos informa a escritora Ivanilde ao contar sobre uma brincadeira de crianças que imitavam parentes monitores e pesquisadores saindo para campo.

No decorrer das atividades destes projetos, o irmão de Chico Ginu, Antônio Barbosa de Melo, conhecido como Roxo, apresentou-se como candidato a ser “pesquisador”, unindo sua curiosidade ao seu interesse em aperfeiçoar sua leitura e escrita. Em sua dissertação de mestrado, Postigo (2003) nos conta especialmente sobre esse momento quando relata o início da atuação desse morador nos projetos e na escrita dos diários. Na época, Roxo descrevia de maneira quase incompreensível (e o próprio se ria e ao nos contar sobre isso no momento de uma viagem feita a Campinas em 2005) dados sobre a coleta e as contas de seringas, sendo que aos poucos a oportunidade de escrita e de trabalho com os pesquisadores foi se configurando como parte da vida de Antônio e também de outros moradores, já que seu interesse foi aproveitado e expandido no convite a outros moradores de trabalharem assim como Roxo e Ginu nos projetos referentes à coleta de dados e aos estudos sobre a viabilidade social e ambiental da Reserva.

Em 1995, havia um primeiro grupo de “pesquisadores da floresta” associado à equipe de pesquisa coordenada pelos antropólogos Mauro Almeida, Manuela Carneiro da Cunha e pelo ecólogo Keith Brown. Os monitores ao mesmo tempo alfabetizavam-se, participavam de treinamentos e aulas sobre os assuntos de pesquisa em que se envolviam (como no caso dos monitores de insetos e de anfíbios, por exemplo) e geravam dados sobre a vida na floresta.

A partir de 1996, novos projetos permitiram que a equipe da UNICAMP permanecesse em contato com os pesquisadores da floresta, que continuavam a escrever os seus diários e, mesmo nos momentos em que não havia financiamento nem pagamento de soldo para esse trabalho, algo muito interessante acabou acontecendo: havia moradores que continuaram trabalhando na construção desses diários voluntariamente, sendo que outros

também aderiam, observando seus pais, tios, cônjuges, como é o caso de mulheres que começam a escrever nos diários dos maridos e filhos escrevendo nos diários de pais, ou no caso de outros que começam a escrever seus próprios diários, como Ivanilde, já citada aqui anteriormente, que mantinha uma relação direta com Mariana Pantoja Franco¹⁵, e mantinha contato com seu tio Irineu, um desses “moradores-pesquisadores” que trabalhavam com diários de insetos e anfíbios. O caso dessa escritora elucida esse processo de formação de moradores pesquisadores e de construção dos diários, já que Ivanilde acabou apresentando nesse ínterim seu interesse a Mariana em escrever suas próprias narrativas, sendo por ela incentivada e orientada:

“História 1

Hoje Ivanilde e Cecília foram lá para a Foz do Machadinho. Ivanilde entregou suas histórias à Mariana e ela achou muito importante. Mariana trouxe mais materiais para o trabalho das suas pesquisas. Ela foi muito bem recebida pela Mariana. Cecília e Ivanilde saíram cinco horas da manhã de casa e chegaram três horas da tarde em casa. Ivanete foi mais nós lá para a Foz do Machadinho. Mariana tirou muitas fotos nossas. Mariana achou muitas as histórias, ela disse que Ivanilde escreveu muito.”¹⁶

Uma forma de exposição dos dados requeridos pelos pesquisadores no início da intenção de fazer pesquisa conjunta com os moradores foi o preenchimento por parte destes de tabelas de caça previamente construídas que delimitavam informações como o tipo de animal, o tipo de caçada, quantidades e período de realização de atividades. No entanto, tal

¹⁵ Pesquisadora que trabalhou na região neste momento e atualmente é professora da Universidade Federal do Acre

¹⁶ Trecho inicial de um dos 14 diários de Ivanilde Gomes Pereira encontrados no arquivo do Centro de Estudos Rurais. A própria escritora o intitula “Diário de Histórias”. Ivanilde não data esse diário, mistura dados do cotidiano, dados sobre caça e pesca e histórias e enumera cada uma dessas narrativas como “Histórias”, contendo esse caderno em especial histórias numeradas de 1 a 54.

forma de construção dos dados não se articulava tanto com a intenção de alfabetização dos primeiros monitores¹⁷, e, desde o início do projeto foi aberta uma possibilidade de delimitação parcialmente livre dos dados, o que acabou atraindo outros interessados dentro da Reserva.

Durante os treinamentos realizados para a instrução e formação dos monitores, os pesquisadores os instruíam sobre as informações básicas que os cadernos deveriam conter (tendo em vista que a proposta intrínseca aos projetos financiadores de materiais e ajudas de custo relacionava-se também com o interesse do uso destes dados em relatórios sobre a viabilidade social e ecológica da Reserva), surgindo formatos de diários temáticos que deveriam conter informações básicas relacionadas com o tema a ser explorado, mas que seguiam a forma de narrativas e descrições. Essa construção também não estava acabada no momento em que foi proposta essa maneira mais narrada de escrita dos dados, essa maneira livre. Ao longo dos anos moradores e pesquisadores foram inserindo e discutindo novos conteúdos, assim como formatos para esses cadernos temáticos.

¹⁷ Como foram chamados os moradores que participaram, conjuntamente com os pesquisadores acadêmicos, da coleta e compilação de dados sobre as atividades realizadas na Reserva.

Diários sobre atividades e trabalhos

Em uma apresentação sobre os diários feita pelos monitores Raimundo Adelino Farias Ramos, conhecido como Caboré, e por Antônio Barbosa de Melo, o Roxo, motivada pelo lançamento de três volumes referentes ao encerramento do projeto vigente de 2000 a 2003, Caboré falou sobre a intenção em informar outras atividades realizadas nos dias e períodos em que não estava caçando, pescando ou fazendo farinha, dizendo que “as pessoas da cidade” não poderiam pensar, erroneamente, que os seringueiros tinham um só “trabalho”, já que a rotina deles era bastante variada e cheia de afazeres. Como Roxo, Caboré foi um monitor pioneiro, um dos primeiros a escrever diários, possuindo uma vasta produção continuada. Seguindo esse intuito de mostrar que não seria somente de caça, pesca e extração que viveriam os seringueiros e agricultores do Alto Juruá, Caboré acabou criando um formato próprio para seus diários, que não mais eram separados por temas, mas sim informavam as atividades realizadas ao longo dos dias, narrando acontecimentos e intercalando outros aspectos da vivência cotidiana que não haviam sido requeridos como conteúdo nos primeiros anos de pesquisa, como as construções, viagens, acontecimentos, nascimentos, doenças, cuidados com criações domésticas e com os roçados. Para o escritor, “ouvir uma mensagem” no rádio, fazer viagens para comercialização de produções agrícolas, construir uma canoa ou mesmo levar as filhas para a escola na colocação vizinha compunham também parte da vida desses moradores da floresta.

Esse formato de diário recebeu diferentes nomes por parte dos pesquisadores ao longo desses anos, como “Diários Gerais”, por conterem vários conteúdos somados, ou “Diários de Cotidiano”, por nos informarem sobre as atividades enquanto acontecimentos rotineiros que se sobrepunham e se somavam compondo dias, meses e anos. Foram também chamados por Caboré de “Diários de vida na mata” e também de “Diários de

dia-a-dia”, sendo incorporados às atividades do morador e por ele significados como uma forma de documento sobre a vida na floresta mais do que como uma fonte de dados sobre o uso dos recursos ou sobre as condições sócio-econômicas locais. Logo a idéia foi incorporada pelos pesquisadores e incentivada nos treinamentos para outros monitores, para que nos informassem sobre atividades realizadas quando não iam caçar, colher seringa, pescar ou fazer farinha.

A liberdade permitida desde o início do projeto de monitoramento na forma como os dados poderiam ser relacionados permitiu também a diferença e a pluralidade, portanto. Enquanto alguns moradores informavam pontualmente que não haviam ido caçar porque haviam ido ao roçado “naquele dia”, outros começaram a delimitar mais que os períodos de saída e chegada para realização de uma atividade, construindo um quadro completo de atividades, acontecimentos, conversas, pensamentos. Desta maneira, aquele que se iniciara como um quadro delimitado de um período e de saldos de atividades, aos poucos ia ampliando sua imagem e suas referências significativas. Hoje temos informações não somente daquilo que os monitores fizeram nos dias em que não foram ao roçado, mas também de que “naquele dia” “não presta” trabalhar, porque é “sexta-feira santa”, por exemplo.

Desta maneira, os diários foram se constituindo como mais do que uma fonte de dados, em que os monitores descreviam as atividades típicas cotidianas e atividades extra-cotidianas diversas: foram se constituindo como um material que nos evocava intenções e usos plurais, expostos nessas narrativas que compunham, nesse longo processo de escrita e pesquisa, um diálogo entre pesquisadores e moradores e que nos expressavam distintos significados sobre a própria construção e uso dessas narrativas, como quando nos atentamos para as intenções de Caboré em que fossem documentos e veículos de informação sobre a vida na mata.

De forma contínua, neste contexto de institucionalização e o gerenciamento da REAJ, projetos e pesquisas se relacionaram diretamente com a vida cotidiana de muitos dos moradores, mesmo daqueles que não estavam diretamente envolvidos como pesquisadores e escritores. A presença destes novos agentes, de seus discursos e de suas intenções faz parte também das narrativas e delimita, junto com processos como o que descrevemos sobre a construção de diários de cotidiano, fomentado por intenções dos moradores, o conteúdo e os formatos desses cadernos escritos ao longo desses 14 anos.

Atentando para esse ponto da história do tempo e das práticas de pesquisa que pontuamos o olhar aqui dado para os diários dos moradores da REAJ, que, mais do que seringueiros, agricultores ou agentes políticos de uma história de luta por parte de uma população de floresta, inscreveram-se como agentes também num processo de “etnografia” de seu próprio cotidiano, tendo em vista que imprimiram seu próprio olhar sobre este intuito etnográfico acadêmico inicial das pesquisas, sobre esse intuito de construir cadernos de campo sobre a experiência na floresta que traziam consigo, impreterivelmente, os discursos e preocupações ambientalistas e conservacionistas, assim como preocupações com o aspecto humano das relações com o ambiente. É esse olhar dado à leitura desses cadernos que elucida os capítulos seguintes, em que exponho uma etnografia dessas narrativas, que aqui são tomadas por si próprias como etnografias também, e em que discuto como esse processo de construção das narrativas e seu conteúdo e formato podem ser observados segundo um recorte antropológico e sociológico e podem também nos iluminar caminhos dentre discussões teóricas nesse sentido.

CAPÍTULO 2: ETNOGRAFANDO DIÁRIOS

Dias de atividades e a temporalidade das práticas cotidianas nos diários

Cotidiano como conteúdo

“Gente da cidade só tem um trabalho. Seringueiro faz borracha, pesca, faz farinha...”

Raimundo Adelino Farias Ramos¹⁸

Ler os cadernos dos escritores da floresta é trabalho difícil e instigante. Na maioria das vezes nos deparamos com frases e observações recortadas da memória sobre o que foi um dia. Em outras, os monitores nos dizem somente aquilo que mais marcou aquele dia ou simplesmente aquilo que não foram fazer e por que. Nessas frases, os moradores articulam e unem atividades, períodos, pessoas e reflexões em palavras que estranhemos, mas com as quais ao longo do nosso contato com a produção de cada monitor e com a leitura de diferentes diários, nos vamos familiarizando.

Seguindo essa mistura de informações em textos que nem sempre se compõem como uma narrativa com começo, meio e fim, às vezes somente citam atividades e pessoas envolvidas nos diferentes dias, acompanhamos suas idas aos roçados, suas atividades de manutenção da casa e dos utensílios de trabalho e utensílios domésticos, o cuidado com as criações de animais, suas expedições de caça, pesca, de coleta de artigos da floresta, acompanhamos os relacionamentos com parentes e vizinhos, as viagens a lazer ou a comércio,

¹⁸ Comentário de Raimundo Farias Ramos, Caboré, em apresentação da publicação dos livros Antologia de autores da floresta, vol. 1 e Histórias de um matuto da floresta, dia 24 de outubro de 2005, IFCH, UNICAMP)

acompanhamos a dinâmica da vida doméstica, observamos opiniões, reflexões e nos deparamos com histórias fictícias ou acontecidas. Aos poucos vamos delimitando como cada personagem das relações daquele escritor se insere na rotina de atividades da sua casa e da sua vizinhança, aos poucos vamos encontrando referências que nos permitem saber também se aqueles personagens são reconhecidos de acordo com algum grau de parentesco, entendemos como mulheres, homens e crianças se delimitam enquanto personagens dessa rotina de atividades. Cruzando informações dos diários de um e de outro monitor, descobrimos localidades diferentes, descobrimos se estabelecem relações de trabalho auxiliando um ao outro em atividades com o roçado, com construções e também encontramos referências a como a floresta em sua temporalidade e em seus recursos faz parte da delimitação desses relacionamentos e dessas atividades.

Deparando-nos com a recorrência de atividades e de termos que se referem aos períodos diferentes do dia, começamos a delimitar como cada uma delas se insere no cotidiano dos moradores, compondo um quadro diário, mensal e anual bastante diferenciado de escritor para escritor e que se modifica ao longo dos anos, mas que pode ser também delimitado como um quadro geral da vivência dessas pessoas.

Podemos nos referir a um grupo de atividades principais que encontramos como mais recorrentes em diferentes partes do dia de trabalhos: trabalhar com o roçado; caçar; pescar; cortar seringa; fazer farinha; descansar; construir e reparar casas, canoas, instrumento de trabalho, cercas; fazer as refeições; fazer a comida; viajar; plantar árvores frutíferas, plantas para usos medicinais, verduras; cuidar das criações domésticas; cuidar da casa. Há também outras referências que são importantes porque são parte recorrente do cotidiano dos escritores e de moradores que atuam de maneira diferenciada na comunidade, mas que não necessariamente parecem fazer parte da vida de outros moradores, como:

lecionar, atender no posto de saúde, participar de treinamentos e de reuniões, escrever diários, estudar e participar das atividades de monitoramento.

Brocar, derribar, encoivarar, debulhar, quebrar, arrancar são atividades recorrentes relacionadas aos trabalhos com roçados, com a agricultura, e tomam grande parte da rotina diária e da rotina anual, sobretudo quando o morador cuida de mais de um roçado (o que parece ser geralmente o caso de todos os que nos informam a agricultura como parte integrante das atividades da família e da localidade onde moram, ter mais de um roçado ao mesmo tempo e também ajudar nos cuidados com os roçados de outras pessoas da família e de alguns vizinhos). Essas atividades envolvem mais de uma pessoa (geralmente os escritores nos informam nomes das pessoas que compõem os grupos de trabalhadores em diferentes estágios do cultivo de artigos agrícolas) e ocupam parte considerável do dia. Os trabalhos com o roçado e com a agricultura se tornam informação recorrente ao longo dos anos de escrita de diários.

Nos primeiros diários, dedicados às informações de caça, pesca, extração de artigos como a borracha e de informações sobre o consumo doméstico, os dados sobre agricultura começaram a ser somadas aos poucos. Os monitores começaram a informar aquilo que iam fazer quando não iam caçar ou pescar e muitos dos dias em que não realizam essas atividades, ou em que as realizam conjuntamente com outras, é no roçado que monitores e outros moradores referidos estão. Mais tarde, alguns monitores que começaram a escrever textos contendo todas as atividades realizadas ao longo do dia, num formato que se assemelhava mais ao de diários mesmo, com narrativas sobre acontecimentos sucessivos. Nesses, vemos claramente a importância e o tempo despendido com atividades com os roçados e com o comércio dos artigos agrícolas obtidos, que são distribuídas geralmente em

grande parte da manhã e grande parte da tarde, ou alternadas nesses dois períodos com outras atividades. Ao longo dos anos de produção dos diários, encontramos uma maior referência à agricultura como parte da vida cotidiana desses moradores, e inclusive, encontramos depois de alguns anos de vigência das pesquisas diários especialmente destinados a nos informar principalmente dados referentes aos trabalhos com o roçado. Poderíamos relacionar o fato de estes dados estarem aparecendo mais freqüentemente nos diários com diferentes fatores, como um incentivo por parte dos pesquisadores para que os monitores seguissem essa intenção de trazer dados diferenciados e mais completos sobre as atividades e a vida na floresta, mas também com o fato de que ao longo dos anos encontramos uma diminuição na informação sobre moradores colhendo seringa, por exemplo.

Homens, mulheres, filhos maiores, cunhados, irmãos e vizinhos¹⁹ dirigem-se ao roçado após terem feito a primeira refeição do dia (o quebra-jejum) ou após ter tomado só café. Geralmente partem para bem cedo, pelas sete horas da manhã, e voltam pelas onze horas, as mulheres voltando para fazer o almoço e os homens depois para comer. Antes de ir para o roçado também se pode sair para alimentar as galinhas e os porcos domésticos ou aguar as verduras. Após o almoço, um pouco mais tarde, podem retornar para continuar as atividades da manhã e, dependendo do estágio do plantio, muitos nem retornam para casa, almoçando a comida que um filho mais novo traz de casa. A intensidade do trabalho e o

¹⁹ Em sua dissertação de mestrado, POSTIGO (2003) nos afirma que relações de vizinhança entre os seringueiros do Alto Juruá não se definem pela proximidade entre as casas ou entre as pessoas, mas sim se definem por relações de troca. Para ser considerado um vizinho, uma pessoa tem que entrar na rede de recebimento e de retribuição de carne de caça, que não necessariamente se estabelece por uma proximidade entre casas ou lugares. Segundo Postigo, *“Vizinho é um termo local que designa a pessoa com quem se estabelece e se procura manter uma importante relação de doação e recebimento e retribuição de carne. Os vizinhos, como veremos mais à frente, não correspondem necessariamente às pessoas que vivem mais próximas, mas sim àquelas com quem é estabelecida e mantida uma certa relação envolvendo carne, usa-se dizer, portanto, ‘eu vizinho com fulano’”* (idem, p.212).

tempo que desprendem de parte da manhã ou de parte da tarde com atividades agrícolas depende do estágio dos roçados e também da quantidade de pessoas trabalhando.

Observando as informações de diários com dados sobre um ou até mais que um ano, descobrimos que uma família pode se ocupar com mais de um roçado, que é geralmente referido como pertencente a um chefe de família ou a um homem (“fomos brocar no roçado do Valdeir”). As mulheres também regularmente trabalham com atividades agrícolas, ajudando, sobretudo nas fases de colheita, como nos relatam seus maridos ou elas próprias, mas encontramos de maneira mais recorrente os homens saindo cotidianamente para os cuidados com a manutenção e limpeza do roçado. Todos os membros de uma família que se ocupa primordialmente com atividades agrícolas participam dos processos de preparação e colheita de um roçado, inclusive as crianças maiores, que ajudam na preparação final do feijão ou do milho, por exemplo. Não encontramos nos diários, nem nos que são feitos por mulheres, referências a roçados que são reconhecidos como de posse de uma mulher, mas encontramos referências de que em alguns casos, geralmente em casas predominantemente femininas, mulheres jovens e solteiras podem usar parte dos roçados paternos cultivando artigos, como tabaco, cujo dinheiro valor revertido na venda posteriormente lhes será remetido para compra de artigos pessoais (relógios, pentes, artigos de higiene ou de beleza).

Encontramos a referência do cultivo de milho, feijão, tabaco, cana-de-açúcar, mandioca (que também é chamada de “roça”). O plantio de qualquer um desses artigos inicia-se com a limpeza do terreno onde se pretende plantar, que é geralmente uma mata de capoeira²⁰. O tempo dedicado à limpeza dessa mata que ocupará a área do futuro roçado depende, portanto, da quantidade de plantas e de árvores existentes. Há ainda os roçados que são plantados na margem do rio nos períodos de poucas chuvas. O tempo

²⁰ Área de um roçado antigo que foi deixada para se recuperar para um próximo plantio. Segundo Almeida (idem, 2001), seringueiros distinguem capoeiras deixadas em descanso até por trinta anos da floresta.

destinado à limpeza depende das diferentes localidades em que se está querendo plantar, portanto, e também das qualidades das plantas cultivadas. Cada tipo de roçado despense um cuidado diferente e tempos distintos de cultivo, já que o calendário das atividades agrícolas depende diretamente da temporalidade da mata (chuvas e secas, sobretudo, interferem na época de plantio e colheita) e das plantas (cada planta tem seu ciclo de crescimento e de maturação diferenciado).

O plantio dos roçados começa com a limpeza da mata onde se pretende colocar²¹ o roçado, feita primeiramente pelo ato de “encoivarar”, ou seja, pela queimada da área selecionada. Logo após a coivara, ocorre o processo de “derribada dos paus”, que é o trabalho de arrancada, derrubada e corte dos galhos e árvores maiores que não foram destruídos no processo de queimada. O instrumento de trabalho mais referido pelos moradores para o trabalho de limpeza dessa mata e desses galhos é o terçado, um instrumento de corte manual, mas também encontramos moradores que possuem moto-serra e trabalham nesse primeiro momento de limpeza das capoeiras e da mata inicial, como se estivessem alugando o serviço.

Os trabalhos com a limpeza dos roçados são constantes e são referidos como trabalho de “brocar” o mato dos roçados. Os escritores nos referem que esse momento primeiro de limpeza das plantas menores é também um ato de “brocar”, mas geralmente se referem a “brocar” como trabalho de manutenção corriqueira dos roçados e de limpeza das plantas que continuam a crescer junto com aquilo que foi plantado.

Depois da derribada dos galhos que ainda ficaram, segue ainda outro trabalho de queima desses galhos e plantas empilhados. Geralmente pode-se perceber ao longo da leitura dos diários que os moradores possuem um ou mais roçados ou mesmo pode-

²¹ Esta palavra é bastante usada pelos monitores para nos informar que estão plantando um roçado. Quando querem dizer que estão começando a plantar um roçado, nos dizem que vão “colocar” roçados.

se perceber em qual deles foram trabalhar notando-se o tipo de atividade que foram realizar ao longo dos dias. Se nos informam, por exemplo, que naquele dia foram “brocar no roçado de feijão” e no outro foram “quebrar milho”, podemos perceber que mesmo quando as plantas ainda não estão prontas para colheita (enquanto se espera o milho estar pronto para a quebra, por exemplo), os moradores estão trabalhando com a manutenção de outros plantios ou mesmo trabalhando em roçados de vizinhos, compadres e parentes. Nos primeiros diários os monitores não nos informam o tipo de trabalho realizado nos roçados que não são seus, nos informam somente que foram “brocar no roçado” de alguém que ao longo da leitura de um ou mais diários da mesma localidade ou do mesmo monitor reconhecemos como um vizinho ou um parente. Encontramos referências nesses primeiros textos a trabalhadores que se diferenciam porque possuem algum instrumento de trabalho que pode ser como que alugado²², mas não encontramos referências que nos informariam se aqueles trabalhos nos roçados de outras pessoas são pagos ou não. Apesar disso, podemos notar uma espécie de troca quando encontramos as referências sobre, por exemplo, vizinhos trabalhando junto com o morador que nos conta sobre seu dia de trabalho e também quando esse morador nos informa que em outro dia foi “trabalhar no roçado” dessa pessoa. Lendo mais de um diário de um monitor e lendo diários de escritores que participam da vida da mesma localidade podemos traçar, portanto, como os trabalhos com a agricultura podem ser muitas vezes coletivos ou como os moradores da mesma localidade acabam participando da produção de mais de uma casa e de uma família.

Após essa primeira limpeza, segue-se o plantio, em que encontramos mulheres e homens trabalhando. Nem sempre encontramos referências a coivara como precedente ao plantio, o que pode estar relacionado ao fato de que nem sempre se está

²² Não encontramos referências a “aluguel” de moto-serra ou do trabalho com ela, mas entendemos que aquele que a possui acaba indo fazer trabalhos para outras pessoas em troca de outros trabalhos ou em troca de outros artigos.

plantando em áreas com mata alta e espessa e também estar relacionado a outros fatores, como por exemplo, aquele morador poder estar indo trabalhar em um roçado de outra pessoa que já foi preparado ou estar indo trabalhar em roçados seus que já foram preparados por outros. Além disso, nem todo monitor nos informa o que outros moradores ou outros membros da família estiveram fazendo ao longo do dia e dos dias. Como afirmei anteriormente, o recorte do conteúdo de cada diário depende da forma como os diferentes monitores recorrem a sua memória sobre o dia e como encaram a escrita desses dados. Muitas vezes um filho pode ter ido brocar um roçado ou ido encoivarar a mata junto com outros moradores enquanto o monitor fez outro trabalho porque era mais velho ou simplesmente porque naquele dia se decidiu desta maneira e o escritor não nos informou o que outras pessoas estiveram fazendo. Por outro lado, encontramos monitores que inserem no seu dia de trabalho com o roçado a participação de outras pessoas e inclusive nos informam o que as mulheres estiveram fazendo paralelamente.

Quando cruzamos as informações dos diários com outros dados escritos em teses e livros que já trataram desse tema para o Alto Juruá, entendemos que não somente a localidade influi nesse processo de cultivo, mas também que os tipos de plantas que se pretende cultivar necessitam de cuidados diferentes. Nem todas os artigos cultivados necessitam da limpeza total do terreno, por exemplo (Cf. CUNHA & ALMEIDA, 2001).

Além desse trabalho constante de manutenção e limpeza dos roçados, também encontramos uma referência bastante repetida por alguns escritores que é intermediária ao processo de plantio e de colheita. Os moradores nos informam que foram “olhar” um roçado após uma viagem, uma expedição de caça e de pesca ou após os trabalhos de uma tarde. Entendemos, portanto, que concomitante com os cuidados constantes com o terreno cultivado é a observação dos ciclos de crescimento das plantas.

A colheita dos artigos cultivados é o último passo de cuidado com o roçado, mas não encontramos referências diretas o termo “colher”, mas sim a cada diferente maneira como as plantas cultivadas são obtidas nesse processo, como no caso do milho, por exemplo, que é “quebrado” ou do feijão, que é “debulhado”. Também há plantas que são constantemente colhidas ou cortadas, servindo não para a venda como é o que acontece geralmente com a maior quantidade do feijão, mas para a alimentação da família ou das criações, como é o caso das capineiras (onde se cultiva capim e pasto para o gado) ou da mandioca.

O milho tem suas espigas quebradas, assim como as folhas de tabaco, que depois de quebradas são enroladas, secas e geralmente destinadas à venda. O feijão é “apanhado” ou “colhido” (“eu e minha mulher fomos apanhar feijão”, ou “eu e Zé fomos colher feijão”), depois debulhado, seco e escolhido, ou “catado” e servirá à alimentação da família ou será vendido. O feijão, o tabaco e o milho geralmente são plantas para as quais os moradores desprendem tardes e manhãs de trabalhos na colheita e na preparação para a venda e alimentação. Não encontrei referências que nos digam que essas plantas são de colheita relativamente constante, ou seja, um monitor não nos informa que foi para o roçado de feijão ou de tabaco para retirar alguma parte da produção para consumo ou para alimentação das criações (no caso do milho isso pode ser referido, mas não como no caso da mandioca ou das capineiras, cujo capim é constantemente cortado para alimentação do gado em alguns dias ou arrancado quando se pretende produzir mudas para outras capineiras). Não encontrei muitas menções ao cultivo de cana de açúcar, nem nos diários que especificamente se ocupam dos trabalhos com agricultura, apesar dela também ser citada em alguns diários como artigo produzido.

Atividades com o roçado demandam grande parte das manhãs e das tardes, portanto, sendo que repetidamente encontramos os homens indo para as atividades de limpeza

e queima da mata antes do plantio, mas também encontramos mulheres e filhos mais velhos participando das outras das fases de trabalhos que compõem o cultivo de artigos agrícolas. Quando nos informam que “não foram trabalhar”, por motivo de aquele ser um dia festivo, ser domingo ou feriado, ou mesmo por terem ido fazer viagens, geralmente os monitores estão nos informando que não fizeram algumas atividades, como é o caso dos agentes de saúde, professores, pessoas que trabalham com compra e venda de mercadorias, mas geralmente não ir trabalhar é uma referência bastante encontrada nos diários de moradores que se ocupam principalmente da agricultura, ou seja, os roçados muitas vezes estão relacionadas com o significado de trabalho, o que não acontece com atividades de caça, pesca, cuidados com criações domésticas, por exemplo.

Encontramos referências aos trabalhos com roçados ao longo de toda a produção dos diários, sendo que no início, elas se encontram misturadas às primeiras atividades informadas, depois compõem parte dos diários que descrevem as atividades ao longo de narrativas que informam sucessivamente os trabalhos realizados desde o início da manhã e, vão ser tema específico dos diários mais recentes, chamados de diários de agricultura ou diários de roçado.

Outra atividade bastante informada como parte do cotidiano dos moradores nesses anos em que escrevem diários é caça. Desde o início dos projetos de pesquisa as informações sobre quantidades e tipos de animais abatidos eram requeridas como conteúdo, já que a caça para complemento da alimentação não foi proibida em áreas como a REAJ, em que a conservação e a habitação por populações humanas eram concomitantes. Dados sobre caçadas são informações mais recorrentes e mais abundantes nos primeiros anos em que os diários foram produzidos, o que pode estar relacionado com o fato de que os primeiros

projetos estavam preocupados com os dados que nos falariam sobre as possibilidades de unir a conservação com a existência de população humana, mas também pode se relacionar com outros fatores, como o fato de que no início não tínhamos diários de roçados ou diários que uniam todas as atividades cotidianas, por exemplo, e os moradores especificamente escreviam sobre resultados de caçada e davam ênfase a eles. Outro ponto a ser referido é que nos diários mais novos as atividades com as caçadas passam a ser menos freqüentes ao longo dos dias do que outras atividades, como no caso da agricultura. Isso poderia indicar que há uma diminuição possível nas expedições de caça ou mesmo na quantidade de animais em regiões mais populosas, mas pela leitura específica dos diários não se pode com certeza afirmar isto, já que o que pode ter acontecido foi que com a mudança nos focos da preocupação das pesquisas que demandaram nos últimos anos de produção de cadernos e textos uma maior atenção às relações dentro das localidades e aos trabalhos com roçados, as informações sobre caçadas deixaram de ter tanta relevância. Encontramos ainda monitores que fazem diários de caçadas ou que dão ênfase a esse tema nos diários mais novos, mas isto também pode se relacionar com a trajetória dessas pessoas nos projetos (começaram fazendo diários em que se preocupavam em descrever dados de caça e pesca e continuaram assim fazendo) e se relacionar também com a própria maneira como cada escritor também recortou esses dados.

As caçadas são atividades que podem acontecer em diferentes partes do dia e da noite, sendo que sua duração depende do tipo de caçada realizada. Homens, rapazes e meninos que estão aprendendo saem para a mata em diferentes momentos do dia para caçar, sendo que cada tipo de caçada orienta o tempo em destinado às expedições. Pode-se sair cedo e se passar um dia todo na mata, alimentando-se de uma mistura de farinha de mandioca e água chamada jacuba. Pode-se também ir para a mata no final da tarde, depois dos trabalhos com o roçado e depois de alimentar os porcos de casa. Caçar é atividade realizada por homens de diferentes idades, sendo que os meninos mais velhos costumam seguir com seus pais e

irmãos mais velhos nas caçadas. Os mais velhos também podem sair para a mata à procura de animais, mas não é comum os encontrarmos em todos os tipos de expedições de caças, sobretudo nas que depreendem grande parte do dia e longos períodos de caminhada pelas matas.

Os primeiros diários que se ocupavam especificamente com os dados e caça foram escritos pelos homens. No entanto, ao longo dos anos encontramos mulheres se ocupando com esses dados quando nos informavam sobre o que faziam os homens de suas relações e de sua família. Algumas ao longo dos anos se preocuparam especificamente em nos informar esses dados, que também eram misturados com alguns aspectos de suas atividades e aspectos mais relacionados com os cuidados com a casa e com o ambiente doméstico, como os próprios cuidados com a carne da caça e a sua preparação. São geralmente as mulheres quem “cuidam” da carne da caça quando os homens chegam com os animais abatidos em casa. Muitos monitores também informam quem preparou essa carne, inserindo a atividade com o preparo como informação complementar às de obtenção da carne.

Há dias em que se sai especialmente para caçar e há dias em que se aproveita uma evidência recente de que um animal esteve passando perto da casa ou do roçado. Geralmente quando um rastro ou uma evidência, como em pés de frutas e plantas que um animal costuma comer, os moradores costumam dizer que foram “pastorear”, ou seja, procurar nas redondezas aquele animal que deixou vestígios. Também se diz que foram “esperar”, literalmente ficar no local dos vestígios até os animais aparecerem. Quando um morador diz que foi caçar “a curso”, quer dizer que saiu andando em expedições, sozinho ou acompanhado, com o intuito exclusivo de procurar pela mata algum animal para ser caçado. Caçadas “a curso” geralmente são essas em que se pode ficar um grande período na mata, enquanto o termo “pastorar” se refere àquelas que se faz depois de um dia de trabalho ou num período da tarde ou da manhã. Há referências há outros tipos de caçadas também, menos

frequentemente informadas, no entanto, como “fachear”, caçada feita à noite com lanternas. Neste tipo de caçada pode-se seguir caminhando pela mata, como no caso das caçadas “a curso” ou pode-se seguir pelos rios, em canoas. Também encontramos caçadas com armadilhas, que são colocadas no caminho dos vestígios da passagem de um animal ou perto das plantas que se sabem que são comidas por eles.

Nem todas estas explicações sobre os tipos de caçadas nos são fornecidas ao longo dos diários. Podemos entender, por exemplo, que caçadas a curso podem ser realizadas em matas bastante distantes da casa e dos roçados e são aquelas em que mais encontramos homens caçando em grupos. Nas caçadas de espera ou em que se sai para procurar um rastro encontramos referências sobre plantas e locais que atraem certos tipos de animais e são recorrentemente caçadas em que os moradores saem sozinhos. Cada um desses tipos de atividades nos permite fazer relações e entender dinâmicas dos relacionamentos entre moradores ao longo da leitura dos diários, mas as informações sobre como são realizadas ou nos são dadas por alguns moradores que escrevem textos mais livres em que contam histórias em que nos explicam isto ou são esclarecidas por outras fontes.

Outro ponto importante que os diários nos explicam é que alguns moradores são mais referidos dentro de atividades de caçadas que outros. Alguns são mais velhos e nos informam a participação dos mais jovens nessa atividade que também compõe as práticas cotidianas dos moradores da localidade e suas relações, outros nos informam simplesmente que enquanto estiveram nos roçados ou enquanto estiveram ocupados com trabalhos domésticos, filhos, parentes e vizinhos saíram para caçar.

No que se refere à inserção das caçadas no cotidiano dos moradores, podemos dizer que os diferentes tipos de caça podem ser realizados ao longo de diferentes períodos do dia, podendo ocupar grande parte dele ou mesmo só um período após a ida ao

roçado ou após outros trabalhos. Quando nos informam que não foram “trabalhar” em um dia, isso não exclui as atividades de caça, mesmo que em alguns dias de festividades não encontramos referências a atividades de caça, como no caso do Natal ou da Semana santa. Mas não encontramos restrições a caçadas em dias que são repetidamente referidos como dias de descanso, como os domingos.

Algo importante a se citar também é que em alguns diários, encontramos mulheres caçando, apesar disso não ser recorrente em todos eles. Há diários de uma monitora que nos informa que não somente ela e uma irmã, mas também a mãe, saíam para caçar e seguiam vestígios de animais. Essa informação já havia me chamado atenção há algum tempo, quando entrei em contato com os diários dessa monitora, que foram tema de um artigo publicado em 1997²³. A autora do artigo esclarece algumas dúvidas que a leitura dos diários aponta. Notamos ao longo dos diários da escritora, que sua família possui mulheres caçadoras e que o pai sai muitas vezes para viagens. Franco nos afirma que a família de Ivanilde se diferencia como uma família de mulheres em sua maioria e que o pai trabalha como comerciante. Esse é interessante notar como a etnografia desses escritores da floresta se compôs como uma fonte que traz questões e complementa a leitura de textos sobre o Juruá. Observando o decorrer dos dias e as pessoas que fazem parte do cotidiano de Ivanilde, por exemplo, apontamos fatos como esse, de que sua família se compõe como uma família de mulheres que realizam atividades de homens. O artigo escrito sobre seus diários complementa essa afirmação, que também parte das relações que a autora mantém com a monitora durante suas viagens e sua pesquisa no Acre. Em sua tese de doutorado (FRANCO, 2001), Franco também fala sobre outras mulheres realizando atividades que recorrentemente são tratadas como masculinas, como é o caso de dona Mariana, matriarca da família dos Milton que

²³ FRANCO, 1997

assume durante um período longo de sua vida atividades que recorrentemente eram ou são feitas por chefes de família, como é o caso da coleta de seringa.

Outra referência importante que começa a aparecer nos diários que se relaciona diretamente com os dados sobre caçadas são as referências ao ato de “vizinhar”. Quando um caçador chega das expedições com os animais abatidos, é comum nos informar que “vizinhou” parte da carne com alguém. Vizinhar é, portanto, dividir a carne da caça com pessoas que moram na mesma localidade ou em localidades próximas, mas que não são parte da mesma casa do caçador. A recorrência de alguns nomes que sempre saem para expedições de caçadas pode nos indicar que algumas pessoas dentro das famílias e de uma região são como que especializadas como caçadoras, e o ato de vizinhar nos indica que dividir a carne também representa a circulação de pessoas e mercadorias e uma cooperação de trabalho semelhante à que encontramos nos trabalhos coletivos com o roçado e mesmo na movimentação de trabalhadores que participam de atividades em roçados de outras pessoas. As referências a essa divisão da carne de caça e da troca de outros artigos alimentícios aparece nos diários que se preocupam especialmente com as atividades de caça, mas também aparecem nos diários que nos informam atividades realizadas ao longo do dia e em diários que se ocupam especialmente com as informações sobre as refeições, nos dizendo de onde veio a comida,

Pescar é atividade também recorrente nos diários e na composição de um dia de atividades dos moradores da REAJ e é realizada por homens e mulheres de diferentes idades, inclusive por crianças e pessoas mais velhas. Os moradores podem sair a qualquer período do dia para pescar, podendo sair bem cedo ou também pescar de anzol no final da tarde, assim como quando saem para seguir os rastros de um animal. Também podem deixar

armadilhas, como no caso das caçadas, as buscando depois de um tempo ou mesmo depois de um dia. Pescam também de tarrafa (rede) ou de canoa, subindo ou descendo o rio, antes do almoço ou antes da janta. Pode-se passar grande parte da tarde ou da manhã pescando, mas também, como no caso da caça, pode finalizar um dia de trabalhos, o iniciar e o complementar pescando. Encontramos referências a mais de uma pessoa indo pescar também, mulheres e homens adultos ou mais velhos, sendo que os tipos de pescar se relacionam com isso, já que, por exemplo, pescarias com redes geralmente envolvem duas ou mais pessoas.

Tipos de peixe, quantidade de água nos rios, igarapés, paranãs²⁴, são fatores que influenciam na saída para a pesca e na frequência em que a encontramos referida como parte dos dias de trabalho e como parte do ano de atividades. Informações sobre pesca, assim como sobre a caça geralmente vem acompanhadas de referências à temporalidade da floresta e isso nos ajuda a perceber, sobretudo quando pensamos no quadro anual de atividades que compõem o cotidiano desses moradores, como as relações com floresta também se delimitam como fator importante dessa vivência. Atividades de pesca, portanto, também expressam uma relação direta com a mata e com os rios, já que o tempo usado e o tipo de pesca também dependem da dinâmica da floresta, como no caso das referências piracema (período de reprodução dos peixes), de inverno (período de chuvas) e de verão (período de seca), ou como no caso das referências diárias às chuvas.

Há diários que se ocupam especificamente com informações sobre pesca, sobretudo no caso dos primeiros que foram escritos, mas mais recorrente é encontrarmos diários que se ocupam de caça e pesca ao mesmo tempo (inclusive há mulheres escrevendo diários sobre isso e citando a participação de outros moradores nessas atividades), ou em diários que se preocupam em nos informar o decorrer do dia de atividades, encontramos a pesca recorrentemente informada como parte desses dias.

²⁴ Rios de calhas mais fundas, sem praia.

Nos primeiros anos de pesquisa com participação dos moradores, o tema da extração de borracha vegetal era bastante importante. Grande parte dos pesquisadores estava interessada em pesquisar a viabilidade de área e também em entender o processo que culminou na criação da REAJ, intimamente relacionado com as lutas sindicais dos seringueiros. Os moradores da localidade se reconheciam naquele momento como seringueiros e agricultores e a coleta de seringa, portanto, era, portanto, parte importante das praticas e das representações locais.

A luta pela criação da Reserva se relaciona diretamente com o movimento sindical que no final dos anos oitenta buscava independência dos trabalhadores da borracha frente aos arrendadores das terras e frente ao monopólio histórico do comércio desse produto por parte das grandes empresas aviadoras e por parte dos seringalistas, ou “patrões”. Nesse contexto que encontramos a referência aos trabalhos de extração de látex nos diários, já que borracha era o artigo extrativista por excelência no caso do momento da criação da REAJ e em grande parte também relacionada à intenção de se usar os diários como meios de aprendizado e melhora da escrita, já que o monopólio e a exploração dos seringueiros devem sua continuidade a um sistema de monopólio também do controle das contas sobre produção e venda de borracha.

Nos primeiros diários vemos o corte das seringueiras e a retirada do látex como muito importantes no cotidiano de algumas famílias e de alguns escritores. Alguns diários se ocupam exclusivamente com informações da retirada do látex e também com informações sobre dados da produção e da venda, diários que são chamados de “diários de cantina²⁵”, ou seja, aqueles que se ocupam com contas que historicamente se ligam ao sistema

²⁵ Informações sobre cantina são informações sobre as contas e os trabalhos com a venda de mercadorias, nesse sentido, “cantina” seria como um sinônimo para os antigos “barracões”. Há alguns

de barracões controlados pelos seringalistas, que monopolizavam a venda de mercadorias, obrigavam os seringueiros a vender para eles e controlavam as contas de lucros e dividendos. Esses diários de cantina se assemelham aos dados sobre as contas dos barracões na medida em que nos informam sobre a venda de mercadorias e saldos de borracha produzida, mas também nos informam sobre o contexto da área enquanto livre do sistema de monopólio dos barracões porque essas contas são controladas no momento em que os diários começam a ser escritos pelos moradores e pela associação de seringueiros e agricultores. Esse processo de controle das contas e da história de criação das associações e de um movimento sindical é descrito por Costa em sua dissertação de mestrado (COSTA, 1998).

Os trabalhos com o corte das seringueiras nos informam horários de saída, de chegada, o procedimento para o corte e coleta do látex e quantidades obtidas. Os diários nos informam dados sobre a coleta de seringa (nome dado à seiva leitosa que dá origem à borracha) desde os primeiros anos de sua escrita, havendo cadernos que se ocupam com esse tema em especial em sua maioria nos período de 1993 a 1997, mas também encontramos referências a essa atividade em diários que se ocupam com outras atividades em anos posteriores, como 2000 e 2001. Notamos, no entanto, uma diminuição das informações sobre a coleta de seringa, como afirmamos anteriormente, e também uma diminuição às menções a termos que nos remetem a ela, como é o caso das referências às “estradas de seringa”. Nesse ponto, é importante citar também que as árvores de seringueira não estão presentes em toda a área da Reserva, havendo partes dela que historicamente se dedicaram à agricultura. Além disso, em sua tese de doutorado, Almeida (1992) faz um estudo etnográfico, histórico e

moradores que se ocupam com os trabalhos do barracão que antes eram monopólio dos seringalistas, como observamos nos primeiros diários. Esses moradores inicialmente trabalhavam como administradores da associação dos seringueiros e agricultores. Com a diminuição nas informações sobre o processamento e comércio da borracha, também diminuem as informações sobre dados de cantina, ou seja, de administração da compra e venda de mercadorias e da compra e venda de borracha, mas nos diários mais novos ainda encontramos referências a locais como armazéns em que alguns moradores se ocupam dos serviços de venda de mercadorias que antes eram comercializadas pelos barracões

econômico minucioso sobre algumas das áreas do Alto Juruá que compõem atualmente a Reserva nos dizendo que nos momentos em que a borracha não era artigo lucrativo, devido a fatores de mercado, os moradores recorriam à agricultura como alternativa econômica e comercial. Pensando em seu estudo, podemos também relativizar de certo modo os dados sobre seringa não somente tendo em mente o fato de que os diários nos informam intenções diferentes dos pesquisadores ao longo de sua produção, mas também levando em consideração que a história econômica e social da área nos indica que agricultura e seringa se complementavam como atividades comerciais e produtivas ao longo de diferentes grandes momentos da história dos seringais e dessa área em especial.

“Estradas de seringa” são trilhas circulares onde o seringueiro seleciona árvores de seringueiras que serão “cortadas”. Os seringueiros percorrem as trilhas cortando talhos perpendiculares e colocando tigelas debaixo desses cortes, ligados por um corte vertical por onde escorre a seiva branca que quando defumada se transformará na borracha vegetal²⁶. O corte de seringa se inicia bem cedo, antes mesmo do sol nascer. Os seringueiros percorrem as estradas raspando os sulcos nas árvores, depois retornam recolhendo as tigelas onde a borracha coalhada se acumula e colocando a seiva em um recipiente maior. Assim como no caso do roçado, a extração do látex começa com a preparação da área que será cortada, começa com a limpeza das estradas que ficaram em descanso durante o período anual das chuvas fortes (que estragam a produção quando a água se mistura com a seiva das tigelas), sendo trabalho para grande parte das manhãs e da tarde, como também notamos no caso da agricultura. Assim como no caso da caça, da pesca e do roçado, portanto, dados sobre os dias e os meses de coleta de látex nos informam, além de aspectos sobre os relacionamentos de trabalho e sobre o cotidiano de atividades, aspectos sobre as relações entre esse cotidiano e o ambiente, já que, como percebemos, as chuvas influem diretamente na extração e na

²⁶ Informações obtidas em conversas orais em 2003 com monitores que visitaram a UNICAMP no momento de finalização de uns dos últimos projetos com diários realizados pela ASAREAJ

defumação do látex. Observando os meses em que encontramos referências a atividades de coleta de seringa, notamos uma recorrência que está diretamente relacionada com os períodos de seca.

A farinha de mandioca é alimento bastante referido dentro dos diários e as atividades de feitio de farinha de certo modo complementam os trabalhos com roçados de mandioca na medida em que as farinhadas são como que atividades de preparo final da mandioca que servirá de alimentação para a família.

O feitio da farinha demanda um dia inteiro de trabalho ou mais que um dia, com a participação de mais de uma pessoa da mesma família ou com pessoas de outras casas ainda. Há uma localidade específica onde se cuida da mandioca e se obtém diferentes artigos além da farinha, chamada “casa de farinha”. Nos diários feitos por mulheres ou em diários em que os escritores nos informam sobre as atividades realizadas por filhas e esposas, recorrentemente encontramos as mulheres cuidando da limpeza da casa de farinha. Os trabalhos de manutenção dos instrumentos da casa de farinha também são referidos pelos homens, como é o caso dos pequenos consertos com cercas e outros instrumentos de trabalho também. O trabalho de feitio da farinha e de preparação da mandioca demanda dias de trabalho, mas a manutenção da casa de farinha é constante como a manutenção dos roçados. Mesmo quando ainda não há roçados de mandioca prontos para a arrancada e para a produção de farinha, portanto, há os trabalhos recorrentes com a manutenção da maquinaria e com a limpeza dos locais onde ela será produzida.

Parentes e vizinhos dividem a mesma casa de farinha. Os trabalhos começam bem cedo com a retirada da mandioca por homens, mulheres, rapazes e moças, sendo interrompido no horário de almoço e retomado no início da tarde. A mandioca passará

pelo processamento e dará origem a diferentes produtos à base dela. À tarde ou em outro dia, os trabalhadores se dirigem novamente à casa de farinha onde a mandioca é descascada e depois prensada até se transformar em uma massa que será torrada e dará origem à farinha. As mulheres separam a goma que se forma na prensagem para o feitiço de tapioca.

Os trabalhos que dão origem aos alimentos feitos à base da mandioca se diferenciam um pouco dos trabalhos corriqueiros do feitiço de comida, já que envolvem geralmente mais que um morador e moradores de diferentes casas e famílias, além de não serem informados como parte de todos os dias, como é o caso do feitiço de comida nas diferentes refeições que encontramos no cotidiano dos moradores. Além disso, em alguns diários que falam sobre o trabalho de produção da farinha encontramos homens ajudando no feitiço da tapioca e também no processo de prensagem e de torra da mandioca, o que não é tão recorrente no caso do feitiço diário e cotidiano de outros alimentos.

As atividades na casa de farinha são recorrentes desde os primeiros diários produzidos também, sendo misturadas aos conteúdos de diários que se ocupavam com dados de caça, pesca e agricultura. Alguns escritores nos falam especificamente de dados sobre o feitiço de farinha, em diários mais curtos que se ocupam especificamente desses dados.

As refeições são parte dos dias de atividades e geralmente recortam o período da manhã, da tarde e da noite e intercalam grandes períodos de trabalhos. Foram dados informados desde o início da escrita dos diários, sendo que o intuito de informar qualidades e quantidades de alimentos consumidos seria um complemento dos estudos sobre a qualidade de vida dos moradores e também um complemento das informações sobre o uso de recursos e de artigos produzidos (muitos escritores não informam somente qualidades de alimentos e quantidades consumidas, mas também informam a origem do alimento e quem o

preparou). Além disso, os diários que se ocupavam especificamente com dados sobre as refeições (primeiramente chamados de “diários de alimentação” e mais tarde também chamados de “diários de consumo doméstico”) foram destinados especialmente às monitoras, que participariam mais de perto enquanto mulheres das atividades realizadas no ambiente doméstico. No entanto, assim como encontramos mulheres escolhendo escrever diários sobre pesca, caça e agricultura, inserindo os trabalhos realizados não somente no ambiente doméstico, encontramos monitores homens que se interessam por nos informar também dados sobre alimentação. Os motivos dessa escolha são bastante pessoais, mas observando os a produção de cada monitor ao longo dos anos, podemos encontrar, por exemplo, aqueles que escrevem sobre diferentes temas em diários em que especificam cada um dos temas (pesca, caça, alimentação), outros se ocupam basicamente com informações sobre alimentação (como o caso de algumas monitoras) e outros que não fazem diários se preocupando com um ou outro tema em especial, mas somam todos eles em diários sobre todas as atividades do dia.

As refeições principais que encontramos referidas nas narrativas são o “quebra-jejum”, “o almoço” e o “jantar”. O quebra-jejum é a primeira das refeições principais do dia, que se faz ao iniciar um dia de trabalhos ou se faz ao acordar. Também encontramos referências aos dias que começam com um café tomado logo ao acordar, mas que não se confunde, no entanto, com o quebra-jejum. O almoço é o tempo em que se pára para o descanso após uma manhã de atividades dentro da casa ou fora dela, é o tempo em que se pára para comer após períodos de pesca, caça, cuidados com o roçado, com os animais de casa, com os trabalhos domésticos. O jantar marca o final da tarde e das atividades realizadas ao longo do dia. Logo após chegarem do roçado ou de terem ido atrás de um animal avistado, de terem ido pescar o peixe que servirá como alimento no jantar, os moradores nos informam que tomam um banho e seguem para o jantar, período em que encontramos em grande parte dos dias os familiares reunidos para conversarem.

Os dados sobre o feitio dos alimentos complementam as informações sobre as refeições. Se as refeições são importantes porque nos ajudam a entender como atividades são delimitadas ao longo dos dias, o feitio dos alimentos nos informa, sobretudo, dados sobre o universo das atividades domésticas, que aparecem menos nos diários preocupados com informações sobre caça, agricultura e pesca e se evidenciam nos diários com informações sobre cotidiano e nos diários sobre refeições.

O feitio da comida é atividade recorrentemente feminina, mas aparece em diferentes diários, fazendo parte de quase todos eles, já que mesmo quando nos falamos sobre caça e pesca, nos falamos quem preparou as carnes. O feitio do almoço, do quebra-jejum, do jantar são sempre referidos, portanto, demarcando também períodos do dia (“acordamos cedo da manhã para fazer o café”) e o objetivo de algumas atividades também (“fui pescar para cozinhar o jantar”). Há diferentes maneiras de se preparar os alimentos, como “torrar” ou “cozinhar” um peixe, por exemplo, que nos evocam referências bastante sutis sobre os diferentes significados relacionados a atividades do cotidiano que os diários podem nos informar.

O feitio dos alimentos, assim como as refeições, nos introduzem às atividades domésticas como parte integrante do cotidiano dos moradores e esse é um dos aspectos da leitura das narrativas que mais nos evidenciam como ao longo dos projetos e da escrita dos diários os moradores foram nos introduzindo a características de sua vivência na floresta que somente os dados sobre pesca, caça, agricultura ou extração de outros artigos não nos informariam.

Nos diários de algumas monitoras encontramos dados específicos desses aspectos sobre os quais as expedições de caça ou os trabalhos com o roçado não nos informam. Cuidados com a casa, com as roupas e alimentos com os filhos e com o ambiente que circunda as casas (pomares, criações de animais) passam a ser somados ao conteúdo dos diários quando os monitores começam a escrever diários em que nos informam o decorrer dos dias e não somente se focam em uma ou outra atividade. Encontramos homens que em suas narrativas nos dizem que as mulheres partiram para realizar atividades como a lavagem de panelas e de roupas ou ficaram em casa arrumando e cozinhando enquanto eles foram caçar, trabalhar no roçado ou na construção de uma canoa ou de uma casa. Concomitantemente, encontramos mulheres que ao invés de nos somarem informações sobre atividades de caça, pesca e agricultura em seus diários sobre consumo doméstico (como fazem algumas monitoras), por exemplo, começam a escrever diários em que nos descrevem como tema principal algumas atividades domésticas e recorrentemente femininas, como é o caso da lavagem de roupas ou da arrumação da casa. A partir dessa recorrência das atividades com a manutenção das casas e do ambiente que as circunda, podemos inserir no quadro das práticas cotidiana dos moradores de maneira mais completa a participação das mulheres. Essa possibilidade de observação de diferentes maneiras de se olhar para o cotidiano que cada escritor nos proporciona é também uma especificidade dos diários dos moradores da REAJ. Enquanto, por exemplo, encontramos antropólogos que acessam o universo do olhar masculino saindo com os homens para caçadas e para âmbitos de participação exclusivamente masculina (como no caso de alguns rituais) e antropólogas que acessam o universo do olhar feminino indo com as mulheres para o rio lavar roupa, através dos diários podemos observar elementos desses dois universos que se complementam quando pensamos nas práticas e representações dos moradores, assim como se complementam (mas também se diferenciam) os olhares de escritoras e escritores sobre elas.

Mulheres começam seus trabalhos com a casa bem cedo também. Quando não saem para os roçados para trabalhar na colheita, quando não vão cedo pescar ou mesmo quando não seguem para a casa de farinha, levantam de manhãzinha para cuidar das criações domésticas (ordenhar, dar comida aos porcos, às galinhas). Após a vinda do roçado, à tarde, ou antes do almoço, as mulheres seguem com os serviços de manutenção da casa e de cuidados com filhos, sendo que as que ainda têm filhos pequenos costumam ficar mais tempo em casa. É também comum encontrarmos filhas mais velhas cuidando dos irmãos menores e cuidando dos serviços domésticos. São elas quem “lavam as coisas” após o preparo do almoço e das demais refeições, lavam as roupas, banham os filhos, arrumam e limpam a casa e cuidam dos pomares, hortas e criações.

Plantar árvores frutíferas, plantas medicinais, temperos, verduras ou cuidar dos pomares e hortas também é atividade que se repete ao longo das narrativas e que compõe os dias de atividades. Esses cuidados se diferem um pouco dos trabalhos com agricultura como os que são realizados nos roçados de milho, feijão, roça, já que a eles não são destinadas manhãs e tardes inteiras de trabalho, mas sim são atividades realizadas em períodos intermediários, como no começo da manhã antes de se sair para outra atividade, antes do almoço, antes de recomeçar os trabalhos à tarde ou no final da tarde, quando se está voltando para casa. É recorrente encontrar menções a esses trabalhos com pomares e hortas logo pela manhã, antes do quebra-jejum. Também encontramos informações sobre a coleta e extração de algumas plantas, frutas e outros artigos da floresta quando está se saindo para cuidar dessas plantas, no caminho do igarapé, na volta para casa. Os cuidados com porcos, gado e galinha são semelhantes aos cuidados com canteiros de verduras e com o plantio de árvores e plantas no que se refere aos períodos e aos horários destinados a esses cuidados. Pode-se ir cuidar das criações domésticas logo de manhã, depois do quebra-jejum, antes do

almoço, no caminho da casa ou no final da tarde, quando se retorna a casa para o banho e para o jantar.

Esses cuidados com criações e com pomares, que se encontram mais próximos a casa, são realizadas por homens, mulheres adultos e mais velhos, rapazes e moças jovens, compondo de certo modo as atividades que complementam o ambiente doméstico e o ambiente que circunda a casa. São atividades que se intercalam nos períodos em que se está indo para casa ou saindo dela e nos períodos antes de se sair para o roçado, para uma caçada ou que complementam os trabalhos de mulheres quando estão cuidando da limpeza e dos trabalhos com a casa. Homens e mulheres saem cedo para alimentar as criações, aguar plantas e verduras, colher açaí e banana.

Encontramos informações sobre esses trabalhos em diferentes diários, mas conseguimos os delimitar como parte rotineira dos dias de atividades observando, sobretudo, os diários que nos informam atividades sucessivas de um dia de trabalhos e que nos informam o que outras pessoas da família ou da comunidade estiveram fazendo quando o escritor ou os personagens que ele selecionou como agentes das principais atividades do dia saíram para realizá-las: “enquanto fui amolar meu terçado pra ir brocar na capineira com Raimundo, minha mulher foi alimentar os porcos”.

Além dessas atividades até agora citadas, podemos também observar outras atividades que de tão comumente citadas.

Ao longo das narrativas encontramos muitas referências a viagens, o que nos mostra que há certa mobilidade e certo trânsito desses moradores pela REAJ, seja para compra de mercadorias e venda dos resultados da produção agrícola, venda de parte das criações, seja para visita de parentes e compadres. É comum encontrarmos nas narrativas os moradores acordando bem cedo (cinco, seis da manhã) para iniciar viagens em que se intenta

visitar pessoas ou em que se carrega a canoa com um “porco de casa”, com farinha ou com feijão para venda em outra localidade²⁷. As viagens em busca de mercadorias que complementam a alimentação da casa e que são necessárias para a continuidade dos trabalhos (combustível para canoa, instrumentos de uso no roçado, mercadorias de uso pessoal, querosene para lamparinas) também são constantemente referidas.

Geralmente são os homens quem saem para realizar esse tipo de viagens em busca de mercadorias ou para a venda de algum item da produção familiar, mas quando é o caso de uma viagem com o objetivo de visita, é comum toda a família partir. Algumas famílias que possuem parentes ou compadres em localidades próximas costumam nos informar que foram em um domingo ou em um feriado com toda a família para a casa desses compadres, avós, irmãos, retornando no mesmo dia em tempo de alimentar criações, de se passar no roçado para olhar ou colher algum alimento para o gado, de se pescar alguma coisa para o jantar. Quando viajam para localidades mais distantes ou quando a estadia dura mais tempo (por causa do rio que muito cheio ou muito vazio interferem na continuidade de uma viagem, por exemplo), é comum os moradores nos afirmarem que pernoitam na casa de outros moradores, deixando os roçados e as criações aos cuidados de vizinhos e parentes e aos cuidados das esposas e dos filhos.

As viagens enquanto dado corriqueiro do cotidiano dos moradores nos informam também sobre o fluxo e o trânsito de pessoas e mercadorias, além de nos informarem por quais localidades costumam caminhar e com quais localidades estabelecem relações de amizade e comércio. Percebemos essas relações também seguindo outros elementos informados, como quando, por exemplo, mulheres nos dizem os nomes das pessoas presentes nas refeições: “comemos carne de queixada que Mariazinha preparou e Zé e

²⁷ Termo geralmente usado para se referir aos porcos que são criados, não aos que são caçados, como é o caso do “porquinho”, que é um termo usado para uma espécie de porco selvagem que também serve para alimentação.

Raimundo que vieram atrás de vender feijão comeram com a gente”. Observando dias de descanso, dias de visitas de outras localidades e a circulação de pessoas e de mercadorias conseguimos definir ao longo da leitura dos diários relacionamentos que se definem não somente dentro das localidades, coisa que percebemos quando notamos o auxílio mútuo dos trabalhadores em construções ou nos trabalhos com o roçado.

Com o crescimento de algumas áreas (como notamos no caso da localidade Restauração, no rio Tejo, afluente do Juruá), também encontramos referências a viagens cujo objetivo é a mudança de uma localidade para outra. O tema das migrações também aparece em alguns diários, que citam, inclusive, a saída de alguns moradores da REAJ e ida deles para a cidade em busca de alguns serviços (educação, emprego). Além disso, ele também é recorrente nos excertos de diários que tratam do tema da história dos seringueiros e dos seringais. Quando nos falam sobre os “tempos dos patrões”, o tempo em que os seringalistas tinham o monopólio da exploração das estradas de seringa e da compra da borracha e venda de mercadorias, os moradores nos contam muitas histórias sobre seringueiros tendo de migrar para outras localidades do Alto Juruá quando expulsos pelos patrões da área onde moravam antes. A mobilidade dentro dos seringais nos é informada, portanto, mesmo para o período em que os moradores ainda não haviam se livrado da exploração dos seringalistas (que arrendavam as estradas de seringa, e, por um acordo histórico tinham o direito sobre a terra)²⁸.

Recorrentes também são as atividades de construção e de reparo de instrumentos de trabalho, casas de farinha, canoas, casas. Esse tipo de trabalho ocupa semanas ou dias de trabalho, dependendo do tipo da construção ou do reparo. A construção de canoas e casas demanda muitos dias de trabalho, cortando-se e preparando-se as madeiras que servirão de matéria prima e demandam também a participação de vários trabalhadores, no caso, geralmente homens. O reparo de instrumentos de trabalho, cercas, partes da casa são

²⁸ Cf. COSTA, 1998; CUNHA & ALMEIDA, 2002

constantes e demandam menos dias de trabalho. Às vezes parte da tarde ou da manhã é dedicada a um conserto, como pode ser dedicada a outros trabalhos, como a ida ao roçado ou a pesca.

Outro tema que também aparece como parte dos dias de atividades e que de certo modo citamos também quando falamos nas viagens em feriados e domingos para visitas e passeios, são os tempos de descanso. Há dias que reconhecemos como dias de descanso, em que os moradores nos informam que “não foram trabalhar”, o que significa, geralmente, que não foram para o roçado, não fizeram farinha ou que não trabalharam em construções e manutenções de instrumentos de trabalho, casas, canoas, casas de farinha, mas que são dias em que podem ir caçar, pescar, cuidar dos pomares e criações domésticas, sair em viagens levando artigos para vendas. Tardes e manhãs de domingo, comemorações de dias santos e feriados são períodos dedicados a atividades de descanso, lazer, visitas. Mulheres conversam, crianças brincam, homens conversam, jogam futebol, baralho ou simplesmente todos ficam “calmando”, ou seja, descansando.

Alem disso, ao longo dos períodos do dia também encontramos tempos de descanso que se repetem, como quando se vai para casa almoçar e se fica “calmando” antes de uma volta para o roçado ou antes de outra atividade qualquer.

Por fim, podemos citar também aquelas atividades que se relacionam não com o dia a dia de todos os moradores, mas que também são citadas como parte dos trabalhos de alguns deles, como no caso dos moradores que possuem instrumentos de trabalho diferenciados ou que prestam serviços.

Também temos as atividades que não fazem parte do cotidiano de todos os moradores e as que se tornaram parte do cotidiano dos moradores-escritores, como quando o próprio ato de escrever passa a fazer parte dos diários: “depois do jantar, fui escrever no meu diário” ou como quando os “treinamentos” passam a ser informados como motivos de viagens e deslocamentos de monitores e de outros trabalhadores que de alguma forma participam dessas situações. Esse tipo de informação nos conta que os trabalhos dos moradores como um todo no roçado ou nas atividades de extração se completam com o trabalho de outros moradores, como no caso dos que lecionam, dos que trabalham como agentes de saúde, parteiras. Mostra-nos também, como as reuniões, a participação nos projetos de pesquisa e na associação de moradores passa a fazer parte do cotidiano de alguns desses moradores da REAJ sendo que é a partir do cotidiano dos escritores nos deparamos de maneira especial com como a própria pesquisa vai se inserindo como parte da vida dessas pessoas. Os relatórios sobre reuniões, treinamentos, e os relatos sobre as atividades de pesquisa, assim como as informações sobre trabalhos em escolas, postos de saúde, cantina aparecem tanto em diários escritos por mulheres quanto em diários escritos por homens. Alguns deles falam dos seus próprios trabalhos e experiências nesse sentido, outros relatam experiências de outras pessoas, o que nos permite afirmar que tanto homens quanto mulheres além de nos escreverem sobre essas atividades com as pesquisas e com esses outros trabalhos, podem ser sujeitos delas.

Encontramos referências à participação de reuniões, treinamentos, referências a trabalhos como “lecionar” ou “trabalhar no posto de saúde” (existentes em comunidades maiores, como é o caso da Restauração). Os trabalhos específicos com as pesquisas também passam a fazer parte da rotina e ser informados não em diários que informam todas as atividades sucessivas em um dia de trabalhos e ao longo dos dias, mas também podem ser observadas nos diários que se preocupavam em informar sobre indicadores da conservação da mata, como era o caso dos diários de libélulas e sapos. Alguns

monitores nos informam que avistaram os anfíbios e insetos no caminho do roçado, na volta do igarapé, no caminho para o canteiro de verduras, ou durante uma caçada. Outros, no entanto, tratam o trabalho de pesquisa desses animais indicadores como uma atividade em si, nos dizendo que saíram especificamente para observar a presença ou ausência deles, estando essa observação também muito relacionada a temporalidade da floresta, como também notamos no caso da caça, da pesca e da agricultura, já que esses anfíbios e libélulas ocorrem em diferentes matas e são avistados em diferentes momentos do dia e das noites.

Uma leitura sobre as práticas

A descrição e a exposição dessas atividades e como elas são encontradas ao longo dos dias dos moradores da REAJ a partir dos diários dos monitores evidenciam uma forma de ler essas narrativas, dentre outras formas possíveis. A recorrência de nomes, de localidades, de tipos diferentes de trabalhos ao longo dos tipos diferentes de períodos que compõem um dia após outro e que também se repetem, nos permitem aos poucos delimitar aspectos da vida desses moradores através das experiências e da memória de uma parte deles: os monitores e escritores. Seguindo essa descrição, não mapeamos todos os aspectos de uma vivência ou de uma rotina de trabalhos a partir de uma observação direta, mas sim prestamos atenção àqueles aspectos que foram recortados por pesquisadores e que foram complementados e redefinidos pelos moradores nas suas respostas à proposta de uma espécie de etnografia do seu cotidiano.

A intenção que está por trás dessa forma de citar e ler as narrativas, levando em conta não um grupo de diários que se assemelha em tipos de informações e forma de narrá-las, mas que busca observar como os diferentes diários que encontramos ao longo dos anos de pesquisa e ao longo da produção de cada monitor nos fornecem vários dos elementos recorrentes que nos permite compor um quadro mais completo sobre essas práticas e, sobretudo, contam-nos sobre aqueles elementos que se tornam recorrentes no cotidiano dos moradores ao longo dos anos de vigência da Reserva e de vigência de projetos relacionados ao contexto que ela evoca, como é o caso da própria pesquisa e escrita dos diários se tornando parte do cotidiano de alguns dos seus moradores.

É selecionando esse grupo vasto de diários que também encontramos os elementos de diferença que nos permitem observar como ao longo dos anos de escrita os

diários foram se modificando, como novos diálogos e propostas dos pesquisadores se misturaram com os conteúdos que foram diferentemente informados e selecionados por cada escritor e como algumas informações foram sendo menos referidas enquanto outras foram aparecendo. São esses elementos diferenciados que nos permitem também observar como representações de moradores e de pesquisadores se misturaram nos conteúdos desses diários e, justamente por isso, observamos vários aspectos que se complementam na composição desse quadro sobre as práticas e os relacionamentos entre moradores. É sobre essas diferenças que as próximas interpretações e descrições se referem.

Observemos um excerto de diário transcrito abaixo:

“1/03/2001

Amanheceu o dia e levantamos. Eu fui colocar comida para as galinhas e a minha esposa foi fazer o café e quando nós terminamos de tomar o café, eu fui amolar o meu terçado para eu ir para o roçado mais o meu irmão Valdeir e dois filhos de criação dele e quando eu terminei de amolar o meu terçado, eu fui comer carne de anta cozida. A minha esposa foi tirar o leite das vacas e quando eu terminei de comer, eu fui para o roçado. O trabalho era quebrar milho e limpar a roça. Trabalhamos até umas 12 horas e nós paramos e fomos almoçar uma carne assada que nós tínhamos levado de casa. Quando nós terminamos de comer, ficamos um pouco calmando na sombra. Quando foi uma e meia, nós fomos para o trabalho mais o sol não estava bom, pois estava muito quente, mas quando esquentava muito, nós parávamos um pouco e íamos para a sombra da roça e quando esfriava mais, nós voltávamos para o trabalho. Quando foi umas 4 horas e meia da tarde, nós paramos e fomos carregar o milho para a canoa. Quando nós terminamos, fomos para casa e quando nós chegamos em casa, fomos carregar o milho para dentro de casa e quando eu terminei, eu fui partir uma lenha e colocar um sal para o gado, quando eu terminei, fui tomar um banho e quando eu cheguei do banho, a minha esposa já tinha preparado o jantar e nós fomos comer carne de anta, arroz e feijão com umas verduras muito gostosas. Quando nós terminamos de jantar, fomos comer umas [] de planta muito boas²⁹.”

²⁹ Excerto de diário de cotidiano, diário que informa todas atividades realizadas ao longo dos dias, período informado de 26/02/2001 a 18/06/2001, monitor na época residente na Colocação Morro da

1-3-2001

Amonturei o dia e levantamos e eu fui calata
Comida para as galinhas e Aminha espasa
fazer o Café e Cândo não terminamos de tomar
o Café eu fui Amalar o Terado para eu ir para o
raro do meu irmão Valdeir e 2 filho de
criação dele e Cândo eu terminei de Amalar
Amalar o Terado eu fui Comer Carne de Anta
Carido e Aminha espasa faz tiro o leite das Cotas
e Cândo eu terminei de Comer eu fui para o
raro do e o trabalho era febre e milho e Alinhar
Arara e trabalhemos até umas 12 horas e
não paramos e fomos Almoça uma Carne Bado
que não tinha levado de Casa e Cândo não termino
mos de Comer fomos um pouco calando na
Sombra e Cândo faz uma e meio não fomos
para o trabalho mais o Zou não estava bem pois
estava muito febre mais Cândo esfriou muito
não parava um pouco e ia para o Sombra da rara
e Cândo esfriou mais não faltava para o trabalho
e Cândo faz umas 4 e meio da tarde não
paramos e fomos Carrega o milho para o Canaia
e Cândo não terminamos fomos para Casa e
Cândo não chegamos em Casa fomos Carregar o
milho para dentro de Casa e Cândo eu terminei
eu fui partir uma lenha e Calata um Sol para
o Gado e Cândo eu terminei que tomar um
banho e Cândo eu cheguei da banho e minha
espasa faz tinha preparado a Janta e não
fomos Comer Carne de Anta e Arara e
feijão com umas Verdura muito Jantar
e Cândo não terminamos de Jantar fomos Comer
uma repulho de planta muito boa.

A partir desse excerto, podemos compor o que poderia ser um dia de trabalhos para mulheres e homens pensando nas atividades referidas anteriormente, já que este escritor compõe um texto em que nos fala aquilo que outros membros da família ou que outras pessoas estão fazendo ao mesmo tempo em que nos informa as suas próprias atividades. Nem todos moradores narram esses dias de atividade em primeira pessoa e nem todos nos fazem essa composição simultânea informando o que outras pessoas estiveram fazendo enquanto estavam no roçado ou alimentando os animais.

Logo cedo, o escritor nos diz que vai cuidar das criações domésticas antes de partir para o roçado, se alimentando no quebra-jejum com carne de caça. Retorna para o almoço e segue para o roçado de novo. No final da tarde, carrega a canoa com o milho, corta lenha para o feitiço da janta, alimenta os animais, toma banho e segue para casa. O excerto nos indica também que não realizou os trabalhos com o roçado e não carregou a canoa sozinho. Lendo o diário todo, observando dias anteriores e posteriores a esse, nos deparamos com os nomes dos trabalhadores que costumam ir para o roçado ou ajudar o escritor com essas atividades, como nesse caso, em que nos diz que foi com os filhos do irmão e com o irmão trabalhar. Também descobrimos de onde vem a carne de caça que comeu no quebra-jejum observando dias anteriores. Na volta para casa, notamos que as atividades com as criações e com trabalhos para a casa são feitos só pelo monitor. Esse tipo de atividade, como carregar a canoa com o milho poderia ser intercalado com outras também, como chegar a casa e realizar pequenos consertos.

Enquanto os homens estiveram no roçado, a esposa ordenhou as vacas. Enquanto foi alimentar os animais, a esposa fez o café. Provavelmente foi ela quem preparou as demais refeições do dia e, não indo para o roçado, deve ter ficado cuidando dos serviços domésticos e dos trabalhos com a casa. Ela poderia ter ido também alimentar às criações enquanto ele se preparava para ir ao roçado, já que apesar de termos atividades que são

recorrentes, a delimitação do que é um dia de trabalho para os moradores parece vir de uma demanda diária e constante, não sendo nem os trabalhos do roçado totalmente fixos (já que chuvas e outras contingências interferem na saída para atividades com agricultura ou com construções também) nem os outros, que podem ser alternados nos diferentes períodos do dia, desde o começo da manhã até o finalzinho da tarde, quando se volta para a casa.

As outras pessoas citadas são parentes do escritor e ao longo da leitura desse diários notamos uma participação conjunta dele, do irmão e dos sobrinhos em atividades agrícolas e mesmo outras atividades do cotidiano, como é o caso da canoa que foi carregada com milho para venda, possivelmente.

Importante a se notar nesse caso em especial é que mesmo sendo o personagem principal de seu diário, narrando em primeira pessoa, o escritor nos permite saber sobre outras atividades e outros personagens moradores. São essas especificidades que não são particularidades de conteúdo, mas também de escrita e narrativa, que informam sobre aspectos desse tempo das práticas e também sobre outras relações, com a temporalidade da floresta, por exemplo, ou com o ambiente doméstico. Encontramos esses aspectos sincrônicos da vida na mata nas semelhanças quando atentamos para a recorrência de atividades e períodos. Essa recorrência, enquanto dado parcial da memória dos moradores e do recorte desses e de pesquisadores não nos informa muito sobre os diálogos possíveis, ou sobre o processo de construção dos diários no tempo. Agora o encontremos em algumas dessas especificidades.

Um olhar sobre os diários

A catalogação e a escolha dos diários por si já refletem grande parte das impressões sobre o arquivo como um todo e sobre este arquivo no tempo. Tendo sido os diários inicialmente tomados como cadernos temáticos, que separavam informações de acordo com atividades, como a de pesca, caça, coleta de látex, feitiço de farinha, dados sobre alimentação das casas e tendo esse elemento temático como recorte, podemos perceber vários pontos sobre como conteúdos e formatos foram se alterando e se consolidando ao longo dos anos. Observar tais formatos e conteúdos também nos elucidam parte dos aspectos que podem nos dizer sobre a relação entre moradores e pesquisadores e também nos dizer sobre as intenções e recortes distintos dos escritores.

No arquivo do CERES³⁰, há 124 diários que delimitam como tema a atividade de caça e 38 que pautam suas informações principais na atividade de pesca (ou “marisco”, segundo os termos locais). Os cadernos que contêm informações de caça e pesca são semelhantes no que concerne seu conteúdo e forma de exposição dos dados. Geralmente iniciam-se com a delimitação do dia em que foi realizada a atividade, dos sujeitos envolvidos, das qualidades de animais obtidos, das quantidades obtidas e do período de realização das atividades, assim como nos informam sobre os tipos de caçadas e de mariscos.

³⁰ Centro de Estudos Rurais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, coordenado atualmente pela professora Neusa Gusmão.

Gostaria de salientar que a listagem dos diários contidos no arquivo é provisória, porque ainda há material sendo escrito pelos moradores e há materiais que ainda não foram catalogados, haja vista a escrita na região ter se tornado uma dinâmica constante ao longo dos últimos anos. Esse texto se baseia em pesquisa feita com o material contido no arquivo até o começo de 2008, quando trabalhei na catalogação dos diários escritos no contexto do último projeto desenvolvido com a população local, relacionado às atividades do PACTA sobre pesquisa com agrobiodiversidade na Amazônia. Atualmente, estuda-se a possibilidade de transferência desse arquivo para o arquivo Edgard Leuenroth, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, caso haja concordância da população local, já que a proposta inicial era a de devolver esses cadernos para seus escritores após os trabalhos de análise.

São feitos, em maior número pelos homens, no entanto, há monitoras que também anotam informações de caça e pesca relativas às suas colocações. Quanto aos períodos, nestes diários encontra-se explicitamente a forma de delimitação em horas de saída e de chegada, marcadas com horas e minutos. Grande maioria dos monitores discorre um pequeno texto em que articulam estas informações para cada dia informado, como no caso de Antônio Ferreira de Lima, autor do excerto acima citado, sendo também comum encontrarmos histórias de caçadas ocorridas no período enquanto estão escrevendo ou mesmo recortadas de um tempo memorial, assim como encontrar “histórias de bichos”. Também se encontram muitos dias em que não se obteve saldos de caçadas ou de pescarias. No caso das pescarias, isto pode ocorrer, por exemplo, quando o monitor vai colocar uma armadilha em um dia e volta para buscar no outro dia, ou em outro período do mesmo dia. No caso das caçadas, os caçadores podem ter avistado um animal e este fugiu, terem errado os tiros, terem ido “esperar”, “pastorar”³¹ em um “pé de comida”³² e o animal não ter aparecido. Deste modo, os diários de caça também podem ser observados no que concerne o seu formato de narrativa e abrem espaços, como outros diários ao longo do projeto de monitoramento, para um transbordamento de informações delimitadas por seus escritores e compartilhadas com pesquisadores e demais leitores.

Os cadernos que têm como tema principal as refeições feitas pelos monitores, denominados diários de alimentação somam 209 no arquivo, sendo que há 10

³¹ Tipo de caçada em que o caçador literalmente espera o animal em algum local em que observou rastros ou em que sabe que os animais costumam ser encontrados para surpreendê-lo.

³² Os “pés de comida” são plantas das quais os animais costumam se alimentar ou que produzem frutos e sementes que servem de alimento para animais específicos. É interessante notar como os ‘pés de comida’ são elementos referenciais que nos permitem observar o tempo anual concreto de plantas, animais, estações, porque nos remetem diretamente ao conhecimento prático e especulativo deste tempo, mas as explicações sobre o tempo destas plantas nem sempre são refletidas de modo como os construtores de calendários anuais proporiam. Muitas vezes temos que situar o tempo em que tal menção aparece para que possamos estabelecer conclusões relativas ao ciclo destas plantas e, conseqüentemente, a atividade relacionada.

diários produzidos durante os anos de 2006 e 2007 que são denominados como diários de consumo doméstico (aparentemente assim são chamados por influência das novas visitas de pesquisadores, feitas durante o mesmo período). Em grande maioria, os diários de alimentação começam delimitando a data e depois as qualidades dos alimentos consumidos e as pessoas que os consumiram nas diferentes refeições feitas, sendo que os diários mais recentes também conservam esse conteúdo. As refeições informadas seguem a ordem de sua distribuição ao longo do dia: café, quebra-jejum (refeição intermediária ao café e a o almoço em que os alimentos que costumam ser consumidos são quase sempre os mesmos que os das refeições principais, como o almoço e o jantar), almoço, “um lanche” (que não é comumente mencionado) e o jantar. Os cadernos de alimentação são geralmente feitos por mulheres, seguindo não somente o intuito de inseri-las também como agentes dos projetos, mas sua participação essencial nos trabalhos e conhecimento da rotina doméstica. Encontramos monitores que também fazem diários de alimentação (como Antônio Barbosa de Melo) ou que têm participação nos diários femininos, o que notamos percebendo caligrafias diferentes dentro de um mesmo caderno.

Encontramos 10 diários que contém estritamente informações sobre saldos e participantes de produção de farinha, sendo que dois deles estão em um primeiro formato proposto pelos projetos, abandonado logo: tabelas. Tais cadernos delimitam as quantidades de mandioca e de farinha envolvidas nas diferentes fases do processo produtivo, assim como os agentes envolvidos e os dias durante os quais a atividade foi realizada. Estas informações nos permitem estabelecer algumas relações e inferências, como por exemplo, as redes de trabalho que envolvem vizinhos e parentes, assim como a importância das “farinhadas” no cotidiano dos moradores, haja vista as pessoas mobilizadas, os períodos tomados e a recorrência da farinha de mandioca como alimento básico das diferentes refeições desses moradores.

Os diários de compra e venda de mercadorias, também denominados “diários de cantina”, são aqueles que contem estritamente as informações sobre as transações comerciais que anteriormente eram controladas pelos Patrões e pelos guardalivros³³. No arquivo do CERES encontramos 21 diários dedicados exclusivamente ao tema das transações comerciais, os dias em que foram realizadas, seus saldos e preços. Alguns destes delimitam os dados de comércio dos barracões controlados pelos moradores e pela Associação (os primeiros ainda estabelecendo dados de transações que envolvem diretamente os saldos da produção da borracha), outros delimitam dados das transações realizadas pelas colocações e pelas famílias. Todos são diários masculinos e, analisando os nomes dos compradores e vendedores, podemos notar como a negociação de produtos na REAJ é uma atividade notadamente masculina. Tais diários, a meu ver, demarcam o poder simbólico de aquisição de um controle que fora anteriormente feito pelos patrões, mas também a possibilidade de aplicação dos mecanismos deste controle para outros âmbitos, como da produção de consumo doméstico.

Os diários que demarcam os saldos da atividade de coleta de látex somam 13 no arquivo em papel, sendo que 2 deles misturam saldos de produção de borracha com dados de compra e venda de mercadorias e 2 deles também contém informações de caça. Diários de seringa informam os dias, horários de saída e chegada em “hora de relógio” e a quantidade de látex recolhido. Em sua maioria são cadernos feitos por homens, mas há mulheres que também informam em seus diários os saldos de seringa colhida pelos homens das colocações ou das famílias. É importante salientar que a borracha estabeleceu, durante bastante tempo, parâmetro dos valores de troca dos produtos no seringal, o que nos faz pensar

³³ Funcionários dos seringalistas, os chamados Patrões, que controlavam as contas do barracão onde os seringueiros vendiam a borracha já defumada e compravam mercadorias.

o significado de encontrarmos diários de seringa misturando dados de compra e venda de mercadorias. Como os diários de caça, foram em grande maioria produzidos pelos homens, fato que pode nos explicar a mistura temática dos diários de seringa e de caça, mas também podemos pensar nesta pluralidade de temas tendo em vista o fato de ter ocorrido, ao longo dos anos de monitoramento uma progressiva mistura de temas nos cadernos para pensar nisto.

Há também 33 diários de histórias e documentos diferenciados cujo tema são as histórias contadas pelos monitores. Muitos destes documentos não são datados ou, se são datados, seguem o dia em que foram escritos, já que uma das principais características de suas narrativas é a referência aos tempos de memória e do passado. Os temas variam, havendo histórias de vida, do “tempo dos padrões”, de personalidades e de acontecimentos, de caçadas, de animais, sendo escritos por homens, mulheres, moças e rapazes. Ao longo de outros diários, como de caça, encontramos histórias e referências ao tempo de memória, mas estes documentos que contém estritamente as histórias ou dados denominados pelos monitores por “histórias”, ou seja, seguem esta temática e suas narrativas quase abolem a demarcação do tempo em dias, meses, horas, anos (como no caso já mencionado da monitora Ivanilde Gomes de Luna, autora de cadernos denominados por ela como “diários de história”, que também relatam atividades cotidianas e dias seguidos, mas que não são datados,³⁴).

No arquivo encontramos também os diários diretamente relacionados com o monitoramento da relação entre os moradores e o ambiente, os “diários de sapos” e de “borboletas”. No CERES, há 47 diários de monitoramento de “sapos” e 2 de “borboletas” (o restante destes diários de borboletas ou foi devolvido para seus escritores ou se encontra com

³⁴ Esta monitora também possui um diário interessante para pensarmos a oralidade presente nas narrativas dos moradores, em que relata suas conversas com Ivanete e também algumas entrevistas feitas com os moradores (o que nos revela também sua relação com o ato de escrever, já que está agindo como agem os pesquisadores acadêmicos).

pesquisadores responsáveis pelos trabalhos com o monitoramento de libélulas e borboletas). O intuito da delimitação do conteúdo dos diários de monitoramento de anfíbios e de borboletas e libélulas relaciona-se com o fato de alguns destes anfíbios e insetos só serem encontrados em áreas de floresta preservada (leia-se, neste sentido, áreas de floresta que mantêm os ciclos das condições de reprodução de animais e insetos como estes). Deste modo os “diários de sapos” e de “borboletas” (como os encontramos intitulados pelos próprios monitores) continham informações sobre algumas espécies específicas que deveriam ser observadas. Pra tal, os monitores também recebiam nos treinamentos um quadro com imagens e nomes científicos numerados destas espécies, e deveriam também informar o local onde haviam sido avistados. Apesar do conteúdo específico destes cadernos, também podemos perceber particularidades dos seus autores e também podemos encontrar aspectos que também especificam suas narrativas, como a presença forte da linguagem oral transcrita na construção dos textos. Além disto, muitas vezes os insetos e anfíbios são avistados em momentos em que os monitores estão realizando algumas atividades também, ou seja, o conteúdo das narrativas nestes cadernos também é ampliado e complementado.

Há 20 diários de ‘roçado’ e 17 ‘diários de agricultura’, como são nomeados pelos seus próprios escritores (sendo que dois destes misturam dados de caça com dados de agricultura e um deles mistura dados de agricultura com dados sobre a comunidade), cujas informações principais são as atividades específicas realizadas no roçado, como plantar, brocar (preparar o roçado para a queimada), encoivarar (queimar as plantas que não foram retiradas na broca), colher, debulhar (no caso do milho). Os diários de agricultura se referem à época mais recente das pesquisas e podem ser assim nomeados por influencia de pesquisadores nos treinamentos. Em conteúdo, diários de roçado e de agricultura se assemelham. Muitos deles informam, além dos dias do mês e do ano, também os períodos do

dia em que os trabalhadores foram ao roçado para realizar estas atividades, assim como as quantidades resultantes das plantações e os tipos das plantas cultivadas. Dados das atividades com o roçado são recorrentes em outros cadernos temáticos, em que os monitores informam atividades realizadas nos dias em que não caçaram ou pescaram, por exemplo, assim como encontramos diários de agricultura que se assemelham bastante a diários de cotidiano, somando demais informações realizadas ao longo dos dias ou narrando o decorrer dessas atividades. Estes 37 diários são, em sua maioria, escritos por homens, mas há também mulheres que descrevem as atividades com o roçado, os trabalhadores envolvidos, os períodos e dias em que as realizaram (como Maria de Fátima Damasceno e Maria Bezerra de Holanda, reconhecida também por Bia).

Os diários de cotidiano somam 23 e os diários gerais 40. Antes de comentar minhas impressões sobre estes diários será preciso especificar as diferenças entre a forma como nomeamos estes cadernos durante os trabalhos de listagem do material para a pesquisa e para a catalogação e a forma como os próprios monitores os nomearam. Ao longo do tempo os monitores foram fazendo diários que relatavam outras atividades realizadas durante os dias, e isto se deu também por incentivo dos pesquisadores acadêmicos, como notamos ao contar a parte da história de participação de Caboré nas pesquisas. Mas as narrativas se diferenciam em um ponto principal, porque muitos destes cadernos continuaram sendo nomeados como diários de caça pelos monitores, por exemplo, mas intitulados pelos pesquisadores acadêmicos como diários gerais, porque mesclavam diferentes atividades realizadas. Deste modo, alguns dos monitores informam pontualmente as atividades que realizaram e os períodos dos dias em que as realizaram, enquanto outros monitores, principalmente os que nomeiam seus diários como diários de “dia-a-dia”, discorrem uma narrativa em que as informações temporais requeridas como conteúdo seguem o decorrer das atividades do dia (envolvendo também as

viagens e suas motivações, os passeios, os dias em que “não trabalharam”, construções, reparos, trabalhos com os projetos de monitoramento). Estes são os diários diferenciados como diários de cotidiano. Estes cadernos são muito interessantes por permitirem compreender a delimitação das atividades realizadas em diferentes períodos do dia. A diferenciação entre diários de cotidiano e diários gerais segue, portanto, a forma como lemos os cadernos, sendo que a denominação de geral fora anteriormente delegada por outros pesquisadores que também participaram dos trabalhos conjuntos com os moradores da REAJ, mas tendo em mente que estes cadernos demarcam um período de reconstrução do conteúdo do material e que alguns dos próprios monitores os denominam diferentemente.

Há outros diários que também nos permitem refletir esta ampliação do conteúdo das narrativas e também a refletir sobre o interesse e o recorte de cada escritor aparecendo em suas narrativas, como: 7 “diários de viagem”, que não somente relatam dados das atividades de monitoramento ou de treinamento, mas outros interesses destas viagens, como passeios e comércio; 2 “diários de chuvas”, feitos por 2 monitores diferentes, em que relatam os dias e períodos dos dias em que choveu na localidade onde moram; 1 “diário de criação” que relata os saldos de um ano da produção de animais domésticos e 1 de “frutas” que relata a época de colheita de algumas qualidades de frutos, ambos escritos pelo mesmo monitor; 1 “diário de migrações”, em que o monitor descreve a mudança de alguns moradores da REAJ para fora da floresta; 7 “diários de poesias” e 4 de “músicas”; 4 “diários de sonhos”, em que as monitoras (duas mulheres) relatam alguns sonhos lembrados por elas; 1 diário intitulado “ciência das plantas”, em que o monitor relaciona os ciclos de produção de qualidades de frutas com os ciclos da lua, 1 denominado “taboca”, em que a monitora descreve e faz alguns comentários sobre a mata de taboca e 2 diários em que sua autora descreve diferentes usos culinários e medicinais de algumas plantas; 1 “diário de serviço

doméstico” e 1 “diário de lavagem de roupa”, escritos pela mesma monitora, que descreve os dias, locais e períodos dos dias em que mulheres de sua casa lavaram roupa ou realizaram trabalhos domésticos (como “arrumar a casa” e “fazer o almoço/janta”); 2 diários de vizinhança, em que o monitor descreve a quantidade de caça ‘vizinhada’ (dividida), para quem as ofereceu e em que dias; 1 “diário de construção de canoa”, em que o monitor descreve os dias gastos para a construção de uma canoa, os processos desta produção e os trabalhadores.

Podemos levantar algumas características em comum destes diferentes diários. Uma delas se refere ao estabelecimento de uma importância interna dos projetos de monitoramento, que pode envolver interesses pessoais, mas também nos mostrar alguns aspectos essenciais a serem refletidos, como por exemplo, uma ampliação das temáticas do monitoramento ambiental, como no caso das informações sobre as chuvas, parte importante do cotidiano na floresta (chuvas influem no movimento das pessoas, nos trabalhos com agricultura, nos trabalhos com extração). O tema do papel das chuvas e de seu tempo é recorrente nas narrativas e, de certa forma se diferencia um pouco da temática da descrição de usos de plantas ou mesmo de tipos diferentes de matas. Pensando na influência das preocupações do discurso ambiental intrínseco ao monitoramento de anfíbios e também nas temáticas de pesquisa biológicas sobre as propriedades das plantas, podemos refletir esta diferença: o interesse em monitorar as chuvas introduz um modo distinto de conhecer e de institucionalizar o conhecimento, que reflete as preocupações iniciais de pensar a área enquanto área de conservação, mas expõe preocupações internas, como no caso da dinâmica dos rios, que influencia grande parte das atividades diárias, mensais e anuais.

Seguindo um raciocínio semelhante, podemos pensar nos diários feitos pelas mulheres, que nos informam aspectos sobre a vida na mata que incorpora de maneira mais intrínseca o papel da rotina doméstica. Dados sobre alimentação nos expressam a preocupação

inicial das pesquisas em delimitar a importância do ambiente da casa quando se pensa nos dados sócio-econômicos. No entanto, mais preocupadas em expressar a vida da casa como parte dos trabalhos e do conjunto de acontecimentos que constrói um diário sobre suas próprias vidas na floresta que em pensar na qualidade ou na quantidade de alimentos, por exemplo, as mulheres começam a imprimir parte desse olhar e de suas práticas nos diários. Assim como as chuvas e a dinâmica dos rios foi somada como parte dessa vida, trabalhos de cuidados com filhos, com a limpeza da casa, foram inseridos nas narrativas e mesmo se tornaram temas de alguns diários em especial.

O uso das plantas também poderia ser pensado como um conhecimento de práticas dos moradores e de seu interesse em descrever sua relação com a floresta num sentido mais amplo do que nos diários de roçado, agricultura, caça, pesca, monitoramento de anfíbios e insetos, mas, sem esquecermos do grande interesse dos projetos externos acadêmicos neste tema. Deste modo, podemos dizer que se estabeleceram discursos segundo uma forma de representação e de institucionalização de conhecimentos específica (se pensarmos no papel da escrita e nos direcionamentos por parte dos pesquisadores), mas em que podemos apreender interesses e uma dinâmica de atividades que os monitores vão recortando ao longo de suas narrativas. Este movimento de delimitação de novas temáticas pode ser pensado ainda como diferente do movimento de incorporação das atividades realizadas ao longo dos dias (enquanto uma une práticas e conhecimentos e outra as separa em temas), o que pode nos evidenciar diferentes maneiras de apropriação não somente de conteúdos, mas de formatos de texto.

Notamos com essa exposição do que encontramos nos diários e de como podemos classificá-los e observá-los segundo atividades, histórias e demais elementos que delimitam seus temas, é que ao longo dos anos esses temas foram se misturando, foram nos

expondo intenções dos seus escritores, assim como nos mostrando intenções dos pesquisadores, que em diferentes visitas e treinamentos demandavam um ou outro tema, uma ou outra informação. Essa forma de ver os diários nos elucida que o cotidiano ou o uso dos recursos que podemos abstrair a partir das narrativas são informações compostas daquilo que escritores e projetos demandaram em diferentes momentos. Podemos pensar em como o cotidiano ou a rotina de atividades dos moradores se compõe a partir desses dados, como nos quis mostrar Caboré ao dizer que ela era composta de mais do que atividades de caça e pesca. No entanto, o fazemos lembrando que além de recortes de olhares distintos, daquilo que moradores e pesquisadores nos permitem ver ao longo desses anos. Os diários expressam intenções distintas, que também extrapolam a oposição entre os moradores e os de fora, podendo ser observadas ao longo da produção de diferentes escritores.

Excertos e personagens

Um dos primeiros pontos que podemos salientar quando queremos mostrar que os moradores acabaram se representando nos diários é notar a forma como os encontramos citados ao longo desses textos.

Grande parte dos moradores e escritores³⁵ é conhecida por nomes que os evidenciam como parte de uma família (Tonho do Milton, Mariazinha do Tonho) ou por

³⁵ Adelmar Rodrigues de Souza, Alcir de Freitas, Aldenir Moreira Borges, Almir Rodrigues de Souza, Altemir Firmino, Alzira Bezzerra do Nascimento, Amauri Garcia de Souza, Antônia Aldilândia Bezerra do Nascimento (Dila), Antônia Evacy Pinto de Mesquita, Antônia Oliveira da Silva, Antônio Barbosa de Melo (Roxo), Antônio Elenilton Coelho dos Santos, Antônio Ferreira Lima (Antônio Grajaú), Antônio Fino, Antônio Gomes do Nascimento (Tonho do Milton ou Antônio Kontanawa), Antônio João Deleuzo (Derleu), Antônio Luiz Batista de Macedo, Francisco Xavier Nunes Ramos (Dolor), Antônio Marcílio dos Reis Albuquerque (Coronel), Antônio Oliveira Cunha (Tonho do Eliodoro), Antônio Teixeira da Costa (Caxixa), Arinalva da Silva Sales, Carlos Oliveira da Silva, Damião do Nascimento Leitão, Diomar Carmo da Silva, Edmilson Ferreira de Lima, Elizanete Nascimento Leitão, Emanuel Lima da Silva, Ezildo Gomes Pinheiro, Francisca Costa da Silva (Francisca do Cidoca), Francisca Maria do Nascimento de Souza, Francisco Edir França da Costa, Francisco Elenilton Coelho dos Santos, Francisco Éliton Fortunato da Silva (Bebé), Francisco Márcio, Francisco Nonato Tavares dos Santos, Genivaldo Souza da Silva, Getúlio Rodrigues da Silva, Ivaneide Silva Souza, Ivanilde Gomes Pereira, Jardel Sales da Costa, Patrícia Sales da Costa, Jesuilda Fortunato da Silva, João Batista Ferreira Oliveira, João da Costa Ferreira (Bé), João da Costa Lima, João Eugênio do Amorin (João Gonzaga), João Pereira da Silva, (Batista), Jocicleide do Nascimento Cunha, José Evandro dos Santos Lima (Cotia), José Francisco Moreira Borges, Juscelino Rodrigues de Souza (Peba), Lucemir da Silva (Luciene), Luzia Leal de Albuquerque, Manoel da Silva Nascimento, Margarida Linhares da Silva, Maria Aida, Maria Andréia de Souza Nascimento, Maria Na'lisia Correia da Silva (Nísia), Maria Cleide Rodrigues Batista, Maria da Conceição Souza do Nascimento (Maria do Dari), Maria de Fátima Damasceno (Mariazinha do Pedrinho), Maria do Nascimento de Holanda (Bia), Maria do Socorro Teixeira da Silva (Mariazinha), Maria Elizanete Nascimento Leitão, Maria Francisca Bandeira da Silva (Preta ou Nena), Maria Irinalda da Silva Sales, Maria Jociclélia F. da Silva, Maria Jurlete dos Santos Souza, Maria Lucimar Silva de Souza, Maria Suzete de Oliveira e Silva, Maria Zenaide de Souza Carvalho, Marinete dos Santos Souza, Maringlês da Silva Barros, Neusiane Barbosa da Silva, Orleir Pereira do Nascimento (Beba), Osmildo da Silva Lima (Osmildinho), Osmildo Silva da Conceição (Osmildo do Milton), Ozileide Maria Carvalho da Costa (Bieca), Paulo Barbosa do Nascimento (Pedrinho), Pedro Rodrigues da Silva, Pedro Silva da Conceição (Cidoca), Raimunda Nonata Lebre da Silva, Raimundo Adelino Farias Ramos (Caboré), Raimundo Nonato de Souza Costa (Irineu de Luna), Raimundo Teixeira da Silva ou Raimundo Teixeira dos Santos (Raimundo Capelão), Sebastião Estevão de Lima, Sebastião Ferreira de Lima (Sebastião Grajaú), Valdecir de Freitas, Vângela Maria Pereira da Silva, Vânia Maria Moreira Borges: esses são os nomes de todos os participantes do projeto que escreveram diários, inclusive os que o fizeram voluntariamente.

nomes que os diferenciam e que especificam uma intimidade proposta para com o leitor, como no caso dos apelidos.

Outro aspecto interessante é que muitos desses escritores constroem seus textos em terceira pessoa, como narradores de uma história, se vendo de fora enquanto personagens dos dias de trabalho, dos eventos, dos acontecimentos. Esse tipo de forma de narrativa nos evoca a construção de textos que se propõem como impessoais, de textos que nos apresentam à autoridade de construções científicas, de uma forma de institucionalização do conhecimento condicionada a uma escrita em que o autor se coloca como observador de sua ação, dando a ela um olhar de distanciamento. Este já poderia ser um aspecto que nos introduz os diários como parte de um discurso científico e acadêmico em especial, como no caso de etnografias. No entanto, outros aspectos nos evidenciam a temporalidade de uma narrativa que mais se relaciona com a cotidianidade da linguagem oral, e de eventos que nos falam sobre significados pessoais ou de representações que fazem das narrativas também um meio de comunicação de demandas internas das famílias, das localidades, das pessoas.

Antônio Gomes do Nascimento é um personagem interessante nesse sentido. Antônio Gomes, ou Tonho do Milton, como é conhecido pelos pesquisadores e pelos moradores locais por ser filho de seu Milton, é escritor de longa data dos diários. Encontramos referências suas a dados sobre borracha e cantina no início dos anos noventa e isso se relaciona não somente com o seu pioneirismo enquanto monitor e pesquisador morador, mas com a história da família dos Milton. Também o reconhecemos e sabemos um pouco de sua atuação enquanto morador da Vila Restauração através das narrativas de sua esposa, Mariazinha, escritora de diários que nos deixa sempre conscientes sobre seu trabalho enquanto agente de saúde e trabalhadora do espaço doméstico em seus diários, assim como neles menciona a participação do marido no cotidiano da família e da casa.

Sabemos muito da história da família de seu Milton e da sua atuação no processo de luta dos seringueiros do Alto Juruá e da institucionalização da REAJ através da tese de Mariana Pantoja Franco, que os conheceu nesse momento em especial. Na época, seu Milton atuava diretamente na construção da Associação de moradores, o que nos ajuda a entender a participação inicial de Antônio nos diários de Cantina e de saldos e dividendos de borracha. Era o momento em que os moradores locais tomavam o papel de controladores das contas do barracão para si e um momento em que começam a atuar mais diretamente em trabalhos como fiscais colaboradores do IBAMA ou como agentes de saúde, como sempre salienta Mariazinha em seus diários. Os diários nos ajudam a contar um pouco sobre essa atuação, portanto, informando como tais trabalhos tomam parte dos dias de atividades dessas pessoas e como certas políticas das relações acabam sendo vistas pelos próprios moradores.

A forma como Antônio Gomes do Nascimento começa a se referir a si próprio nos últimos diários nos conta uma outra história, no entanto, e nos informa sobre as intenções e atuações atuais da família dos Milton, algo que extrapola conteúdos e formatos e que extrapola as proposições dos últimos interesses que ancoram a proposição de escrita dos diários (muito relacionados ao interesse de estudo da agricultura e das redes de relações entre pessoas e natureza envolvidas nesta atividade).

Nos diários de 2006 a 2007, encontramos referências desse escritor a si próprio como Antônio Kontanawa. O contexto que explica sua referência a um nome indígena está intimamente relacionado com um processo muito próprio à história atual da família dos Milton, que de atuantes nas tarefas relacionadas ao momento de criação da REAJ e da associação dos moradores, passam a requerer atualmente o reconhecimento de uma identidade indígena ancestral e a delimitação de uma área dentro da REAJ para essa etnia.

Muitos dos moradores da REAJ têm em comum a história de parentesco com etnias de suas avós capturadas em correrias, como é o caso da família do seu Milton e de

sua esposa, dona Mariana, filha de índia capturada. Em conversas com Antônio Barbosa de Melo, o Roxo, este também nos conta algo semelhante sobre sua própria história familiar. O importante, pensando em Tonho do Milton é o que o ato de se autodenominar nos seus diários como Antônio Kontanawa nos revela um interesse de uso dessas narrativas e uma conversa em especial com os seus possíveis leitores.

Se num momento anterior os Milton se apropriaram da identidade seringueira, como outros moradores da floresta que se negaram a ocupar lotes do INCRA, por exemplo, somando-a a uma conjuntura em que o discurso ecológico se colocava em voga e em que se abria a possibilidade institucional de estabelecimento de áreas de conservação com população habitante, aberta pela constituição brasileira de 1988, num outro momento, acionam sua ancestralidade indígena seguindo um discurso de conservação e de interesse em demarcação de terras que se diferencia do processo anterior e os diferencia enquanto família e enquanto sujeitos dentro da REAJ.

Neste sentido, os diários de Antônio Gomes do Nascimento, ou Antônio do Milton, ou Antônio Kontanawa nos contam sobre uma história em particular, que é uma espécie de continuidade da história de participação dos familiares de seu Milton na construção dos processos políticos, na rede de relações que se estabelece no Alto Juruá. Mas, se estes diários nos contam essa história, é também porque refletem intenções de seu escritor que extrapolaram àquelas que estão por trás da proposição dos diários enquanto fontes de dados para pesquisas e sobre temas em especial. Somadas a esta trajetória que pode ser reconhecida ao longo das narrativas por quem conhece um mínimo de cada um desses moradores, estão as intenções e os discursos intrínsecos a essas narrativas que nos interessam aqui em especial.

Potencialmente, Antônio poderia nos estar contando sobre essa história e sobre essa trajetória em suas intenções, mas o que sua referência faz especificamente é evidenciar um interesse de demonstrar sua aderência às intenções da família de

reconhecimento dessa identidade. Algo semelhante faz Mariazinha ao nos reafirmar sua participação como agente de saúde e como mãe, demarcando seu posicionamento enquanto trabalhadora e a importância de sua atuação como tal. Podemos dizer o mesmo também de Caboré quando nos fala sobre a importância de construir um quadro mais completo das atividades realizadas na floresta. Caboré está se posicionando e se reconhecendo a partir da complexidade dos trabalhos que podem ser empreendidos ao longo dos dias, meses e anos e assim nos dizendo que moradores do Alto Juruá são mais que caçadores, seringueiros, pescadores ou agricultores. Todos os três, de alguma forma estão dizendo aos leitores dos diários que aquilo que são e o como agem cotidianamente e como se posicionam frente a outros moradores e frente aos pesquisadores parte de um conteúdo que extrapola aquele proposto na construção dos diários.

É sobre esses posicionamentos intersticiais, sobre esses conteúdos sobrepostos pelos seus escritores que falamos nesse momento. Os escritores desses diários se colocam como observadores de suas práticas, mas, ao mesmo tempo, são os agentes delas próprias. Isso os torna agentes particulares da escrita e é sobre a trajetória de sua escrita que nos debruçamos aqui. Isso também nos fornece outra visão sobre a abstração dos diários enquanto fontes de dados sobre o cotidiano na floresta.

Observemos um excerto dos diários de “Dia a dia” de Caboré.

*“Diário do dia a dia
Raimundo Caboré*

5-2-98 Quinta-feira

Caboré ficou em casa das 6 horas 30 minutos da manhã às 8h e 50 minutos remendando tarrafa. Às nove horas Caboré saiu para a roça, voltou umas 11 horas e 30 minutos, foi limpar o roçado novo plantado em novembro de 97. Parte da tarde, por motivo de chuva, Caboré não foi trabalhar no roçado. Às 4 horas Caboré saiu para o roçado buscar mandioca para dar alimentação aos porcos que ficam em um criatório há 10 minutos distante de sua casa.

6-2-98 Sexta-feira

Caboré trabalhou em um chiqueiro para os porcos.

7-2-98 Sábado

Caboré saiu para o roçado às 7 horas da manhã e voltou às 11 horas, oi limpar o roçado novo. Instrumento de trabalho: terçado e enxada. Parte da tarde Caboré ficou trabalhando e paneiro ou cesto para carregar seus legumes ou fruta. Legume, arroz, feijão, milho, fruta, banana, mamão, abacate, limão, goiaba, ananás, abacaxi, tangerina, laranja, coco da praia e da mata.

8-2-98 Domingo

9-2-98 Segunda-feira

Caboré trabalhou fazendo a mesa de uma máquina de costura.

10-2-98 Terça-feira

Caboré saiu para o roçado às 7 horas. Foi arrancar mandioca para alimentação dos porcos. Voltou às 10 horas.

11-2-98

Dia de São Lázaro. Não trabalhamos.

12-2-98 Quinta-feira

Caboré saiu para o roçado às 7 horas e voltou às 10 e 50, foi limpar o roçado novo. Parte da tarde Caboré trabalhou na mesa de uma máquina de costura, máquina da dona Venaça.

13-2-98 Sexta-feira

Caboré e João saíram para o roçado às 7 horas e 30 minutos, voltaram às 11 horas, foram limpar o roçado novo.

14-2-98 Sábado

Caboré foi arrancar mandioca para dar alimentação aos porcos e tirar banana. Saiu às 8 horas e voltou às 11 horas. Também ficou limpando as bananeiras.

15-2-98 Domingo

16-2-98 Segunda-feira

Caboré saiu para o roçado às 7 horas e voltou às 11 horas. Foi dobrar milho no roçado. Parte da tarde Caboré ficou em casa trabalhando na mesa de uma máquina de costura.

17-2-98 Terça-feira

Caboré saiu para o roçado às 7 horas e voltou às 10. Foi dobrar milho no roçado. Ainda dia 17-2-98, Caboré foi até a colocação Ipiranga, saindo às 11 horas do dia e chegando na referida colocação às 3 horas da tarde.

18-2-98 Quarta-feira

Caboré foi para curso dos monitores, saindo da colocação Ipiranga uma hora da madrugada, passando por várias colocações e chegando na foz do Bagé onde foi localizado o transporte às 5 horas da tarde. 19 e 20 foi o curso. 21 fiquei na foz do Bagé, 22 viajamos e pernoitamos na viagem 23”.

Diário do DIA-DIA
Raimundo Gbore

33

5-2-98 Quinta-feira

9th/98

Cabore ficou em casa das 6 horas
30 minutos da manhã as 9 h 50 minutos
Remendando farrapa as 9 horas
Cabore saiu para o Roçado Soltou
as 11 horas 30 minutos foi limpá o
Roçado novo plantado em novembro
de 94 Parte da tarde por motivo
de chuva cabore não foi trabalhar
no Roçado as 4 horas cabore
saiu para o Roçado Busca mandioca
para da alimentação os porcos que
fica em um criatório ha 10 minutos
distante de sua casa

6-2-98 Sexta-feira

Cabore trabalhou em um chiqueiro
para os porcos

7-2-98 Sabado

Cabore saiu para o Roçado as
7 horas da manhã Soltou as 11 horas
foi limpá o Roçado novo Extrumento
de trabalho fencado e enxada
Parte da tarde cabore ficou em casa
trabalhando em Paneiro ou sesto para
carrega seus legume ou fruta legume
feijão arroz milho fruta
Banana mamão abacate limão
gabiaba ananá abacaxi Tangerina
laranja e cocô da Prai e da mata

82-98 Domingo

9-2-98 Segunda feira
caboné trabalhou fazendo a
mesa de um maquina de costura

10-2-98 Terça feira
caboné saio Para o Roçado
as 7 horas foi arraca mandioca
Para da alimentacao os Porcos
Voltou as 10 horas

11-2-98 Dia São
~~Lazaro~~ não trabalhou

12-2-98 Quinta feira
caboné saio Para o Roçado
as 7 horas e voltou as 10 e 50
foi limpar o Roçado novo
Parte da Tarde caboné trabalhou
na mesa de uma maquina de costura
maquina Da Dona Venança

13-2-98 sexta feira
caboné e João saíram Para o
Roçado as 7 horas 30 minutos
voltaram as 11 horas foram
limpa o Roçado novo

14-2-98 Sabado
caboné foi arranca mandioca

Para Da alimentação os Porcos
e Tira Banana saio as 8 horas
e voltou as 11 Também ficou limpando
as Bananeira

15-2-98 Domingo

16-2-98 Segunda feira
cabore saio Para o Roçado as
7 horas e voltou as 11 horas
foi Dobra milho no Roçado
Pasta da tarde cabore ficou
Encasá trabalhando na mesa de
uma maquina de costur

17-2-98 terça feira
cabore saio Para o Roçado
as 7 horas e voltou as 10
foi Dobra milho no Roçado
ainda dia 17-2-98 cabore foi até a
colocação Ipiranga saindo as 11 horas
do dia chegando na Referido colocação as
3 horas da tarde 18-2-98 quarta feira
cabore ~~saio~~ foi Para curso dos monitores
saindo da colocação Ipiranga uma
hora da madrugada Passando por varias
colocação chegando na Fós do Baijé aonde
foi localizado o treinamento as 5 horas
da tarde 19 e 20 foi o curso 21
fiquei na Fós do Baijé 22 viajemos e
pernoitamos na viagem 33

De início, notamos que Caboré constrói um texto em terceira pessoa, como narrador distanciado de seus próprios dias de atividades. O segundo ponto a que devemos nos ater é ao conteúdo do excerto, àquilo que o escritor recorta como informação importante a ser compartilhada e como as descreve.

Além do fato de escrever em terceira pessoa, temos também o de que com certa precisão Caboré nos informa os horários em que saiu para realizar as diferentes atividades citadas. Seguindo a leitura dos diários, notamos que a precisão de horas destinadas às atividades não é recorrente na rotina dos moradores, assim como as atividades se intercalam de maneira complexa, muito dependentes dos planos diários e semanais das famílias e das demandas dos roçados, dos animais e de particularidades da produção familiar. No entanto, Caboré nos chama atenção para a delimitação precisa das horas e minutos, o que pode nos evidenciar um posicionamento paralelo ao que o direciona a construir uma narrativa em terceira pessoa: dar ao texto um aspecto de cientificidade, e de documento sobre o seu cotidiano.

A construção de seus diários, neste sentido, também nos evidencia a sua relação com o conhecimento institucionalizado e requerido pelas pesquisas e pesquisadores acadêmicos, nos conta sobre sua relação com os olhares dos pesquisadores sobre a vida na floresta.

Raimundo Caboré também é um personagem interessante quando pensamos nos sentidos particulares dados aos diários enquanto documento do cotidiano e, sobretudo, enquanto documento destinado a certos leitores. Lembremos que foi pioneiro em pensar nos diários como refletindo dados sobre a vida na mata e a pensar que poderia dar seu próprio significado ao que seria essa vida na mata. Esse é um dos pontos que pode nos falar sobre as intenções de dar a sua narrativa um status de documento, se distanciando do fato de ser ele próprio o agente e o narrador. Fazendo isso, Caboré está se posicionando de igual para igual

com o possível leitor acadêmico e com a autoridade que a posição desse leitor nos representa. Caboré denota nos seus diários e na forma como os constrói um interesse de participação direta enquanto voz sobre os acontecimentos na floresta e sobre a vida dos moradores da REAJ, se colocando numa posição semelhante à dos pesquisadores que intentaram pensar sobre isso propondo os diários. Atualmente, Caboré atua diretamente na construção dos diários, tendo proposto grande parte do conteúdo dos diários de agricultura escritos em 2006 e 2007 e atuando como pesquisador, sendo um dos orientadores nos treinamentos e, mais do que isto, trabalhando em outros projetos fora da REAJ, extrapolando seu interesse em conhecer instrumentos de pesquisa para outros meios que não somente os diários³⁶.

No que se refere ao conteúdo do excerto, notamos algo semelhante. Caboré é um dos primeiros a somar informações mais completas sobre a produção, como quando nos afirma que foi arrancar mandioca para a alimentação dos porcos ou que destina também seus dias a trabalhos como o de fazer uma mesa para máquina de costura, mas nos expressa com isso uma visão de escritor e também de agente de suas práticas, como é o caso de outros escritores também. Essa posição dos moradores e escritores da REAJ é uma posição certamente especial e única, o que por si já particulariza cada diário em suas intenções, formato e conteúdo. É uma posição como a dos indígenas que se colocam como diretores de filmes sobre seus próprios rituais, por exemplo.

Este tipo de diário como o que o excerto acima exemplifica nos diz muito mais sobre a vivência e as práticas desses moradores do que os conteúdos propostos inicialmente em treinamentos e no começo dos projetos de monitoramento, o que também nos expressa o olhar e as vozes dos moradores tomando os diários.

³⁶ Em 2008, junto com Roxo e com pesquisadores da UNICAMP, Caboré trabalhou em mapeamentos e demarcações de terras para a Funai.

Por fim, temos o conteúdo que nos fala sobre a atuação de Caboré em viagens cujo objetivo direto é a participação em treinamentos ou em trabalhos relacionados aos projetos e atividades de pesquisa. O fato desse tipo de atividade se tornar parte do cotidiano informado pelo morador, assim como construir uma casa ou uma mesa de máquina de costura, nos reforça a importância de se falar diretamente com o interlocutor e propositor dos diários, já que tais atividades se tornam parte da vida do próprio escritor, como mais uma atividade somada não prevista como conteúdo.

Ainda falando sobre esses aspectos particulares das práticas e vivências dos moradores tomando parte das narrativas dos escritores, observemos os seguintes excertos:

*“Diário de chuvas e águas – Raimundo Caboré
Colocação Seringueirinha – Floresta - 1 folha*

30/10/96

O rio está cheio pelas chuvas. []. Nos últimos dias às águas estão cobrindo toda várzea.

11/11/96

O rio está bastante alagado.

Dias 25, 26, 27, 28 do 11 de 96, dias de sol. Rio baixou bem as águas.

29/11/96

Chuvas não muito pesadas.

8/12/96

Rio bastante cheio.

12/12/96

O rio continuou bastante cheio

13/12/96

Muita chuva. Rio encheu bastante.

14/12/96

Choveu chuva maneira.

15/12/96

Não choveu.

16/12/96

Não choveu.

17/12/96

Não choveu.

18/12/96

Choveu muito.

19/12/96

Não choveu.

20/12/96

Não choveu.

21/12/96

Não choveu.

22/12/96

Não choveu.

23/12/96

Chuva maneira.

24/12/96

Chuva meio pesada.

25/12/96

Não choveu.

8/1/97

Muita chuva.”

Diário de Chuvas e Aquis - Povoado Cabocó

26

Colocação Seringueiras - Floresta

↓ Folha

30-10-96 o Rio Esta cheio Pela chuvas
caída nos últimos Dias as águas Esta
cobrindo Todas várzea

11-11-96 Rio Esta Bastante alagado
dia 25; 26; 27; 28 de 11-96 dias
de sol Rio Baichou Bem as águas

29-11-96 chuvas não muito Pequena

8-12-96 Rio Bastante cheio

12-12-96 o Rio continuou Bastante cheio

13-12-96 muita chuva Rio Encheu Bastante

14-12-96 choveu chuva mansinha

15-12-96 não choveu

16-12-96 não choveu

17-12-96 não choveu

18-12-96 muita chuva

19-12-96 não choveu

20-12-96 não choveu

21-12-96 não choveu

22-12-96 não choveu

23-12-96 chuva mansinha

24-12-96 chuva meia Pequena

25-12-96 não choveu

8-1-97 muita chuva

1/1

*“Diário de chuvas
Maria de Fátima Damasceno – Maria do Pedrinho
Colocação Cachoeira do Lago – Rio Tejo
Diário das Chuvas – 21/7/96 a 9/11/96*

*No dia 21/7/96, domingo
Deu uma chuva bem grossa que alimentou a água do Rio um pouco. Começou 1 horas e passou 5 horas.*

No dia 22 fez um dia de sol com ameaça de frio.

*No dia 28/7/96, domingo
Foi dia de muita chuva, passou o dia chovendo. No outro dia fez um dia frio.*

*No dia 8/8/96, quinta-feira
Choveu muito das duas 2 da madrugada até às 4 da madrugada.
No dia 8 fez um dia de sol*

*No dia 17/8/96, sábado
Às duas horas da madrugada deu uma chuva um pouco grossa que encheu o rio um pouco. No outro, à tarde do mesmo dia, só fez sereno, não choveu grosso.*

*No dia 26/8/96
Fez um temporal de vento e trovão, mas não choveu.*

*No dia 15/5/96
Pela tarde, deu uma chuva muito grossa com vento e trovoadas. Passou a tarde e a noite toda chovendo. No outro dia fez um pouco de sol.*

*No dia 19/9/96
Choveu mais fino.*

*No dia 20/9/96
Deu outra chuva.”*

MONITORA - Maria de Fátima Carmosina - "Maria do Pedrinho"
 COLOC. - Cachoeira do Lago - Rio Tejo
 DIÁRIO das CHUVAS - 21/7/96 a 09/11/96

39ch/96

1/2

no dia	(21/7/96)	Domingo	
deu uma chuva bem grossa que aumentou a água do Rio um pouco.	começou 1h. e passou 5 horas		
no dia	22		
feiz um dia de Sol com ami-ço, de frio.			
no dia 28	28/7/96	Domingo	
Foi dia de muita chuva passou o dia chovendo no outro dia feiz um dia frio.			
no dia	8/8/96	Quinta feira	
Choveu muito de 2 horas da madrugada até as 4 da madrugada no dia 8 feiz um dia de sol mais			
no dia	17/8/96	Sabado	as 2 horas da madrugada
deu uma chuva um pouco grossa que chegou a Rio um pouco mais quente a tarde de mesmo dia			
deu uma temperatura de vento forte mais só fez breva não choveu grossa			
no dia	26/8/96	feiz	
em Tejo de vento e trovão mais não choveu,			
no dia	15/9/96	pelo	a tarde
deu uma chuva muito grossa com vento e trovoadas passou a tarde e a noite toda choven- do. no outro dia feiz um pouco de sol			
no dia	19/9/96		
chove mais fino			
no dia	20/9/96		
Deu outra chuva.			

O primeiro trecho acima corresponde a uma página escrita por Caboré e o seguinte a um diário feito por Maria de Fátima Damasceno e têm em comum o tema da preocupação em informar sobre a dinâmica das chuvas e das águas de forma semelhante, se pensarmos em conteúdo e formato também.

No caso, as chuvas nos representam uma preocupação com a relação de moradores com a floresta que mais se relaciona com intenções e vivências próprias que com a proposta intrínseca dos diários como fontes de dados sobre o uso dos recursos ou sobre a viabilidade ecológica da REAJ. Há uma marcação de períodos a partir das estações bastante conhecida para quem visita a área (haja vista, por exemplo, a locomoção por terra ser mais difícil nos períodos de chuva e a locomoção por alguns afluentes e igarapés ser dificultada nos períodos de seca) e também na literatura sobre a região. No entanto, construir um diário em que o tema da chuva aparece recortado como especial nos denota também as intenções dos seus escritores em salientar a importância das chuvas em seu cotidiano, vista de uma maneira distinta da maneira como ela é colocada nos textos acadêmicos ou nas preocupações de pessoas que não compartilham as práticas desses moradores.

Se, por um lado, as estações de verão (estação seca) e inverno (estação chuvosa) podem nos dizer sobre a relação entre os tempos da floresta e as práticas dos moradores, influenciando no calendário agrícola, na extração de artigos naturais, na caça e na pesca, segundo uma visão ampliada do calendário de atividades anuais, por outro também nos diz sobre aqueles aspectos das práticas diárias que influem em cada decisão e atividade dos moradores.

Informar sobre a dinâmica diária das chuvas é uma preocupação e um recorte dos escritores, portanto, no sentido de que dizendo sobre a intensidade das chuvas diárias também estão nos dizendo sobre como a chuva pode ser tida como um evento que se soma aos dias de atividades e de trabalhos, compondo um quadro complexo daqueles

acontecimentos que potencialmente preenchem seus dias e seu cotidiano. As chuvas, vistas como parte desses dias de atividades, também são referidas ao longo dos diários que nos informam acontecimentos seguidos ao longo dos dias, o que nos reforça o argumento de que essa importância cotidiana da dinâmica das águas reflete a vivência dos moradores tomando conta das narrativas como tema selecionado pelos próprios escritores. Não vemos as chuvas como elementos partitivos e essenciais das tabelas que recortam dados de caça, pesca, roçado, feitiço de farinha ou coleta de seringa, mas sim como elemento que pode ou não compor uma informação sobressalente, destinada a uma coluna genérica sobre observações relevantes. Para Maria de Fátima Damasceno, Caboré e outros escritores, no entanto, chuvas, assim como construções, trabalhos com o pomar, com animais domésticos, com a limpeza da casa, compõem informações essenciais e que são destacadas ao longo das narrativas assim como o cuidado e cultivo dos roçados, por exemplo.

No caso de Maria de Fátima Damasceno, também conhecida pelos moradores e pelos pesquisadores como Mariazinha do Pedrinho, essa seleção própria do que é relevante a ser informado quando a pergunta dos pesquisadores direciona os escritores para informar sobre atividades partitivas das práticas dos moradores transborda ainda mais particularidades a nossas observações.

Autora de diários desde 1996 até 2007, a escritora tem uma participação interessante quando pensamos na construção de textos que extrapolam conteúdos e intenções de seus escritores e, sobretudo, quando começamos a pensar no papel das escritoras do Alto Juruá ao longo dos anos de construção de diários.

Um dos pontos que mais nos chama atenção quando pensamos naqueles diários diferenciados e nas particularidades das narrativas, é atentar para como as escritoras vão tomando como informação essencial a seus textos os acontecimentos e atividades

referentes ao ambiente doméstico. Diferentemente das chuvas e da dinâmica das águas, as atividades com o ambiente doméstico não nos evocam preocupações ou formas de olhar para a dinâmica das relações entre moradores e destes moradores com a floresta que podem ser diretamente relacionadas aos intuitos dos pesquisadores. No entanto, as mulheres escritoras do Alto Juruá fizeram questão de informá-las como parte dessa dinâmica.

Maria de Fátima Damasceno atuou desde o início dos projetos de monitoramento como escritora de diários e como monitora sócio-ambiental. No início, a participação das mulheres na delimitação dos dados sobre as práticas sociais e ecológicas dos moradores da REAJ praticamente se restringia aos diários de alimentação, em que nos informavam quantidades e qualidades de alimentos consumidos ao longo das refeições diárias. No entanto, nesses mesmos diários as mulheres foram construindo formas próprias de ver o tema da alimentação, informando sobre de onde vinha a comida consumida e sobre os participantes das refeições, o que nos diz sobre a dinâmica da obtenção dos alimentos e também da divisão desses (como quando vizinhos, viajantes e visitantes também comem com a família). Esse tipo de informação somada aos diários de alimentação, como, por exemplo, quem havia caçado e de onde vinha a caça, foi posteriormente incentivada pelos pesquisadores, vista como conteúdo importante sobre a relação entre as dinâmicas da vida doméstica e a produção. Nesse sentido, Maria de Fátima Damasceno pode ser tida como uma escritora em especial ao escrever também diários de caça, pesca, viagens, roçado. A moradora amplia seu papel como informante da vida cotidiana ao escrever sobre esses dados de maneira geral, se mostra interessada em ampliar o espectro de dados sobre seu cotidiano para além do ambiente doméstico, se mostra membro atuante de relações e atividades que extrapolam esse ambiente. Sua participação como escritora dos recentes “Diários de Comunidade”, propostos e escritos entre 2006 e 2007 também é um exemplo dessa sua atuação em especial e de seu posicionamento enquanto conhecedora de vários aspectos das relações entre moradores e suas

atividades rotineiras. Diários de comunidade nos informam sobre visitas, questões e sobre aspectos demográficos das comunidades, como a quantidade de moradores, sua atuação nos trabalhos da comunidade, idades e sobre famílias relacionadas.

A moradora nos diz mais do que isso, no entanto, quando escreve diários como os exemplificados pelos excertos seguintes, orientados por um tema totalmente original: o dos trabalhos domésticos. Se, ao se ocupar de informações que foram requeridas aos homens ou que nos falam sobre atividades masculinas e de temas plurais a escritora se posiciona de maneira em que a vejamos como agente e participante de um âmbito de relações que não somente é o do ambiente da casa, ao salientar as atividades particulares da casa como trabalhos e como tema de diários, Maria de Fátima está salientando a importância que tais atividades também têm enquanto parte de uma vivência na floresta e das relações sociais e ecológicas implicadas nessa vivência. Escrevendo diários sobre o serviço doméstico, a moradora está salientando o papel feminino nas atividades dos moradores locais e salientando a parte que as atividades domésticas tomam nas relações e nas atividades, algo que não foi inicialmente uma preocupação das pesquisas e das orientações que direcionaram o conteúdo e o formato dos diários.

Se Caboré ao escrever em terceira pessoa dá ao seu texto uma impessoalidade científica para falar no mesmo patamar que os pesquisadores, Maria de Fátima, ao se referir em primeira pessoa, salienta seu papel enquanto agente desse cotidiano, se coloca como voz ativa de relações e atividades que se mantiveram meio invisibilizadas até o momento em que as escritoras do Alto Juruá resolvem nos dizer sobre sua participação e sua inserção dentro dessa dinâmica. Maria de Fátima está nos dizendo que varrer a casa, o terreiro, lavar roupa e costurar são tão parte do cotidiano quanto caçar, pescar, fazer comida ou plantar e colher mandioca.

A atuação das mulheres escritoras que incluem seus cuidados com a casa, com os filhos, com o pomar, e sobre sua participação enquanto conhecedoras e atuantes também das dinâmicas que extrapolam o ambiente doméstico³⁷ é um posicionamento bastante interessante, ao refletir intenções próprias e uma forma particular de ver e de contar sobre a sua própria vida e também de encarar os diários e seus interlocutores.

Ainda pensando nisso, atentemos para um excerto de diário de Maria do Socorro Teixeira da Silva, a Mariazinha esposa do Tonho do seu Milton, ou de Antônio Kontanawa, que também fala sobre trabalhos domésticos.

³⁷ Encontramos mulheres que caçam, que pescam e que escrevem diários sobre caçadas e pescarias dentro dos diários de seus maridos.

*“Monitora Maria de Fátima Damasceno – Maria do Pedrinho
Colocação Cachoeira do Lago- Rio Tejo
Diário de Lavagem de roupa – 20/7/96 a 24/01/97*

*No dia 20/7/96, pela manhã
Lavei bastante roupa.
No dia 23/7/96, pela manhã
A Elida lavou muita roupa.
No dia 27/7/96, pela tarde
A Elida lavou muita roupa.
No dia 29/7/96, pela manhã
A Elida lavou roupa.
No dia 2/8/96, pela manhã
A Elida lavou muita roupa.
No dia 8/8/96,
A Elida lavou muita roupa
No dia 9/8/96, pela manhã
A Elida lavou muita roupa.
No dia 10/8/96, pela manhã
Lavei muita roupa
No dia 12/8/96, pela manhã
A Elida lavou bastante roupa.
No dia 14/8/96, pela manhã
Elida lavou pouca roupa
No dia 16/8/96, pela manhã
Artemízia e Ideones lavaram pouca roupa
No dia 22/08/96, pela manhã
Elida lavou muita roupa.”*

MONITORA - esposa de Fátima Damasceno - "Maria do Pedrinho" Coloc. - Cachoeira do Lago - rio Tejo Diário de LAVAGEM de ROUPA - 20/7/96 a 24/10/97				1/2
no dia (20/7/96) Pelo à Manhã				
lavei bastante p roupa				
dia 23/7/96 Pelo à Manhã				
a Elida lavou muita Roupa				
no dia 27/7/96 pelo à tarde				
a Elida lavou muita roupa.				
no dia 29/7/96 pelo a manhã				
à Elida lavou roupa.				
no dia 2/8/96 pelo à Manhã				
a Elida lavou muita roupas				
no dia 6/8/96				
à Elida lavou muita roupas				
no dia 9/8/96 pelo à Manhã				
à Elida lavou muita roupa				
no dia 10/8/96 pelo à manhã				
lavei muita roupas.				
no dia 12/8/96 pelo à Manhã				
à Elida lavou bastante roupas.				
no dia 14/8/96 pelo à tarde				
a Elida lavou pouca roupa.				
no dia 16/8/96 pelo à manhã				
Artemiza e Jaelene lavaram pouca roupa.				
no dia 22/8/96 pelo a manhã				
Elida lavou muita roupa				
Elida lavou muita roupa	23/8/96	pelo à tarde		

*“Monitora Maria de Fátima Damasceno
Colocação Cachoeira do Lago – Rio Tejo
Diário de serviço doméstico – 3 folhas
Entregue para Eliza 2/2/98*

Diário de serviço doméstico:

No mês de março

1/3/97

Lavei roupas

2/3/97

Serviço de casa, lavar louça, varrer casa.

No dia 8/3/97

Serviço de casa, varrer, lavar louça, limpar terreiro, costurar.

No dia 15/3/97

Lavei roupas, costurei.

No dia 6/4/97

Lavei roupas, varri a casa e passei o pano na casa.

MONITORA - Maria de Fátima Damasceno
Cda. Cachoeira do Igar. rio Tejo
diário de Serviço Doméstico - 3 folhas

entregue 11/
clap. - 02/02/98

Diário de Serviço doméstico:)

no mês de Março
~ ~ ~ ~ ~

1/3/97 > lavei Roupas no di
2/3/97 > Serviço de casa lar
louca varrei casa.

no dia 8/3/97 >
lavei roupas.

no dia 10/3/97 >
Serviço de casa varrer, lavar
louca, limpar terreiro, costurei

no dia 15/3/97 >
lavei roupas costurei,

no dia 6/4/97 >
lavei roupas varrei casa,
e passei o pano na casa.

*“Maria do Socorro Teixeira da Silva
Restauração
Diário de trabalho
1/5/99 a 3/8/99 (incompleto)*

Diário de trabalho do dia a dia 01/05/99

01/05 pela manhã fui lavar roupa, cheguei às 11 horas, depois fui arrumar a casa. Nesse dia fiz dois atendimentos

02/05 Domingo

Fiquei só em casa, arrumei a casa e depois fui atender no posto. Fiz três atendimentos.

03/05 Segunda-feira

Pela manhã fui limpar a balieira mais o Antônio e o Damião. Chegamos às 11 horas. À tarde arrumei a casa e lavei roupa.

04/05 Terça-feira

Trabalhei só em casa e fiz dois atendimentos. Levei muita roupa.

05/05

Pela manhã arrumei a casa. Às 10 horas fui pra casa de farinha tirar goma. Cheguei em casa às 3 horas.

06/05

Pela manhã fui limpar o posto, passar o pano, vasculhar.

07/05

Não estou muito bem de saúde. Trabalhei só em casa. Limpei a casa, carreguei água, lavei roupa, fiz ainda dois atendimentos.”

claudio do Sampaio Teixeira de Silva
Restauração
diário de trabalho
1/5/99 ~ 3/8/99 (incompleto)

Diário de trabalho do dia a dia 01,05,99

01/2

01,05 pela manhã fui lavar roupa cheguei as 11 horas depois fui arrumar a casa neste dia fiz 2 atendimentos

02,05 Domingo

fiquei só em casa arrumei a casa e depois fui atender no posto fiz 3 atendimentos.

03,05, Segunda-feira

pela manhã fui limpar a balneira mais o Antonio e o Damiano chegaram as 11 horas a tarde arrumei a casa e lavei roupa.

04,05 terça-feira

trabalhei só em casa e fiz 2 atendimentos lavei muita roupa.

05,05 Quarta-feira

pela manhã arrumei a casa as 10 horas fui para a casa de farinha tirar gema cheguei em casa as 3 horas.

06,05 quinta-feira

pela manhã arrumei a casa lavei roupa depois fui para o roçado fazer as tapioca e beji cheguei em casa as 4 horas.

06,05 Sexta-feira

pela manhã fui limpar o posto passar o pano, vasculhar.

07,05 Sábado

não estou muito bem de saúde. trabalhei só em casa limpei a casa carreguei água lavei roupa, fiz ainda 2 atendimentos.

Atentemos, primeiramente, para como Mariazinha nomeia seu diário, “Diário de trabalho”, ato que nos diz sobre aquilo que a escritora está qualificando como “trabalho”. Denominando “trabalho” atividades como lavar a roupa, limpar a casa, atender no posto de saúde, limpar o posto, carregar água, ou seja, atividades corriqueiras da manutenção de sua casa e também particulares de sua rotina como agente de saúde, Mariazinha está dando às atividades da casa, atividades femininas em geral, e à sua atuação de agente de saúde status de “trabalho”. Este tipo de diálogo com conteúdos propostos e com a pesquisa denota um posicionamento por parte de Mariazinha, como de outras mulheres, que se colocam também como sujeitos das práticas que podem delimitar o que seria a vida na REAJ e que seriam dignas de serem informadas como parte da vida dos seus moradores.

Assim como Maria de Fátima, Mariazinha refere a si mesma como agente principal da narrativa e narra em primeira pessoa. Mariazinha quer se mostrar agente direta de práticas que podem constar como trabalhos e que compõem assim como a atividade do seu marido como gerente de Cantina, parte dos trabalhos que especificam os moradores segundo a voz dos escritores dos diários. Suas intenções podem se diferenciar um pouco das intenções de Caboré, que prefere se posicionar enquanto pesquisador também. Ambos estão dialogando com os propósitos acadêmicos de se perguntar sobre seus dias e suas atividades, assim como também está Maria de Fátima, mas se Caboré faz isto de maneira a mostrar sua qualidade diferenciada de morador que se interessa em também ser um agente pesquisador e um narrador que alcança o discurso do leitor e pode o reproduzir, Mariazinha e Maria de Fátima se colocam de maneira a salientar a posição dos trabalhos femininos como parte do que configura o conteúdo possível das práticas dos moradores do Alto Juruá e de seus relacionamentos. Ambas salientam o olhar e a vivência feminina como parte desse conteúdo e pautam seu diálogo com os projetos em seus diários nisso, enquanto Caboré salienta e pauta

seu papel a partir daquilo que ele enquanto morador e escritor pode também refletir diretamente a pergunta intrínseca à proposta dos diários.

Caboré, Maria de Fátima e Mariazinha agem de maneira comum quando pensamos que o ato de somar temas e conteúdos não requeridos pelas pesquisas representa uma intenção de complementar as respostas dos projetos a partir de olhares particulares. Também agem de maneira comum quando expressam posicionamentos que reformulam as perguntas intrínsecas a proposta dos diários.

Algo semelhante também acontece quando pensamos em diários que sequer seguem o formato de narrativas sobre dias seguidos ou sobre acontecimentos cotidianos, como já comentamos, por exemplo, quando apresentamos Ivanilde, escritora que construiu uma visão totalmente original sobre os diários ao construir textos em que misturam acontecimentos cotidianos com estórias, com diálogos, com entrevistas feitas por ela própria. Talvez seguindo algo também peculiar a sua própria história, já que Ivanilde, junto com outros moradores, primos e amigos, brincava de “fazer novelas” de rádio, seus textos expressavam uma forma de encarar os diários enquanto possíveis comunicadores de suas opiniões mais íntimas, de sua vida pessoal e de suas histórias. Os diários de Ivanilde são os que mais nos representam dados sobre a vida de sua escritora, que abole quase que totalmente a impessoalidade dos textos e traz sua vida pessoal como tema das narrativas. Ao longo dos seus diários, vemos Ivanilde, seus irmãos e primos crescerem. Inicialmente, temos o olhar de uma jovem sobre os primeiros anos da REAJ, convivendo com as crianças que brincam de pesquisa e de novela, e seguimos as intenções pessoais de Ivanilde em fazer dos diários materiais totalmente pessoais, nos contando sobre sua vida afetiva e sobre segredos que compartilha em diálogos com a prima Ivanete, por exemplo. Ao mesmo tempo, nos mostra ao misturar a suas histórias o cotidiano da família, contando sobre como a mãe e as irmãs

gerenciam a casa, caçam e pescam na ausência do pai, que trabalha como pequeno comerciante, que o seu próprio cotidiano pode se misturar às histórias inventadas.

Notar que acontecimentos podem ser somados a um diário não datado, acionados sem uma ordem especificada, também nos ajuda a pensar em uma forma particular de dialogar a partir dos diários por parte dos seus escritores. Ao construir narrativas não datadas, que se referem diretamente à memória, às opiniões, à imaginação, Ivanilde e outros moradores estão também recortando esse tempo memorial e as ficções como conteúdo interessante e relevante para os diários. Ivanilde faz mais do que isso ao abolir a datação, num formato em que mistura o cotidiano ao imaginário e ao extra-cotidiano. Tanto coloca a importância das histórias, da memória, das opiniões e aspectos subjetivos da vida e das relações entre os moradores em relevo quanto expõe paralelamente aquilo que nos diz sobre a vida na floresta e as opiniões particulares ou as construções fictícias sobre ela.

Seguindo essa especificidade dos diários de histórias, nos atentemos para outros escritores que também destacaram histórias, opiniões e aspectos pessoais como parte de seus diários e daquilo que queriam expressar como parte de suas vidas na floresta.

Abaixo temos um excerto de diário de histórias contadas por moradores não escritores, documentada e recontada por Antônia Devanilde Pereira de Souza, sempre citada como parte das relações dos “de Luna” por Ivanilde, sua irmã.

*“Antônia Devanilde Pereira de Souza
Histórias contadas por Tião de Luna, dona Mundoca, dona
Nazira, Joel, Sebastião Preto e outras pessoas*

1ª. História, 1/2/98

*História de um senhor chamado Edilino, um senhor muito engraçado. Dizem que esse senhor vinha em uma canoa. Ele vinha baixando quando ele viu um veado que vinha baixando também. Então quando ele viu o veado ele disse: um quarto é meu, um quarto é do Delmar, um quarto é do Peba e um quarto é do Valdecir. Então foi muito engraçado, o Edileno caiu na água, a espingarda atirou para cima, o veado saiu correndo balançando com seu rabo. Então o Edileno saiu molhado e sequer não ganhou nenhum pedaço do veado.
(Sebastião Preto)*

2ª. História 2/2/98

*Era uma vez um homem que era muito seringueiro. Aí quando foi um dia o saco de carregar leite rasgou e ele disse: eu vou comprar um pano para fazer um saco. Aí ele comprou o pano de deu para a mulher fazer o saco. Aí a mulher fez o saco e lavou. Quando a mulher fez o saco o homem não estava em casa. Aí quando foi à noite o saco estava estendido em um pau. Quando o homem se levantou à noite que viu o saco ele disse: que alma esquisita que eu estou vendo, vou pegar essa vassoura pra mim largar essa alma. Aí o homem pegou a vassoura e deu sem fé e esperança. Bateu tanto no saco até rasgar. Quando desconfiou que era um saco já estava sem jeito.
(Tião de Luna)”*

ANTÔNIA DEYANILDE PEREIRA DE SOUSA (POETA)

HISTÓRIAS CONTADAS POR TIAO DE LUNA, DONA TIUNDOCA, DONA NAZIRA, JOEL
SEBASTIÃO REBO

1ª História

7:2:1998

E OUTRAS
PESSOAS

História de um senhor chamado Edilino um
senhor muito infeliz dizem que esse senhor
via em uma canoa ele via fazendo quando
ele viu um viado que vinha fazendo também
então quando ele viu o viado ele disse um
quarto é meu um quarto é do primo um quarto
é do pé e um quarto de valdeci em tão foi
muito muito em fragado o Edilino caiu na
água a espingarda atirou para cima o
viado saiu correndo balacando com o seu
rabo em tão o Edilino saiu molhado
e se que não ganhou nem um (Sebastião Rebo)
pedaço do viado.

2ª História

2:2:1998

Era uma vez um homem que era muito
brinquedo aí quando foi um dia o saco
de carregar o leite rasgou ele disse eu vou
comprar um pano para fazer um saco
ele comprou o pano para fazer o saco aí
ele comprou o pano e deu para a mulher
fazer o saco aí a mulher fez o saco
e levou quando a mulher fez o saco
o homem não estava em casa aí quando
foi a noite o saco estava estendido em
um pau quando o homem se levantou a
noite que viu o saco ele disse que alma
esquecida que eu estou vendo eu vou pegar essa
valdora para mim largar nessa alma aí o homem
pegou a valdora e deu sem fé e esperança botou
tanto no saco até rasgar quando desconfiou
que era o saco já estava sem jeito. (Tia de Luna)

Antônia Devanilde Pereira de Souza é também participante de longa data dos projetos de monitoramento e pesquisa no Alto Juruá. Apesar de não ter uma extensa produção de diários ao longo dos anos e de não ter escrito tantos textos quanto outros monitores, como Ivanilde, Caboré, Roxo, Antônio Grajaú, a escritora teve uma participação interessante no que concerne a escolha por temas distintos daqueles geralmente explorados pelos outros moradores na época em que foi monitora, como caça, pesca, roçado e alimentação. A escritora tem, além de diários de histórias, diários que nos falam somente das experiências nos treinamentos e com pesquisadores e até mesmo um diário que nos fala somente sobre a mata de Taboca, intitulado “Taboca”. Isto pode nos dizer sobre a forma como a escritora encarou o trabalho enquanto monitora e como encarou a possibilidade de a partir dos diários falar com os pesquisadores, se diferenciando de outros escritores e diferenciando seus interesses e intenções.

Esse trecho foi retirado de um diário unicamente dedicado a nos recontar histórias recolhidas pela sua escritora. Suas histórias narram basicamente fatos contados por outros moradores sobre personagens e acontecimentos que nos falam sobre a vida na mata, como podemos perceber ao ler o excerto acima. São histórias que narram de maneira jocosa acontecimentos que poderiam ser corriqueiros e que também fazem parte daquilo que pode constituir a vida na mata, como uma caçada fracassada ou um seringueiro com medo de um saco no varal. Antônia Devanilde, assim como outros moradores que fizeram diários de histórias sobre animais, sobre personagens, sobre acontecimentos, está mostrando interesse em dialogar com um interlocutor que também pode se interessar por essa parte jocosa ou pela parte extraordinária de suas vidas, histórias contadas e passadas de gerações e que também compõem a experiência dos moradores.

Um dos pontos mais importantes que podemos notar de início sobre a escrita dos excertos também é que eles acompanham a rítmica de narrativas orais, o que

acontece bastante nos diários de histórias, como se os trechos fossem transcrições de entrevistas ou de conversas informais. Além disso, a escritora enumera suas histórias e as data ao mesmo tempo. Isso pode nos dizer que seu trabalho enquanto narradora “contratada” pelos projetos de pesquisa seria como o de todos os outros monitores que trabalham escrevendo sobre o decorrer de atividades diárias seguindo algum tema ou seguindo temas em geral. Seu trabalho diário enquanto monitora foi o de nos contar uma história todos os dias e esse formato se relaciona, aparentemente, com sua participação enquanto escritora em projetos específicos, ou seja, nos evoca e representa explicitamente sua participação nas pesquisas e inclui seu diário como parte de um conjunto e como parte dos diários em geral. De certo modo, portanto, Antônia Devanilde está dialogando e com os projetos e se posicionando como parte deles.

O último excerto que discutimos aqui nos direciona para o capítulo seguinte, sendo parte ambígua daquilo que os moradores podem nos dizer de si mesmos a partir de um olhar próprio e de olhares direcionados pelos pesquisadores:

*“Diário feito pela esposa do monitor Francisco Éliton
(Jesuilda)*

Rio Arara

Período

21/ 10/06

*Não colhi verduras, mas fui à praia e colhi uma melancia e até
girimum. Colhi setenta abacates.*

22/10/06

Colhi duas folhas de couve e algumas cebolinhas.

23/10/06

*Não colhi verdura, mas fui ao roçado e colhi três cachos de
banana maçã.*

24/10/06

*Colhi somente cebolinhas. Fui ao roçado e colhi um cacho de
banana grande.*

25/10/06

Colhi somente algumas cebolinhas”.

Alcario Pedro e da esposa do marinho
Francisco Elton, (Teresina)
Riemen

Paraná 09/06/2009 Jurema Antone
Manoel Jurema e Francisco Elton
Dadele, Aquilino
Paraná 2009 Local, Rio Aragua

n

21 1 10 106

não colhi verdura mas fui à
praia e colhi uma melancia
e oito girassol colhi setenta
abacate.

22 1 10 1 06

colhi duas folhas de couve
e algumas cebolinhas.

23 1 10 106

não colhi verdura mas
fui ao Mercado e colhi três
cachos de banana maçã.

24 1 10 106

colhi somente cebolinhas
fui ao Mercado e colhi um
cacho de banana grande.

25 1 10 106

colhi somente algumas
cebolinhas

Este excerto faz parte de um dos diários mais novos produzidos durante o período de 2006 e 2007 e nos revela dados interessantes. É um diário de “agricultura” feito pela esposa de um monitor, de nome Jesuilda. Sendo um diário de agricultura, notamos, primeiramente, que a sua escritora está nos dizendo que os trabalhos com os pomares e hortas ao redor das casas, trabalho das mulheres que vão buscar temperos, ervas e demais artigos para o consumo das casas, são parte do que se pode ter como agricultura. Esse tipo de afirmação nos remete aos diários produzidos por Mariazinha e Maria de Fátima Damasceno no sentido de que são narrativas em que encontramos trabalhos femininos marcados como parte daquelas atividades que, notadamente masculinas, foram requisitadas como conteúdo dos diários. Além disso, mostra o interesse de Jesuilda em fazer parte daqueles moradores que nos dizem sobre a vida na floresta, sendo esposa de um monitor que possui um vínculo formal com as pesquisas de 2006 e 2007 e, portanto, escritora voluntária de diários que se coloca em contato direto com participantes dos projetos.

Nesses diários mais recentes, encontramos moradoras que nos dizem serem parte dos trabalhos de agricultura aquelas atividades relacionadas com o ambiente doméstico e com o ambiente ao redor das casas. Alguns escritores já nos falavam algo semelhante algum tempo antes, como Altemir Firmino, já citado aqui, que nos informa ao longo do dia aquilo que sua mulher e filhas fizeram enquanto ele, os cunhados e filhos foram ao roçado ou fazer outras atividades. Dentre essas atividades feitas pelas mulheres, muitas se relacionam com aspectos da produção e da rotina de trabalhos diários que giram em torno da vida doméstica, como os cuidados com as criações, a colheita de frutos, verduras, a ordenha das vacas. Como notamos acima, esse posicionamento de dizer que a vida na floresta e na REAJ também se compõe de relações entre vizinhos, de trabalhos que giram em torno dos cuidados com a casa e a família, com a dinâmica das viagens e das chuvas foi algo que os próprios moradores escolheram nos dizer também. De certo modo, esse diário nos fala sobre como esse aspecto da

vida doméstica vai sendo recortado como conteúdo e como parte do cotidiano pelos moradores escritores, compondo-se de dados sobre agricultura que não se referem diretamente ou principalmente aos roçados ou aos cultivos em escala maior, como é o caso do milho, da cana-de-açúcar, da mandioca. Foi sobre esse tipo de intenção e de informação que nos debruçamos nessa parte deste capítulo.

No entanto, esses diários novos nos dizem mais sobre essa história de construção de conteúdos e diálogos: relatam-nos como esses textos e esse material foi se compondo e recompondo ao longo dos anos, seguindo conjunturas políticas e institucionais distintas, assim como novos recortes das próprias pesquisas.

Se os primeiros diários estavam diretamente relacionados com a proposta de estudo da viabilidade social, econômica e ecológica da REAJ, esses novos ampliam esse tipo de preocupação e se direcionam para específicas visões dentro dos estudos sociais e ecológicos. Os novos diários expõem intenções claras de pesquisas que buscam entender a partir dos dados recolhidos e escritos pelos moradores sobre a dinâmica das relações entre humanos e natureza de uma maneira um pouco distinta do que os estudos que se preocupam com o uso dos recursos ou sobre as práticas agrícolas e extrativistas. Pesquisadores que trabalharam nos treinamentos para a produção dos diários de 2006 e 2007 também estavam preocupados com a viabilidade sócio-econômica, mas trabalhando baseados segundo a perspectiva particular de outro projeto, que se ocupava de estudos sobre redes sócio-agrícolas, sobre os processos socioculturais e biológicos que estariam intimamente relacionados com a agrobiodiversidade na região Amazônica, denominado PACTA (Populações locais, Agrobiodiversidade e Conhecimentos Tradicionais na Amazônia).

Neste tipo de perspectiva, mais do que as preocupações diretas com o mapeamento da possibilidade de conservação de espécies e matas tomadas como indicadores

da diversidade ecológica, temos a preocupação com a relação entre a ação humana e espécies vegetais no espaço e no tempo. A escrita dos diários de 2006 e 2007 une novas intenções dos pesquisadores com a possibilidade de escrita de dados além daqueles propostos pelas pesquisas que inicialmente estavam relacionadas às preocupações que vinham da formação e institucionalização da Reserva. Esses novos diários unem a história de construção de textos em que os moradores colocaram seus olhares e vozes sobre suas próprias vidas e novas intenções que aproveitaram esse tipo de informação e de formato de textos. Durante os novos treinamentos, portanto, a coleta de dados sobre os cultivos nos pomares e hortas foi incentivada. Esse tipo de visão minuciosa sobre os dados referentes à agricultura, que leva em consideração não somente a produtividade dos roçados e o objetivo e destino das culturas de milho, cana-de-açúcar, mandioca, tabaco, mas também outros aspectos do cultivo evidencia uma preocupação direta com as redes de relacionamentos entre homem e natureza mais do que com o uso quantitativo ou estatístico de dados sobre as relações de produção.

Pensando nessas considerações, notamos que o processo de construção dos diários nos mostra que os moradores imprimiram ao longo de sua escrita seu olhar sobre suas práticas e sobre as pesquisas, mas não somente. Tal processo de construção também se desenrola a partir do olhar dos pesquisadores sobre esses dados e sobre a proposta de escrita dos diários, um olhar que também vai se modificando ao longo dos treinamentos, ao longo das demandas distintas, da reflexão sobre os dados. No caso desse excerto acima, notamos bem esse processo ao ver como a escrita de dados sobre os cultivos de hortas e pomares nos evocam diferentes momentos, preocupações e agentes. Se, num momento da escrita dos diários, os moradores inserem seu olhar sobre suas práticas ao nos dizer que os atos de ir colher açaí, temperos, bananas, alimentar os porcos também são parte daquilo que se pode chamar de vida na floresta e daquela que se pode observar como a rotina de atividades na

REAJ, num momento seguinte a informação desses aspectos mais amplos das relações entre moradores e plantas cultivadas é também um reflexo das intenções e olhares dos pesquisadores e pesquisas sobre moradores e floresta.

Seguindo essa perspectiva reflexiva, portanto, nos direcionamos para a última parte desse capítulo. Se os moradores se fazem presentes em suas narrativas numa experiência inovadora, sendo os escritores de seus próprios diários de campo, documentando em diários aspectos de seus olhares sobre as suas próprias práticas, as representações dos pesquisadores sobre essas práticas também se fazem presentes, num diálogo em que observamos escritores salientando discursos que muito se relacionam com intenções de pesquisas e de demandas pela conservação da floresta. É sobre os elementos que nos permitem observar os pesquisadores nos diários que falamos a seguir.

Elementos sobre pesquisa, elementos sobre mudança

Assim como nos evidenciam a participação pessoal dos monitores nas pesquisas, os diários também evidenciam a participação dos pesquisadores, que acabaram se tornando personagens desse cotidiano de escrita, assim como são encarados como os interlocutores diretos para muitos dos escritores. É isso que será discutido aqui nesta última parte de interpretação dos diários.

Nos comentários feitos a seguir, nos debruçamos sobre alguns elementos que podemos relacionar às pesquisas e às intenções dos pesquisadores mais especificamente, como alguns trechos que nos falam sobre conservação da floresta. Muitos dos moradores também nos referem uma posição pessoal de apoio à conservação da área, que se relaciona com o uso sustentável dos recursos e a fiscalização desse uso para a manutenção da floresta. Esse tipo de posicionamento nos relembra inclusive a história de luta pela institucionalização da REAJ e de outras reservas por antigos seringueiros. Informações sobre este contexto aparecem ao longo das narrativas e acabam se misturando aos temas e conteúdos propostos e pensados pelos pesquisadores de uma maneira especial. Tocando nesses temas e falando diretamente com as pesquisas, no entanto, os diários nos dizem não somente sobre intenções de seus escritores: evidenciam-nos como a perspectiva das pesquisas acaba invadindo o texto e o cotidiano desses moradores.

O que notamos nos excertos selecionados a seguir, especificamente, é o diálogo que se estabelece ao longo dos anos entre intenções de pesquisas e as respostas dadas pelos moradores quando tocam nesses temas diretamente em seus diários. Ao longo das narrativas que nos informariam dados sobre atividades e espécies, encontramos opiniões e

textos dissertando sobre o tema da preservação, sobre a associação de moradores, sobre os órgãos de fiscalização. A partir desse diálogo direto com os temas que foram caros às pesquisas desenvolvidas no Alto Juruá nesses anos de escrita de diários, tomamos esses excertos e tais diálogos como uma forma de ver pesquisadores e seus discursos.

Outros comentários são dedicados à interpretação e análise das capas dos cadernos e das primeiras folhas. Nos primeiros cadernos dos moradores, encontramos geralmente só as letras de seus escritores ou de pessoas da família e comunidade que às vezes também escrevem nos diários de amigos e parentes (como esposas escrevendo diários junto com os maridos). Eles já começavam com informações sobre os dias de atividades ou sobre tipos de atividades em especial. Encontrávamos intervenções dos pesquisadores somente quando esses se colocavam como corretores a pedido dos próprios monitores ou quando identificavam períodos e monitores em capas para facilitar o reconhecimento dos cadernos e folhas quando o material vinha para Campinas para ser lido e digitalizado.

Ao longo dos anos, no entanto, as informações requeridas nos treinamentos e visitas de pesquisadores começam a aparecer nas capas de diários e elas nos permitem não somente entender quem são os moradores com os quais os escritores se relacionam, suas idades e as atividades com as quais se sustentam e sustentam suas casas, mas também falam sobre aqueles elementos da atuação dos pesquisadores que evidenciam muito de suas intenções e preocupações. Nos diários mais novos, por exemplo, temos a preocupação com a ocupação dos demais moradores da comunidade dos escritores, mas não só isso: há uma preocupação com aspectos políticos dos relacionamentos, como os que encontramos nos novos “diários de comunidade”, que contém informações específicas sobre a dinâmica dos relacionamentos desses moradores entre si e com outros agentes. Essas informações já vinham aparecendo em diários de alguns ao longo dos anos, seguindo intenções próprias e distintas de

cada escritor, como os que utilizam o espaço para expressarem opiniões ou dos que por si próprios tiveram a intenção de nos informar sobre mudanças, viagens, visitas ou sobre dados de reuniões. Nesses novos diários, no entanto, tais informações são também requeridas pelos pesquisadores, que ao longo dos anos vão também adequando suas intenções e questionamentos assim como o conteúdo e formato desse material vai se construindo.

Sendo assim, se os elementos que os escritores somam aos seus diários nos permitiram observar aspectos distintos e distintivos de suas práticas e desenham o processo de construção de um diálogo e dos próprios diários, esse tipo de informação que explicita intenções dos pesquisadores nas capas dos diários nos fala também sobre alguns processos intrínsecos aos relacionamentos entre moradores e entre o contexto dos anos de vigência da REAJ enquanto área de conservação. Notamos esses elementos de mudança não somente como elementos que explicitam novas preocupações de pesquisa e investigação e que explicitam uma história de construção de narrativas, mas elementos que partem de novas conjunturas que acabamos observando ao longo dos anos, sobretudo quando comparamos os primeiros diários que traziam informações sobre saldos de borracha e cantina e como a participação de outros trabalhos no quadro de atividades diárias se distancia desse contexto. Salientamos aqui como alguns elementos dentro dos diários nos dizem sobre essas mudanças.

Outro aspecto para o qual queremos chamar atenção é o fato de que essas capas de diários falam sobre um processo muito próprio da relação entre alguns moradores que trabalharam na escrita desses diários e as pesquisas. Temos atualmente antigos seringueiros e moradores que assumiram o papel de pesquisadores e esse é um elemento que merece ser comentado, assim como é importante comentar sobre como alguns pesquisadores acabam se tornando personagens do cotidiano, das histórias e da vida local.

Reflexões e reflexos sobre ambiente

Com essa imagem dos pesquisadores e pesquisas aparecendo também no que seria o quadro do decorrer dos dias informado pelos escritores, observemos os excertos seguintes.

*“Não acabar o peixe todo do rio
Não ficar mais difícil pra nós!*

_ O amigo vai pra onde?

_ Vou pescar

_ De que?

_ De tinguir³⁸ e batição

_ Não diga isso! Amigo, você não sabe que é proibido?

Ele falou:

_ Nada, vamos pegar mais eu, o tanto que puder pegar.

Eu falei:

_ Eu não pesco desse jeito. Não faço esse tipo de invasão, porque de tinguir e batição³⁹ acaba.

Ele falou:

_ Nada, deus deu e não acaba

Eu falei:

_ Não é bem assim, deus deu, mas se nós acabar, vai custar pra nascer outros.

Ele falou:

_ Você é tolo, vamos aproveitar enquanto tem.

Eu falei:

_ Amigo, se você acabar os peixes todos hoje, amanhã vai lhe fazer falta. Você não precisa só pra uma vez, lembre, você tem filho pra comer.

_ Mas o rio é muito grande, não acaba peixe.

_ Mas do jeito que você está fazendo acaba!

Ele perguntou:

_ Como assim? Que acaba?

Eu disse:

_ Olha companheiro, você acaba de um canto hoje, amanhã acabou de outro e depois não tem mais e como que você vai viver? Vai passar muita necessidade.

Ele falou:

³⁸ “Tingui”, tipo de pesca com veneno

³⁹ Modo de pescar batendo na água com varas a fim de atrair os peixes para as redes.

_Eu achei que você tá certo. Por tudo que você me falou, estou entendendo, vou abandonar esse tipo de pesca, vou pescar de outro jeito que não acabe.

Eu falei:

_Amigo, pense e lembre o dia de amanhã.

_É isto mesmo, eu estou errado, porque tenho meus filhos e o meu irmão para viver e se alimentar do peixe, principalmente do rio, porque acabando o peixe acaba o rio também e fica tudo difícil porque precisamos do rio e dos peixes também. Por isso, vamos preservar tudo o que Deus deixou para nós.

_Obrigado amigo pela orientação que você me deu. Garanto que não faço mais isso.

Preservar o que nós temos

Preservar os animais da nossa Reserva

Saí para caçar mais um companheiro. Encontramos um bando de queixadas. Eu matei 2 e o companheiro matou 5. Ele chegou onde eu tava e disse:

_João, vamos matar mais queixada?

Eu disse:

_Não, já dá, vamos deixar para outra vez.

Ele falou:

_Nada, rapaz, vamos aproveitar enquanto tem.

Eu falei:

_Amigo, pense, nós não precisamos só hoje, vamos deixar pra outra caçada, se nós matarmos, vai fazer falta em outra caçada. Até que ele desistiu e voltamos para casa. Andamos uma hora e encontramos um bando de porcos.

Ele disse:

_Vamos matar mais uns 3 porcos?

Eu disse:

_Não, esse que tem já dá, vamos embora, já tem caça demais, se não se estraga e vai fazer falta pra outra caçada.

_Ele disse: você é tolo, vamos matar o tanto que nós pudermos.

Eu disse:

_Olha, amigo, você já viu contar como era o tempo passado? O meu pai contava pra mim que tinha muitas caças, mas as pessoas matavam por brincadeira, só para estragar ou só para tirar o couro pra vender e hoje está fazendo falta, está muito difícil, tem pouca caça, a fome aumentou muito mais, por isso não vamos mais fazer isso, porque já tem pouca e se nós matarmos para estragar vai fazer falta para mais adiante, para nossos filhos e nossos irmãos e se nós acabarmos, como é que eles vão viver? Peço para o amigo que entenda e não faça esse tipo de invasão. Tenha consciência que será melhor para todos nós e toda vida termos futuro em nossa Reserva. Tá bom amigo? Entenda.

2/9

10 P- Não a cabar o Peixe todo do Rio

P- Não ficar mais di-fi-cil P- Nois!

o Amigo vai P- onde vou Pescar?

de quem de tinguir e Baticão Não,

diga isto? amigo voce não sabe

que é Proibido! eli falou nada deixa

di Benteira vamos Pegar os Peixes

mais eu o tanto que poder Pegar eu falei

eu não Perco esse jeito não faço

esse tipo de invasão porque di tinguir

e Baticão a cabar eli falou nada

Deus deu e não a cabar eu falei

não é Bem a sim Deus deu mais

o Nois a cabar vai custar na carteira!

eli falou voce e todo vamos a

Proveitar enquanto tem eu falei

olha amigo o voce a cabar o Peixe

todo Hoje a manhã vai - li fazer

falta voce não só precisa p- uma

vez lembri que voce tem filho p- comer

mais o Rio é muito grande não

a cabar o Peixe mais do jeito

que voce está fazendo a cabar!

3/9

eli Perguntou como a sim?
que acaba? eu disse olha companheiro
vo cê acaba di um conto Hagi
amanhã acaba di outro e di pois
não tem mais e como e que vo cê
vai viver vai passar muita necessidade.
Eli falou eu sei que vo cê tá certo
por tudo que vo cê mim falou estou
entendendo vou a badenay esti ti po
di Pescar ou Pencer de outro jeito
que não acaba eu falei amigo
Penci e lembri o dia da manhã
e isto mesmo eu estou errado
porque tenho meus filhos
e meus irmão p viver e ci alimentam
do Peixe Principalmente do Rio
Porque a cabendo o Peixe
acaba o Rio também e fica tudo
difícil Porque pro cima do Rio
do do Peixe Pouco vamos preservar
tudo o que Deus deu p nós
obrigado amigo Pelo a orientação que
vo cê me deu garanto que não faço mais isto

Preservar o que nós temos

OK 4

2º P- Preservar os animais da nossa
[Reserva]

sai P. caçar mais um ~~companheiro~~
companheiro encontramos um Bando
de queixada matei 2 e o companheiro
matou 5 eli chegou a onde eu
tava disse João vamos matar mais
queixada eu disse não já dai vamos
deixar P. outra vez eli falou nada
Ra Pais vamos a aproveitar enquanto
têm eu falei amigo Peuci nós não
preciza só hoje vamos deixar P. outra
vezada ci nós matar mais vai
fazer falta ou outra casada até
que eli derrentar e voltar P.
Casa suamos 1 hora encontramos
1 Bando de Porco eli disse vamos
matar mais um 3 Porco eu disse
não está que tem já dai vamos
embora já tem casa de mais ci
não ci estagar e vai fazer falta
P. outra casada
eli disse você o todo vamos matar

O excerto faz parte de um dos diários escritos pelo monitor João Batista. Não é um dos primeiros diários, mas sim uma narrativa que se constrói um pouco depois da institucionalização da REAJ e num momento em que os projetos de pesquisa sobre a viabilidade ecológica da Reserva já haviam se estabelecido na região.

Trata-se de um diálogo em que notamos a intenção do morador em expressar uma concordância com formas menos agressivas de uso dos recursos. De cunho educativo, tal diálogo tem como personagens dois moradores, conhecedores de métodos de pesca e caça reconhecidos como de alto impacto ambiental pelo próprio morador e escritor. O autor sempre adverte o amigo para que este leve somente uma quantidade de peixes e de caça que vá consumir, para que não “falte” no futuro. Também adverte o amigo sobre o uso de métodos como a pesca com veneno (tingui). O recado dos dois textos, sobre uma situação de pesca e outra de caça é semelhante em conteúdo e nos expressa uma forma de ver a mata e a floresta em que animais aparecerem como fontes de recursos que podem ser finitos.

Ao nos fazer um relato como esse, o autor do diário parece querer nos mostrar uma opinião própria, como outros moradores o fizeram quando escreveram suas opiniões sobre política local e mesmo reclamações sobre o andamento da fiscalização por parte de órgãos públicos e sobre a própria associação de moradores. O que queremos salientar, neste ponto, não é tanto a visão daquela que poderia ser uma opinião em prol da conservação da mata, mas sim salientar que o autor do diário está falando para um leitor em especial e que é este diálogo reconhecido que nos permite enxergar as pesquisas, seus discursos e agentes, que, nesse caso, refletem as preocupações ambientalistas que regeram grande parte da atuação de agentes não moradores na REAJ durante grande parte da década de 90.

Sobretudo nos primeiros anos de produção desses textos, em que encontrávamos diários de monitoramento de anfíbios e insetos, encontrávamos uma ênfase no

tema da caça, da pesca e da coleta de artigos como o látex, percebíamos como os discursos sobre preservação e sustentabilidade, estivessem eles relacionados a órgãos públicos ou a pesquisadores de áreas distintas, se colocavam como parte integrante do cotidiano desses moradores escritores, de suas famílias e dos demais participantes dos projetos, treinamentos e da própria associação de moradores.

Apreendemos como esse tipo de discurso, acaba chegando aos moradores a partir da maneira como é por eles “devolvido” ao longo dos textos. Construindo um texto educativo e expressando uma consciência de que os recursos podem ser finitos e que o uso pode ser predatório, o morador nos relata como o próprio discurso sobre a floresta enquanto recurso finito pode ter sido passado por diferentes agentes não moradores, já que as intenções de manutenção da mata por parte desses antigos seringueiros seriam expressas de maneira um pouco distinta, como quando nos relatam a importância da cotidiana de dinâmicas de chuvas e secas que garante cultivos ou a importância da manutenção de áreas de mata num sistema de uso rotativo. Reconhecemos, neste sentido, pela peculiaridade das maneiras de falar sobre a floresta, sobre os animais, sobre os rios, como há uma sutil diferença entre a forma de abordar o tema da conservação e uma forma diferente de refletir a importância da floresta.

Philippe Descola nos diria que essa visão da natureza como um recurso finito ou a ser administrado não necessariamente é expressa por todos os grupos e culturas. Estudando como as simbologias, assim como as práticas, Achuar se mostram intimamente relacionadas com a forma como pensam e refletem sua relação com a floresta, Descola chega à conclusão de que a maneira como se simboliza o ambiente orienta a maneira como se age em relação a ele e tal investigação lhe parece imprescindível para qualquer consideração sobre conservação, preservação ou estudos do uso do ambiente.

Este tipo de estudo nos orienta para algumas reflexões pertinentes na leitura daqueles elementos sobre pesquisas presentes nos diários. Primeiramente, podemos dizer que aquelas preocupações com a sustentabilidade e com a preservação presentes nos primeiros anos de pesquisa, sobretudo, não nos refletem as preocupações dos mesmos interlocutores refutados por Descola, aqueles que quantificam a possibilidade de adaptabilidade dos indígenas ao ambiente. No entanto, tais preocupações também não estavam um pouco distantes das considerações de Descola. A indicação dos diários sobre essas primeiras preocupações com ambiente eram mais práticas e quantitativas: buscava-se, com a ajuda da população local, indicativos da conjugação de biodiversidade e manutenção da população na área. Mas, mais importante que essa comparação, Descola nos permite refletir uma diferença essencial entre possíveis maneiras distintas de refletir e agir em relação ao ambiente, uma proposta que de certo modo nos ajuda a perceber as sutilezas da diferença em como moradores e pesquisadores acabam abordando temas como a floresta, ambiente e trabalho nos diários.

Através do cotidiano expresso nos diários, conhecemos como a floresta e sua temporalidade fazem parte da vida dos moradores de uma maneira um tanto quanto diferente daquela como é vista por outros agentes que, se quisermos retomar as discussões do capítulo anterior, acabam não compartilhando essas vivências e as representações que a ela se relacionam. Esse tipo de informação como a que encontramos no diálogo acima pode sim informar uma opinião real do morador e escritor em defesa de um uso parcimonioso da carne da caça e da pesca, assim como no início dos anos noventa nos expressaram que por causa desse *habitus* poderiam ser considerados os verdadeiros “donos” da terra e da mata, mas a maneira como ele nos informa essa opinião muito nos reflete as intenções de agentes não moradores e seus discursos, no entanto, também nos informa termos e preocupações daqueles agentes que não são moradores.

Caboré, em um diário, nos faz uma longa discussão sobre sua opinião em relação aos termos “conservação” e “preservação”. Como interessado particularmente nessa posição de pesquisador e estudioso (chegando a nos informar o estudo e a leitura como parte do cotidiano em seus diários, assim como nos informa quando saiu para o roçado), faz uma defesa do termo preservação em detrimento do termo conservação, dizendo que o termo conservação soa como se a floresta devesse ser deixada como está enquanto o termo preservação representa uma espécie de conjugação da vida dos moradores com meios não agressivos de caça, pesca, uso da madeira e agricultura. Mesmo quando pensamos nos interesses individuais e na história de vida e de participação de Caboré, temos de nos lembrar de seu contato direto com as fontes que podem nos elucidar como o morador chegou a achar relevante uma discussão sobre os significados e implicações desses termos que claramente partiram de um discurso e de preocupações bastante diferentes daquelas que notamos durante a leitura do cotidiano a partir das narrativas.

Esse tipo de dualidade entre as impressões e expressões de moradores e de pesquisadores, dos “de dentro” e dos “de fora” é demarcada aqui com o intuito de também vermos nos diários os termos nos falam sobre nossa própria visão em relação à vida desses moradores e à sua relação com a floresta. Descola de certo modo também se refere a essa visão quando acaba nos referindo que a concepção da natureza como algo apartado e hostil se conjuga com uma concepção dela enquanto recurso a ser usado racionalmente. Tais concepções orientam práticas e representações bastante distintas das dos Achuar. Lendo esses excertos com a curiosidade de encontrar neles os nossos próprios discursos, podemos nos perguntar, por exemplo, se o uso dos termos preservação e se um diálogo de cunho educativo não estaria nos dizendo mais de nós próprios.

Quando nos deparamos com os termos “preservação” e “conservação”, podemos evidenciar como a presença dessas discussões acaba sendo incorporada por alguns desses moradores, que acabam devolvendo-os sempre com partes de percepções e visões próprias. Esse tipo de diálogo denota as sutilezas do contato entre moradores e pesquisadores, entre discursos, pontos de vista, histórias de vida. É interessante notar como essas preocupações presentes nos intuitos de pesquisadores e demais agentes acaba sendo incorporada e é o contexto especial de escrita dessas narrativas que nos permite observá-lo.

Parece óbvio dizer que as discussões de Caboré e de João Batista não tocam termos da conversa entre autores que colocaram em discussão a comunhão entre conhecimentos tradicionais e a possibilidade de preservação de áreas que acabam sendo homologadas como áreas de conservação no início dos anos 90 no Brasil, como faz Antônio Carlos Diegues ao estudar pescadores (1994, 1995), e mesmo de autores que colocam em questão os termos e as implicações da delimitação de conhecimentos e populações tradicionais, como fazem Manuela Carneiro da Cunha e Mauro Almeida (2001). No entanto, salientar esse diálogo nos lembra como tais discussões acabam sendo refletidas pelas populações e como elas acabam se inscrevendo nessas próprias discussões ativamente e trazendo elementos para que possamos refletir sobre esses termos a partir da temporalidade inerentemente presente na construção desse diálogo. A obviedade, nesse sentido, passa em si a ser um problema, sobretudo quando nos deparamos com histórias como a de Caboré.

Essas sutilezas da relação entre discursos, perspectivas e vivências presentes nos diários dos escritores da REAJ nos dizem sobre diferentes momentos e perspectivas das próprias discussões sobre os termos da conservação, da sustentabilidade, das relações entre moradores e entre estes e a floresta. Se, por exemplo, num primeiro momento a floresta nos é representada como um recurso finito, será que ela não nos é assim representada por que se segue uma obviedade proposta intrinsecamente pelos próprios posicionamentos dos que

propõem esse tipo de discussão e de tema? A floresta é a casa do seringueiro na poesia de Caboré, seu dono por gerações, seu dono por vivência compartilhada com animais, plantas, rio, chuva e seca. Para outros moradores, como Roxo, ela é uma fonte de conhecimento intangível para a temporalidade de uma vida. Para biólogos, é a representação de uma biodiversidade quase atemporal e passível de extinção. Todas essas imagens sobre a Floresta acabam se misturando nos diários do Alto Juruá e, deste modo, nos dizem sobre muitas maneiras de ver e pensar temas como o da floresta enquanto recurso.

Excertos como o anterior, portanto, nos refletem em nossos próprios termos e preocupações. Seus autores estão dialogando conosco e escolhem se posicionar dessa maneira, colocando-se como parte ativa dessas discussões e tal fato não pode ser ignorado quando refletimos a atuação conjunta entre moradores e pesquisadores e apontamos como acabamos aparecendo nesses cadernos.

É pensando nisso que também nos debruçamos sobre o excerto a seguir.

“Valdecir, Vitória – Rio Tejo, Cunhado Elenilton

Os frutos da copaíba são em forma de vagem de cor avermelhada com uma ou duas sementes. Cada árvore produz em média de 2 a 3 quilos de sementes. No estado do Acre, a copaíba floresce geralmente nos meses de janeiro a março e os frutos amadurecem de julho a agosto.

Veja no final desta cartilha várias fotos sobre a copaíba”

A importância da copaíba para os animais da floresta.

A copaíba possui frutos que são muito apreciados pelos bichos da floresta, sendo por isso uma fonte importante de alimento. Muitos animais se alimentam dos frutos, como pássaros, papagaio, arara, tucano, jacu, curica, nhambu e outros animais, como cotia, paca, gogo de sola, macaco da noite, macaco prego, quatipuu porquinho do mato, queixada e veado. Estes animais tanto comem as frutas como as mudinhas que estão crescendo. Os animais são importantes para espalhar as sementes na floresta.”

VALDECIR, VITORIA, RIO DE JANEIRO - CONHADO ELENILTON

Os frutos da copaiba são em forma de vagens de con
A vermelhada com uma ou duas sementes cada arve
produz em media de 2 a 3 quilos de sementes
no estado do Acre a copaiba floresce geralmente nos
meses de janeiro a maio e os frutos amadurecem de
julho a agosto
Veja no final desta cartilha varias fotos sobre a copaiba

2 A importancia da copaiba para os Animals da floresta

A copaiba possui frutos que são muito apreciados
pelos bichos da floresta sendo por isso uma fonte
importante de alimento
muitos animais se alimentam dos frutos como
passaros papagaio arara tucano yacui curica i nambui
i outros animais como cotia paca gogo de sola macaco
da noite macaco prego qualipuru porquinhos do mato
queixada i veado estas animais tanto comem os frutos
como as mudinhas que estão crescendo os animais são
importantes para espalhar as sementes na floresta

A característica mais marcante desse excerto, antes do tema que explicita também um caráter educativo da importância ecológica de uma espécie vegetal, é o fato do texto ser explicitamente também uma cópia, uma cópia de parte de uma cartilha. É justamente esse fato que nos permite dizer que aqui os temas das pesquisas, pesquisadores e outros agentes estão sendo representados nos diários, neste caso, explicitamente, está sendo refletido certo tipo de preocupação com o ambiente.

Uma avaliação precipitada poderia tomar tal texto como parte irrelevante para os estudos sobre a área, haja vista justamente ser uma cópia explícita de um trecho já escrito e publicado, não servindo aos propósitos de estudo da viabilidade da área ou das relações desses moradores com a floresta. No entanto, é um dos trechos que mais nos chamou atenção para a reflexão daqueles aspectos de relação dos pesquisadores e moradores sendo explicitados ao longo dos diários e, portanto, uma espécie de marcador especial de como discursos foram incorporados e representados.

Uma primeira consideração sobre tais aspectos pode começar aqui por especulações que nos remetem ao que falamos anteriormente sobre a relação inicial dos moradores com os projetos refletir os interesses desses moradores em aperfeiçoar a escrita, o que podemos encaramos como um aspecto didático da presença de pesquisadores e de agentes que participaram dos treinamentos. O interesse inicial de fazer dos diários uma espécie de aprendizado também se expressa nas correções que encontramos ao longo de alguns trechos desses escritos, feitas em visitas posteriores à encomenda do material e se expressa mesmo nos treinamentos, que se mostram momentos também direcionados para diálogos e processos de construção mais complexos que cursos, mas ainda carregando esse caráter. Mais do que isso, no entanto, a intenção desse morador se constrói como um diálogo com propostas e intenções intrínsecas aos projetos de pesquisa e à maneira como tais projetos acabaram se ajustando à participação da população local.

Valdecir, o autor desse trecho, começa seu diário com ele, ato que pode nos evidenciar claramente seu interesse em mostrar a um leitor específico que está ciente de que tal material produzido dialoga com e parte de um discurso que tem o ambiente como fator e tema principal. O autor coloca o trecho sobre a Copaíba como introdução a um diário cujas páginas seguintes não diferem muito dos diários de outros moradores, contando sobre o cotidiano das caçadas ou da ida aos roçados.

Valdecir não inicia o diário marcando um dia de trabalho, seu nome, local onde mora ou ocupação: o introduz com um trecho que fala sobre características de uma planta, sua relação com animais e com a mata. Tais informações sobre um conhecimento especial da dinâmica e da relação entre espécies poderia sim ser expresso por qualquer morador e qualquer escritor, o que acontece em alguns diários. Há moradores, por exemplo, que descrevem no meio de diários de caça sons característicos, comidas preferidas, e demais informações sobre certos animais. No entanto, sendo uma cópia, aqui não temos uma informação ou um conhecimento local que se mistura aos hábitos diários, mas sim a demarcação de uma informação que se mostra importante por si só. Sendo assim, tal trecho nos fala mais sobre os interlocutores e suas preocupações que sobre a dinâmica das preocupações e das práticas cotidianas dos moradores e dos próprios escritores.

Voltando-nos ao conteúdo do excerto, podemos ainda dizer que ele nos fala sobre uma forma em especial desses discursos representados nos diários sobre o ambiente. O trecho denota uma forma em especial de pensar as relações entre espécies, a temporalidade da floresta e a dinâmica dessas espécies com ela. Primeiramente, tem um vocabulário que não é técnico ou científico, mas sim que parece mesmo parte de um texto escrito para um tipo de leitor que aprenderá com as informações, tento por si um caráter educativo também bastante relevante. Além disso, como nos diz o próprio escritor, faz parte de uma “cartilha”, tipo de material feito para um tipo de circulação e de leitores.

O trecho descreve os frutos da Copaíba e sua importância enquanto alimento para os animais, que, por sua vez, atuam como disseminadores das próprias sementes. Tal ciclo é uma forma também de representar o tempo, relacionada a essa visão da floresta e seus mecanismos de continuidade. Um dos próprios pressupostos que definem a sustentabilidade está representado nessa regulação e nessa continuidade, pressupostos que também nos lembram da atuação de ecólogos, portanto, nos lembram toda a história de construção política da REAJ, dos agentes e pesquisas relacionados presentes no contexto inicial da formação da área, como também nos lembra o trecho anteriormente referido. A forma como essa temporalidade e essa continuidade são refletidas também demonstra uma maneira em especial de pensar e vivenciar o tempo que pesquisadores compartilham. Temporalidades, ambientes, cotidianos e práticas estão sendo colocados em diálogo nessas narrativas.

Esses elementos sobre pesquisa que encontramos nos diários dos moradores acompanham também o processo de construção desses textos. Não somente porque ao longo dos anos conteúdos vão se modificando de acordo com os ajustes feitos a partir das respostas dadas pelos escritores, mas também porque os próprios conteúdos e intuítos das pesquisas vão mudando e se ampliando ao longo dos anos. Se, nos primeiros anos dados relacionados ao tema do ambiente e às diferentes perspectivas sob as quais foi observada a possibilidade de preservação e de uso sustentável, num segundo momento, outros dados e preocupações das pesquisas vão sendo inseridos e podem ser observados nas narrativas.

Pesquisa no cotidiano e novas preocupações

Parte interessante do processo em que notamos como pesquisas e pesquisadores vão aparecendo ao longo das narrativas se nota quando encontramos diários ou trechos deles falando sobre como a atividade de pesquisa se torna parte da vida desses moradores escritores. Nesses trechos, em particular, encontramos referências diretas a alguns dos visitantes e de sua participação em viagens, assembléias, treinamentos. Lembro de ter encontrado em um diário feito em 2006, inclusive, recados diretos para pesquisadores, como um morador que deixou um bilhete para um dos visitantes para que da próxima vez lhe trouxesse uma câmera fotográfica. Encontrei até mesmo um desenho de Augusto Postigo feito por uma moradora em uma folha solta dentro de um caderno.

Esse tipo de relato faz de alguns diários documentos da participação desses agentes e documentos de como pesquisas e pesquisadores se tornam parte integrante da vida dos moradores e como também moradores acabam se tornando parte da vida desses agentes. Os diários de viagens como os que o trecho a seguir nos exemplifica, são muitas vezes diários de viagens com pesquisadores, contanto sobre o deslocamento para alguma reunião ou treinamento. É com eles que podemos fazer a leitura desses momentos especiais e reconhecemos como vão se constituindo tais relações.

É nesses momentos que também encontramos explícitas preocupações das pesquisas, como quando moradores nos dão depoimentos do que se passou em reuniões e em conversas.

*“Monitora Maria de Fátima Damasceno
Colocação Cachoeira do Lago – Rio Tejo
Diário de viagem 14/07/96 a 02/08/96*

No dia 14/7/96

Tivemos uma aula na base de pesquisa com o professor Mauro Almeida, Mariana e Manuel, com os participantes Pedrinho, Edir, Raimundo Teixeira, Raimundo Caboré, Mariazinha, Nete, Maria de Fátima.

No dia 15/7/96

O Pedrinho foi fazer uma viagem para o paranã juntamente com o professor Mauro Almeida e Mariana, Edir, Tito e

Manuel. Dia 17 o Mauro desceu com Edir e Tito e o Pedro ficou mais a Mariana e Manoel. Chegaram dia 18. Nós chegamos de Cruzeiro dia 13/7/96, encontramos todos bem.

19/7/96

Dia que o Pedrinho baixou para ir deixar a Mariana na Foz do Bagé. Juntamente, o Manuel, professor, Pedro, prima e Raimundo Teixeira.

20/7/96

Dia que a Concita passou pela Restauração. Juntamente Dr. Élio, Dolor, Antônio Paulo.

21/7/96

Dia que fui para Restauração para reunião. No dia 22 a Concita desceu para ir embora. Tomaram café aqui em casa”.

MONITOR - Maria de Fátima Damasceno - "Maria do Pedrinho"
COL. - Cachoeira do Lago no Top
DIÁRIO DE VIAGEM - 14/7/96 - 22/02/97

1/6

31/7/96

no dia (14/7/96)

tivemos uma aula na Base de pesquisa com o professor Mauro Almeida e Mariana e Manuel. Com os participantes Pedrinho, Eelir, Raimundo Teixeira, Raimundo Cabore, Mariazinha, Nete, Maria de Fátima.

no dia (15/7/96)

O Pedrinho foi fazer uma viagem para o parará juntamente com professor Mauro Almeida e Mariana, Eelir, Tito e Manoel dia 14 O Mauro deixou com Eelir e Tito e o Pedro ficou mais à Mariana e Manoel chegaram dia 15, ~~isto chegamos~~ ~~isto chegamos~~ de Cruzeiro no dia 13/7/96 encontrando todos bem.

(18/7/96) dia que o pedrinho deixou para ir deixará Mariana na faz do Bagé juntamente o Manuel, Professor Pedro, e Bruno e Raimundo Teixeira.

(20/7/96)

dia que a Concito passou para Restauração juntamente Dr. Elia, Dorlor, Antonio paulo,

(21/7/96) dia que foi para Restauração para a reunião. no dia 22 a Concito deixou para ir embora tomaram café aqui em casa.

Nesse diário de viagem, feito por uma escritora que, como notamos, estava participando ativamente dessas reuniões, nomes e personagens não moradores aparecem explicitamente e, mais interessante que isso, aparecem misturados aos nomes e outros personagens moradores e pesquisadores locais.

A posição de Mariana Pantoja Franco e de Mauro Almeida como professores também é algo a se observar. Desde o início, pesquisadores assumiram esse papel, enquanto demiurgos de um tipo de conhecimento que muitos dos escritores se mostram interessados em compartilhar ou em salientar. O caráter didático das pesquisas, como foi encarado por esses escritores e nos é referido em trechos como esses é um ponto que já havíamos suposto quando analisamos trechos cujos temas centrais giravam em torno de uma relação não predatória com a floresta. Em trechos como esses, tal caráter mostra-se explícito, assim como se explicita o papel e a forma como são reconhecidos os agentes das pesquisas por parte dos escritores e dos demais participantes de momentos como reuniões.

A imagem desses agentes vista pelos escritores se constrói como texto nas sutilezas de simples descrições de momentos como esses, em que viagens de pesquisadores e moradores que de alguma maneira estão atuando em conjunto (seja como escritores de diários ou como motoristas, por exemplo) se misturam ao trânsito de outros moradores que por motivos do cotidiano estão baixando ou subindo os rios. Essa é uma imagem que exemplifica também algo que acaba se construindo ao longo dos diários: pesquisas se tornando parte da rotina dos trabalhos desses moradores escritores, que saem para observar anfíbios, rio, chuva e que à noite param à luz das lamparinas para escrever os diários e moradores.

Ao mesmo tempo, pesquisadores e professores se tornam personagens de diários sobre a dinâmica da movimentação dentro da REAJ assim como moradores que estão de passagem para uma visita ou para um café. Essa dinâmica constituinte da vida dos moradores tanto quanto a pesca ou a agricultura, que se põem a observar rio, barcos e pessoas

passa, por sua vez, a ser também um essencial dado a ser notado nos diários mais atuais, o que faz com que aqui, uma perspectiva tomada pelos moradores ao longo dos anos se mostre como essencial para novos propósitos e novas observações ao longo dos anos.

O trecho acima, estrategicamente, nos ajuda a encontrar o ponto mais complexo do processo em que moradores e pesquisadores dialogam e em que suas imagens se separam e se aproximam ao longo das narrativas. No processo de relação entre moradores e pesquisadores e de escrita, há um ponto em que a escolha por colocar os agentes não moradores na dinâmica das relações e do próprio dia-a-dia torna-se tema de diário. Pesquisadores se tornam personagens num processo ambíguo em que moradores também se tornam pesquisadores. Conteúdos e formatos, nesse sentido, já não partem mais de fora para dentro. Dados que ao longo dos anos foram se mostrando parte essencial da vida dessas pessoas e da maneira como escolheram falar delas, são recortados por novas preocupações de pesquisa, seguindo a complexidade da história de construção desses diários.

É refletindo essa mistura e essa intersecção entre discursos e personagens que entendemos os diários de comunidade escritos entre 2006 e 2007. Repletos de termos que nos evocam novas intenções de pesquisa, como a preocupação com a quantidade de famílias, tipos de relações e associações de trabalho, esses diários são uma mistura de novos questionamentos com o uso desses dados dispersos e sempre presentes nas narrativas ao longo dos anos sobre visitas, viagens, relações entre vizinhos e pequenos aspectos da vida cotidiana, como a doença de um parente, um nascimento ou uma venda.

Esses diários também demarcam como dados requeridos ao longo das visitas foram se tornando cada vez mais marcados ao longo dos anos, como quando notamos ao longo dos anos, as capas e contracapas informando uma espécie de direcionamento inicial ou demarcando localidades, integrantes da família do escritor e suas ocupações.

Os diários de comunidade são um marco nesse sentido, porque delimitam todas aquelas informações com as quais as novas pesquisas realizadas na região estão preocupadas, além de aproveitarem algo que estava presente na escrita de todos os moradores para chegar a esse tipo de informação. Tais diários também demarcam mudanças internas que acabaram afetando essa mudança nas preocupações de pesquisadores e moradores. O próprio termo “comunidade” é um exemplo delas.

Ao longo dos anos, podemos notar algumas mudanças em especial a partir dos diários, como o quase desaparecimento das informações sobre a coleta de seringa, por exemplo. Delimitar as comunidades como local das atividades e dos relacionamentos também é um reflexo dessas mudanças. Quando encontramos informações de capa nos diários, e elas vão ficando cada vez mais presentes de uns anos para cá, há alguns elementos essenciais na demarcação de localidades: colocações, comunidade e rios. Os rios e igarapés continuam a serem marcadores do pertencimento a um local ou de moradia e as comunidades cada vez mais referidas. Buscando informações sobre a diferença entre esses termos, nos deparamos com algo fundamental: enquanto colocações nos retomam uma antiga forma de se constituir uma relação com o espaço que advém da estrutura centenária dos seringais, as comunidades nos direcionam para novos processos administrativos que orientam também novas formas de ocupação. Com incentivos institucionais e governamentais, comunidades, como pequenas vilas, estão muito mais relacionadas com a estrutura que comporta postos de saúde, cantinas, escolas, casas e plantações que com a estrutura de colocações e suas estradas de seringa entrecortadas por áreas de caça, roçados.

Mesmo esta reflexão sendo bastante superficial e merecer talvez um estudo apurado só sobre tais termos, ela já nos permite dizer algo bastante importante, que é como esses novos termos de sociabilidade e relação entre moradores acabam sendo incorporados como tema de diários, o que por si só já nos parece relevante. Enquanto os primeiros diários

acompanhavam preocupações dos moradores com as contas dos barracões e a dinâmica das colocações, estradas e roçados, esses novos diários de comunidade nos representam uma preocupação essencial com novas dinâmicas de trabalho, de sociabilidade, de relação com auxílios institucionais e com termos que se referem muito a políticas públicas (formas de renda, bolsa escola, aposentadorias). Esse tipo de informação não reflete tão somente novas preocupações por parte de pesquisas, mas também uma recorrência de novas questões internas e de processos paralelos aos processos que constituem relações entre pesquisas e moradores ao longo dos anos.

Moradores e pesquisadores se representam nos diários novamente em resposta a questões em comum, seguindo as particularidades de seu modo de refleti-las e de dizer sobre elas. Os diários de comunidade explicitam tais questões e tais particularidades. A seguir, temos a capa de um diário de comunidade, como foi elaborado por Caboré e como foi respondido por Altemir Firmino.

*“Capa diário de comunidade
25 fevereiro de 2006
Informações
Monitor: Altemir Firmino*

Localidade: Rio São João, comunidade Morro da Gloria.

*Moradores da casa (Nome e idade)
Altemir Firmino, idade – 34 anos
Maria Ozélia de Lima – 36 anos
Clarimir Oliveira de Lima – 16 anos
Aldemíria Lima Firmino – 12 anos
Aldemir Lima Firmino – 11 anos
Rosineide Oliveira de Lima – 14 anos
Rosilenir Oliveira de Lima – 13 anos*

*Na casa há alguma fonte de renda monetária (salário, bolsa escola, pensão, aposentadoria, etc.)?
A renda que tem é bolsa Pete.*

Descrever os roçados da casa:

Quantos roçados tem, o que tem plantado em cada um, a quantidade e a qualidade de cada plantio, qual o motivo para plantar cada uma das qualidades e de onde elas vieram. Escrever se cada roçado é em várzea ou terra firme, mata bruta ou capoeira, colocar também as capineiras.

Nós temos 3 roçados, um com mandioca e milho. Tipo da mandioca: malatinha. De onde nós trouxemos: lá do alto São João de uma outra comunidade, nome Palheiro, e o milho também foi da mesma comunidade. Quantidade plantada: 4 mil covas. Motivo para plantar: para alimentação da família. Local plantado: na terra firme em mata de mata bruta.

Um outro roçado é para plantar arroz e milho. Esse tipo de milho é diferente do milho é diferente do milho do [], pois com três meses ele já está bom para ser colhido e eu consegui essa semente com um outro morador de dentro do São João por nome Antônio Alves. Quantidade plantada: 2 litros de milho, 2 litros de arroz. Motivo de ter plantado: alimentação da família e o milho para criação de galinha e pato. Local plantado: terra firme e mata virgem.

Um outro roçado que temos é de bananeira. Quantidade plantada: temos umas 140 covas de banana. De onde trouxemos: de um outro bananal que eu tinha. Motivo de ter plantado: para ajuda na alimentação da família. Local plantado: várzeas em mata de capoeira.

Temos também umas capineiras para minha criação de gado e ovelha pastarem. Tenho aproximadamente mas quatro quadras de terra para campo.

Descrever as fruteiras, verduras e temperos plantados, qualidade, quantidade e história de onde veio cada uma.

Laranjeiras temos 8 pés. De onde trouxemos a semente: da casa do vizinho em frente da nossa casa, nome: Bibir. Limeira: 4 pés. Conseguimos umas mudas lá do Juruá, da casa de nossos parentes. Tangerina temos 7 pés que conseguimos umas sementes em uma época em que nós fomos pegar umas para nós chuparmos lá na foz do São João e nós plantamos umas sementes. Limão temos dois pés que eu trouxe lá do alto São João, de onde nós morávamos, Comunidade palheiro. Urucum temos 8 pés que nós conseguimos da casa de nossos parentes que moram no Juruá. Abacaxi temos uns 40 pés que nós conseguimos umas sementes da casa de um compadre meu que mora na beira do Juruá, bem perto da nossa comunidade, de nome Peba. Azeitonas temos dois pés. Nós conseguimos as mudas lá na foz do rio Tejo para nós trazermos e plantarmos. Também temos seis pés de coco verde, pois nós conseguimos as mudas lá na casa dos meus cunhados que moram lá no Juruá. Temos cebola, temos pimenta, temos pimenta de maio, temos pepino e maxixe e temos 9 pés de [] de planta.

Fazer um mapa com os roçados e os plantios do quintal e do terreiro, inclusive com canteiros e hortas.

DIÁRIO

Data

Atividade

Se brocar, onde foi (várzea ou terra firme, mata bruta ou terra firme), quem brocou, quanto tempo levou e as formas de trabalho utilizadas (adjunto, diária, ou troca de dia)

Se derrubar, quem trabalhou, se pagou diária de moto-serra e quanto tempo levou.

Se queimar, quem trabalhou.

Se encoivarar, quantas pessoas (adultos e crianças) e quanto tempo gastou.

Se plantar, o que plantou, a quantidade, a qualidade, os motivos porque plantou, de onde veio a semente, o tempo que levou, quem plantou e as formas de trabalho.

Se limpar, qual foi o roçado, quem limpou, quanto tempo levou e as formas de trabalho.

Se colher, o que colheu, a quantidade, quem colheu, quanto tempo levou e as formas de trabalho.

Se for fazer farinha, o dia que começou e que terminou, quanto de macaxeira arrancou, as qualidades, quantas pessoas trabalharam, as formas de trabalho e o tempo que levou. Quem cevou, quem peneirou, quem colocou na prensa, quem torrou a massa, quantos paneiros de farinha deu, se tirou goma, quem fez e qual o destino da farinha (consumo, venda, pagamento de trabalho).

Anotar os dias em que não fez nada de agricultura.”

25 - Fevereiro - 2006 -

INFORMAÇÕES

MONITOR: Altêmio Firmiano.

LOCALIDADE: Rio São João

Comunidade Maria do Glória.

MORADORES DA CASA (NOME E IDADE).

Altêmio Firmiano idade - 34 Anos

Maria Ozelio de Lima - 36 Anos.

Clarionis Oliveira de Lima - 26 Anos

Aldemir de Lima Firmiano - 12 Anos

Aldemir de Lima Firmiano - 12 Anos

Prasineide Oliveira de Lima - 14 Anos

Prasineide Oliveira de Lima - 13 Anos

NA CASA HÁ ALGUMA FONTE DE
RENDA MONETÁRIA? (SALÁRIO, BOLSA ESCOLA,
PENSÃO, APOSENTADORIA, ETC.)

~~Arrenda~~ Arrenda ou temas e
bancos etc.

DESCREVER OS ROÇADOS DA CASA:
QUANTOS ROÇADOS TEM, O QUE TEM
PLANTADO EM CADA UM, A QUANTIDADE
E A QUALIDADE DE CADA PLANTIO.
QUAL O MOTIVO PARA PLANTAR CADA
UMA DAS QUALIDADES E DE ONDE
ELAS VIERAM. ESCREVER SE CADA
ROÇADO É EM VÁRZEA OU TERRA
FIRME, MATA BRUTA ou CAPOEIRA.
COLOCAR TAMBÉM AS CARINGIRAS.

1) mais temas e3 rarodas. um
com mandioca e milho.
Tipo da mandioca malatinho
de onde mais trouxemos das
do Alto São João de uma outra
comunidade nomi. pulheiro.
e milho tombar por do mesmo
comunidade. Cointido e plantado.
• 4 mil Cava. maturo para planta
para o alimentação da família.
Lata e plantado na terra firme
em mata de mata bruta.

2) um outro rosado e para planto
arrai e milho este tipo de
milho e diferente do milho do mar
para com 3 meos de far este bom
para ser colhido e eu conseguire
esta semente com um outro
mar do de dentro do São João
para nam Antonio Alves
contida de plantado 2 litro milho
e 2 libo arrai. matio ter
plantado para o alimentacao
da familia. e o milho para o
criacao de Galinho. e pato
daio plantado tero fari e
mata Viper.

03) um outro sarrado foi tomar
e de bananeiro. Quantidade plantado
semas - semas - 10050 Caba de
Banano de onde trouxemos
de um outro bananeiro que eu
tinha. motivo ter plantado
para ajudar na alimentação
da família. latão plantado
casas - e em mata de
Capim -

semas também semas. Capim
para o milho. Criação de
gado - e ovinho. pastais tendo
basicamente semas - 07 Cuidar
de terra para campo -

DESCREVER AS FRUTEIRAS; VERDURAS
E TEMPEROS PLANTADOS: QUALIDADE,
QUANTIDADE E A HISTÓRIA DE ONDE VEIO
CADA UMA.

Laranjeira temas - 8 pes - de onde
trai temas a semente do cara do
Crispino em frente para casa nome
Bibi - laranja - 04 pes - Comsegimam
umas muda lar do furu do cara
de masas aparente... Temperino.
temas - 07 pes - fe Comsegimam umas
semente em umas espeta fe
mas fomas pegor umas para
mais chupo lar na faga do
São João - e mais plantamos umas
sementes... limão - temas - 2
pes - fe eu traira lar do auto
São João de onde mais marava
comunidade palheiro.
ururus temas - 8 pes - fe mas
Comsegimam do cara de masas pare
te fe maro mo furu

Abatati temas us - 110 - pes -
foe mais casejimas umas Seme-
te da Casa de um Compadre
meu - foe mura ma bera do
Gurua ben perto da mura come
muito de - nomi espe - --

Azeitano - temas - 02 pes -
mais casejimas as mudas -
lar da fazer do rio de go para
mas trouximas e plantimas.

Tambem temas - 6 pes de Cato
Cerde - mais mais casejimas as -
muda lar na Casa dos meus
Comhaço - foe mura mo Gurua.

Temas Sebalá - temas pimenta
Temas pimento de maio.

Temas pipino - e malixe

e temas - 8 pes de anjo de pimenta

FAZER UM MAPA COM OS ROÇADOS E
OS PLANTIOS DO QUINTAL E DO
TERREIRO, INCLUSIVE COM CANTEIROS
E HORTAS.

DIÁRIO

* DATA

* ATIVIDADE:

- SE BROCAR: ONDE FOI (VÁRZEA OU TERRA FIRME, MATA BRUTA OU CAPOEIRA), QUEM BROCOU, QUANTO TEMPO LEVOU E AS FORMAS DE TRABALHO UTILIZADAS (ADJUNTO, DIÁRIA OU TROCA DE DIA)

- SE DERRUBAR: QUEM TRABALHOU, SE PAGOU DIÁRIA DE MOTO-SERRA E QUANTO TEMPO LEVOU

- SE QUEIMAR: QUEM TRABALHOU

- SE ENCOIVARAR: QUANTAS PESSOAS (ADULTOS E CRIANÇAS) E QUANTO TEMPO GASTOU

- SE PLANTAR: O QUE PLANTOU, A QUANTIDADE, A QUALIDADE, OS MOTIVOS POR QUE PLANTOU, DE ONDE VEIO A SEMENTE, O TEMPO QUE LEVOU, QUEM PLANTOU E AS FORMAS DE TRABALHO

- SE LIMPAR: QUAL FOI O ROGADO,

QUEM LIMPOU, QUANTO TEMPO LEVOU E AS FORMAS DE TRABALHO.

- SE COLHER: O QUE COLHEU, A QUANTIDADE, QUEM COLHEU, QUANTO TEMPO LEVOU E AS FORMAS DE TRABALHO.

- SE FOR FAZER FARINHA: O DIA QUE COMEÇOU E TERMINOU, QUANTO DE MACAXEIRA ARRANCOU, A QUALIDADE, QUANTAS PESSOAS TRABALHARAM, AS FORMAS DE TRABALHO E O TEMPO QUE LEVOU. QUEM CEVOU, QUEM PENEIROU, QUEM COLOCOU NA PRENSA, QUEM TORROU A MASSA, QUANTOS PANEIROS DE FARINHA DEU, SE TIROU GOMA, QUEM FEZ E QUAL O DESTINO DA FARINHA (CONSUMO, VENDA, PAGAMENTO DE TRABALHO).

* ANOTAR OS DIAS EM QUE NÃO FEZ NADA DE AGRICULTURA.

Trechos como esses são o que podemos chamar de introduções nos diários escritos entre 2006 e 2007. Nelas, vemos claramente as perguntas que orientam descrições do cotidiano dos moradores e podemos, deste modo, tentar buscar a partir delas as origens dos novos questionamentos que orientam a produção desses textos.

Introduções como essas não fazem parte dos diários escritos antes de 2006. Alguns dos conteúdos que contém já faziam parte desses diários anteriores, seja por parte das respostas dos escritores ou de outros aspectos que explicitam as intenções dos pesquisadores e sua atuação diretamente, como quando encontramos suas caligrafias, mas não de maneira explícita, na forma de perguntas e respostas.

Esta é uma capa de um dos novos diários de agricultura, cujo conteúdo proposto se assemelha e se difere dos diários de agricultura anteriores. As questões propostas nessa capa seguem intenções especiais de pesquisadores que buscaram aproveitar o momento dos treinamentos para fazer específicos questionamentos.

Aproveitando essa nova característica que explicita a atuação desses agentes, atentemos passo a passo para cada pergunta que compõe a capa desse diário.

Assim como os diários de comunidade, esse começa com perguntas sobre as possíveis “formas de renda” da família e do escritor do diário. Nos diários de comunidade, há capas como essas introduzindo preocupações relativas ao que se pode encarar como um contexto socioeconômico, perguntando sobre atividades exercidas pelos moradores das comunidades, suas formas de renda (bolsas, aposentadorias, se são agricultores ou prestadores de serviços, por exemplo) e as formas de renda de outros dos moradores da vizinhança, além de outras informações, como, por exemplo, os componentes de cada casa, idades e relações de parentesco entre eles.

Esse tipo de preocupação nos reflete dados sobre um novo contexto também e novos termos de projetos governamentais. Enquanto no início da década de noventa

tínhamos o apoio à produção de borracha, agora assistimos a um tipo de política que não é especificamente direcionado a áreas de conservação, como as políticas de bolsa escola.

A segunda se refere ao tema do diário, mas de uma maneira que também nos lembra das intenções atuais de pesquisas em muitos pontos, sobretudo quando se complementa com a terceira.

Diários de agricultura ou de roçados surgiram quando moradores começaram a informar outros dados realizados ao longo dos dias, sendo que o aproveitamento desses dados específicos sobre os roçados é algo que se fez de intenções de moradores e de pesquisadores. Saldos agrícolas, quantidades de roçados, tipos de plantas começaram a ser estudados pelas pesquisas e os diários específicos sobre atividades agrícolas foram incentivados. Não dá para precisar ao certo, pela leitura desse contexto complexo de escrita, se foi uma maior importância cotidiana da atividade agrícola que orientou a relevância dos dados sobre roçados ou se ao longo dos treinamentos e aulas esses dados foram inseridos como preocupação especial. Importante a se notar nesse caso em especial é o fato de que, ao longo dos anos, os dados sobre agricultura tomam espaço e se ampliam.

A descrição dos roçados, acompanhada de uma descrição sobre outros âmbitos das relações cotidianas com o cultivo são preocupações que compõem esses diários de agricultura atuais. Uma mudança na perspectiva das pesquisas é bastante relevante aqui. Notamos que ao longo dos diários, os moradores compunham um quadro sobre as atividades realizadas ao longo dos dias em que inseriam dados sobre suas idas aos pomares, seus cuidados com criações domésticas e com outros tipos de pequenas plantações. Esse tipo de informação se soma aqui com as informações sobre roçados, mas seguindo um interesse das pesquisas que não só o de aproveitar essa soma de dados feita pelos escritores dos diários ao longo dos anos. A escolha pela descrição desse âmbito maior de relações com a floresta que aqui compõe o que seria agricultura acompanha também uma nova perspectiva de estudo,

muito relacionada com as intenções do projeto que demandou a produção desses diários atuais, o PACTA.

Mais do que nos mostram uma demanda da autoridade de projetos como esse, tais perspectivas ampliadas sobre o que definiria agricultura também nos mostram a atuação particular dos pesquisadores. Voltando nosso olhar para a peculiaridade dos escritores, também devemos retomar a importância da atuação particular desses responsáveis pela delimitação dos conteúdos propostos, já que a atuação dos pesquisadores também nos lembra de seus olhares particulares.

Uma ampliação na preocupação com os dados sobre agricultura pode nos informar sobre diferentes questionamentos sobre o próprio tema da agricultura e das relações com a floresta. Acompanhamos a argumentação de Descola sobre a ética e a simbologia Achuar orientando a visão desse povo sobre sua relação com a floresta. Outros autores também olharam de modo especial para a maneira como populações não urbanas se relacionaram com o ambiente para explicar peculiaridades na maneira como encaram a relação entre produção e mercado (Ver WOORTMANN, K. 1988; WOORTMANN, E. 1995, 1997; BRANDÃO, 1999), ou mesmo nos mostraram como os relacionamentos de parentesco e de trabalho por parte dessas populações ou como também a ética desses relacionamentos orientaram visões sobre o espaço (Ver GODOI, 1999; MARCHESE, 2005). Tais considerações podem intrinsecamente relacionadas com a proposta do desenho sobre os roçados que o escritor acabou não fazendo. Possivelmente imbuídos de leituras e questionamentos como esses os agentes proponentes desses conteúdos acabam sendo vistos na maneira como novas perspectivas sobre agricultura vão tomando conta dos diários e das narrativas dos moradores da REAJ.

Questionamentos particulares dos próprios pesquisadores acabaram compondo também esse conteúdo e sendo diretamente expostos em introduções como esta,

presente em um dos novos diários de agricultura (que, nos lembremos, eram anteriormente denominados como “diários de roçado”, termo intimamente relacionado a uma visão dos escritores). Uma implicação que pode ser salientada, nesse caso, é uma ampliação dos próprios questionamentos no que tange o relacionamento dos moradores com a floresta, partindo de possíveis pressupostos intrínsecos ao olhar dos pesquisadores, mas também partindo de um contexto especial em que há alguns anos os próprios moradores já vinham nos dizendo da importância diária dos diferentes âmbitos da produção, como as atividades em torno da vida doméstica e fora dos roçados ou das estradas de seringá.

Se quisermos falar de mudança no caso desse contexto socioeconômico e político que envolve a vida desses moradores escritores, temos de nos voltar para uma complexa relação entre mudanças nas perspectivas dos pesquisadores, novas ou velhas respostas de conteúdo e de formato informadas pelos escritores, novos temas, novos sinais da atuação de órgãos, instituições e projetos, mas sempre tendo em mente que essa mudança é vista a partir de um processo original em que uma etnografia sobre o cotidiano de moradores da floresta é escrita por eles próprios. Inicialmente, encontrávamos os pesquisadores em termos e discursos que reconhecíamos não ser locais, em diários que além do tema, datas e personagens, não nos indicavam outras intenções. Nesses novos diários, temos não somente a participação explícita daqueles que propuseram conteúdos e temas, como podemos também repensar suas intenções e influências a partir dessa participação.

Além disso, nos deparamos com um processo confuso e complexo em que termos de pesquisadores se misturam ao dos moradores, informações escolhidas por escritores e formatos construídos por eles ao longo dos anos se misturam a intenções atuais das pesquisas, moradores se tornaram pesquisadores, sem que, no entanto, os diários se difiram muito no que se refere à maneira como cada escritor construiu seu texto ao longo desses anos.

Nesse diário mesmo, notamos que independentemente das informações de caça, o diário de Altemir Firmino ainda se assemelha bastante aos que anteriormente fazia.

Tendo todas essas observações em mente, partamos para o último excerto comentado, um excerto de diário de comunidade.

*“Antônio Gomes Nascimento
Diários de comunidade*

Neste dia 28/7/06

Hoje o pesquisador Roberto mais o pesquisador Roxo desceram às 8 horas para a comunidade São Francisco e de lá foram para a boca do Bagé. Transitavam lá de lá para a foz do Tejo para subir para o Juruá.

Neste dia 28/7/06

O papai veio deixar a mamãe aqui em casa para a Mariazinha fazer um soro nela, pois já fazia muitos dias que vinha com tonturas e se sentindo fraca. Esteve doente e como sua alimentação não estava muito boa, custa sua recuperação, então veio tomar o soro para ficar mais forte.

Neste dia 28/7/06

O Nino que tinha descido com o senhor Francisco Mundoca para Thaumaturgo, chegou às 2 horas da tarde. Trouxe notícia que ele estava bem melhor da picada de cobra e disse que estava fora de perigo.

28/7/06

Neste dia o senhor Delmar Souza Leão, morador da comunidade Depósito, chegou hoje depois de passar 3 meses em Rio Branco com seu genro que foi picado por uma cobra e foi para Thaumaturgo e de lá foi encaminhado para Cruzeiro do Sul e de lá para Rio Branco e o Delmar retornou, mas o rapaz ainda ficou.

Sábado, 29/7/06

Neste dia uns agentes de saúde comunitária desceram para Thaumaturgo para participar de uma reunião com a secretária de saúde, Flávia, e nessa reunião uns agentes fazem a entrega do relatório de seus trabalhos durante o mês.

Neste dia 29/7/06

O Domingo desceu para a comunidade 4 bocas para fazer uma reunião com o fiscal do Ibama. Todos os meses tem que fazer uma reunião em comunidades diferentes com a liderança das comunidades. Lá na 4 bocas é o senhor Valmar Cunha esta liderança e que tem que ver a necessidade do PND”

DIÁRIO DE Comunidade

Neste dia

28/7/06 Hoje o pesquisador Roberto
mas o pesquisador Roxo Desercom
Has 2 Horas para Comunidade São
Francisco e de lá para a Boca
Do Bager Tempitava lá e de
lá para a faz do Tego para
Subir para o Juma

Neste dia ~~28/7/06~~ 28/7/06

O papai veio Deixar a mamãe
~~para~~ aqui em casa para a manazinha
fazer um Souro nele pois
já fazia muitos dias que vinha
com tonturas e se sentia muito
fraca. ~~Atene~~ doente e como
sua alimentação não está muito Boa
Certa Sua Recuperação então
veio Tomar o Souro para
ficar mais forte

Dia 28/4/06

Neste sexta feira

O Nino que tinha desido
com o Senhor Francisco Mendonça
para Traumatismo chegou às
2 horas da tarde trouxe notícia
que ele estava bem melhor
da picada da cobra e que
estava fora de perigo

28/4/06 Neste dia

O Senhor Valmar Sousa Leão
Morador da Comunidade Depósito
chegou hoje depois de passar
3 meses em Rio Branco com
seu genro que foi picado
pelo uma cobra e foi
para Traumatismo e depois
foi em caminhado para
o Caminho do Sul e de lá
para Rio Branco e o Senhor
Retornou mas o Rapaz ainda
ficou

Sábado

29/4/06

Neste dia os agentes de

Saúde Comunitários desera para
Traumatismo para participar
de uma reunião com a secretaria
de Saúde Flávia e nesta reunião
os agentes faz a entrega
dos Relatórios de seu trabalho
durante o mês

Neste dia 29/4/06

O Domingo deseu para a comunidade
de Bocas para fazer uma reunião
como fiscal do IBAMA Todas
as vezes tem que fazer
uma reunião em comunidade
Diferente com a liderança
das comunidades da município
e o Senhor Valmar Cunha
estes lideranças e que tem que
ver a necessidade do PND

Diários de comunidade nos falam sobre aqueles eventos que também já eram informados por alguns dos escritores em seus textos: falam sobre a dinâmica de pessoas passando por uma comunidade e sobre outros tipos de elementos da vida cotidiana, como parentes e vizinhos adoentados e visitas, assim como outros motivos para essas visitas e viagens. Falam sobre política e sobre a atuação de agentes de saúde, fiscais, professores.

O excerto acima foi escolhido para encerrar os comentários sobre como agentes não moradores aparecem ao longo das narrativas porque nos revela algo importante que acabou se tornando conteúdo e tema desses novos diários. Essa dinâmica dos relacionamentos entre vizinhos e parentes, das viagens e do trânsito de moradores pelos diferentes motivos acabou se tornando tema desses diários, que também se ocuparam de questionamentos sobre aspectos sociais e econômicos da vida da comunidade. É nesses diários que também encontramos pesquisadores e pesquisas, assim como motivos da atuação de órgãos públicos, ao longo dessa vida social da comunidade.

O que nos primeiros diários aparecia como parte de um diário ou de outro ou como folhas separadas que contavam sobre os acontecimentos específicos de uma reunião ou de uma viagem, passa a ser conteúdo proposto de um diário e especial e isso muito se relaciona com intenções e direcionamentos de pesquisas sobre a vida nessas comunidades e sobre o intercâmbio entre pessoas e ambiente que já se expressa nos diários de agricultura em questões, como por exemplo, sobre a origem das plantas dos pomares.

Aqui, como no caso dos novos diários de agricultura, há novos tipos de preocupações referentes ao relacionamento entre os moradores e, mais especificamente, à participação de cada um na vida dos seus vizinhos e parentes num

contexto em que novos trabalhos aparecem como fonte de renda das famílias e em que novos serviços acabam fazendo parte da vida desses moradores. Nesse sentido, os motivos de visitas e viagens, o trânsito de pessoas, acabam sendo tomados como fonte de dado sobre novos relacionamentos e novos contextos. São com esses contextos que os diários de comunidade se mostram preocupados.

Essa última parte de comentários sobre mudanças nos diários que acompanham mudanças na maneira como pesquisadores podem estar olhando para situações e relações dentro da REAJ nos revelou algo bastante importante. Esses novos diários se ocupam de temas que anteriormente eram informados ao longo das narrativas sobre o cotidiano, mas que não eram exatamente tomados como fato a ser especialmente observado e estudado. Ao longo dos anos, esses fatos e relações que eram tomados como parte importante da vida pelos próprios moradores passam a ser tomados também como dado relevante pelas pesquisas. Essa soma de intenções é por si só importante quando pensamos em mudanças de perspectivas.

Assim como encaramos que a maneira como a rotina de atividades é descrita pelos moradores nos fala muito sobre suas maneiras de pensar suas próprias relações com a floresta, com demais moradores, com o trabalho, podemos dizer que esses elementos sobre pesquisa nos dizem também, em muitos aspectos, sobre o caráter teórico e sobre os pressupostos que ancoram tais perspectivas.

Falar sobre mudança, nesse contexto, é um exercício delicado, já que tudo que todas as conjecturas que podemos fazer dependem do olhar impresso pelos escritores e, no caso específico das capas de diários, também impresso pelos pesquisadores.

Considerando tempo como um dos temas que percorre todas essas perspectivas relativas ao cotidiano, aos trabalhos e às relações desses moradores escritores com a floresta, partimos para uma reflexão sobre o tempo e sobre a maneira como a forma de pensar sobre ele invade nossos questionamentos e orienta nossas respostas. O tempo é um tema privilegiado quando encaramos aqueles pressupostos sobre os quais construímos nossas considerações em relação ao trabalho e à vida em grupos como o desses escritores.

CAPÍTULO 3 – TEMPO, DIÁRIOS E ANTROPOLOGIA

Experiência do tempo na sociedade

Neste último capítulo, tratamos daqueles aspectos que elucidam uma discussão sobre tempo e sociedade e sobre tempo e cultura, como parte daquilo que tomamos como caminho condutor das interpretações feitas sobre as narrativas desses escritores da floresta. Essas discussões são parte essencial dos discursos que também compõem o conteúdo dos diários e que nos falam sobre os agentes não moradores, como quando notamos os termos sobre preservação e conservação e os termos referentes a preocupações das pesquisas com a dinâmica dos trabalhos, da agricultura, das fontes de renda da população local e com a maneira como os moradores relacionam com a floresta e entre si.

Vendo a maneira como algumas informações sobressaíam em relação a outras, como a escrita foi orientada e como os conteúdos podem nos dizer sobre o olhar dos pesquisadores e das pesquisas, encontramos discussões antropológicas e sociológicas que tanto podem nos servir de aporte para o olhar sobre esses diários quanto podem por nós serem iluminadas a partir dessa história particular de escrita e de construção de diálogos, formatos e conteúdos.

Esse último capítulo aprofunda esses discursos a partir de temas que são recorrentes quando se discute tempo e cultura, tempo e sociedade. Percorremos esses temas e suas implicações.

O tempo e o ritmo da vida social

“As representações coletivas são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para produzi-las, uma multidão de espíritos diversos associaram, misturaram, combinaram suas idéias e seus sentimentos; longas séries de gerações acumularam aí sua experiência e seu saber” (DURKHEIM, 1996: p. 45).

Foi Durkheim um dos pioneiros a relacionar a forma como o tempo é pensado e expresso pelos povos e a constituição das relações sociais, em *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (DURKHEIM, 1996), texto que, por sua vez, influencia o artigo “Variações Sazoneiras dos Esquimós” (MAUSS, 1974), de Marcel Mauss. Esses textos tocam o tema do tempo de maneira original ao relacionarem a natureza do tempo com o ritmo da vida social e com o que chamaram de representações coletivas e são particularmente interessantes aqui porque nos expressam alguns pontos que são levantados como conteúdo ao longo da leitura feita sobre os diários dos moradores da REAJ quando falamos sobre ambiente, atividades e relações sociais.

Uma relação entre práticas produtivas e ambiente que passa pelas representações coletivas e, portanto, pelas categorias sociais de tempo e espaço, é um dos enfoques que encontramos também nas etnografias que no início e no meio do século vinte caracterizaram o pensamento antropológico, ou parte do que hoje se reconhece como pensamento antropológico. Se Mauss dá um passo em direção à antropologia e a essa discussão com seu conceito de Morfologia Social, distanciando-se da proposta mais epistemológica presente nas considerações de Durkheim sobre as origens da vida religiosa, é Evans-Pritchard que nos permite dar um pulo para

etnografias sobre representações e vivências do tempo e do espaço com seu livro *Os Nuer: Uma Descrição do Modo de Subsistência e das Instituições Políticas de um Povo Nilota*.

Evans-Pritchard dedica um dos capítulos do livro para nos dizer sobre a forma como Os Nuer relacionam tempo, espaço e aquilo que o autor chama por relações ecológicas. Tanto a maneira como se relacionam com ambiente e quanto o modo como ocupam e usam o espaço nos diferentes momentos do ano passam pelas maneiras como Os Nuer se organizam em sociedade e como se organizam politicamente. Os princípios que fazem dos Nuer um grupo estão intimamente relacionados com a maneira como o espaço e o tempo são por eles delimitados.

Segundo Evans-Pritchard, os Nuer percebem e dividem o correspondente a um ano partindo de dois períodos principais, um período de secas e outro de cheias, sendo que esses períodos também dividem formas análogas de organização social: as formas de relacionamentos produtivos e sociais das aldeias e a dos acampamentos. Os Nuer ainda possuem categorias próprias com as quais nomeiam aqueles que comporiam os meses do ano, meses esses que além de demarcarem os tipos de relacionamentos e a vivência nos acampamentos e nas aldeias, demarcam tipos de atividades e períodos que nos remetem à forma como esse povo se relaciona com demais aspectos do ambiente. Essas formas de nomear e de dividir períodos do ano também se constituem, portanto, a partir de uma divisão das atividades realizadas ao longo desses períodos contrastantes de cheias e secas, o que faz com que a relação com o ambiente também não seja aqui de ordem determinística, apesar do tempo do ambiente influenciar bastante nessas marcações e classificações, porque essa relação também passa pela experiência dos homens em sociedade. Segundo o autor:

As limitações ecológicas e outras influenciam suas relações sociais, mas o valor atribuído às relações ecológicas é igualmente significativo para a compensação do sistema social, que é um sistema dentro do sistema ecológico, parcialmente dependente deste e parcialmente existindo por direito próprio. Em última análise, a maioria - talvez todos - dos conceitos de espaço e tempo são determinados pelo ambiente físico, mas os valores que eles encarnam constituem apenas uma das muitas possíveis respostas a este ambiente e dependem também de princípios estruturais, que pertencem a uma ordem diferente da realidade. (EVANS-PRITCHARD. 1978, p.107).

Assim como a sociedade durkheimiana é uma realidade mais complexa que faz parte da realidade da natureza, aqui o sistema de valores criados pelos Nuer em que encontramos as formas de pensar e representar tempo e espaço também é uma realidade relativamente independente do sistema ecológico. Sistemas de idéias e de regras coletivos que constituem a vida social dos grupos humanos estão contidos na realidade da natureza, assim como a sociedade é um momento mais complexo da história natural, se quisermos traçar um paralelo entre autores, mas, apesar das categorias Nuer de tempo e de espaço estarem relacionadas intimamente com o tempo do ambiente, já que se voltam à ele em suas marcações, são também categorias sociais e simbólicas.

Evans-Pritchard nos diz que há referências temporais Nuer que nos remetem a um “tempo estrutural” e outras que nos remetem a um “tempo ecológico”. Essas referências que o autor chama de estruturais se relacionam ao conceito de estrutura social, utilizado pelos autores do estrutural funcionalismo inglês, sobretudo por Radcliffe-Brown, que encontrou no sistema de parentesco e nas regras de descendência princípios que regulamentam e instituem os relacionamentos entre sujeitos dentro de grupos sem Estado.

A noção de tempo estrutural nos remete à maneira como os homens se organizam enquanto grupo porque nos fala sobre uma maneira de conceber esses grupos que nos evoca os princípios que regem e regulam a vida em sociedade. Todas as atividades produtivas e coletoras, as atividades religiosas Nuer de um modo ou de outro se relacionam com sua organização social, pelo menos neste livro de Evans-Pritchard. Essa organização e essas regulamentações também nos dizem, portanto, sobre o ritmo da vida social a partir do qual os Nuer conceituam, pensam e vivenciam o tempo, o que faz com que o tempo estrutural, ou seja, o tempo vivenciado dentro da estrutura de relações que constitui os Nuer como grupo também é determinante na maneira como esse povo concebe as marcações de tempo. É nesse sentido que podemos ter o livro de Evans-Pritchard como uma etnografia sobre o tempo, já que nos dizendo que as estruturas de relações constroem grupos humanos diferenciados e também que encontramos diferentes sistemas de valores concebidos por esses diferentes grupos, o autor nos está permitindo observar uma maneira Nuer de vivenciar e conceber tempo e espaço, além de nos falar sobre o objetivo geral do livro: que os Nuer também têm um sistema político próprio. Evans-Pritchard nos diz como há uma relação íntima entre o tempo de atividades e o tempo natural e é nesse ponto que sua argumentação nos aproxima de aspectos da forma como podemos ler os diários dos moradores da REAJ.

Além da antropologia do tempo feita pelo autor em parte desse livro, é importante também salientar a relação feita entre atividades, ritmo da vida social e organização social, portanto. Esses três elementos relacionados nos evocam uma maneira de relacionamento com o sistema ecológico que passa tanto pelas relações e pelas atividades produtivas quanto pelos valores e representações expressos por aspectos do sistema político Nuer. A proposta antropológica de Evans-Pritchard vai pensar na relação entre tempos ecológicos e sociais tendo em vista uma noção de grupo

que leva em consideração as relações produtivas e os aspectos organizacionais e políticos constitutivos da vida social. O tempo aqui não é somente orientado por uma maneira de se ver, ou seja, as formas de conceber e vivenciar o tempo não são somente recortadas pelos filtros culturais. A experiência do tempo em sociedade não somente para Evans-Pritchard, mas para Mauss e Durkheim passa por uma experiência que não é somente da ordem da cultura, seja porque a sociedade é uma realidade dentro da realidade natural, seja porque o tempo estrutural está contido no tempo ecológico, seja porque as bases para a morfologia social se colocam no tempo e no espaço além de o representarem. Outros autores farão suas etnografias partindo de outros paradigmas antropológicos, como os que nos permitem afirmar que a forma como as diferentes culturas vêem o tempo se referem à forma como vêem o universo a sua volta e criam sistemas simbólicos relativos a eles, como quando se relaciona a contagem do tempo à memória dos grupos ou a maneiras como são nomeadas as gerações (como faz Clifford Geertz em um dos artigos de *A Interpretação das Culturas*), por exemplo.

Para os capítulos que se seguem é importante entender essa diferença porque a proposta de análise do tempo relacionada a atividades produtivas e aos conseqüentes relacionamentos com o ambiente é um dos enfoques possíveis para estudos sobre populações rurais ou populações tradicionais, sobretudo nos estudos que contrapõem grupos que vivem da agricultura e pecuária ou de atividades coletoras a uma sociedade industrial e urbana. Esse tipo de contraposição foi feito de diferentes maneiras dentro dos estudos sociais e merece ser melhor discutido antes que observemos outras propostas dos estudos antropológicos que se pautam na crítica ao modelo etnográfico quando este se ancora em conceitos e formas de pensar a sociedade ainda muito presas aos termos da sociedade moderna e industrial, conseqüentemente, à

sua maneira de pensar, como seria o caso do conceito de sociedade durkheiminiano ou da separação feita entre sociedade da ciência e sociedade do totemismo. Sigamos para as questões imbricadas nesses estudos.

Duas sociedades e dois tempos

“Para a camada superior da humanidade, o tempo é um inimigo e [...] a sua principal atividade é matá-lo; ao passo que para os outros, tempo e dinheiro são quase sinônimos” (THOMPSON, 1998: p.257)

Começamos retomando parte de aspectos salientados no capítulo anterior, sobre como um estudo antropológico e sociológico de tempo se delineia a partir do contraste entre sociedade moderna ou sociedade industrial e grupos sociais que se relacionam com ela de maneira marginal, seja por compartilharem formas de relacionamentos produtivos e sociais um tanto quanto distintos, seja porque possuem representações e formas distintas de se relacionarem com o ambiente e com o tempo. Esse tipo de contraste e de relação é um pressuposto a partir do qual alguns textos vão sendo baseados e também a partir do qual explicações sobre a relação de contato e de mudança vão sendo construídas.

Aquelas que chamamos de etnografias sobre o tempo de certo modo se relacionam com esse propósito de contraposição entre grupos sociais que se pauta em um outro tipo de contraste fundamental: entre o nós observador e os outros, observados. Quando, por exemplo, Evans-Pritchard nos afirma que Os Nuer se organizam politicamente e possuem formas de próprias de se relacionar com o ambiente, nos está dizendo que os Nuer compreendem um grupo social organizado mesmo não compartilhando dos regulamentos jurídicos das sociedades organizadas segundo a forma moderna de Estados Nacionais. Apesar de diferentes, esses princípios jurídicos e simbólicos aproximavam grupos como os estudados por Evans-Pritchard e essa sociedade moderna: princípios que compunham grupos sociais organizados no espaço

que perduravam no tempo. Este tipo de conclusão nos evidencia uma preocupação comparativa implícita, que encontrava semelhanças nas diferenças e, mais do que isso, as encontrava a partir de termos que nos referiam representações do próprio autor sobre sociedades e culturas contrastantes. A mesma lógica pode ser encontrada quando observamos estudos sobre o tempo em sociedades rurais ou em grupos como os estudados pela antropologia no início e meio do século vinte, como é o caso de Evans-Pritchard e Mauss.

Refletimos aqui, portanto, como o tempo entra nessas discussões que carregam com elas esse contraste implícito. Seja em estudos que demarcam uma relação de “aculturação” (Ver MURPHY & STEWARD, 1956; STEWARD, 1967) entre a sociedade do capital e grupos que não compartilham todos seus princípios simbólicos e práticos, seja em estudos que tentam mostrar como as representações e a cultura ainda se sobressaem no contato entre esses grupos contrastantes, temos o tempo enquanto elemento que nos direciona uma leitura crítica sobre a própria maneira como podemos ler os diários e suas narrativas.

Se em Durkheim, Mauss e Evans-Pritchard encontramos uma leitura social e cultural do tempo dentro de sociedades “primitivas”, com E. P. Thompson e Norbert Elias (Cf. THOMPSON, 1998; ELIAS, 1998) selecionamos elementos que nos falam sobre uma leitura histórica e cultural do tempo na sociedade moderna, e, mais do que isso, no momento de transição para uma sociedade moderna. Esse tipo de discussão segue outra exposição de argumentos que elucidam os questionamentos frente ao tema e ao objeto da pesquisa, uma exposição sobre textos e argumentações que nos permitem observar particularidades dos relacionamentos produtivos e simbólicos entre grupos que se colocam de certo modo à margem do universo urbano e industrial.

Em *Costumes em Comum*, E. P. Thompson dedica um capítulo em especial para discussão da relação entre tempo e trabalho na história de constituição da sociedade capitalista: “Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial”. Como podemos notar com uma de suas afirmações com a qual começamos, uma das preocupações em especial neste capítulo é demonstrar que o tempo não tem o mesmo valor significativo para as diferentes classes e sociedades nos diferentes momentos da história.

O autor nos mostra como as concepções e formas de vivenciar o tempo se diferenciaram no momento da passagem daquela que Thompson denomina “economia moral” para a forma de acumulação e produção capitalista. Neste capítulo e neste livro também notamos a preocupação em se discutir processos de transformação, no caso, uma mudança datada que relaciona fatos históricos ocorridos de 1330 a 1650 relativos à percepção do tempo no âmbito da cultura intelectual da Europa ocidental. O autor cita, por exemplo, a expansão da imagem do mecanismo do tempo de relógio a partir do século XVII, sua consolidação e universalização a partir das teorias Newtonianas.

Tratando destes exemplos sobre as mudanças nas formas de conceber o tempo advindas da modernidade, observadas nas teorias metafísicas e físicas e na incorporação popular de instrumentos como o relógio, o autor se questiona em até que ponto esta transformação na forma de se vivenciar temporalidades e rotinas afetou a percepção do tempo entre os trabalhadores no momento de consolidação da economia capitalista sobre a economia moral, em até que ponto as formas de pensar o tempo influenciaram as práticas produtivas e a disciplina de trabalho. Com este posicionamento e com a forma como os fatos são analisados o autor nos faz duas importantes afirmações: primeiramente, que as formas como o tempo é representado e

pensado estabelecem uma relação dialética com as formas como é vivenciado no interior das atividades cotidianas e produtivas e também que podemos pensar em duas formas bastante diferenciadas de vivenciar e expressar o tempo quando nos remetemos à economia moral e à economia capitalista que delimitam o processo histórico desta transição. Esse último ponto nos remete diretamente a uma forma de contrastar sociedades que já salientamos estar presente intrinsecamente nas visões de outros autores sobre a relação entre tempos e vida social e é sobre ele que debruçamos maiores atenções nesse capítulo.

Estas duas formas principais de se vivenciar o tempo separam a história em dois grandes momentos, sendo que, compartilhando certa perspectiva antropológica, Thompson relaciona esta economia moral, pré-capitalista, ao fato de que entre os homens deste período, a medição do tempo estar comumente relacionada ao ritmo das atividades domésticas, ao ciclo de trabalhos e aos processos familiares. Tal concepção não nos é estranha, sendo que já discutimos alguns aspectos semelhantes quando retomamos as teorias antropológicas e sociológicas que trataram dos estudos do tempo em sociedades como a dos Nuer.

Seguindo esta perspectiva histórica o autor afirma que a grande transformação nas formas de pensar e viver o tempo na transição capitalista se relacionam com diferentes pontos de mudança: a disciplina do trabalho, a institucionalização da rotina da fábrica não convivem com as formas de trabalho pré-capitalistas, centradas na família e no ciclo de atividades rurais ou manufactureiras, além disso, tendo o capitalismo tendências universalizantes, também tem o poder potencial de instituir formas de medir o tempo (abstraídas da tendência de sincronização necessária à disciplina de trabalho) que tendem a tomar toda a sociedade, como notamos no processo de popularização dos relógios, por exemplo, descrito no capítulo.

Thompson ainda tece uma outra dedução importante sobre o processo de transição, dizendo que o descaso pelo tempo do relógio só seria possível em uma comunidade de pequenos agricultores e pescadores, cuja estrutura do mercado sua administração seria de pequenas dimensões e em que as tarefas diárias parecem se desenrolar pela “lógica da necessidade”, em suas palavras. Nestas sociedades em que notamos a presença de formas econômicas ligadas à vida familiar, como o trabalho não é apartado da vida, parece natural que as formas de representar e medir o tempo também não sejam apartadas dos relacionamentos domésticos e cotidianos, o que faz com que trabalhar e passar o dia em descanso não sejam atividades essencialmente conflitantes, com que o descanso não seja algo extra-cotidiano e com que, conseqüentemente, o tempo não seja medido somente a partir da realização de uma atividade ou destinado a ser gasto com ela.

Até aqui, notemos, portanto, que sociedade, capitalismo e trabalho se relacionam enquanto termos fundamentais para que o autor nos fale sobre mudança e transição pautando-se no tempo num sentido que também toca aspectos culturais. Lidando com esses termos e interrelacionados, mesmo quando discordam entre si (nos paradigmas que definem mudança, que definem sociedade e cultura), outros textos também acabaram usando o tempo enquanto tema que evoca contraposições implícitas levantadas por tais termos e enquanto tema que exemplifica um processo de mudança cultural e material de uma sociedade para outra.

Em *Sobre o Tempo*, Norbert Elias discute o tempo como um conceito que não existe em si, que não existe enquanto dado objetivo ou propriedade do espírito humano, mas sim como fruto de um processo de aprendizagem da humanidade. Sua proposta se assemelha bastante à proposta de Durkheim, no sentido de que, enquanto

conceito, o tempo é formulado socialmente, ou seja, que o seu significado se relaciona com os processos sociais e históricos da sociedade que o compreende e o utiliza. Por sua vez, em *A lógica escrita e a organização da sociedade*, Jack Goody também relaciona a história das sociedades tradicionais a aspectos cognitivos e simbólicos que envolvem o tempo enquanto conceito social e histórico e que envolvem os instrumentos e códigos utilizados para pensá-lo⁴⁰.

Norbert Elias é bastante referido por causa de seus livros que tratam da transição de uma Europa de nobres para uma Europa de burgueses, pela constituição da nova sociedade de classes, com sua distinta forma hierárquica e seus distintos comportamentos. As preocupações com essa transição e com esse processo também acabaram se direcionando para o conceito de tempo.

Em *O Processo Civilizador*, o autor analisa o surgimento e consolidação da nova classe burguesa e da desestruturação de um sistema de estamentos utilizando dados como manuais de boa conduta e de higiene. A característica mais marcante destas análises é o fato de Elias relacionar o processo de consolidação da burguesia a um processo de civilização baseado aumento do autocontrole, conseqüentemente, do controle social, tido por Elias mais como um dado que como um aspecto negativo (como foi pensado por Freud, por exemplo, antes mesmo de Elias ou por Foucault, mais tarde). Estes aspectos gerais da proposta teórica do autor serão acabam também se refletindo em *Sobre o tempo*, primeiramente, porque o autor também salienta aspectos simbólicos e sua relação com processos sociais mais amplos no que tange a análise histórica do tempo, mas também porque estes livros carregam consigo

⁴⁰ Em *Entre l'oralite et l'écriture*, do mesmo autor, também encontramos discussões semelhantes, principalmente quando o autor cita a influência do calendário ocidental em culturas como a Islâmica, que pensa o tempo anual segundo um calendário lunar.

certa visão da humanidade que orienta a visão do autor sobre a sociedade moderna e sobre o processo civilizador a ela relacionado e também relacionado às características sociais do conceito de tempo.

O intuito central do autor em *Sobre o tempo* é fazer uma sociologia do saber, uma sociologia que busca desvendar os processos sociais e históricos que estão por trás da formulação de conceitos como o tempo. Assim como Durkheim, Elias nega as interpretações dos físicos e filósofos modernos sobre o tempo, também relacionando a argumentação destes ao período em que escreveram. Segundo o autor, o tempo não é algo que possa ser medido ou quantificado porque é um conceito que fora construído conjuntamente com a construção e o desenvolvimento da sociedade até o período em que a conhecemos. Dizendo isto, o autor se afasta de propostas cartesianas, kantianas e newtonianas de que o tempo é algo objetivo, portanto, que pode ser observado e quantificado, ou de que o tempo é uma propriedade constitutiva do espírito humano, definindo uma potencialidade da mente humana captar conjuntos de acontecimentos e relacioná-los.

Estas afirmações se relacionam com dois posicionamentos importantes, e é a partir deles que ao longo do ensaio Elias discute dados sobre a história das formas como o tempo é representado pelos homens ao longo do tempo e, mais especificamente, nas representações filosóficas e científicas intimamente relacionadas com a construção da ciência moderna. O primeiro posicionamento se relaciona com os intuitos metodológicos que salientam a importância de um estudo sociológico do saber, que busca relacionar sociedade, história e conceitos segundo uma perspectiva peculiar ao autor: o aspecto já discutido em *O Processo Civilizador* de que há um aumento da auto-disciplina e do auto-controle com o desenvolvimento da modernidade e da civilização como a conhecemos. O segundo posicionamento se refere

a uma proposição de que há uma espécie de acúmulo de conhecimentos em relação ao conceito de tempo ao longo da história da sociedade, em uma capacidade de síntese de conceitos mais expressivos e universalizantes que também vem junto com a civilização.

Em *O Processo Civilizador*, parece que a civilização é fruto de um mesmo desenvolvimento, de um mesmo progresso que em *Sobre o tempo* nos é demonstrado com o argumento do aumento na capacidade sintética dos conceitos. Nos estudos sobre a formação da classe burguesa, a incorporação individual da disciplina nos parece um controle necessário à criação de elementos institucionais modernos como o Estado Nacional, portanto, necessários a uma invenção moderna que nos parece tão positiva para Elias quanto à ciência, que, por sua vez, contribuiu para o desenvolvimento de formas de pensar capazes de tecer interpretações mais completas sobre a sociedade e sobre as leis físicas e naturais que em períodos anteriores. Com a complexificação dos relacionamentos na sociedade moderna e das instituições que a compõem, abre-se espaço para a complexificação das maneiras de se pensar o tempo e outros conceitos, sendo o acúmulo de conhecimentos também importante para este processo de construção de instituições mais complexas. Para Elias, tal processo é concomitante e parece haver uma interdependência entre o desenvolvimento cognitivo e o social.

De forma semelhante a outros autores, e inclusive semelhante a E. P. Thompson quando este nos diz que o desprezo pelo controle do tempo e pelo tempo de relógio só é possível em sociedades que focam suas atividades a partir da vida doméstica, Norbert Elias também nos diz que os instrumentos de medição do tempo como o relógio ou mesmo a estrutura simbólica em que ele se baseia (de horas, minutos e segundos) é uma estrutura artificial com tendências universalizantes, sendo fruto de relações em especial. O aumento do auto-controle observado e de certa forma

necessário à constituição da modernidade, da nova hierarquia das classes sociais e das instituições modernas, também se relaciona, portanto, com a delimitação de um tempo controlado e abrangente em sua capacidade sintética.

Norbert Elias não está, no entanto, especialmente preocupado em relacionar as formas modernas de se conceber e vivenciar o tempo com a nova disciplina de trabalho e com a nova configuração das relações produtivas, ao contrário de E. P. Thompson. Além de buscar argumentos que tratem de uma teoria sobre a construção do conceito de tempo, uma teoria que relacione características cognitivas, discursivas com processos sociais, o autor está preocupado em delimitar a importância de uma pergunta: quais os objetivos por trás das maneiras como os homens necessitam determinar o tempo? Uma das respostas destas perguntas poderia se relacionar sim com os objetivos da configuração da disciplina de trabalho, e aqui, novamente lidaríamos com um dos termos que orientam a relação entre sociedade moderna e tempo. Mas, para o autor, a disciplina não é algo presente na sociedade moderna e ausente nas outras sociedades: da mesma forma como alguns homens construíram instrumentos artificiais de medição do tempo, outros significaram e utilizaram elementos naturais para construir maneiras de organizar a vida e, inclusive, sociedades de pequenos agricultores, por exemplo, já possuíam calendários que relacionavam fenômenos da natureza que se relacionavam com ritmos sociais, como as que mais tarde foram citadas e estudadas por autores dentro da antropologia, como Evans-Pritchard. Os calendários baseados em anos, dias e meses se diferenciam por sua abrangência, que possibilitou a medição de processos mais longos como o estabelecimento da idade de estrelas, da terra e de períodos históricos⁴¹.

⁴¹ Podemos notar aspectos desta teoria sociológica em que o controle parece ser necessário à constituição da humanidade, o que, de certo modo qualifica de uma maneira homogênea o homem moderno e demais sociedades, no seguinte excerto: “*Em contrapartida, há que nos interrogarmos sobre o que pode significar o grau relativamente elevado de autodisciplina, em*

A disciplina e a organização são elementos sempre presentes na sociedade humana, para Elias, assim como a capacidade de construir o conceito de tempo, já que a memória é um atributo humano, não animal, assim como é um atributo humano a comunicação.

Estas afirmações se inter-relacionam e configuram uma teoria sociológica do tempo que desde o início o autor se propõe a pensar. Segundo essa proposta, diferentes instrumentos de medição do tempo também são instrumentos de transmissão de mensagens, fazendo parte dos meios como ocorre a comunicação humana que, por sua vez, se faz por meio de símbolos socialmente inteligíveis. Sendo esta sociedade uma sociedade reguladora e sendo a disciplina algo relativamente necessário para que se viva socialmente, o autor também nos diz, portanto, que o tempo, enquanto um destes símbolos sociais (como também são outros conceitos e as próprias instituições) tem um caráter coercitivo característico além das suas propriedades como instrumento do conhecimento.

Por ser um símbolo social e uma forma de passar mensagens, o tempo não pode ser um atributo da mente ou do indivíduo, portanto. Pelo contrário, o conceito social de tempo é necessário à própria constituição do indivíduo, já que o aumento da auto-disciplina também se relaciona com a consolidação deste sujeito moderno que é o indivíduo:

relação ao tempo social, que caracteriza os homens dos Estados industriais avançados: sob qual aspecto indica ele a direção por onde envereda um certo processo civilizador? O fato de essa sensibilidade ao tempo, onipresente e sempre vigo, ser o sinal de um processo de civilização é algo que só se evidencia, sem dúvida, ao compararmos esse habitus social com o de homens que vivem em sociedades de estrutura mais simples, menos exigentes quanto à exatidão temporal. Durante milênios, houve grupos humanos que puderam viver sem relógios e sem calendários. Os membros dessas sociedades tampouco tinham que desenvolver um tipo de relação ao contínuo escoar do tempo, o que não significa que fossem desprovidos de toda e qualquer consciência individual. Os seres humanos são feitos de tal modo que suas chances de sobrevivência, tanto no plano individual quanto em termos coletivos, são muito pequenas, caso não desenvolvam desde a infância seu potencial natural de autodisciplina frente à irrupção momentânea de suas pulsões e impulsos afetivos, e isso no âmbito de uma comunidade humana, segundo normas precisas de regulação das condutas e dos sentimentos” (Elias, 1998: p.23) .

A transformação da coerção exercida de fora para dentro pela instituição social do tempo num sistema de autodisciplina que abarque toda a existência do indivíduo ilustra, explicitamente, a maneira como o processo civilizador contribui para formar os habitus sociais que são parte integrante de qualquer estrutura de personalidade” (Elias, 1998: p14)

Quando Elias nos fala, por exemplo, sobre as formas modernas de pensar o tempo e de estabelecer a contagem exemplificando o poder de síntese dos conceitos modernos de tempo, estabelece uma espécie de hierarquia cognitiva, já que o desenvolvimento da civilização traz consigo um caráter positivo, como se a ciência fosse uma forma mais evoluída de estabelecer conhecimentos por ser a forma final de um acúmulo de instrumentos simbólicos. Salientando essa relação entre cognição e o desenvolvimento de conceitos mais abstratos de tempo, chegamos a um outro ponto crucial quando pensamos nos elementos que acabam estando presentes de um modo ou de outro nesses textos que contrastam formas modernas e tradicionais de vivenciar e conceituar o tempo.

Tudo que discutimos até o momento sobre a relação entre tempo e sociedade acaba nos revelando preocupações dos autores com aspectos psicológicos e culturais da humanidade. A escolha pela sociedade como um apontamento da gênese e do desenvolvimento do conceito de tempo e das representações culturais a ele intimamente relacionadas acabam nos levando ao tema do pensamento humano, como notamos para Durkheim, como notamos para Norbert Elias. O tema do tempo abrange, nesse sentido, uma comparação intrínseca entre termos contrastantes (sociedade moderna, sociedade primitiva, capitalismo e economia moral) que também carrega

consigo implicitamente uma preocupação com aspectos psicológicos e formas de conceituar humanidade e mente humana a partir de tais aspectos.

Esse tipo de caminho argumentativo é algo que está, portanto, por trás de discussões sobre como tempo e a experiência da vida em sociedade, e, no caso uma sociedade que se orienta e se organiza a partir do controle. Os calendários que se expressam por meio de formas de representar o tempo advindas das relações socialmente significativas com o ambiente também nos remetem a uma disciplina, uma forma socialmente compreendida de organizar a vida, portanto, também são interessantes para que possamos pensar nos processos sociais que se relacionam com a maneira como ambiente e tempo são pensados e vivenciados pelos grupos sociais. No entanto, ao se prender a um processo específico da sociedade moderna, citando filósofos e dados históricos relevantes, sobretudo, à sociedade e à época em que está vivendo e escrevendo, Elias atrela sua teoria sociológica do tempo enquanto conceito e enquanto símbolo social partitivo da comunicação humana a processos pelos quais a sociedade ocidental passou e nos quais ela se viu como agente principal.

Jack Goody, diferentemente, nos dá exemplos vários de como os códigos e símbolos ocidentais e modernos foram incorporados ou sobre os efeitos cognitivos e sociais do contato com eles, relacionando aspectos cognitivos do contato com os instrumentos da escrita ou com os instrumentos construídos por essa sociedade ocidental e moderna a partir da qual Elias tece seus argumentos sobre o tempo.

Em *A lógica escrita e a organização da sociedade*, Jack Goody lança à mão um argumento que desenvolve em outros livros também, sobre os impactos sociais e cognitivos de certos instrumentos de conhecimento, como a escrita,

principalmente quando pensamos no controle e na administração de grandes populações.

Neste livro, particularmente, o autor cita a importância das formas de contagem do tempo para a administração dos relacionamentos em sociedade, salientando a importância histórica dos calendários em meses, anos, dias, por exemplo, e sua relação com a construção de sistemas de linguagem escrita. Um destes instrumentos que mais se relaciona com o controle do tempo, segundo o autor, são os números. Eles desempenham um papel simbólico muito importante dentro das culturas, notado para sociedades que organizaram complexos sistemas de contabilização ou que possuíam um sistema de moedas simbólicas, por exemplo. Instrumentos como estes influenciavam também a construção de calendários, como o autor salienta para as sociedades pré-colombianas da América central.

Também para Goody os calendários possuem um caráter de controle, por ele chamado de caráter político, sendo as formas abstratas de delimitar o tempo, as estruturas pré-estabelecidas e reconhecidas socialmente como formas legitimadas de refletir o tempo, parte deste caráter político. De certo modo, o argumento de uma mente domesticada também pode ser levantado aqui, se pensarmos neste caráter universalizante e político que as formas sociais e culturais de contagem do tempo carregam consigo, sobretudo as formas de representar o tempo que nos remetem aos códigos escritos e a outros instrumentos de medição e contagem do tempo. Além disso, segundo Goody, estas formas de representar e controlar o tempo relacionadas aos calendários também nos remetem a instrumentos como a escrita e outras formas de representação gráfica que possibilitam sua construção, relacionando as diferenças entre organização social entre este poder político dos calendários em sociedades com comunicação escrita e em sociedades com comunicação estritamente oral:

O desenvolvimento destes complexos sistemas calendáricos está criticamente dependente da representação gráfica, incluindo a numeração (...). Por exemplo, o conceito de uma era requer alguma noção de um ponto de partida, o traçar de uma linha, um começo preciso ao qual se possa fazer uma referência numerada. A reconciliação arbitrária mais essencial dos cálculos lunares e solares é necessária porque a redacção do sistema de contagem do tempo encoraja o encadeamento de unidades de diferentes ciclos. A formalização da representação gráfica apresenta-nos uma opção forçada – isto é, ou temos ‘meses’ variáveis ou ‘anos’ variáveis; embora seja sem dúvida possível uma reconciliação na comunicação oral, é a representação visual que pede explicitamente uma fórmula (Goody, 1978: p. 116).

Embora nos pareça, de início, que o argumento do autor se aproxima do argumento de Norbert Elias quando Goody relaciona os instrumentos gráficos à construção de calendários mais abrangentes, há algumas diferenças fundamentais.

Apesar de concordar com o fato de que a popularização dos instrumentos se relaciona sim com o poder político contido na universalização destas formas organizativas (como sistemas de contabilização egípcios ou calendários maias), o autor defende que é a orientação política a responsável pelo controle, é ela quem pode atrasar ou adiantar os relógios, criar feriados, ou seja, é no interior dos grupos e nas peculiaridades culturais que se estabelecem estas formas de pensar, vivenciar, medir e controlar o tempo. A proposta se diferencia, portanto, no ponto de que enquanto para um a disciplina é algo praticamente constitutivo da existência da humanidade e da sociedade, o outro nos diz que ela aparece onde há poder.

Além disso, Goody não parece aderir ao argumento do desenvolvimento da sociedade moderna se relacionar com uma espécie de acúmulo de conhecimentos responsável pela possibilidade de formulação de conceitos e formas de

representação mais abrangentes. E esta conclusão não somente parte de um posicionamento do autor em pesar igualmente a capacidade de estabelecer conhecimentos de uma sociedade moderna e de sociedades tradicionais quando analisa os fatos sobre os impactos históricos da escrita nestas sociedades chamadas de tradicionais⁴², também é possível porque o autor seleciona fatos e dados que extrapolam as preocupações sobre aspectos da história do pensamento ocidental, não utilizando termos como civilização, por exemplo (apesar de nos sugerir uma diferença em especial quando utiliza o tempo tradicional).

O que podemos dizer até o momento é que, quando pensaram na relação contrastante entre uma sociedade que assume vários nomes (moderna, ocidental, capitalista, industrial) e uma outra sociedade historicamente anterior a ela, os autores acima citados chegaram também em uma comparação entre formas de conceituar o tempo e de vivenciá-lo, por conseqüência. O desenvolvimento da argumentação sobre esse contraste passa também por outros termos essenciais, como o foco nas relações de trabalho e nas transformações dessas relações implicadas no desenvolvimento da indústria (no caso de Thompson) ou o foco no desenvolvimento de saberes (como no caso de Norbert Elias e Jack Goody). Embora os termos dessa comparação colocada no tempo se diferenciem daqueles que encontramos em Evans-Pritchard e Jack Goody, já

⁴² Apesar do autor relacionar formas de representação à formas de vivência e de pensar o tempo, como quando dá exemplos sobre os calendários, o autor nos diz sobre a potencialidade de construção de sistemas de contagem do tempo abrangentes e sintéticos por populações sem escrita: *“Quando trabalhei entre Los Dogaa da África Ocidental, que não possuíam escrita nem relógios, eles pareciam prontos para adoptar uma forma mais sistemática de contagem, já que estavam sempre a perguntar-me que horas eram e, o que é mais importante, daí a quantos meses eram as primeiras chuvas. Estritamente falando, um sistema completo da escrita não é necessário para este progresso, nem sequer, conforme sugeri, para a numeração, talvez nem tão-pouco para a contabilidade que tinha um papel tão importante no Próximo Oriente Antigo. No entanto, a relação entre estas formas de representação simples e a escrita propriamente dita está muito próxima quer em termos históricos quer em termos lógicos”* (idem: p. 117)

que estão se focando na diversidade dos exemplos dos grupos sem nos proporem diretamente uma linha histórica que separa uma sociedade de hoje e outras anteriores, lembremos que tais comparações, contrastes e termos a que eles nos referem estão de uma maneira ou de outra sendo salientados nas propostas até agora discutidas.

Algo semelhante também encontraremos quando lemos autores que falam sobre uma nova separação que também evoca o tempo, o trabalho e aspectos psicológicos dessa relação, como é o caso de textos que acabam discutindo o termo pós-modernidade.

Tempo e transformações dentro da sociedade moderna

“O Horizonte temporal implicado numa decisão afeta materialmente o tipo de decisão que tomamos” (Harvey, 1998: p.188)

Ao tratar de uma análise sobre a cotidianidade na sociedade da segunda metade do século XX, Henri Lefebvre nos permite refletir sobre diferentes temas. O principal deles, seguindo o próprio título do livro, é a intenção de discutir como a quantificação e a organização do tempo no sistema de produção capitalista tomou novas formas e se inscreveu na estética, na literatura, na estrutura dos discursos. Esta intenção nos expõe também um pouco das preocupações teóricas do autor, que se opunha às análises marxistas estruturalistas e também a reduções economicistas, tomando como base um olhar marxista sobre a sociedade, mas orientando-o para alguns âmbitos da vida social pouco discutidos nas próprias análises marxistas, segundo ele, como a vida cotidiana ou o universo da cultura de massas e da cultura das elites. A comunicação, a estrutura dos discursos e a análise profunda de objetos de arte e literatura são também tratados como temas neste livro.

O autor começa suas observações nos falando sobre uma experiência espaço-temporal tipicamente moderna, que é a vivência de um tempo e de um espaço fragmentados. Lefebvre comenta como tal experiência foi relacionada à pós-modernidade, nos dizendo, no entanto, como ela ainda se relaciona com um processo social que tem origens na constituição das formas de relacionamento simbólicas e sociais capitalistas e na constituição da sociedade industrial urbana em que a direção ao consumo nos remete a um processo universalizante. Assim também como a representação do tempo fragmentado, a representação dos espaços fragmentados se

relaciona com uma nova vivência do espaço que, contraditoriamente, nos parece aglutinadora, já que a comunicação e a cultura de massas se direcionam para o mundo.

Apesar de relacionar, como outros autores, esta nova experiência espaço-temporal ao sistema produtivo capitalista, Lefebvre não se contenta em buscar no mercado ou na produção as respostas sobre como tal sociedade empreende a cotidianidade e a globaliza. Foi analisando as formas de linguagem por onde a sociedade que escolhe chamar de “burocrática de consumo dirigido” passa a mensagem do consumo que autor nos mostrou que a fragmentação espaço-temporal não é, ao contrário do que imaginávamos, uma revolução cultural acabada. Ela nasceu e cresceu em um mundo social que permitiu a fragmentação para não facilitar a passagem da mensagem, para que consumamos os signos em detrimento dos significados e para que não entendamos, portanto, que o consumo da festa, das formas e dos signos não se opõe ao cotidiano organizado e disciplinado, mas o ancora e reproduz.

Tomando estes posicionamentos, o autor discute aspectos da vida cotidiana que nos permitem observar a sociedade capitalista da segunda metade do século XX naquilo que ela tem de peculiar: as novas formas de composição de um imaginário social que envolvem estas novas maneiras de vivenciar o espaço e o tempo na sociedade burocrática de consumo dirigido. Tais formas também se relacionam, para Lefebvre, com um sentimento de mal-estar em relação a uma espécie de controle sentido, mas não refletido, nas relações e na rotina cotidianas. Para o autor, tal sociedade sente em seus próprios medos os efeitos do terror contido nas experiências sociais e simbólicas que ela constrói e reconstrói cotidianamente e estes temores, este mal estar se relacionam também diretamente com as representações e vivências do tempo e do espaço fragmentados.

Se preocupando com aspectos do imaginário social o autor começa o livro analisando um conhecido romance de James Joyce, *Ulisses*, o que também se relaciona com um posicionamento metodológico tomado por Lefebvre em observar fontes que nos revelem dados sutis sobre o cotidiano, como a análise de anúncios publicitários ou de jornais, mesmo que alguns destes elementos aparentemente não se relacionam com o cotidiano no seu aspecto linear, no seu formato de calendário. Uma das considerações mais importantes feitas pelo autor se refere à dimensão espaço-temporal do livro de Joyce, que, seja através da polifonia, da pluralidade dos sentidos, ou do significado de um único lugar que pode referir-se a tantos outros lugares, nos mostra como “*La historia de un dia engloba la del mundo y la de la sociedad*” (idem: p.11). Estas, assim como outras características deste romance (como a figura de um sujeito que é nebulosa enquanto o objeto é tomado como forma quase pura), nos remetem à forma perceptível da linguagem, por onde podemos seguir para observar as experiências cotidianas que caracterizariam a sociedade moderna e sua vivência específica e histórica de um tempo e de um espaço.

Analisando profundamente os elementos da linguagem e do discurso o autor nos introduz, portanto, aos elementos que quer salientar na caracterização de uma sociedade moderna contemporânea à sua análise, marcada por específicos relacionamentos produtivos, sociais e, principalmente, simbólicos cotidianos que muitas vezes, salienta Lefebvre, escapam aos sistemas abstraídos pela filosofia. Segundo o autor a ênfase analítica no cotidiano se relaciona com o intuito de abstrair a amplitude das experiências, a própria existência histórica expressa na produção simbólica, como notamos em sua análise do papel da propaganda no mercado essencial à sociedade burocrática de consumo dirigido, uma sociedade caracteristicamente urbana.

Uma das observações mais interessantes neste exercício de caracterização desta sociedade urbana a partir deste método de distanciamento e aproximação frente aos fatos e seus significados se refere ao caráter social e histórico do cotidiano, que também nos evoca o caráter social e histórico das formas de vivenciar e representar o tempo. Ao mesmo tempo também em que propõe o cotidiano e a sua face simbólica como focos que nos permitem abstrair as vivências históricas do tempo e espaço, o autor nos diz que a noção de cotidiano pensada pela sociedade que os vivencia carrega consigo um significado relacionado com as experiências dos homens na sociedade burocrática de consumo dirigido: o próprio mal estar relacionado vivência da rotina de trabalhos se relaciona com uma conotação histórica do cotidiano. Pensar neste sentimento negativo frente ao cotidiano histórico da sociedade de consumo dirigido é importante para refletirmos sua relação com a vivência do tempo e do espaço, porque, apesar do cotidiano também ser encarado como centro real da *práxis*, lugar da experiência, quando nos aproximamos do espaço onde as práticas acontecem, notamos que ele é mais do que isto quando nos distanciamos e empreendemos uma análise em que nos questionamos sobre a origem dos processos: o caráter histórico do cotidiano na sociedade de consumo dirigido faz com que ele seja mais que o centro real da *práxis*, faz com que ele seja histórico e social, como os conceitos de tempo e espaço. Algo semelhante foi dito por E. P. Thompson quando este autor comenta que a separação entre o tempo de trabalho e tempos que se opõem a ele fora, como o tempo de descanso, uma separação histórica, que a percepção de um tempo extra-cotidiano só é possível em uma sociedade em que o cotidiano organizado e disciplinado para o trabalho assalariado se institui.

Este ponto da análise de Lefebvre sobre o cotidiano também nos permite retomar outro aspecto do contraste entre modernidade e tradicionalidade que

acaba aparecendo nesses textos: a relação entre formas rurais e urbanas de vivenciar o tempo a partir da forma como se organizam as relações produtivas e simbólicas. Segundo o autor, a passagem de uma sociedade em que as atividades produtivas se centravam no campo para uma sociedade em que tais atividades se centram no universo urbano estabelece uma mudança simbólica essencial que se relaciona com a construção do cotidiano. Vemos que aqui novamente tal relação é salientada. Com o estabelecimento do tempo organizado e quantificado do trabalho, delimita-se simultaneamente a degeneração da festa como parte indiferenciada da vida. A festa e o descanso passam a se opor à rotina, portanto, e esta separação se relaciona diretamente com a passagem de uma sociedade predominantemente rural para uma predominantemente urbana. A origem histórica desta separação não é, no entanto, percebida ou refletida cotidianamente. Lefebvre nos diz, inclusive, que foi desejo dos movimentos revolucionários a ruptura do cotidiano, já que eles se voltavam para a reconquista da festa como parte do cotidiano, num movimento de ruptura incompleto.

Tendo dito sobre esta formação histórica do cotidiano, o autor segue enumerando diferentes elementos que nos permitem observar dados sobre o novo imaginário, encontrados na expressão dos romances e manifestações estéticas em geral, mas também nos elementos ideológicos de uma produção cultural em massa (que expressa também a vivência de um tempo simultâneo que suprime, de certa forma, antigas experiências espaciais). A característica ideológica comum a estas formas de representação de tempo e de espaço é a dissolução de formas expressivas que se preocupam com a mensagem, com o papel dos sujeitos no processo de comunicação, conseqüentemente, com a ligação social entre estes sujeitos, numa espécie de estrutura lingüística da alienação, dissolução esta que aparta o indivíduo e os objetos segundo uma ideologia profundamente burguesa (como a expressa na arte pela arte ou mesmo na

eliminação do simbolismo e dos significados em detrimento dos signos e sinais num processo alienador), mas que também engloba a burguesia nestas suas formas lingüísticas universalizantes. A burguesia se engana, inclusive, ao pensar que somente a classe operária se insere em um cotidiano que se opõe ao lúdico e à festa e que aparenta ter sempre sido assim. Vivendo um domingo eterno ou desejando-o como objeto de consumo, a burguesia e a classe média também naturalizam esta vivência histórica do tempo cotidiano, como demiurgas e vítimas do mal estar, do temor e do medo.

Aqui, nos deparamos, portanto, com a relação entre uma forma de vivência do tempo e a estrutura de comunicação que ancora a direção ao consumo. Segundo o autor, a vivência de um tempo quantificado, controlado e controlador se relaciona com a universalização do consumo e a experiência de tempos e espaços fragmentados e irredutíveis em suas unidades se relaciona com uma forma lingüística que privilegia a forma ao conteúdo, os signos aos significados, os objetos em detrimento dos sujeitos e de suas relações, a estrutura do texto em detrimento do seu conteúdo⁴³. Tal forma seria um aperfeiçoamento das configurações sociais e simbólicas já tratadas por Marx em *O Capital*, portanto, ainda representariam os relacionamentos produtivos capitalistas, de forma mais arraigada, no entanto, que na sociedade industrial onde viveu Marx, configurada agora como uma sociedade predominantemente urbana.

⁴³ Tal estrutura lingüística alienante também privilegia a metalinguagem, segundo o autor, como um dos mais poderosos e importantes fenômenos de linguagem que engendram a nebulosidade dos referentes e a falta de ligações significativa entre eles. Como salienta o autor, há um conflito entre a função referencial (a que relaciona significados e símbolos) e a metalingüística, porque “*Cuanto más se oscurece el referente tanto más crece la importância del metalinguaje*” (idem: p.162) (Quanto mais se obscurece o referente, mais cresce a importância da metalinguagem). Tomando esta supressão da função referencial pela a metalingüística, podemos entender também a maior importância da função metonímica (que toma a parte pelo todo e orienta, por isso, o consumo do signo que compõe a mensagem) em detrimento da função metafórica (que permite um entendimento da totalidade do significado da mensagem) quando pensamos no caráter alienador da função metalingüística, também relacionado à naturalização de um consumo global de signos e seu efeito frustrante.

Assim como, por exemplo, Marx relaciona o fetichismo das mercadorias a uma não reflexão sobre aspectos contraditórios das relações de produção capitalistas ou sobre a verdadeira origem do valor, Lefebvre propõe que a estrutura comunicativa que mascara a relação entre os sujeitos quando elimina a função de referência ou que privilegia os objetos em detrimento dos sujeitos deriva destas formas de alienação e servem à sua continuidade, não sendo, portanto, formas de ruptura como não o são os movimentos que lutam pela incorporação da festa na rotina e no cotidiano. São, pelo contrário, formas de naturalização destas relações simbólicas e produtivas. Nesta incorporação e naturalização de ideologias burguesas que se inserem também, por exemplo, a psicologia e a psicanálise quando tomam o indivíduo apartado, elemento figurativo máximo da fragmentação ideológica das mensagens e relacionamentos, como o centro de um conhecimento e um discurso clínico tornado cotidiano. Aquilo que fora uma criação e um objetivo burguês (o indivíduo), portanto, torna-se a base global da ação repressiva do tempo organizado e domesticador que atua para a gênese do mal estar, um tempo domesticador tão poderoso que integra o ócio, que em um primeiro momento alienador se opunha ao tempo disciplinador do trabalho, a um cotidiano agora globalmente auto-disciplinador (alimentado por mecanismos massificados como a incorporação cotidiana das leituras de periódicos). E o poder desta nova vivência de um tempo organizado também se encerra na naturalização da gênese histórica da cotidianidade.

Ao criticar o termo pós-modernidade e nos falar sobre os instrumentos de poder inscritos no discurso da sociedade de consumo, o autor toca não somente os termos de trabalho, modernidade, tempo, cognição e cultura, como já havíamos notado. Com Lefebvre, acumulamos mais um termo a se pensar quando contrastamos tempo e

sociedades, um termo que já havíamos tocado quando citamos Jack Goody: poder. Um poder que aqui não somente é encontrado nos instrumentos como a escrita ou a contagem, mas nos instrumento do próprio discurso. Com ele, seguimos para as últimas considerações desse capítulo e também para o último capítulo.

De forma original, ao analisar aspectos do imaginário desta sociedade urbana, o autor nos mostra como os discursos estruturam tais representações e nos explica como esta estruturação se relaciona com a sociedade do consumo. Para Lefebvre, a ênfase no consumo do lazer como oposto à rotina ou do local como oposto ao global não são manifestações contrárias ao sistema repressivo da rotina cotidiana capitalista. A fragmentação é, portanto, uma expressão representativa construída no seio da sociedade do consumo e, inclusive, colabora para a reprodução da busca de satisfações de necessidades e felicidades através do consumo. Tal fragmentação convive com um processo de mundialização do cotidiano através da informação e das novas estruturas discursivas. Aparentemente, parece estranho falar em fragmentação tendo em vista um processo cada vez mais explícito de conexões espaciais simultâneas. No entanto, tais conexões são voltadas para o consumo dos signos, dos objetos e não para a explicitação das mensagens e das relações de causa e efeito em que os sujeitos se fazem agentes históricos. A fragmentação é como o movimento que cria os indivíduos apartados e irredutíveis: homogeneíza e por isto mesmo não evidencia as diferenças ou a gênese dos processos.

A sociedade burocrática do consumo dirigido é a sociedade urbana do cotidiano e a nova vivência do tempo (simultâneo, organizado e disciplinado) é, portanto, base da estrutura do cotidiano como lugar histórico e social do consumo e da produção. Por sua importância nesta sociedade, as experiências do tempo organizado e simultâneo do cotidiano parecem suprimir as experiências do espaço. No entanto, tanto

as representações do espaço quanto as representações do tempo nesta sociedade têm em comum seu caráter não integrador, focado no local e no imediato. Segundo Lefebvre, tal percepção mascara a origem social e histórica das contradições sociais e simbólicas e é justamente porque elas não se fazem evidentes que devemos empreender uma análise profunda dos elementos que parecem não se relacionarem diretamente com o mercado e a produção, como a forma das obras ou a semântica.

Tendo em mente essas observações de Lefebvre, seguimos falando sobre como David Harvey relaciona as novas vivências do tempo e do espaço naquela por alguns autores chamada pós-modernidade às transformações políticas e econômicas por que passa a sociedade capitalista e urbana dos fins do século XX.

Quando nos propõe discutir a experiência espaço-temporal observada no final do século XX, Harvey também estabelece algumas considerações sobre a relação entre experiências e representações e sobre as diferenças na forma como tempo e espaço são vivenciados em distintas sociedades e nos grupos que as compõem. Segundo o autor, *“Também podemos aprender a apreciar o fato de diferentes sociedades (ou mesmo diferentes subgrupos) cultivarem sentidos de tempo bem distintos”* (idem: p187), sendo que estes diferentes sentidos não convivem pacificamente, mas sim são elementos que orientam conflitos potenciais.

Em *A Condição Pós-Moderna*, percebemos um posicionamento claro do autor em relacionar as relações produtivas às formas como tempo e espaço são experienciados e representados, principalmente porque a preocupação principal é definir como um processo de reconfiguração das relações de produção capitalistas se relaciona com os movimentos intelectuais e artísticos da pós-modernidade. O autor, no entanto,

não somente nos diz que tais formas de representar o tempo são como reflexos das relações de produção e dos aspectos simbólicos que também estruturam a continuidade do capitalismo. Harvey segue uma proposta interpretativa em que estabelece também que as diferentes formas de pensar e representar o tempo encontradas para grupos distintos dentro da própria sociedade capitalista orientam diferentes decisões e práticas, por vezes conflituosas:

Desses diferentes sentidos de tempo podem surgir sérios conflitos: a taxa ótima de exploração de um recurso deve ser fixada pela taxa de juros ou devemos buscar, como insistem os ambientalistas, um desenvolvimento sustentável que assegure a perpetuação das condições ecológicas adequadas à vida humana num futuro indefinido? (idem: p.188).

Se Lefebvre nos introduz mais um ponto na comparação entre tempos e sociedades quando fala da relação entre poder e discursos, Harvey vai além ainda partindo desse ponto quando supõe além do poder nos discursos, os conflitos possíveis entre discursos distintos orientando práticas distintas. Esse é um dos complementos que devemos guardar também em mente quando pensamos no caso da relação entre os discursos de pesquisadores e de moradores e no da ciência que pressupõe termos como trabalho, sociedade, cultura e tempo em suas classificações.

Segundo o autor, dentro das próprias teorias físicas e dentro da filosofia as concepções de tempo e de espaço foram marcadas por grandes rupturas epistemológicas e mesmo que o senso comum nos forneça visões de tempo e de espaço como categorias fixas ou naturais, tais definições se ancoram em territórios de ambigüidade, contradição e luta, sendo que o monopólio da definição de tempo e de

espaço também é uma forma de poder. No entanto, além de uma forma de poder político, o controle dos sentidos de tempo e de espaço expressa uma forma de experiência de tempo e de espaço que se relaciona com a configuração dos relacionamentos produtivos. E o livro de Harvey será dedicado ao estudo desta relação.

Nos primeiros capítulos, o autor nos introduz às formas de representação chamadas pós-modernas, caracterizando suas propostas, que se supõem inovadoras, e contextualizando a história de formação deste movimento, reconhecido primeiramente dentro da arquitetura e dentro da arte. De forma semelhante a Henri Lefebvre, Harvey nota uma tendência do final do século XX em condenar as meta-narrativas, ou seja, em condenar propostas universalizantes que unam os referenciais de uma forma em que os integremos em teorias e verdades universais. O pós-modernismo é uma tentativa de contraponto às tendências narrativas e às formas como a modernidade pensou o tempo e o espaço, especialmente, um contraponto à proposta iluminista da busca de verdades e do planejamento universais. Nas suas formas narrativas, não encontraremos um sujeito criador, mas a citação e acumulação de imagens pré-existentes. O pós-modernismo prima pela heterogeneidade dos sentidos e dos significados, pela inserção da diversidade e, pela fragmentação, portanto, como nos diria também Lefebvre, do tempo e do espaço. Foi contra o planejamento do espaço, por exemplo, que os arquitetos propuseram um movimento de criação em que a cidade não mais figurasse como um todo orgânico e funcional. Tais tendências representativas não ficam, no entanto, somente no âmbito da produção literária ou da produção intelectual, mas se extrapolam para o âmbito da cultura de massas e dos mecanismos simbólicos da propaganda.

Já no início desta exposição, no entanto, o autor demonstra um descontentamento em relação o poder de ruptura do pós-modernismo em relação ao

modernismo, nos dizendo que não havia homogeneidade na proposta iluminista, por exemplo, e que antes mesmo da construção deste movimento intelectual, autores por ele tidos como modernos já haviam criticado muitas das verdades universais às quais os pós-modernos se opuseram. Max Weber já havia discutido como o desenvolvimento da racionalidade instrumental não leva à realização das liberdades universais, Durkheim e Marx já haviam criticado (de forma radicalmente distinta) a figura de um sujeito universal representada pelo indivíduo burguês. Mas a crítica a esta ruptura se relaciona diretamente com o que o autor não percebe como uma ruptura, pelo contrário, como uma continuidade aperfeiçoada de antigas relações sociais e simbólicas. Mesmo quando propõem uma interpretação crítica que leva em conta formas de poder, inclinando-se a rechaçar as meta-narrativas históricas, por exemplo, tais propostas acabam reproduzindo uma estrutura comum também aos meios de reprodução de poder econômico, como no caso da propaganda (que também trabalha com a colagem de imagens pré-existentes e com a importância dos objetos em detrimento dos sujeitos envolvidos).

Nos capítulos seguintes, Harvey nos fala sobre as mudanças pelas quais passou a sociedade capitalista na segunda metade do século XX. As novas relações econômicas e políticas se relacionam diretamente com as novas experiências espaço-temporais e, assim como Lefebvre dedica sua argumentação ao objetivo de investigar como os aspectos de uma nova estrutura comunicativa e lingüística se relacionam com a reprodução do mundo do consumo, Harvey dedica a sua argumentação ao objetivo de investigar os novos aspectos da organização da produção dentro do capitalismo que ancoram estas novas formas de representar tempo e espaço.

O autor também recorre ao primeiro capítulo de *O Capital* para nos dizer como estas novas experiências espaço-temporais não são expressões de uma ruptura nas relações econômicas:

O dinheiro e a troca no mercado põem um véu, ‘mascaram’ as relações sociais entre as coisas. Essa condição é denominada por Marx ‘fetichismo da mercadoria’. (...) Logo, embora o dinheiro seja o significante do valor do trabalho social, há o perigo perpétuo de que o significante se torne o objeto da ambição e do desejo humanos (idem: p. 98-99).

Estas considerações sobre o caráter artificial do dinheiro são importantes para que entendamos como se conectam as novas formas como se organizam a produção e a circulação com a representação de um tempo e de um espaço fragmentados e irreduzíveis. Segundo o autor,

As preocupações pós modernistas com significante e não com o significado, o com o meio (e o dinheiro) e não com a mensagem (e o trabalho social), com a ênfase na ficção e não na função, nos signos em vez das coisas, antes na estética do que na ética, sugerem um reforço e não uma transformação do papel do dinheiro descrito por Marx (idem: p.99).

O dinheiro carrega justamente este papel de, através de sua capacidade de acomodar o individualismo, fragmentador social, e isto já havia sido dito e percebido por Marx em uma época chamada moderna. Desde a configuração do trabalho assalariado e do sistema espacial predominantemente urbano da fábrica, o dinheiro já tinha este papel, sendo a nova experiência espacial e temporal vivenciada socialmente uma continuidade desta sua forma simbólica e significativa. Com o fordismo, o keynesianismo e o neoliberalismo como formas de organização produtivas e econômicas que se tornam também formas de organização política, assistimos a um

processo em que tempo e espaço são manipulados como elementos de poder que servem ao capital.

A organização corporativa e burocrática dos negócios advinda do fordismo é um exemplo claro de como o espaço e o tempo foram ajustados para a disciplina e para a administração da empresa capitalista. A organização do tempo e da jornada de trabalho e o gerenciamento do espaço da fábrica são exemplos claros de como as figuras do tempo quantificado e do espaço organizado funcionalmente se relacionam com estas experiências dentro da sociedade capitalista. Com a crise do fordismo, os poderes de gerenciamento destes elementos passam a ser delegados aos estados de bem-estar social e incorporados às suas instituições, num processo histórico que Norbert Elias já havia nos referido ao teorizar sobre o desenvolvimento contínuo de formas complexas de controle social. A intenção do autor em expor estes processos é de nos mostrar como se configuram relações política e econômicas em que o tempo e o espaço passam a ser sentido como elementos a serem controlados, gerenciados por uma estrutura de poder que se direcionou para o mundo.

É, no entanto, o processo econômico e político que Harvey denomina como passagem do fordismo à acumulação flexível que se relaciona diretamente com a representação de tempo e espaço como fragmentados e, sobretudo, com a vivência da supressão dos espaços fragmentados pelo tempo, segundo uma estratégia de sobrevivência às cíclicas e estruturais crises do capitalismo:

A mudança tecnológica, a automação, a busca de novas linhas de produto e nichos de mercado, a dispersão geográfica para zonas de controle do trabalho mais fácil, as fusões e medidas para acelerar o tempo de giro do capital passaram ao primeiro plano das estratégias

corporativas de sobrevivência em condições gerais de deflação (idem: p.140).

O autor quer nos mostrar como a fragmentação e a supressão do espaço pelo tempo, ao invés de nos proporem uma desestruturação da empresa corporativa e burocrática organizada no fordismo, nos mostram como cada vez mais esta empresa se fortalece através da dispersão, da mobilidade em espaços recortados e diferenciados e através de experiências instantâneas que suprimem a experiência de tempos e espaços sistematicamente conectados.

Como também notou Lefebvre, Harvey nos diz, portanto, que este processo cria a diferença e a heterogeneidade de forma que ela sirva aos interesses da estrutura simbólica e prática da economia capitalista nesta sociedade urbana. Novamente aqui temos o tempo, o trabalho e a sociedade capitalista como foco de uma análise generalizante e abrangente sobre mecanismos cognitivos e práticos que, tanto no caso de Lefebvre como Harvey, são tendências um tanto quanto irreversíveis, mesmo quando assumem as diferenças possíveis. Este tipo de consideração releva os pontos sutis de permanência das temporalidades e das relações de trabalho que ainda marginalmente resistem, mas são bastante severas quando salientam como os mecanismos de dominação se expandem ao se inserirem nos discursos e em demais aspectos da vida na modernidade. O cotidiano e as possibilidades de expressão nessa sociedade capitalista aperfeiçoada se colocam como espécies de instrumentos por excelência do poder e da continuidade dos mecanismos de dominação dessa sociedade, nesse sentido. Consequentemente, teríamos que as possibilidades de se pensar em temporalidades, cotidianos e trabalhos possivelmente distintos por parte de grupos não urbanos ou grupos que se colocam de alguma maneira um tanto distantes dos centros de consumo ou de produção seriam mínimas.

Aparentemente, tais discussões parecem um tanto distantes de uma leitura sobre o cotidiano em áreas como a REAJ ou sobre grupos não urbanos. No entanto, aqui fazemos essas reflexões porque, de uma maneira ou de outra, tais considerações sobre sociedade, disciplina de trabalho, produção, tempo e universalização de modos de dominação acabam sendo retomadas quando se pensa no contraste e nas diferenças entre esses grupos que não compartilham práticas e representações dessa sociedade de consumo, dessa sociedade moderna ou dessa sociedade urbana, como podemos chama-la seguindo diferentes propostas e interpretações. A tradicionalidade enquanto questão, ou mesmo a possibilidade de coexistência entre esses *habitus* não urbanos são problemas que se colocam de uma maneira ou de outra quando se olha mais de perto contextos políticos, econômicos, históricos e simbólicos como aqueles que são evocados pelos moradores e escritores da REAJ.

Além disso, há uma questão essencial que deve ser retomada a partir desses autores. Aqui, os discursos se colocam como locais por excelência da parcialidade e do poder. Toda nossa leitura dos diários foi baseada nos contrastes entre aspectos que lembram moradores e suas práticas e aspectos que lembram agentes externos e suas representações. Sendo tais discursos lugares também de posicionamento, há algo ainda muito importante a se salientar. Há um tempo também essencial a essas nossas visões sobre sociedade e tempo sobre as quais nos debruçamos neste capítulo. Assim como temos diferentes pressupostos envolvendo a noção de sociedade ou a de sociabilidade implicada na leitura do tempo na modernidade, podemos também refletir como o tempo também é um pressuposto dentro dessas análises. Um bom exemplo desses pressupostos se encontra na maneira como é pensada a transição de uma sociedade rural para uma urbana: grupos como Os Nuer são

comparados, atemporalmente, com uma sociedade abstraída anterior à sociedade moderna. Esse tipo de comparação e de visão sobre processos e sobre história também podem ser questionados como parte de uma visão sobre o tempo que parte de uma visão sobre história ou sobre processo.

Discutindo como esse tipo de pressuposto também é parte fundamental dos discursos sobre o tempo, seguimos para o último capítulo.

Tempo de práticas, tempo de narrativas, tempo de etnografia

Nesta parte, unimos a discussão feita anteriormente a uma proposta de estudo dos próprios textos e dos próprios escritores que nos falam de sociedades, práticas e tempo no tempo, salientando aspectos que nos falam sobre os que escrevem as etnografias e seu próprio olhar sobre o tempo.

Assim como os diários dos moradores ao longo dos anos se mostram um construto de propostas de pesquisas e de dados recortados pelos seus escritores, sendo, portanto, narrativas que recortam intenções de pesquisas e dos escritores locais, os estudos antropológicos e sociológicos sobre o tempo podem ser observados enquanto discurso, enquanto narrativas. Essa relação crítica foi feita por autores como Fabian (FABIAN, 1983), por exemplo, que escreve um livro totalmente dedicado a mostrar como o tempo constitutivo da argumentação dos antropólogos recorta seus objetos, mas também está implicitamente presente em outros autores que discutem como textos das ciências humanas são também narrativas do pensamento da sociedade onde estão seus escritores, como faz Foucault ao estudar a gênese da sexualidade e relaciona-la à construção de um sistema de verdade e de poder que a ancora.

James Clifford e Clifford Geertz (CLIFFORD, 2002; GEERTZ, 1978, 1998), por exemplo, assumem um papel importante no que se refere a como tais considerações podem ser ampliadas para o próprio discurso antropológico. Clifford é reconhecido justamente por depurar os elementos discursivos sobre os quais se sustentam as etnografias e como, mesmo se constituindo sob a égide da objetividade, acabam refletindo impreterivelmente seus autores e seu tempo e Geertz, conhecido por

argumentar sobre as sutilezas da interpretação dos elementos culturais que compõem as descrições etnográficas, se posicionando como parte subjetiva integrante desses textos.

Esse tipo de relação é interessante aqui, quando fazemos uma leitura dos diários dos moradores no tempo que nos diz como ao longo dos anos seus diários foram se constituindo como narrativas dos moradores e dos pesquisadores ao mesmo tempo, contendo, portanto, pontos dos discursos de diferentes agentes com suas diferentes experiências.

Esse enfoque não evoca somente os dados sobre as práticas no tempo ou sobre o tempo das práticas na floresta ou na cidade, mas nos dizem que o conteúdo dos diários nos informa dados sobre discursos distintos que carregam consigo suas próprias considerações intrínsecas sobre tempo. Carregando aspectos do pensamento científico que se inscrevem na proposição da escrita dos diários (que, lembrando aqui, também se relaciona com o contexto político interno de criação da área, não somente com intuítos institucionais e acadêmicos, portanto), essas narrativas também carregam consigo esses tempos dos pesquisadores.

Aqui nos pautamos, portanto, em outro aspecto do estudo dos diários, que não toma somente o quadro sobre as práticas delineado ao longo dos dias, meses e anos descritos, mas também leva em consideração a construção desse material enquanto tal. O argumento central que elucida esse diferente aspecto é o de que a proposta desses diários segue intuítos específicos e diálogos construídos ao longo dos anos. No princípio, por exemplo, o estudo das atividades no tempo se relaciona com uma proposta de etnografia das práticas dos moradores que parte de pressupostos distintos daqueles que vão influenciar a construção dos diários produzidos em 2006 e 2007. Anotar quantidades de recursos obtidos e o tempo gasto em atividades se relaciona com propostas como as de pesquisas em antropologia econômica (Cf. SAHLINS, 1978;

ALMEIDA, 1992), por exemplo, além de se relacionar com estudos e projetos sobre a viabilidade social e ecológica da REAJ.

Mais recentemente, encontramos diários que nos falam sobre agricultura e sobre relações dentro das comunidades, o que pode nos evocar novos contextos e relacionamentos num possível momento de mudança, mas também nos evocam novas preocupações das pesquisas que envolvem esses moradores escritores. Alguns dos diários atuais passam a pedir informações sobre relacionamentos de trabalho, contendo termos desses relacionamentos que nos remetem diretamente aos estudos de relacionamentos de trabalho em áreas rurais, como quando encontramos nas capas desses diários as informações requeridas nos treinamentos sobre os trabalhos nos roçados que perguntam sobre “troca de dias” e outros tipos de associação para o trabalho (Ver CANDIDO, 2001).

Textos como os de Foulcault ((FOULCAULT, 1983, 1977), Clifford e Fabian fazem uma crítica semelhante quando salientam o poder do estatuto de verdade de certos posicionamentos e conhecimentos ou quando nos mostram como os textos são construídos sob esses estatutos de verdade. Fabian, sobretudo é interessante aqui porque faz uma crítica direta ao estatuto de verdade do tempo das práticas e do tempo da sociedade contidos na forma como a antropologia construiu seu objeto e constituiu-se dentro dos estudos sociais e humanos. Um tipo de crítica semelhante no que se refere ao modo como se pensou a história desses povos está contido nas discussões feitas por Marshall Sahlins (SAHLINS, 1979; 1990; 1997; 2001), que também analisa como uma razão prática está por trás dos pensamentos que qualificam essa visão que a antropologia sustenta sobre a história. Sahlins nos dá um contraponto de crítica quando pensamos nas etnografias do tempo em grupos que o autor acredita que foram colocados à parte do tempo pelos estudos antropológicos.

Pierre Bourdieu, já citado anteriormente, é referido pelo próprio Fabian e com o conceito de *habitus*, nos diz que os comportamentos dos sujeitos e as maneiras como pensam são baseados em sua experiência e em sua história de vida, mas não somente isso, nos fala sobre as diferentes estratégias desses sujeitos para se relacionarem entre eles e caminharem entre os grupos quando partem de os *habitus* distintos. Suas considerações evocam um contraste entre práticas e representações na medida em que, como nos diz no texto “La logique de la pratique” (BOURDIEU, 1980), observador e sujeitos observados se colocam perante o mundo a partir de *habitus* diferenciados e que suas práticas e representações também se colocam em tempos distintos, já que o tempo das ações na sociedade não é o mesmo para aquele que a realiza (os grupos estudados) e para aquele que observa (o antropólogo que não compartilha dos *habitus* dos grupos que estuda). As estratégias dos sujeitos observados, portanto, fogem aos olhos do observador, que pensa também segundo seu próprio *habitus*, o que também coloca esses sujeitos das práticas e representações em uma relação contrastante e hierárquica.

Tais textos elucidam o contraste entre vivências e representações do tempo em grupos que se constroem segundo práticas distintas, nos dizendo, sobretudo, que alguns elementos das práticas cotidianas correspondem a estratégias de grupos e sujeitos historicamente relacionados, mas que, além disso, essas estratégias se diferenciam da do observador ao ponto de muitas vezes serem invisibilizadas em alguns casos. Esses textos elucidaram uma interpretação do fato de muitos aspectos das práticas desses moradores irem invadindo o conteúdo dos diários, como as preocupações em informar aspectos da vida doméstica ou em informar como a dinâmica de viagens e das chuvas faz parte do que são essas práticas.

Fazendo um exercício semelhante àquele em que observamos como a sociedade pode ser uma natureza segundo a argumentação de Durkheim, já que esse autor parte de pressupostos das ciências naturais para deduzir a sociedade enquanto histórica, Fabian analisa como a antropologia se construiu segundo pressupostos que, mesmo quando não se pautam na história linear para explicar o homem (estruturalismo francês) ou quando são críticos aos resquícios de determinismos temporais dos estudos positivistas (estruturalismo inglês ou relativismos), se apartam do tempo dos sujeitos que estão estudando, o que aqui não é uma consequência ao desajuste entre tempos de práticas distintos como para Bourdieu, mas sim um propósito político de autoridade implícito. Essas propostas são caudatárias de estudos que tomam textos enquanto seleções, enquanto recortes dos seus escritores ao mesmo tempo em que os tomam como ligados a filosofias e formas de pensar que constituem representações e sociedades historicamente construídas, como é o caso de Clifford Geertz, um dos primeiros a nos salientar o lugar do antropólogo dentro das etnografias quando fala sobre as camadas de significados que compõem a observação e escrita antropológica.

Além de nos informar como escritores e pesquisadores dialogam nos diários e de nos informar dados sobre a vivência dos moradores, eles são, portanto, como “camadas de significados” que indicam também os caminhos pelos quais as pesquisas com a REAJ foram seguindo e que indicam temporalidades superpostas.

O tempo do *Homo economicus*

Marshal Sahlins talvez seja um dos melhores autores para acompanharmos como pressupostos sobre sociedade, homem e tempo influenciam a construção de textos antropológicos, já que suas críticas contemporâneas atingem seu próprio passado antropológico.

Citemos um trabalho antigo de Marshal Sahlins, em que o autor faz análises quantitativas sobre o uso do tempo por sociedades tidas como as mais primitivas por muitos autores que abstraíram o estudo do trabalho segundo uma visão da história como sendo delimitada por fases de aperfeiçoamento técnico e racional sucessivo. A intenção declarada de Sahlins neste artigo era a de desmascarar um preconceito em relação às sociedades coletoras e caçadoras no que tange o pouco aproveitamento econômico e produtivo das atividades por elas realizadas. Comparando dados sobre o uso do tempo de trabalho e as quantidades de energias gastas e consumidas, o autor propõe, seguindo um intuito demarcado em que expõe críticas às conclusões sobre modos de produção agrícolas serem mais eficientes que os modos destas populações caçadoras e coletoras, que o problema deste preconceito se ancora em uma predefinição advinda da forma como muitos autores pensaram o homem e o trabalho.

Segundo o autor, *“Há duas formas possíveis de afluência. As necessidades podem ser ‘facilmente satisfeitas’, seja produzindo muito, seja desejando pouco”* (Sahlins, 1978: p. 8). Para Sahlins, pensar que as necessidades podem ser satisfeitas de diferentes maneiras significa que, embora neste momento o autor ainda esteja preso a uma discussão que toma as necessidades orgânicas como essenciais, o problema dos estudos sobre populações coletoras e caçadoras não deve encerrar-se na

constatação ou na investigação de dados que contabilizem a capacidade de produção energética das atividades realizadas por elas, ou seja, tais estudos não devem se pautar somente pelo saldo energético obtido nas atividades. Este posicionamento se opõe a estudos que demonstraram um processo econômico de viés evolucionista claro que comparou os saldos e a otimização das atividades produtivas agrícolas, atividades estas que originalmente demarcariam um período histórico humano conhecido como período Neolítico. Estudos como estes tratariam algumas populações, como os povos nômades africanos ou australianos, por exemplo, como resquícios estáticos de um processo de constituição da humanidade, ou seja, estariam ancorados em um sentido de primitivo que, além de relacionado ao sentido de original, se relacionaria significativamente a uma concepção de pobreza paleolítica ou de ineficiência produtiva dos caçadores e coletores. Para o autor, pensar desta maneira é extrapolar um homem moderno, um homem burguês e suas formas de pensar e de agir para pensar outros povos. Em suas palavras: *“Tendo equipado o caçador com impulsos burgueses e ferramentas paleolíticas, julgamos sua situação desesperadora”* (idem: p.10).

A forma analítica utilizada pelo autor para tecer argumentos contrários a estas proposições sobre um “paleolítico pobre” ou sobre a ineficiência da economia dos caçadores e coletores é, no entanto, metodologicamente muito parecida com as formas como estas conclusões foram tecidas. Sahlins, como outros autores, contabiliza horas de trabalho de povos caçadores e coletores e observa a qualidade dos produtos coletados, mas também contabiliza horas de descanso, como uma espécie de compensação presente neste modo de satisfazer necessidades que, ao invés de muito produzir, se orienta por pouco desejar.

Comentando um trabalho de Leslie White em que este autor relaciona a evolução da cultura com a evolução da quantidade de energia per capita conseguida

com o desenvolvimento das atividades agrícolas, Sahlins afirma que a problemática de White é mal resolvida porque não contabiliza a energia fornecida pelos trabalhadores nestas atividades, levando em conta somente o saldo de energia produzida. Além disto, as teorias que instituíram este tipo de preconceito em relação ao paleolítico, não levaram em conta também os conhecimentos dos povos sobre o ambiente, como se não participassem da cultura. Pelo contrário, afirma o autor, há uma espécie de aproveitamento ótimo nesta forma de satisfazer necessidades sem desejar muito, que introduz novas questões aos estudos da quantificação de energia produzida e gasta, já que nem a extração de matérias primas nem a sua elaboração nestas sociedades coletoras e caçadoras envolvem grande esforço ou necessitam da posse e construção de ferramentas, sendo direto o acesso aos recursos.

A crítica não se encerra aqui, no entanto. Neste artigo, percebemos que o autor já desenvolve uma espécie de crítica que aprofunda posteriormente em outros artigos e livros sobre a maneira como autores da economia clássica e da própria antropologia pensaram o homem. Não somente os caçadores e coletores se diferenciam por um tempo menor de trabalho para a obtenção de quantidades satisfatórias de energia como se diferenciam por uma escolha cultural pelo tempo de descanso, sendo que, segundo uma valoração quantitativa, esta escolha se mostra tão ou mais “eficiente” que outros modos de produção:

As cifras sobre os bosquímanos significam que o trabalho de um homem, na caça e na coleta de alimentos, sustentaria quatro ou cinco pessoas. A coleta de alimentos tomada em valor nominal é mais eficiente do que a agricultura francesa até a segunda guerra mundial, quando mais de 20% da população era responsável pela alimentação do restante. (...) Como os australianos, os bosquímanos passam o tempo em que não trabalham descansando ou em atividades de lazer. Mais uma vez pode-se detectar o ritmo paleolítico característico de um

ou dois dias de trabalho e um ou dois dias de folga. (idem, p.27).

Qualitativamente, portanto, as análises do saldo de energia das atividades não trazem elementos interessantes para análises quando não levam em consideração a energia e, sobretudo, o tempo de trabalho despendido para a realização destas atividades. A diferença da forma paleolítica de satisfação das necessidades seria, portanto, uma diferença qualitativa que coloca em suspenso a interpretação de que a forma baseada no aumento da produção seria uma melhor forma. O autor declara justamente o contrário, haja vista que na história da civilização, desde o neolítico e até depois da revolução industrial, assistimos, na verdade, à presença da escassez. Além disso, Sahlins nos diz que o neolítico não viu nenhum melhoramento sobre o paleolítico no que tange à quantidade de tempo per capita necessário para a produção de alimentos, sendo, ainda, que com a presença da agricultura, as pessoas teriam de trabalhar mais, conseqüentemente, gastar mais energia. Estas conclusões permitem ao autor não somente construir algumas conclusões importantes sobre a forma de usar o tempo e sua relação com formas culturais de estruturar seu uso, mas também estabelecer um posicionamento claro de que a “cultura” como fora pensada por autores evolucionistas nos mostra uma involução no que tange à relação entre “civilização” e pobreza:

Os mais primitivos povos da terra têm poucas posses, mas não são pobres. A pobreza não é uma certa relação de bens, nem simples relação entre meios e fins; acima de tudo, é relação entre pessoas. A pobreza é um estatuto social, invenção da civilização. Cresceu com a civilização, como relação tributária – que pode tornar os agricultores mais suscetíveis às catástrofes naturais do que qualquer aldeamento de inverno do esquimó do Alasca. (idem: p.42).

Tomando esta exposição, podemos pensar agora em alguns dos aspectos que nos propusemos anteriormente a analisar.

De início, temos a proposta do estudo do tempo utilizado para o trabalho e para o descanso. Não se trata tão somente da contabilização de horas gastas com descanso e com trabalho, mas com a conclusão de que diferentes maneiras de se satisfazer as “necessidades orgânicas” implicam em diferentes maneiras de se usar o tempo, implicam numa liberdade deste uso, que no fundo depende de uma escolha cultural e da relação dialética que tal escolha estabelece com a natureza durante os atos produtivos ou de “trabalho”, se quisermos pensar segundo uma perspectiva filosófica de influências marxistas. Já havíamos pensado neste ponto quando discutimos, por exemplo, que a forma de relacionamento simbólico com o ambiente orienta diferentes escolhas culturais (Ver Descola), e isto também deveria ser levado em consideração quando nos atentamos para a forma como o trabalho é pensado e realizado. Estas discussões, portanto, nos remetem diretamente a um dos aspectos do estudo dos elementos que expressam o tempo nos diários dos monitores, principalmente quando analisamos como os dias de descanso e os dias especiais, extra-cotidianos, se articulam de maneira relativamente livre com a rotina de atividades produtivas.

Há também outro aspecto importante a ser salientado quando nos remetemos à exposição deste texto: os comentários sobre o tema “civilização”. Notamos que o autor trata de uma separação histórica, claramente, e ela nos remete a uma concepção de homem e de humanidade que nega, no entanto, a ocorrência de um aperfeiçoamento do *Homo economicus* até o surgimento da civilização, termo que significativamente aqui se relaciona com aumento de proporções demográficas, estabelecimento de formas políticas e econômicas diferenciadas, ou seja, trata-se do

estudo de sociedades históricas chamadas por muitos destes autores como complexas⁴⁴, bem semelhantes às descritas e estudadas por autores como Morgan ou Engels, como as grandes sociedades anteriores à revolução industrial ou à ao modo de acumulação capitalista

Sahlins, apesar de estar preocupado em negar a existência de formas sociais e produtivas melhores ou piores quanto à sua capacidade de satisfazer necessidades, se opondo a uma evolução, neste sentido, assistida e empreendida pelo homem do Neolítico, ainda trata a humanidade e a civilização em termos de necessidades que nos remetem a uma visão um tanto quanto essencializada do homem. É importante salientar este ponto aqui, já que, como citamos anteriormente, o autor critica os posicionamentos de autores como Leslie White segundo os mesmos procedimentos por ele usados, com a peculiaridade de adicionar uma nova variante ao estudo do tempo de trabalho e dos saldos de energia, que é a variante cultural do tempo de descanso e da escolha pelo pouco desejar. O termo civilização, que de certo modo pode se relacionar com uma das diferentes definições encontradas para a oposição tradicional e moderno também, nos servirá como elemento que permite conectar a forma como o tempo, o homem e a cultura são pensados neste artigo com a forma como este mesmo autor tece críticas aos economicismos e utilitarismos presentes nas ciências humanas do século XIX e do século XX no livro *Cultura e Razão Prática*. As conseqüências da mudança de posicionamento metodológico e teórico do autor serão importantes para que possamos pensar na forma como o tempo é tratado nas duas abordagens, como elemento também das formas de pensar da ciência moderna, pensando que, já que nos propusemos a analisar as maneiras como antigos seringueiros representam o tempo em seus diários, somos coerentes quando levantamos a premissa

⁴⁴ Crítica que se refere diretamente a Eric Wolf, no caso de Sahlins

de que também empreendemos formas culturais e históricas de pensá-lo em nossas representações, institucionalizadas ou não.

Já na introdução do livro *Cultura e Razão Prática*, Marshal Sahlins delimita o interesse em criticar uma maneira de ver o homem que ignora o papel da cultura como partitivo em sua constituição. Para entender o que o autor quer dizer com isso, é necessário entender o que Sahlins denomina por cultura neste artigo e em que ponto este conceito e as implicações da forma como é utilizado na argumentação distanciam e aproximam os argumentos e as conclusões dos dois textos. Sahlins utiliza um conceito de cultura que acredita ser importante para pensar nos limites daquelas que o autor denominou teorias da práxis: segundo ele, as teorias que se pautam na idéia de que as culturas humanas são formuladas a partir da atividade prática e, sobretudo, a partir do interesse utilitário que existiria por trás da prática. Para o autor, é a cultura, enquanto definidora de todas as propriedades que caracterizam o homem a responsável pela constituição da própria utilidade e da própria necessidade, que define os termos da utilidade.

Esta afirmação diferencia, de certo modo, a proposta argumentativa do artigo anterior da proposta presente neste livro, já que neste, o autor ataca diretamente as formas de pensar o homem que refletem sua relação com a natureza pautando-se por aspectos da adaptabilidade e das limitações orgânicas que orientariam visões utilitaristas. Neste sentido, o próprio estudo da energia gasta ou do tempo de trabalho ocioso como forma de contraposição aos estudos que empreenderam um “preconceito” em relação ao paleolítico e às sociedades caçadoras e coletoras seriam formas parciais de pensar a história e a cultura.

Para Sahlins, a cultura não é somente um momento dentro da história evolutiva da sociedade humana, algo que se meça ou se quantifique tendo-se

previamente em mente aspectos como o trabalho ou a relação entre homem e natureza. A cultura é aquele atributo que constitui os homens, porque é a capacidade de atribuição de significados, a criação de sistemas de significados que constitui o homem como tal, como também nos disse Lévi-Strauss. Neste livro, portanto, nos pareceria um exercício incompleto questionar melhores ou piores aproveitamentos energéticos para tratarmos da civilização, já que ela mesma se institui com a capacidade de simbolização.

Estabelecendo estes princípios no começo do livro, o autor percorre, nos capítulos seguintes, uma longa retomada das correntes e autores antropológicos e sociológicos que se preocuparam com o estudo da cultura ou que, de alguma forma, o incorporaram em suas “teorias da práxis”. De início, se propõe tecer relações entre os paradigmas da teoria marxista no que tange o tema práxis e os paradigmas dos dois estruturalismos da antropologia, o estruturalismo francês e o inglês. O tema central desta relação é comentar a dependência entre infra-estrutura e superestrutura proposta por uma certa teoria da práxis marxista e as diferentes maneiras como o estruturalismo francês e o inglês dialogaram com as propostas destas teorias marxistas. O intuito central do autor em fazer tal discussão é refletir as maneiras como estas teorias sociais e antropológicas pensaram a mudança social, criticando os pontos que acredita se distanciarem da perspectiva de análise da cultura proposta desde o início o livro.

O problema das teorias marxistas se encerra na proposição da subordinação da superestrutura, onde estaria a cultura e a simbolização, à infra-estrutura, onde estão as relações práticas e econômicas. O problema dos estruturalismos se encerra no atrelamento dos fatos às estruturas, como redes de relacionamentos de parentesco ou como redes de regras simbólicas gerais. Segundo o autor, estas propostas têm em comum o fato conseqüente de que, ao atrelarem os sistemas culturais a uma teoria geral, fazem da história uma dedução destas teorias. Estas propostas, portanto,

discordam de uma proposição essencial à argumentação do autor, já que, se os diferentes sistemas de significados orientam diferentes necessidades e utilidades, também orientam diferentes formas de ver e viver a história. Neste sentido, a estrutura não determina a história, mas sim é a relação entre a estrutura de significados e o evento que qualifica histórias particulares. A antropologia teria instrumentos para pensar a história, portanto, ao levar em conta a configuração da estrutura para pensar as reações frente aos eventos e também ao levar em conta a reação aos eventos para pensar a estrutura de significados.

O autor tece críticas diretas a autores declaradamente utilitaristas, como os autores da antropologia ecológica (que caem em uma espécie de fetichismo ecológico, segundo Sahlins) e funcionalistas como Malinowski, dizendo que o erro destes autores foi extrapolar a figura de um homem burguês, do indivíduo calculista para explicar a sociedade humana, essencializando o seu relacionamento com a natureza e entre si de uma forma não muito diferente, segundo ele, da forma como autores evolucionistas como Morgan os pensaram: *“A ordenação cultural da natureza é portanto disfarçada como premissa para uma ordenação naturalista da cultura”* (idem: p.102). Teorias como estas, e como as que trataram da história do neolítico, do paleolítico e também das sociedades coletoras e caçadoras a partir do estudo de energia gasta e obtida, ignoraram o caráter histórico dos objetivos econômicos, não sendo este caráter histórico um movimento predeterminado, mas sistemas de significados distintos observados em diferentes momentos, em diferentes reações a eventos.

A crítica a estas reduções a uma humanidade que agiria como o homem burguês já havia sido feita, no entanto, como salienta o próprio Sahlins, por Durkheim, por exemplo. É importante salientar as críticas de Durkheim à figura do indivíduo tecida pela economia política e pela psicologia, já que o estrutural

funcionalismo inglês deve muito às propostas de análise da sociedade durkheimianas, e, além disso, porque a crítica de Sahlins à maneira como Durkheim tentou escapar do indivíduo traz elementos para entendermos as suas próprias críticas a autores como Radcliffe-Brown e mesmo Lèvi-Strauss. Segundo Sahlins: *“Ao negar a economia política, Durkheim foi obrigado a reproduzir ao nível da sociedade, encarada como uma espécie de supersujeito, o mesmo economicismo que se havia recusado a admitir como constitutivo ao nível do indivíduo”* (idem: p.111).

Assim como o autor critica as teorias gerais dos estruturalismos e funcionalismos, que atrelam a história às regras pré-determinadas pelos autores que deduziram a própria estrutura, critica este supersujeito durkheimiano: todas reduções que, de uma forma ou de outra (um estruturalismo que atrela a cultura à regras da mente, o outro que a atrela a regras de relacionamento social abstraídas), deixam escapar a peculiaridade dos sistemas de significados nos diferentes momentos de suas constituições e ações, e, principalmente, acabam por deixarem de refletir aspectos de suas próprias argumentações que se relacionam com os significados históricos das sociedades de que participam.

Além destas críticas, é importante ainda salientar as críticas feitas ao materialismo de Marx. Segundo Sahlins, Marx propõe uma análise das mercadorias e valores que nos traz elementos importantíssimos para pensarmos na origem cultural de necessidades e na ordenação significativa das utilidades e também para pensarmos nas representações e práticas da sociedade capitalista. Tratando da relação indireta entre valores de uso e valores de troca e sobre o fetiche das mercadorias, Marx nos mostra que há uma desconexão entre os meios produtivos e a concepção social destes meios e que, além disso, o caráter do valor de uso das mercadorias não é determinado tão somente pelas necessidades humanas ou pela satisfação delas na produção. Tais

necessidades são plurais, já que a figura de da igualdade individual é ideológica, e os prazeres e desejos têm origens culturais e históricas, segundo nos diz Sahlins retomando as propostas de Marx em *O Capital* e também em outros textos que trataram do processo de constituição do capitalismo. Estas proposições de Marx nos diriam, portanto, que a relação entre homens, utilidade, história, necessidade, satisfação e natureza são perpassadas por relações significativas.

No entanto, Sahlins também nos diz que, ao atrelar tal estrutura de significados a uma determinação econômica em última instância, ou seja, à estrutura de relacionamentos de trabalho, de relacionamentos produtivos, Marx retoma aspectos daquelas teorias da práxis criticadas desde o início do livro, tendo o conceito cultural mais como consequência que como estrutura da atividade produtiva, o que não explica como os desejos são formulados, porque não explica peculiaridades dos sistemas de significados. E é tentando estabelecer estas relações entre sistemas de significados e respostas econômicas da sociedade ocidental para fatos como a proscrição de alimentos, por exemplo, que o autor nos mostra como seria uma análise antropológica das razões culturais que estão por trás de razões econômicas.

Neste ponto, nos perguntamos sobre o que estas críticas e proposições teriam a nos dizer sobre o tema do estudo das formas de representar o tempo e, mais especificamente, da investigação das distintas referências simbólicas que podemos fazer à tradicionalidade e modernidade neste sentido. Primeiramente, temos a críticas às teorias que caracterizam a humanidade segundo aspectos de um homem datado: o homem burguês. De certo modo, Sahlins nos mostra que todos os autores citados e revistos nos remetem à figura de um homem essencializado, seja segundo regras da satisfação de necessidades orgânicas seja segundo regras do funcionamento da mente ou dos relacionamentos sociais ou produtivos. Esta crítica também é uma crítica a uma

essencialização da forma de se pensar o tempo baseada em uma maneira datada de vivenciar o tempo, já que, segundo Sahlins, tais teorias acabam por ver a história como uma consequência da estrutura de suas próprias proposições teóricas, assim como vêm também as relações dos homens com a natureza, extrapolando as ações e concepções do homem burguês para um sujeito atemporal e universal.

Propondo-nos que os sistemas de significados orientam a leitura dos eventos e a ação frente a eles, Sahlins diz não somente que são as peculiaridades da cultura as responsáveis por mudanças, relativizando um sujeito anteriormente atrelado a regras estruturais, mas também que são responsáveis pela maneira como a própria história e o tempo são pensados, consequentemente. Deste modo, podemos dizer que, além afirmar a escolha pelo uso do tempo com o descanso como sendo uma escolha cultural, Sahlins nos diz que a cultura também orienta formas de pensar o tempo quando orienta diferentes maneiras de pensar e, consequentemente, vivenciar a história.

Por outro lado, tais críticas nos permitem pensar que se os autores comentados e suas argumentações colocaram o homem burguês no lugar de um sujeito universal, nos permitem também pensar que há uma forma ocidental, moderna, capitalista e civilizada, de pensar o tempo, a história e a relação dos homens com a natureza. Para o autor, *“A singularidade da sociedade burguesa não está no fato de o sistema econômico escapar à determinação simbólica, mas em que o simbolismo econômico é estruturalmente determinante”* (idem: p.209). Esta singularidade simbólica orientou a construção de textos antropológicos e sociológicos, assim como a visão da história, do tempo, da mudança e a interpretação das relações entre homem e natureza, que se intercalam e se inter-relacionam num sistema significativo que tem as relações econômicas como centrais e essenciais. No que tange à história, por sua vez, tal

sociedade também incorpora aspectos de suas vivências e concepções para pensar eventos hipotéticos ou acontecimentos:

Chegamos, pois a uma característica que realmente distingue a civilização ocidental: ela responde transformacionalmente aos acontecimentos e incorpora as perturbações históricas como permutações de acordo com um código geral de significação (idem: p.218).

Tratando das peculiaridades simbólicas e significativas da sociedade ocidental autor nos diz também sobre como a sociedade “ocidental” e “capitalista” significa o tempo e as relações dos homens com a natureza. Suas considerações sobre a maneira como se pensa a história e o tempo segundo pressuposições do homem burguês são particularmente interessantes haja vista a maneira como construímos toda a exposição anterior.

Tendo como paradigma a experiência nessa sociedade “ocidental” e “capitalista”, “sociedade moderna”, “sociedade burocrática do consumo dirigido”, “sociedade urbana pós-revolução industrial”, não importa o nome que acabamos dando para ela, as interpretações sobre tempo estão repletas dos elementos que constroem a ética do homem burguês. Sahlins nos desvenda, portanto, aqueles pressupostos sobre os quais muitos autores construíram suas visões sobre história e sobre como acabaram pensando as relações que constituem homens enquanto seres sociais.

Colocando o sujeito e o escritor enquanto agentes e frutos de concepções socialmente compartilhadas, Sahlins desnorteia a própria temporalidade dessa história linear, como a que nos propõe rural como anterior a urbano, tradicional como anterior a moderno. Os questionamentos, nesse sentido, mudam de rumo, já que no centro da observação estão colocados tanto os sujeitos das práticas quanto aqueles

que escrevem sobre esses sujeitos e sobre suas representações. A crítica, nesse sentido, se direciona para o contraste fundamental dentre todos esses contrastes sobre os quais nos debruçamos ao longo desse texto: o eu construtor de conhecimento e o outro que está sendo objetificado nesse exercício. É nesse sentido que também vai caminhar Johannes Fabian.

A política das interpretações sobre o tempo

“In the act of producing ethnographic knowledge, the problem of Time arises concretely and practically, and many anthropologists have been aware of the temporal aspects of ethnography. But, we have rarely considered the ideological nature of temporal concepts which inform our theories and our rhetoric. Nor have we paid much attention to intersubjective Time, which does not measure but constitutes those practices of communication we customarily call fieldwork. Perhaps we need to protect ourselves by such lack of reflection in order to keep our knowledge of the Other at bay, as it were. After all, we only seem to be doing what other sciences exercise: kept object and subject apart. (FABIAN, 1983, p.XII)⁴⁵

Em *Interpretação das Culturas*, Geertz defende as etnografias como interpretações de interpretações, não como descrições objetivas sobre a realidade, como durante muito tempo foram encaradas dentro dos estudos antropológicos. O autor, ao fazer essa crítica, mostra-se interessado numa análise dos significados das ações e preocupado com o sentido simbólico, com o valor das ações sociais que é está impresso nos comportamentos e que é subjetivamente interpretado pelo antropólogo em sua leitura sobre culturas consideradas distintas da sua.

Nessa perspectiva é o plano semântico dos comportamentos sociais que está posto como centro das observações e como objeto do olhar, sendo que a análise

⁴⁵ “No ato de produzir conhecimento antropológico, o problema do tempo aparece concretamente e praticamente e muitos antropólogos tiveram consciência dos aspectos temporais da etnografia. Mas raramente consideramos a natureza dos conceitos temporais que informam nossas teorias e nossa retórica. Tampouco prestamos muita atenção ao tempo intersubjetivo que não mede, mas sim constitui, as práticas comunicativas que habitualmente chamamos de trabalho de campo. Talvez precisemos proteger-nos com essa falta de reflexão para que possamos manter nosso conhecimento do Outro, por assim dizer, à distância. No fim de contas, é apenas na aparência que fazemos o que outras ciências praticam: manter separados objeto e sujeito.” (tradução Mauro W. Barbosa de Almeida)

do antropólogo, para ele, sempre parte de conjecturas sobre aquilo que o "outro" estudado realiza e simboliza em seus comportamentos. Sua proposta nos apresenta um posicionamento explícito sobre a maneira de conhecer a diferença cultural e falar sobre ela, além de ser também uma espécie de defesa engajada da presença da subjetividade do observador nos seus textos.

Geertz também explicita e amplia seu posicionamento em defesa dessa subjetividade em "Do ponto de vista dos nativos", defendendo o conhecimento antropológico como fruto de uma relação intersubjetiva em que o antropólogo enxerga o comportamento e as relações sociais das sociedades analisadas a partir daquilo que o nativo lê: o sujeito antropólogo e o sujeito estudado são produtores de significados e é na comunhão de sentidos que se produzem os conhecimentos.

As conseqüências dessa visão sobre a relação entre sujeito e objeto dos textos antropológicos e científicos se mostram interessantes justamente porque seguindo a favor da intersubjetividade, as etnografias possam se mostrar mais coerentes e mais completas no seu intuito de observar as sutilezas das relações humanas e das diferenças. A produção de conhecimento, nesse sentido, se mostra uma interessante maneira de conjunção de formas de pensar e ver o mundo e uma conjunção que se pretende não hierarquizada.

Desde Lévi-Strauss a antropologia já havia tomado uma postura semelhantemente crítica aos modelos de conhecimento, quando colocou no mesmo patamar cognitivo e racional as formas de pensar o mundo empreendidas por conhecimentos científicos e por conhecimentos selvagens. O que Geertz acaba fazendo de diferente, nesse sentido, é tentar inscrever no formato e no conteúdo do discurso antropológico uma forma explícita de tomar essa postura, teorizando sobre uma maneira talvez mais humilde ou menos autoritária de se tratar a produção de significados por

parte do observador nas etnografias e se colocando num patamar de ser humano fragilizado pelas intempéries do contato com a diferença e pelos processos inevitáveis do trabalho de campo, como quando é obrigado a sair correndo da polícia junto aos Balineses por causa de uma rinha de galos.

A relevância e a beleza dessa postura talvez não sejam o alvo da crítica de Johannes Fabian em *Time and the Other: How Anthropology Makes its Object*, mas a falta que nos faz uma crítica contundente por parte de Geertz a certos conteúdos e à maneira assimétrica como acaba se dando muitas vezes essa conjunção de significados talvez seja. Geertz nos envolve com uma introdução quase metalingüística sobre a pluralidade de sentidos e de mal entendidos conseqüentes contida em simples piscadelas. Fabian vai direto ao ponto de sua crítica ao começar seu livro com a sentença “*Knowledge is power*”⁴⁶.

Aquilo que este livro nos fala de mais importante não se encerra na observação já referida quando Sahlins critica uma razão prática de que a maneira como tempo, sociedade, cultura foram tratados nos textos antropológicos se alimenta da imagem de uma história ou de um homem datado: o homem burguês. Fabian vai direcionar seu olhar para as origens do pensamento antropológico para nos dizer como ele se construiu sob certas noções de tempo e, a partir delas, construiu também seu objeto e uma maneira de ver o outro.

Segundo o autor, toda uma história de construção do pensamento filosófico e científico se relaciona com esse processo de constituição de tempos que orientam a visão sobre o outro enquanto objeto da antropologia. Vejamos que aqui, não é o tempo que está colocado como um objeto cultural a ser estudado, descrito e observado, como um objeto de diferença. Tão pouco uma forma de pensar e relacionar

⁴⁶ “Conhecimento é poder”, tradução minha.

tempo e sociedades que se mostra o foco de uma observação crítica sobre como acabamos transpondo nossas experiências temporais para nossos questionamentos sobre o outro, tão somente. A proposta de Fabian é mostrar como dentro do pensamento antropológico certas pressuposições sobre o tempo acabaram por si próprias sendo responsáveis pela construção daquele que é o objeto por excelência da disciplina: o outro e o diferente.

Fábian se mostra, ao longo do livro, preocupado também com a construção do discurso antropológico enquanto tal é também responsável pela objetificação do outro, mas num sentido um pouco diferente daquele proposto por autores como Geertz ao criticarem a autoridade etnográfica ou criticarem a pretensa objetividade do discurso científico, ou seja, por criticarem o modelo etnográfico de conhecer. Aqui não é somente o discurso e seus mecanismos que se colocam como agentes da assimetria. Assim como conhecimento é poder, e poder aqui é o elemento essencial para entendermos os termos do posicionamento e dos questionamentos de Fabian, há um mecanismo que se coloca como instrumento desse discurso, mas o ultrapassa sendo também parte de uma forma de conhecer essencialmente inscrita no pensamento antropológico: o conceito de tempo.

O problema que se apresenta já no segundo capítulo de *Time and the Other*, como a consequência principal dessa maneira como a antropologia constrói e se constrói sobre os alicerces de um tempo em especial é a oposição entre Nosso tempo e o tempo do Outro. Segundo Fabian, a antropologia tem um problema essencial com o tempo e se expressa, por exemplo, na separação entre o tempo do observador e o tempo do observado e, mais do que isso, que se sustenta sobre uma naturalização dos conceitos de tempo sob os quais a disciplina se constrói. Os termos dessa crítica são bastante

relevantes e carecem aqui de uma explicação delicada. Sigamos a maneira como os argumentos se desenvolvem.

Primeiramente, Fabian delimita alguns processos importantes no que se refere à construção de um conceito naturalizado de tempo sob o qual se constrói a visão do outro dentro da antropologia. O primeiro deles, o autor reconhece na secularização do tempo, num momento em que a filosofia também se seculariza, se aparta do sagrado e do religioso. Apartar o tempo do sagrado é o primeiro passo para aquele que vai ser, talvez, o mais comentado pelos autores que estudam com criticidade a gênese do pensamento antropológico: o tempo naturalizado do evolucionismo. Notemos, portanto, que Fabian não se afasta de uma análise sobre a origem dos conceitos, uma análise que também permeia textos de outros autores que vão olhar para suas próprias ciências, sociedades, disciplinas. O argumento central sobre o tempo aqui não é, portanto, o do uso da forma como outras culturas e grupos conceberam e vivenciaram o tempo para mostrar que há uma pluralidade possível. O tempo na antropologia aqui é posto em questão, inclusive na forma como essas diferentes vivências e concepções foram tratadas.

Uma a uma, as escolas antropológicas vão sendo postas em questão na maneira como trataram o pré-conceberam o tempo e nas conseqüências dessas pré-concepções. Essas críticas não se encerram, portanto, na mesma explícita crítica de autores funcionalistas e estruturalistas, por exemplo, ao tempo naturalizado do evolucionismo ou do difusionismo. Fabian percorre diferentes modos como o pensamento antropológico em seu discurso usou o tempo e neles encontra diferentes escolas.

A primeira noção de tempo usada nesse discurso que será criticada é a noção de *tempo físico*, que serve como parâmetro para diferentes descrições sobre

processos socioculturais, o mesmo tempo que orienta o evolucionismo ou disciplinas históricas de cunho arqueológico que se dedicariam ao estudo da pré-história, por exemplo. A segunda é por ele chamada de *tempo mundano*, que não vai usar os mesmos instrumentos usados pelas teorias que se baseiam num tempo físico (que pode ser medido em laboratório), mas também prende o homem em um tempo pré-determinado. Interpretações que se pautam no tempo mundano são aquelas que, por exemplo, dividem a história humana em idades e estágios (idade do ouro, idade da pedra).

Uma terceira ainda relacionada a essas duas é a noção de um *tempo tipológico*. É uma forma de medir e pré-delimitar o tempo que não se pauta em uma linha pré-definida de idades ou de um tempo quantificado em laboratório, mas sim define pontos de referência temporais a partir de eventos socioculturalmente significativos. O tempo tipológico é um tempo que demarca uma linha qualificativa, mas semelhante aos anteriores no sentido de que demarca qualidades que não servem para todos os povos. É a partir dele que se contróem suposições sobre sociedades “sem história”, ou, seguindo a provocação do autor a Levi-Strauss, que mais tarde na antropologia essa construção vai se sustentar sobre o eufemismo que separa sociedades quentes de sociedades frias.

A última das noções de tempo citada e criticada é uma noção que o autor chama de *tempo intersubjetivo* e aqui é direto ao citar Geertz em um artigo em que diz sobre significados do tempo em Bali. O *tempo intersubjetivo* lembra interação e, consequentemente, a natureza comunicativa do humano. O que o artigo nos lembra é uma noção de tempo em que outras culturas e grupos têm suas próprias maneiras de significá-lo. O tempo, nesse sentido é parte constitutiva da vida social como outro qualquer aspecto simbólico.

No entanto, até mesmo uma *noção intersubjetiva* do tempo pode ser criticada, segundo Fabian, porque sua crítica maior é contra algo que o discurso e o pensamento antropológico consagraram e reproduziram quando assumiram quaisquer dessas quatro noções. O problema principal do discurso e do pensamento antropológicos, para o autor, é com a negação da coetaneidade [coevalness].

A complexidade das noções de tempo sob as quais o pensamento antropológico se construiu não é menos importante, nesse sentido, mas a maneira como o discurso se instituiu é o que nos responde sobre como escolas e diferentes correntes dentro da antropologia foram displicentes em notar que observador e sujeito são contemporâneos. A escrita antropológica congela o tempo do observador apartado do sujeito observado. Muito se teorizou sobre a participação e a contemporaneidade conseqüente do antropólogo durante o trabalho de campo, no entanto, o reconhecimento da contemporaneidade nesse momento de intersubjetividade e comunicação não foi transposto para a escrita e o discurso que também caracterizam a antropologia. A narrativa antropológica sempre acaba colocando o sujeito de suas preocupações em outro tempo, mesmo quando o interpreta no presente, pois o aprisiona numa descrição atemporal.

O mesmo problema encontramos quando a antropologia considera as formas de significar o tempo por parte do outro como parte constitutiva da vida social e cultural. Admite configurações culturais e plurais da noção de tempo, mas mesmo quando o faz e mesmo quando a intersubjetividade é pressuposto, o olhar antropológico acaba caindo negação da coetaneidade se na escrita se omite que sujeito e antropólogo inscrevem-se num mesmo tempo. Há sempre uma relação entre o eu e o outro que os aparta em tempos diferentes, mesmo quando se trata de uma etnografia do tempo. Tempo, e espaço também, nesse sentido, são ferramentas discursivas para separar

sujeito e objeto, e é por que assim usam tempo e espaço em seus discursos que as noções de tempo resumidas pelo autor se assemelham.

Tal negação não é, somente, uma consequência do modo como o discurso antropológico encontrou para comparar eu e outro. O que faz a proposta de Fabian se diferenciar da de outros autores, inclusive da de Sahlins, é reforçar que essa negação da contemporaneidade entre sujeito e objeto, assim como as noções de tempo e os conceitos em que nos baseamos sustenta ideologias e formas de poder. A crítica se direciona, portanto, ao fato da experiência temporal do campo e aquela expressa na escrita serem muitas vezes contraditórias.

O discurso antropológico se sustentou sobre essa contradição, como uma espécie de condição para se constituir como uma forma legitimada de conhecer. As descrições de fatos implicam que esses sejam narrados como passados e essa é uma das principais características do texto etnográfico. Uma postura política sabendo dessa característica, segundo o autor, é estarmos aptos para reconhecer elementos do discurso com os quais trabalhamos e isso implica no conhecimento e uso de ferramentas lingüísticas que privilegiem uma atenção ao tempo ao longo da escrita, buscando dar significado ao presente etnográfico, ao processo comunicativo concomitante que ele implica ao longo da construção das sentenças, porque, afinal, os sujeitos observados são agentes políticos e morais no tempo assim como são aqueles que os observam.

O argumento central de Fabian, portanto, é o de que antropologia se construiu como ciência do “outro”, em outro “tempo” e outro “espaço” e esta construção tomou conta do seu discurso: *“It is a discourse whose referent has been removed from the present of the speaking/writing subject. This “petrified relation” is a scandal. Anthropology’s Other is, ultimately, other people who are our*

contemporaries.”⁴⁷ (FABIAN, 1983: p.143). Nesse sentido, escrever etnografias sobre o tempo do outro não basta se o discurso não se dá conta de que o outro continua a ser sujeito contemporâneo ao propagador desse discurso.

A posição de Fabian é bastante interessante no que se refere a consideração do outro como agente moral e político e que sociedades e grupos estão postos face a face no mesmo tempo. É também uma crítica contundente e coerente ao texto antropológico e seus pressupostos temporais, nos ajudando a refletir sobre todos os outros textos e conceitos que foram anteriormente expostos e contrapostos.

Direcionando-nos para as conclusões desse trabalho, no entanto, nos falta comentar sobre como todas essas discussões iluminam o entendimento dos aspectos que foram descritos a partir da leitura particularmente feita aqui sobre os diários dos moradores da REAJ.

Tanto Geertz como Fabian têm como objeto o discurso e a escrita etnográfica. A intersubjetividade e o processo comunicativo que é inerente ao trabalho antropológico são postos como dados essenciais a serem expostos no texto antropológico. Se Geertz retoma a posição subjetiva dessa relação e o fato de que a experiência do antropólogo deve aparecer no texto se a intenção é a de investigar o significado, Fabian a extrapola, dizendo que isso não basta se nessa descrição apartamos sujeito e objeto no tempo.

Essas considerações, no entanto, têm em comum uma visão que coloca o trabalho de campo e a observação participante como também parte essenciais para a definição do conhecimento antropológico. Mas temos um problema quando levamos sua crítica e o que ela propõe para o estudo de casos em que sujeito e objeto

⁴⁷ “É um discurso cujo referente tem sido removido do presente do presente do sujeito que fala/escreve. Essa relação petrificada é um escândalo. O Outro da antropologia é, afinal, outras pessoas que são nossas contemporâneas.” (tradução minha)

estão mesmo apartados no tempo, como muitas vezes nos propõe a interpretação de documentos, imagens, arquivos.

Nesse texto, expusemos uma leitura de narrativas que de maneira original falam sobre o cotidiano de moradores de uma área de floresta e sobre como esse cotidiano é afetado pela presença de discursos, agentes e contextos relacionados ao papel de que assumiram de moradores de uma área de conservação no início dos anos noventa. Direccionamos nossas atenções especiais nessa exposição para um recorte sobre o tema do tempo porque, de uma maneira ou de outra, ele nos chamou atenção ao longo desse processo de leitura.

Perguntamos sobre o conteúdo desse cotidiano, sobre a relação dos moradores com a floresta, sobre o processo de construção dos diários, sobre as relações entre moradores e pesquisadores ao longo dos anos e em todos esses questionamentos nos deparamos com o tema do tempo de alguma maneira e salientamos sua importância. O tempo do cotidiano dos moradores, o tempo do processo de escrita, o tempo das mudanças internas, a relação simbólica e prática com o tempo da floresta, a maneira como tempo influenciou o olhar de pesquisadores e a maneira como lemos esse olhar sobre o tempo. Esse texto todo se deve a uma reflexão sobre o tempo.

O caminho que esses autores percorreram para nos dizer sobre o tempo foram bastante diferentes, mas, a intenção que tivemos ao expor suas considerações e críticas partiu de um objetivo de escrita e tentou o perseguir. Cada um desses autores e dessas argumentações nos deu elementos para problematizarmos visões do tempo que potencialmente se inscrevem nas propostas por parte de pesquisadores e agentes que ao longo desses anos estiveram presentes nos diários dos moradores. Seguimos com essas discussões e contraposições de uma maneira que, de uma forma ou

de outra, todas elas acabaram se tocando em suas críticas e quando nos disseram como o tempo faz parte do pensamento científico, ocidental, antropológico.

As intenções em fazer essas discussões, no entanto, partem e tentam se ancorar no contexto dos questionamentos levantados pelos diários e por suas narrativas e é nos ancorando nelas que refletimos, seguindo para as conclusões, sobre a proposta de Fabian, que aqui encerra estrategicamente uma reflexão orientada sobre a relação entre tempo e cultura, tempo e sociedade.

As discussões sobre o tempo expostas nesse capítulo caminharam gradativamente orientando nosso olhar para uma relação entre tempo e discurso porque, afinal de contas, os diários são um “objeto” especial nesse sentido. Nossas observações não se pautam na experiência intersubjetiva de visitas ao local ou na participação direta dos treinamentos e orientações para a construção desses diários. Lidamos ao longo desse texto com um objeto que é texto. Talvez não tivéssemos chegado ao tema da política ou da crítica às interpretações sobre o tempo dentro da antropologia se não fosse a particularidade dos diários, inclusive, já que mesmo quando observamos aqueles elementos sobre pesquisa que estão dissolvidos ao longo daquilo que os escritores nos contam, os observamos sob o olhar de seus escritores, o reconhecendo a partir daquilo que nos permitem saber.

As críticas que se direcionam para uma falta de posicionamento político e reflexivo podem ser, numa espiral, direcionadas para esse texto também, como para quaisquer outros textos. Mas aqui não dedicamos nossas reflexões a esse exercício metalingüístico.

Gostaríamos de terminar ainda dedicando nosso olhar para a constituição das narrativas dos moradores e de sua própria política e para a coetaneidade entre discursos de diferentes agentes presentes nesses diários. Mais do que

contemporâneas, as visões de moradores e de pesquisadores habitam um mesmo material, se contrapondo e se complementando ao longo do tempo. As visões do tempo que podem orientar a leitura desses textos, pensando nisso, também devem levar em consideração essa característica. Foi para ela que dedicamos atenções e reflexões e é salientando esse objetivo que caminhamos para as conclusões.

CONCLUSÕES

“Eu penso que a floresta é como essa biblioteca de vocês. Nem numa vida inteira dá para ler todos esses livros. Eu tenho 29 anos e acho que preciso passar mais tempo na floresta para conhecer mais das plantas e das outras coisas. Quanto mais tempo vocês passam na biblioteca, mais aprendem. Mas ainda não dá para aprender tudo.”

Antônio Barbosa de Melo⁴⁸

A história de escrita dos diários dos moradores da REAJ acompanha a afirmação de que conhecimento é poder e esse texto foi construído seguindo um caminho que foi desaguar no conhecimento.

Partimos da experiência de pesquisa e de leitura com os diários dos escritores da REAJ mostrando como a delimitação de perguntas e mesmo de uma linha que as encadeia ao longo do texto dependeu dessa experiência e da maneira como foi se construindo um contato com o arquivo e com os contextos de pesquisa na região que se encontram retratados ao longo dessas narrativas.

Acompanhamos como, desde as primeiras participações de Chico Ginu e Antônio Barbosa de Melo, esses antigos seringueiros se posicionaram em relação aos próprios significados sobre conhecimento quando participaram ativamente desse movimento de busca por dados sobre aspectos da vivência na floresta. De diferentes formas, cada um dos escritores inseriu-se ativamente nesse processo e direcionou a ele um olhar próprio que tomou conta de seus textos.

Apoiamos-nos sobre a afirmação de que os tempos das práticas e da experiência culminam na expressão de uma maneira diferente por parte desses escritores moradores da floresta de nos dizer sobre seus conhecimentos e impressões relativos à

⁴⁸ Antônio Barbosa de Melo, Roxo. Notas de conversa oral. Dia 24 de outubro de 2005.

vivência e às suas relações cotidianas com o ambiente. Suas experiências, suas maneiras particulares de dizer sobre elas podem ser diferenciadas da maneira como pesquisadores questionaram-se em relação a aspectos dos relacionamentos dos moradores com ambiente e entre si. Relacionamentos de trabalho, relacionamentos de parentesco e demais aspectos sobre a vida são relatados seguindo a memória dos dias de atividades e esse formato nos permite encontrar as falas e olhares particulares dos moradores sobre sua própria vida.

Ao longo desses textos também encontramos aqueles elementos que nos falam sobre a atuação dos pesquisadores e sobre suas próprias maneiras de questionar e conhecer. Os encontramos naqueles espaços em que diretamente os escritores estão dialogando com discursos e termos dos pesquisadores, os encontramos nas referências ao tempo extra-cotidiano, os encontramos nas caligrafias e perguntas que também compõem alguns dos diários.

Chegamos à conclusão de que nessa conversa conduzida ao longo dos anos de acontecimentos, de políticas em relação ao ambiente e à vida desses moradores e de relação entre a maneira como pesquisadores e escritores refletiram esses processos, temporalidades e intenções foram se sobrepondo ao longo dos diários. Os tempos dos observadores e agentes se sobrepuseram ao tempo dos moradores nesse processo e tornam-se tangíveis porque são aprisionados de maneira particular e plural em cada texto e em cada trecho de diário. Refletimos, portanto, como esses documentos sobre o cotidiano se fazem temporalmente plurais: tempo da ação, tempo da memória e da escrita, tempos do agente e tempos do observador, todos complexamente relacionados nos diários dos moradores da REAJ e acionados novamente ao longo da leitura.

Caminhando para esse tipo de reflexão sobre o caráter plural dos diários, nos direcionamos para uma outra reflexão em que o tempo é colocado em

questão. Esse salto toca a maneira como pesquisas, suas intenções e termos direcionaram suas reflexões sobre a relação entre a vivência na floresta e possíveis transformações nos relacionamentos que elas propõem, mas também toca uma maneira bastante particular de refletir alguns pressupostos evocados pelos discursos e termos dessas narrativas.

Acompanhamos então uma discussão sobre os pressupostos que ancoram noções sobre tempo e sociedade, tempo e discurso e que, por sua vez, nos direcionou para uma reflexão sobre conhecimento e discurso. De certa maneira, o conhecimento também foi tema recorrente nas discussões em que contrastamos argumentações que tocavam de alguma maneira as relações entre sociedade, cultura e tempo e, sobretudo, sobre tempo e discurso.

Apoiamo-nos nas críticas em relação às ferramentas do discurso sociológico e antropológico para chegar numa relação entre conhecimento, discurso e poder. Tal relação perpassa todo o caminho argumentativo que escolhemos para esse texto e acompanha cada passo da leitura. Foi pensando nela que nos permitimos fazer uma etnografia de narrativas e que, inclusive, nos permitimos comparar os textos desses moradores a etnografias.

O caráter particular dos diários enquanto uma oportunidade de expressão de opiniões e de recortes dos moradores sobre seu próprio cotidiano retoma o tema do conhecimento e, mais especificamente, a relação entre conhecimento e poder.

Chegamos a um ponto da reflexão em que os diversos temas tratados ao longo desse texto nos encaminham para o tema do conhecimento e é ele que aqui nos faz a conexão entre uma primeira parte de descrição sobre as impressões ao longo

da leitura dos diários e uma segunda, de discussão sobre os termos a partir dos quais nos questionamos sobre eles.

Quando autores tecem críticas sobre a autoridade do conhecimento antropológico, as direcionam, sobretudo, à maneira como a etnografia retira da descrição o autor enquanto sujeito também do momento da observação. Esse é o ponto principal da crítica: a autoridade se encerra no objeto apartado do sujeito no momento da escrita e na pretensa objetividade da descrição.

Chamar os diários de etnografia não só é uma afirmação que nos remete à participação intrínseca de antropólogos na construção de seu conteúdo e de seu formato, mas também é uma afirmação que reflete esse tipo de crítica. Contextos particulares como o que envolve esse processo de escrita nos chamam a atenção para as especificidades da comunicação intersubjetiva entre observador e sujeito no trabalho de campo ou de pesquisa em arquivos, mas, sobretudo, para o fato de que esse “eu” observador e esse “outro” sujeito não precisam exercer esses papéis fixos, nem necessariamente o exercem ao longo do trabalho que precede a escrita dos textos antropológicos.

Esse caso particular, sobretudo, toca o âmbito da escrita de maneira original e soma fatos para críticas e considerações referentes à forma de produzir conhecimento por parte do pensamento antropológico: nos diários dos moradores da REAJ encontramos aqueles que são os sujeitos das práticas sendo também os sujeitos da escrita sobre ela e a maneira como apresentam os dados sobre seu cotidiano no momento da escrita também carrega reflexões próprias sobre essas práticas. Nesse sentido, mais do que aceitar que o “eu” não se insere objetivamente no processo do conhecer é levar em consideração que o “outro” é também agente de uma das partes

mais importantes do processo, que é a escrita enquanto ato em que questionamentos e olhares se consolidam e se transformam.

Nosso trabalho aqui foi o de interpretar essas maneiras de dizer e essas reflexões e, durante sua execução, encaramos esse contexto particular de modo a tentar recuperar os sentidos próprios dados pelos escritores para termos e conjunturas, inserindo-nos também como uma voz e um olhar constitutivo e ativo nessa espiral histórica de escrita contemporânea e contínua. Fomos, nesse exercício, do recorrente ao extraordinário, do sincrônico ao diacrônico para encontrar conteúdos e formatos, temporalidades do texto e autores e seus discursos e o repetimos ao longo da própria escrita desse texto, fazendo dele, mais uma versão inscrita nessa história de produção de conhecimento.

Mesmo quando nos dizem aquilo que talvez gostaríamos de ouvir, ou, mais especificamente, quando nos escrevem aquilo que talvez gostaríamos de ler, os escritores do Alto Juruá se colocam como parte ativa dessa espiral, delimitando discursos num espaço em que o conhecimento também é elemento ativo e distintivo. Recuperando as múltiplas vozes e múltiplos sentidos, demos um caráter distinto também à afirmação de que conhecimento é poder. Ao se posicionarem no jogo do cotidiano e no jogo das pesquisas, esses escritores se inserem de uma maneira muito específica nesse espaço político e público que também é o espaço do conhecer.

Há anos, Lévi-Strauss (LÉVI-STRAUSS, 2003) inseriu-se brilhantemente no espaço do conhecimento antropológico ao fazer o reconhecido paralelo entre conhecimento científico e conhecimento selvagem. O primeiro, pautado em estruturas previamente construídas e segundo, construindo estruturas no porvir, empreendiam perfeitamente a mesma tarefa de debruçarem-se sobre a realidade e construírem conhecimento. Bom construtor também de metáforas e sabiamente inserido

nessa mesma espiral, Lévi-Strauss foi inspiração mesmo para aqueles que mais tarde criticaram os patamares das estruturas do pensamento levi-straussiano. Tais críticas, no entanto, também se fazem caudatárias de Levi-Strauss quando elevam o pensamento do “outro” como iluminador delas próprias. Olham para relações de gênero na Melanésia (Ver STRATHERN, 2006) para dizer sobre os pressupostos universalizantes do pensamento ocidental inscritos na leitura dos próprios termos de gênero e dessas relações. Lévi-Strauss deu ao pensamento selvagem um tipo de poder ao afirmar sua capacidade cognitiva e racional e, desde então, suas formas de conhecer o mundo vêm sendo levadas em consideração.

Usando Lévi-Strauss como exemplo, não queremos concluir esse texto, no entanto, encaixando a distinção que fizemos sobre moradores e pesquisadores nos termos da metáfora do engenheiro e do *bricoleur*. Esse texto deve muito à leitura de Lévi-Strauss, de fato, mas gostaríamos de terminar ainda presos às sutilezas do caso da REAJ, mais do que a nossos próprios pressupostos: retomemos a comparação de Roxo com a qual partimos para as conclusões.

Ao nos dizer que a floresta é como uma biblioteca, questionado sobre o que achava de seus próprios conhecimentos em relação à mata, Antônio Barbosa de Melo lançou uma comparação que nos disse mais do que sobre sua relação com o conhecimento da floresta e sua dinâmica: disse-nos sobre suas considerações em relação às nossas ferramentas do conhecimento. Estava em frente ao prédio da pós-graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, com alunos fazendo toda sorte de perguntas, observando tudo atentamente e timidamente. Então Roxo igualou-se a um aluno, dizendo que os anos tornavam-no conhecedor da floresta, os anos e a prática. E essa afirmação pode ser desmembrada. Primeiramente, Roxo nos diz que práticas e experiências distintas orientam formas distintas de conhecimento, mas as duas

se igualam na medida no paralelo feito pela comparação, em que a experiência se coloca como parte integrante das duas formas de conhecer. Roxo ao igualar sua maneira de conhecer e sua experiência em relação à floresta às formas de conhecimento existentes em uma biblioteca, se coloca numa posição paralela aos dos professores e pesquisadores que durante todos esses anos visitavam sua casa e que ele estava visitando na ocasião. Como nos diários e como outros escritores, igualava-se aos pesquisadores e, mais do que isso, igualava biblioteca e floresta num sentido muito próximo ao de Lévi-Strauss.

Gerando sua própria reflexão sobre o conhecimento, Roxo inscreveu-se nessa história dando à maneira dos moradores de conhecer o cotidiano, a dinâmica da floresta e de seus próprios relacionamentos um elemento a mais: propôs-se a refletir sobre o conhecer. Essa possibilidade complementa toda a história de escrita na região, em que ao mesmo tempo em que tomam o poder de falar sobre si próprios, tomam o poder de falar sobre a autoridade do conhecimento dos livros e de seus discursos. Nesse sentido, a resposta de Roxo exprime preocupações paralelas a esse texto e a suas intenções.

Roxo tece uma metáfora muito própria sobre o conhecer e a floresta e aqui a emprestamos para concluir nossas discussões e dar os últimos passos no caminho que escolhemos para elas. Emprestamos também uma consequência dos seus pressupostos particulares sobre o tempo, que nos coloca como agentes de um conhecimento não terminado, seja sobre a floresta, seja sobre a biblioteca, seja sobre arquivos ou sobre nossos próprios pressupostos temporais. Consideramos o fim dessas leituras, portanto, como uma versão de um contínuo princípio reflexivo sobre o tempo, sobre discursos, sobre sociedade, sobre cultura e sobre os escritores do Alto Juruá.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, M. W. B. (2004). "Direitos à floresta e ambientalismo: seringueiros e suas lutas". *Rev. bras. Ci. Soc.*, vol.19, no. 55, p.33-52
- ALMEIDA, M. W. B. de. (1992). *Rubber Tappers of the upper Jurua river : the making of a forest peasantry*. Cambridge: Tese de doutorado.
- BOURDIEU, P. (1983). "Esboço de uma teoria da prática". *Pierre Bourdieu* (org. Renato Ortiz) São Paulo: Ática.
- BOURDIEU, P. [1991 (1984)]. *El sentido practico. [Le sens pratique*. Paris: Les Editions de Minuit]. Madrid : Taurus.
- BOURDIEU, P. (1992). *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva
- BOURDIEU, P. (1996). *Razões Práticas: sobre a teoria da ação* Campinas: Papirus
- BRANDÃO, C. R. (1999). *O Afeto da terra: imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sitiantes do bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da serra da Mantiqueira, em Joanópolis*. Campinas, SP: UNICAMP.
- CANDIDO, A. (2001). *Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades.
- CERTEAU, M. de. (1999). *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes.
- CLIFFORD, J. (2002). "Sobre a autoridade etnográfica", In: *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*, Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002
- COSTA, E. M. L. (1998). *Da Patronagem à Associação: Poderes em Disputa na Reserva Extrativista do Alto Juruá, Acre*. Campinas: Dissertação de Mestrado, UNICAMP.
- CUNHA, M. C. da & ALMEIDA, M. W. B. de. (2001). "Populações Tradicionais e Conservação Ambiental", In: Veríssimo, A. ET al. (org.) *Biodiversidade na Amazônia*

- Brasileira: avaliações e ações prioritárias para conservação, uso sustentável e repartição de benefícios.* São Paulo: Instituto Sócio Ambiental.
- CUNHA, M. C. da e ALMEIDA, M. B. (Orgs.). (2002). *Enciclopédia da Floresta. O Alto Juruá: Práticas e Conhecimentos das Populações.* São Paulo: Companhia das Letras.
- DESCOLA, P. [1989 (1986)]. *La selva culta: simbolismo y praxis en la ecología de los Achuar.* [La nature domestique: symbolisme et praxis dans l'ecologie des Achuar, Paris] 2ª edição. Trad.: Juan Carrera Colin e Xavier Catta Quelen. Quito: MLAL e Abya-Yala.
- DIEGUES, A. C. 1994. *Nosso lugar virou parque: estudo sócio-ambiental do saco de Mananguá – Parati.* São Paulo: Núcleo de apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras; Centro de Culturas Marítimas, USP.
- DIEGUES, A. C. 1996. *Ecologia Humana e Planejamento em Áreas Costeiras.* São Paulo: USP.
- DURKHEIM, E. (1983a). *Da divisão do trabalho social*, In: *Os Pensadores.* São Paulo: Abril cultural
- DURKHEIM, E. (1983b). *O suicídio.* In: *Os Pensadores.* São Paulo: Abril cultural
- DURKHEIM, E. (1996). *As Formas Elementares da Vida Religiosa.* São Paulo: Martins Fontes
- ELIAS, N. (1998). *Sobre o tempo.* São Paulo: Zahar
- EVANS-PRITCHARD, E. (1999). *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota.* São Paulo: Perspectiva.
- FABIAN, J. *Time and the Other. How anthropology makes its objects,* Nova York: Columbia University Press, 1983
- FERREIRA, A. B. de H. (1986). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa,* Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

- FOUCAULT, M. (1983). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.
- FOULCAULT, M. (1977). *História da Sexualidade I: A vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal
- FOULCAULT, M. (1987) *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes.
- FRANCO, M. C. P. (1997). “Histórias de Ivanilde no Alto Juruá”. In: *Cadernos Pagu*, n. 8/9, Campinas: IFCH/UNICAMP
- FRANCO, M. C. P. (2001). *Os Milton: cem anos de história familiar nos seringais*. Campinas: Tese de Doutorado.
- FRAZER, G. J. (1982). *O Ramo de ouro*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- GEERTZ, C. (1978). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar
- GEERTZ, C. (1998). "Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico", In: *O saber local*, Petrópolis, Vozes
- GODOI, E. P. de. (1999). *O Trabalho da Memória: Cotidiano e História no sertão do Piauí*. Campinas, SP: UNICAMP.
- GODOI, E. P.; NIEMEYER, A. M.(orgs.). (1998). *Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos*. Campinas: Mercado da Letras
- HARVEY, D. (1998). *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as Origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola.
- INGOLD, T. (Oct.) 1993. “The Temporality of the Landscape”. *World Archaeology*, Vol. 25, n. 2. *Conceptions of Time and Ancient Society*, pp 152-174
- JESUS, C. D. (2004). *Na floresta onde vivem mansos e brabos: economia simbólica de acesso à natureza praticada na Reserva Extrativista do Alto Juruá – ACRE*. Campinas, SP: Dissertação de Mestrado

- LÉVI-STRAUSS, C. (1975). *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1976). *Antropologia Estrutural dois*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- LÉVI-STRAUSS, C. (2003). *O Pensamento Selvagem*. Campinas: Papirus.
- LÉVI-STRAUSS, C. (2004). *O Cru e o Cozido*. São Paulo: Cosac e Naify.
- LÉVI-STRAUSS, C. (2005). *De perto e de Longe*. São Paulo: Cosac e Naify.
- LÉVY-BRUHL, L. [1938 (1930)]. *L'expérience mystiques et les symboles chez les Primitifs*: Librairie Félix Alcan. Collection Travaux de l'année sociologique. (http://classiques.uqac.ca/classiques/levy_bruhl/experience_mystique/experience_mystique.html)
- LUNA, M. B. A. (2003). *Afinal, quem tem mais direito? : conflitos e noções de justiça na Reserva Extrativista do Alto Juruá*. Campinas, SP: Dissertação de Mestrado.
- MARCHESE, D. (2005). *Eu entro pela perna direita: Espaço, representação e identidade do seringueiro no Acre*. Rio Branco: EDUFAC.
- MAUSS, M. (1974). *Sociologia e Antropologia*. São Paulo. EPU: Editora da Universidade de São Paulo.
- MUNN, N. D. (1992). "A Cultural Anthropology of Time: a Critical Essay". *Annual Review of Anthropology*, vol. 21, pp. 93-123.
- MURPHY, R. F. & STEWARD, J. H. (Jul. 1956). Tappers and Trappers: Parallel Process in Acculturation, In: *Economic Development and Cultural Change*, Vol. 4, No. 4, pp. 335-355.
- POSTIGO, A. A. (2003). *Penduraram as letras na parede da sala: escrita e organização social no alto Juruá*, Campinas. Dissertação de Mestrado, UNICAMP.
- POSTIGO, A. A. et al. (orgs.). (2004). *Antologia de autores da floresta*. Campinas SP: UNICAMP/IFCH/CERES.

- RAMOS, R. F. (2004). *Histórias de um matuto da floresta*. Postigo, A. A. et al(orgs.). Campinas SP: UNICAMP/IFCH/CERES.
- ROUSSEAU, J J. (1973). “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens”. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural
- SAHLINS, M. (1978). "A primeira Sociedade da Afluência", In: *Antropologia Econômica*, Edgard Assis Carvalho (org.), São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas LTDA.
- SAHLINS, M. (1990). *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar.
- SAHLINS, M. abril de (1997). “O ‘pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um ‘objeto’ em via de extinção (parte I)” .*Mana*, vol. 3, pp. 41-73.
- SAHLINS, M. D. (2001). *Como pensam os “Nativos”: sobre o Capitão Cook, por exemplo*. São Paulo: EDUSP.
- SAHLINS, M. D. (1979). *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Zahar.
- STEWART, J. H. (1967). *Contemporary change in traditional societies*. Urbana: University of Illinois.
- STRATHERN, M. (2006). *O Gênero da Dádiva: Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- THOMPSON, E. P. (1998). *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das letras.
- WOLF, E. (1987). *Europa y la gente sin historia*. México, DF: Fondo de Cult. Economica.
- WOLF, E. (2003). *Antropologia e poder: contribuições de Eric R. Wolf*. BIANCO, B. F. & RIBEIRO, G. L (Orgs.). Brasília; São Paulo: UNB: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: UNICAMP: 2003.
- WOLFF, C. (1999). *Mulheres da Floresta: Uma História. Alto Juruá, Acre (1890-1945)*. São Paulo: HUCITEC.
- WOORTIMANN, E. F. (1997). *O Trabalho da Terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília, DF: UNB.

- WOORTMANN, E. F. (1995). *Herdeiros, Parentes e Compadres: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste*. São Paulo; Brasília, DF: HUCITEC: UNB
- WOORTMANN, E. F; WOORTMANN, K. (1997). *O trabalho da terra: A lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília: EdUNB.
- WOORTMANN, K. (1988). “Com parente não se neguceia. O campesinato como ordem moral”, In: *Anuário Antropológico/87*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.